

RESISTENCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS FEIRAS

Editor

MANUEL D'OLIVEIRA AMARAL

Redacção e administração, ARCO D'ALMEDINA, 6, 2.º andar

Officina typographica

12 - RUA DA MOEDA - 14

N.º 762

COIMBRÁ — Quinta-feira, 1 de Janeiro de 1903

8.º ANNO

CARTA

S. S. LEÃO XIII

SANTÍSSIMO PADRE!

Andaes ha tanto tempo perdido neste Valle de desolação, Senhor, que ninguém se atreve a afirmar que sejas vivo ainda.

De vez em quando, do jardim em que viveis recolhido e afastado do mundo, sae triste como a voz do vento doutorno, que traz enfeitadas as folhas mortas, o rumor de que haveis morrido.

Sois tam velhinho que andamos todos sempre na apprehensão de Deus vos chamar breve para si.

Poucos têm logrado ver-vos de perto, e esses fallam de vós por tal maneira, e com tanto enternecimento que fica a gente receiosa de elles terem sido victimas da illusão, que faz ver e ouvir os santos aquêlles, que Deus assignalou.

Passaes no mundo branco como uma aparição.

Sois hoje bem a imagem de Christo sobre a Terra, fluctuando indeciso e vago, sempre longe dos homens.

Coisa que digaes, Senhor, é ouvida com respeito, como as fallas simples do Christo.

Quem vos ouve, vê bem que vós, que fostes um grande sábio, haveis esquecido tudo o que aprendestes, e sois simples como os mais simples; porisso os comprehendes, porisso os amaes.

A palavra de Deus entende-a um menino; mas fica sempre escura, quando começam a explicá-la os sacerdotes e os sábios doutores da lei.

Sois velho e simples; porisso todos vos respeitam, mesmo os que não sam da nossa Igreja, os que andam longe do grémio de Deus.

Grandes imperadores têm vindo de países distantes para vê-vos e ouvir-vos, e foram maravilhados para as suas terras; mas continuaram a opprimir o povo.

Assim acontecia a Christo, quando elle andava pelo mundo.

A vossa vós é doce como a do Christo, ninguém espera ouvir de vós senão palavras de bondade e de doçura.

Diz-se, Santíssimo Padre, que, pela festa do Natal, quando todos esperavam as palavras de doçura e de bondade, com que Deus egualou os reis e os pastores, vós dissestes palavras más, e mandastes declarar a guerra pelo mundo, quando vos prostráveis para adorar aquêlle, que, faz agora annos, nasceu numa noite triste e fria de inverno para trazer a tranquillidade aos que passavam em soffrimento por este val de lágrimas.

Dizem os antigos que, nessa noite maravilhosa, se calara o vento de inverno, e se encheria o

céo das vozes dos anjos, que desceram sobre o mundo clamando a glória a Deus no céu, e na terra a paz aos homens.

Como poudes levantar-se a vossa vós a defender as congregações religiosas, e a maldizer os que trabalham e querem apenas que lhes não roubem o seu salário?

Sabei, Senhor, que ha no mundo, quem, em nome de Christo, levanta a sua vós contra os grandes da terra, a favôr dos pobres e opprimidos.

Sam homens doutra raça e de outra religião; mas sam santos. Ninguem o duvida.

Fallae deante d'algum em Tolstoi e Dostoevski e vereis como elle se descobre.

E' que um ensinou quanta dor humana é precisa para fazer florir na terra ingrata a flôr boa do trigo; o outro mostrou como é necessário o soffrimento lavar fundo a carne para fazer nascer a flôr divina do amor.

Se vos deixarem, vinde para o meio dos homens e vereis a veneração, com que se ouvem hoje nomes, que a nossa lingua tem difficuldade em pronunciar.

Sam doutra raça e doutra religião os que hoje dizem as palavras de glória e de paz, que os anjos cantaram, uma noite sagrada sobre a terra, e que vós haveis esquecido, Senhor.

Ensinaram-me o Novo Testamento antes de me ensinarem a ler.

Depois, li e aprendi muito; mas nunca a sciência me ensinou a comprehender melhor a palavra do Senhor.

Alguma coisa que sei a mais da doutrina de Christo, aprendi-o com as dores que tenho soffrido.

Era Deus ainda menino quando confundiu os doutores.

Na vida de Jesus lê-se que apenas teve palavras de ira e gestos de cólera duas vezes.

Foi sempre a sua vós de bondade e de perdão.

Quando a mulher adúltera lhe caiu aos pés, Christo levantou o seu braço para a proteger, e cobriu-a com uma dobra do seu manto.

Voltou-se para os que a perseguiam e uivavam d'ódio, e disse-lhes que atirasse a primeira pedra, aquêlle que nunca tivesse peccado.

E assim perdoou Christo a mulher que tinha feito a ruína da familia e do lar.

Perdoou a Magdalena, que tinha immolado ao vício o corpo mais bello, em que amor cantara a glória de Deus.

E foram de perdão as últimas palavras que se lhe ouviram.

Só duas vezes se levantou a sua vós irada: uma, para expulsar os vendilhões do templo; outra, para reprehender S. Pedro, que levantara a espada sobre um inimigo.

E as congregações religiosas encheram de vendilhões o templo,

e o povo geme opprimido sobre a espada dos imperadores.

Senhor! Senhor!

Dai ouvidos ás vozes dos que passam na vida a trabalhar.

Gemem e gritam em nome de Christo.

Elle passou na vida a trabalhar e a soffrer.

Ninguem se lembra hoje que elle é descendente de David.

E' da nossa raça!

E' filho de um carpinteiro de Nazareth...

T. C.

NATAL NO CEU

As Augustas, para ler ao Carlos, offerece esta linda historia o

Sobre a terra corre frio Dezembro. Muito longe destaca-se a mancha negra da casaria distante, recortando-se dura no horisonte em sangue.

O sol poente abre um vulcão nos gelos, vomitando para o ceu a lava das nuvens em fogo, e tingindo de reflexos pallidos de rosa a neve vermelha, em que parou gelado o sangue da terra roxa, a tremer de frio.

Está o Ceu em festa, é dia de Natal, faz annos o MENINO DEUS.

Passam activos os ANJOS, o dorso dobrado, a carregarem nas azas brancas mejo abertas, mólhos de flores do Jardim do Ceu, que caem em ondas de cor até ao chão, mal sustentadas pelos seus braços de leite e morango, levantados ao alto, sobre a nuca, segurando-as numa attitudde elegante e delicada, como a curva duma amphora grega.

Vermelha como um liz, a sua cabeça cahida, d'onde escorrem os seus cabellos louros, que parecem retinir, como o ouro antigo, com as risadas que saem frescas e metalicas dos seus labios humidos de cereja.

Começam a chegar os SANTOS e as SANTAS d'habitos de festa, o andar amortecido e abafado pelo tapete branco e luminoso, que a via lactea estende sobre o pavimento azul do Ceu.

Treme a luz irizada nas pedrarias, correm brilhos d'ouro e prata em fusão nos seus vestidos ricos, todos de rica lhama, caindo rigidos para o chão, accentuando as formas graciosas das santas em pregas largas duma elegancia gothica. E todos, todos no Ceu usam vestidos caros de custosas bordaduras, os ricos como os humildes da terra; porque SANTO ELOY, o grande ourives, tem no Ceu grandes officinas em que trabalham os ANJOS noite e dia a polir e a facetar as dores choradas sobre a terra. E não ha lagrima que nas mãos dos ANJOS se não ponha a rir e a brilhar como custosa pedra preciosa. O rubim vermelho do sangue derramado, a perola da lagrima chorada, a esmeralda das verdes illusões desfeitas, todas as cristalizações irizadas da dor sam cravadas pelos ANJOS ourives na prata que vem das Terras da lua, ou montadas em filigrana de sol, e todas, todas se gastam nos bordados para enfeite dos vestidos, que cobrem os corpos lilieos dos SANTOS.

Não ha por isso cortejo de estrellas, que brilhe como o dos Santos em festa, caminhando bons e alegres na atmosfera embalsamada dos cheiros das flores e do aroma das essencias, que ardem nos planetas, os vestidos a arastar, tam ricos, sobre o tapete macio e luminoso, que a via lactea estende sobre o pavimento azul do Ceu.

Alegria em todo o Céu!

Na cosinha vae um movimento desusado. Chegam os ANJOS; as faces a escorrem, as azas derredas ao peso da caça que manda SANTO HUMBERTO, o bom e queimado caçador.

Pelo chão correm as pennas voando dos dedos finos dos ANJOS, todos afadigados a depennarem as aves que servirão para o jantar da festa.

A um canto, o grupo cor de rosa dos ANJOS que andam a accender as estrellas sobre a terra; os olhos em brilhos alegres de perola e esmeralda, os cabellos em anneis como filigrana d'ouro, e todos a estenderem as mãos finas em que passa a luz, como em cristal cor de rosa, implorando a VIRGEM MARIA, que prepara a lampada de ricas e antigas cinzeladuras, a lampada mysteriosa que se accende apenas neste dia e que, ha tantos annos, guiou os Reis e os Pastores.

A VIRGEM levanta a Estrella do Natal, segurando-a pelas suas cadeias d'ouro, e olha com um sorriso bom os ANJOS alegres, que querem todos ir pendurar a no Ceu. No grupo em risos dos ANJOS destacou-se a figura seria e boa do ARCHANJO GABRIEL, as palpebras velladas de negro pela luz que descia d'alto, dando ao brilhante do seu olhar o realce dum engaste escuro, illuminando o marmore cor de rosa da sua face, accentuando com um traço negro de carvão o angulo forte da sua maxilla.

— Tu... disse a VIRGEM a estender-lhe a lampada...

Lembrou-lhe aquella tarde em Nazareth...

Rompia a primavera. Nos campos amava Abril, amor de gente moça todo cortado de risos de sol e lagrimas de chuva. Ia findando a tarde. A parede branca da sua pequena casa ligando-se numa linha dura com o terreno de encosta a subir, cortava o Ceu, que se estendia ao longe, profundo e quieto, pallido como uma douradura antiga, riscado pelas hastes finas das açucenas, em traços delicados e negros d'agua-forte.

No ar transparente e sonoro como cristal, vibrava docemente a voz de ouro do ANJO: «Ave MARIA», e a sua cabeça rojava sobre a terra e os seus cabellos varreram o chão sobre que cahiam os seus vestidos tam ricos, e os seus labios haviam beijado a barra do seu vestido pobre, chamando-lhe numa humidade, cariciosa como uma prece. Rainha a ELLA; a escrava do SENHOR...

Os ANJOS fazem na acordar de sonho tão distante, levantam alto as suas azas brancas que a cobrem como um palio de pennas setinosas e obrigam a entre risos a andar, e a dar ordens e a ralhár a S. BENEDICTO, o bom preto, correndo alegre, a face a escorrem, a vigiar a cosinha; que não vá estregar-lhe os doces o sol que arde em braza na vasta lareira do Ceu.

Muito branca, a Senhora SANTA ANNA prepara demoradamente um doce, que só ella sabe fazer, e o seu rosto emoldurado pelos cabellos brancos, como o linho que floresce na flor azul do seu olhar, anima se num sorriso velho d'Avó, recommendando ao MENINO que não prove os doces, e não estrague os brinquedos.

E tem muitos brinquedos o Menino; porque todos os Santos lhe fizeram presentes d'annos, e elle repartiu-os logo pelos SANTOS INNOCENTES e mais Santinhos pequeninos.

Que risos vam na Cozinha vasta e quente, que alegrias ao abrir as caixas de soldados de chumbo, que mandaram S. JORGE e S. THIAGO; que gritos com os serradores e outros brinquedos de madeira que deu S. JOSÉ. E as prendas ricas do SANTO ELOY, o rico ourives do Céu; e as pipas de vinho pequeninas que mandou S. MARTINHO, aquelle Santo tão alegre?

Mas nada eguala os presentes de SANTA JUSTA e SANTA RUFINA, as boas Santas que tem no Céu aquella Olaria tão grande, em que trabalham as almas dos Oleiros Bons da terra. Ha campainhas, que ainda ha pouco fizeram vir á Cosinha SANTO ANTONIO, por conhecer aquelle som fino de o ter ouvido num convento que ha na Terra todo rodeado de pinhas e d'onde se avista o Mondego, que no inverno sahe do leito a bordar de prata o tapete verde do Campo. Mas fugiu logo o bom Santo, porque a Santa petizada queria historias, e o MENINO DEUS queria collo e elle tem muito que fazer...

Que risos ao vêr os potes pequeninos, que S. JOÃO conheceu logo por os vêr todos os annos cheios de flores na Fonte do Castanheiro. E as figuras de presepio, todas de barro pintado, tão lindas! E os pastores com cestos d'ovos e carneirinhos; e uma Velha, tão velha, mais velha que o Senhor S. PEDRO, com uma cesta, e um gallo, e uma gallinha... E os Reis Magos, todos de capa vermelha e turbante e corôa, tudo tão rico e tão dourado!...

Entra o ANJO que costuma ir dar a meia noite sobre a Terra, e logo se ouve a voz de crystal e oiro de MENINO DEUS, que nunca se esquece dos meninos pobres que dormem na Terra o sono pobre, e chama-o, e dá-lhe os brinquedos todos, todos, até o mudo tão bonito e bordado d'estrellas que lhe mandou S. CHRISTOVÃO, esse Santo tão bom e tão valente. E logo se estendem as mãos dos Santinhos pequeninos a darem tudo, tudo o que receberam, e chegam anjos e anjos, e todos carregados, debruçam-se a ouvir as recommendações dos pequeninos Santos; que todos tem na Terra um afillado. E ha Santinho, que tem dois e tres, e é necessario não confundir os presentes, por isso os ANJOS ouvem com cuidado.

Parte num vôo d'azas brancas o bando dos ANJOS, levando adiante O que vae com seu martello de prata bater na Lua a meia noite. E de manhã os pobresinhos da Terra encontrarão no berço os brindes que lhe mandou o Menino, logo pela manhã, ao acordarem ás caricias das mães que lhes dão o presente da VIRGEM NOSSA SENHORA, o Divino beijo maternal.

Está menos animada a cosinha, e, ao soar a voz d'ouro do MENINO DEUS, a VIRGEM lembra aquella tarde fria de Dezembro, passada a caminhar para a mancha negra da casaria de Bethlem distante, recortando-se aspera e dura, sobre o poente em fogo, a fadiga do seu corpo tão cansado, a esmagar os seus pés crestados pelo vento e cortados pela neve vermelha em que parara gelado o sangue da terra, roxa, a tremer de frio...

Coimbra, 24 — XII — 93.

YOSSAL.

O NATAL NA PROVINCIA

Na provincia a noite do Natal conserva ainda hoje a doce poesia das festas solemnes da familia.

No Porto e em todo o Minho, ao cair d'essa noite, fumegam as chaminés de todas as cosinhas. Ouvem-se ás portas as argoladas dos que chegam, debaixo de chuva ou debaixo de neve, para tomarem parte no banquete. As velhas avós enfeitam se para essa recepção com a touca de gala, que emoldura num folho de renda fresca os seus cabellos brancos. Os que vem de longe abrem os braços ao chegar á porta para que os outros se lhes dependurem no pescoço. Vozes alegres e amigas enchem a casa de um jubilo sonoro de

alleluia. Estão accésas todas as luzes da sala de jantar. Desdobra-se na mesa, com uma pessoa a cada ponta, a grande toalha rica, vincada nas dobras e cheirando a frescura caseira do bragal. Telintam os talheres de prata e os velhos copos doirados. Os pratos vem dos armários trazidos em ruma pelas raparigas de bellos dentes, vestidas de festa, com as largas arrecadas de piro e o grande cabeção de folho. Desroham-se as garrafas. Ha no ar um perfume festivo de lacte esmagado, de vinho do Porto, de limão e de canela.

E enquanto os grossos beijos das boas-vindas e do feliz encontro do lar pousam tranquilos, como as aves nos seus ninhos, sobre as mãos enrugadas dos velhos e nas faces dos novos; enquanto as creanças, que se deitam mais tarde nessa noite, passam de collo em collo, com os seus bibes brancos e o laço cor-de-rosa nos cabelos, distribuindo na roda, com os beijos estendidos, a communião da bondade, chegam da cosinha, fumegantes, os acepipes clássicos do Natal d'Entre Douro e Minho — os grêllos cobertos d'ovos estrellados, o bacalhau guisado, os mechidos, as rabanadas, as chicaras do vinho quente.

A meia noite, terminada a ceia, vae cada um para o quarto que lhe destinaram.

Acontece que um homem de trinta ou quarenta annos, que chega de longe depois de uma ausência para comer a ceia do Natal á mesa da sua mãe, dorme no seu antigo quarto de creança, entre os seus pequenos e velhos móveis de estudante.

Mette-se a gente na cama, apaga a luz, e entã, em vez do somno, mil recordações saudosas chegam. Uma lagrima ás vézes humedece o travesseiro.

Mas afinal dorme-se na boa e honesta sensação de estar nesta noite, mais do que em nenhuma outra, nos lençoes da familia.

R. Ortigão.

ANNO BOM

A noite de S. Silvestre

NO ANNO DE 1000

No derradeiro dia do anno 1000, os romanos viram com terror o livido sol de inverno descaír sobre a basilica de S. Pedro, em seguida mergulhar, sumir-se no abismo d'um deserto melancholico, envólto num manto de brumas ensanguentadas. Despediram-se da luz, da esperança, da vida, do alto das collinas, dos campanários e das torres, e, persuadidos de que o mundo attingira a sua hora suprema, encaminhavam-se chorando de todos os pontos da cidade santa para a sombria fortaleza, onde, numa fria cella, velavam e resavam os dois vigários de Deus, os dois reis da terra, o pápa e o imperador, Silvestre II e Othão III.

A humanidade ia morrer. Era a noite solemne predicta por David e pela Sibilla, o naufrágio da Igreja e do funeral da christandade, a crise infavel, cuja visão espantára S. João e Santo Agostinho, a ruina de tudo. De que lado resoaria, á meia noite, a trombeta do Archanjo? Nos montes da Sabina ou no mar? Onde se abriria de repente a voragem de fogo, tumulto de Roma? No Coliseu santificado pelo sangue dos martyres, nas thermas de Caracalla, antro dos demónios, ou sob o altar dos Santos Apostolos? Os clérigos, os monges, os doutores, ignoravam-no; apenas asseguravam que a agonia dos filhos de Adão começára. E Roma, a exemplo duma creança que se sente morrer e se aconchega medrosa no regaço maternal, Roma, trepava pelas ladeiras do Caelio e comprimia-se de encontro ás paredes de Latráo, a fim de expirar abençoada pelo seu bispo e consolada pelo seu rei.

Desde o crepusculo, lentamente, das regiões do Campo de Marte, do Transtevero, do theatro de Marcello e dos jardins de Sallustio, que se aproximava uma turba obscura, lacrimosa, gente de profissões humildes, artistas, sacerdotes afflictos, burguezes modestos, estudantes, peregrinos vindos de muito longe, de além das montanhas, e que pensavam, andando sempre, no lar deserto, na casa fechada, nos amigos que nunca mais tornariam a vêr; mães desvaídas, de cabelos soltos, que puxavam pelos filhos, sentindo

uma cólera surda contra Deus; monges ferozes, de cabeça levantada, que fixavam no céo olhares terríveis; aqui e alli, pastores das campinas romanas, carreiros das lagoas pontinas, camponezes do Lacio, vestidos com pelles de animaes, cujos olhos luziam nas sombras da noite; depois o formigueiro dos miseráveis: bandos de mendigos fugidos das igrejas e dos mosteiros, paráliticos ás costas de cegos, coxos rebolando por entre epilepticos, doídos furiosos contorcendo-se no meio de leprosos embocados e de cara tapada. A negra multidão subiu em direcção á basilica de S. João, cobriu as alturas do Caelio, acampou no ermo que, do Coliseu, de Santa Maria Maior e da Porta de S. Lourenço, se estende até ao palacio pontifical.

Accenderam grandes fogueiras em volta da *Scala Sancta*, nas galerias dos vetustos baluartes, sob as abobadas escancaradas de Minerva Médica, nos barrancos do Esquilino, e em breve, de todos os lados, as ruínas flamejaram, as torres do Aventino e do Capitólio avolumaram, rubras, nas trévas, e Latráo appareceu sinistro como que allumiado por um enorme cirio sepulchral, ao passo que Roma, assente no pó deste valle de Josaphat, immovel, contemplava o tabernaculo augusto onde se conservavam encerrados os dois únicos homens que podiam ainda suspender o braço de Deus.

Era, essa, porém, uma bem fraca probabilidade de misericórdia e de salvação. O século que não tardaria a acabar fôra demasiado horrível. Jesus Christo, não havia duvida, retirára a sua protecção da Igreja. Virá-se a terra posta em almôeda pelos ferozes barões de Tusculo e alguns pápas feiçeiros sentarem-se na cadeira do Apostolo. A grande abbadia benedictina de Farfa convertêra-se em covil de ladrões. O sangue dos bispos e dos santos derramára por cima do mármore do altar. Não se olvidára nem do pápa Formosa, julgado depois de morto, arrancado do tumulo, levado á presença dos juizes, com a mitra branca na fronte pallida, depois arrastado através de Roma e lançado ao Tibre; nem de João X quasi morto de fome e mais tarde estrangulado no cárcere; nem de João XII, o pápa adolescente que o imperador Othão o Grande accusava de adorar Jupiter e de sacrificar a Satanaz; nem de João XIV envenenado no castello de Santo Angelo; nem do anti-pápa João XVI com o rosto mutilado, com os olhos arrancados e com a lingua cortada, succumbindo de miséria no fundo dum claustro.

Pensava-se entã no pápa Silvestre e os simples estremeciam de terror. Ninguém em Roma estimava esse Gerberto, cuja alma era em extremo levantada para ser comprehendida pelos homens do seu tempo. Os ecclesiásticos respeitavam-no pela austeridade da sua vida; os monges, porém, detestavam-no pela dureza da sua disciplina. Em S. Paulo Extra-Muros, os freires de S. Bento amalçoavam o pápa benedictino que castigava os negligentes e degredava os impuros. Censuravam-lhe a sciência, os seus pergaminhos grêgos e arabes, o seu Virgilio, a sua astronomia e até os relógios que o consolavam innocentemente dos espinhos do pontificado. Leituras criminosas e obras diabolicas, affirmavam elles, e o povo não duvidava que Gerberto fosse um nigromante occulto na pluvial de purpura.

Quantas vézes um zagal, um peregrino, um burguez, um homem de armas, perdido de noite na escuridão do Caelio virá no alto da torre um phantasma debruçado sobre Roma adormecida, o pápa Silvestre, que espiava nos espelhos os segredos do firmamento? Espantado o viandante persignava-se e fugia, convertido que surprehendera o Padre Santo em sacrilego colloquio com Lucifer. E não era tambem um mistério aterrador, esse pontifice que tomára o nome do primeiro bispo de Roma, reconhecido pelo velho império como bispo universal; uma tremenda punição, Deus reservar ao Silvestre do anno de 1000 o assistir ao fim dum mundo que Constantino collocára nas mãos três vézes santas de Silvestre I?

O primeiro toque de recolher das igrejas e dos conventos, echoou, sem demora, lugubremmente sobre a cidade deserta e atravessou como um gemido o céo de Roma. Nesse momento, um estranho espectáculo augmentou o susto da população. Extensas procissões colleavam, á luz baixa das tochas, no meio

dum zumbido soto no de preces, dirigindo-se para Latráo. A sua frente caminhava entre duas lampadas alçadas, a cruz envólta em crepe; atrás, em duas alas, seguiam as irmandades das grandes ordens monásticas. Pela via que ia ter aos Quatro Santos, os frades de S. Paulo e toda a congregação benedictina, com os habitos negros; pela porta de S. João, seguindo Santo Nilo, patriarcha dos eremitas, os anachoretas, semi selvagens, vindos dos rochedos da Calabria e da Apulia, descalços, com opas de pelle de cabra, cingidas por uma corda; pela Porta Maior, acompanhando S. Romualdo, patriarcha dos contemplativos, a confraria de S. Bento de Toscana e da Pineta de Ravenna, todos de branco, com os braços hieraticamente cruzados no peito; finalmente, pela via consular do Coliseu, montados em mulas brancas, escoltados pelos escudeiros, empunhando brandões, no encalço do cardinal vice-chancellor da Igreja, os bispos com as samarras violetas e os cardeaes de capas vermelhas; mais distante, commandada pelo Senador de Roma, scintillante com as suas armaduras de aço, a cavallaria do Capitolio.

A velha basilica illuminou-se entã; de pé, no limiar do portal aberto de par em par, os dois ascetas thaumaturgos, maravilhas da christandade, Nilo e Romualdo, receberam o sacro collegio: os bispos e os cardeaes curvaram-se piedosamente em frente dos Padres do Deserto e entraram com elles em S. João de Latráo; no adro da igreja, os capitães de Roma formaram alas no mais absoluto silêncio; os monges metteram-se pelo meio da multidão.

As horas corriam. Em breve o sino do Capitólio annunciára a aproximação da meia noite, e a meia noite final do anno de 1000 veria realizar o Apocalypse. A casa de Gerberto, alvo de todos os olhares e de todos os ancieos, continuava muda e sombria. No ultimo pavimento da torre que servia ao pápa de observatório para estudar o curso das estrellas, ardia uma pequena lampada, tal como um phanal içado no mastro grande de um navio. Por cima das montanhas da Sabina surgiu o crescente da lua, purpurizado como o reflexo dum incêndio. A medida que se elevava, cada vez mais livido, no azul, a frontaria de Latráo recortava-se imponentissima entre Roma e o céo.

A angustia do povo attingia o auge do desespero. Os religiosos vagueavam de lar em lar, relembrando as imagens ameaçadoras da Escripura, evocando os devaneios tresloucados dos milenaristas, a revelação tragica de Pathmos, os calculos da cidade de Deus. Nada havia mais certo, asseguravam elles, que vêr-se o mundo d'alli a pouco submerso num diluvio de chammas, feito num simples punhado de cinzas no dia immediato; não havia duvida que o drama principiára pela invista do Anti-Christo contra Jesus, pelo duello de Satanaz com a Igreja, espectáculo ainda mais aterrador do que a morte fulminante do genero humano. Alguns historiavam o pontificado de Silvestre I, e como este bom Pápa vencêra o dragão cujo sóp matare trezentos romanos. O santo, de estôla ao peito, fôra com dois sacerdotes á furna do monstro e atou-lhe as fauces com um fio de seda que sellou com o sinete episcopal, em que havia gravada uma cruz. O dragão, porém, não morrerá porque o Anti-Christo é immortal. Esperava, escondido nalguma cisterna de Latráo, até este dia, dedicado á liturgia do pontifice bemaventurado, até esta noite maldita, em que Silvestre II, por meio de sortilegios, quebraria o selo e libertaria o demónio.

O nigromante conseguira attrair ao seu palacio o imperador, o cavalleiro fiel a Deus, a quem, o anno passado, o archanjo S. Miguel visitára na moradia dos anachoretas, no monte Gargano. O amigo de Jesus Christo, o joven Cesar de cabelos loiros, o ultimo escudo da Igreja, ia ser a primeira victimia da catastrophe universal. E os prophetas da desgraça, á claridade moribunda das fogueiras, com o braço estendido, denunciavam a cidadella papal, a pequena lampada que bruxoleava na janella do feiçeiro; Roma esperava arrojante, o primeiro indício das iras do Senhor, o monstro apocalypico saltando do eirado da torre, o voojear destruidor das azas de morcêgo, o fulgor deslumbrante dos olhos esbraseados, o imperador romano, torturado na presença do pápa, mais digno de

dó que a ave dilacerada pelas garras dum abutre.

Mas, distante, na nebrina, para além do Forum e do Palatino, o sino do Capitólio tange: ao primeiro dobre de defunctos, a multidão, louca de espanto, cae de joelhos, de mãos postas, sem uma lagrima: a formidável voz de bronze arremeça-se, enovela-se de ruina em ruina, de outeiro em outeiro, parece um lamento humano, imperioso e dorido, e eis que, de cem mil boccas, se eleva para a cathedral de Latráo, para o Pae Celestial, um grito unico, o cantico do *Miserere*.

No eirado da torre, surgem duas sombras, o pápa e o imperador. Othão, envólto no seu manto de arminho, mais branco que a neve, de capacete d'ouro a cobrir-lhe a cabelleira fulva; Gerberto, com o habito negro dos benedictinos. O imperador volta-se ancioso para as montanhas latinas e contempla por cima do Tibre o ponto em que o sol nascente ha de apparecer. Gerberto curva a fronte calva, na attitude que lhe é familiar: observa tranquillamente, nos espelhos astronómicos, a marcha infallível do tempo no mais recôndito do firmamento.

E, enquanto, ao longe, no Capitólio, o tanger mortuária resôa em dobres cada vez mais violentos e a psalmodia da turba engrossa como o estrepito dum mar agitado, da basilica luminosa onde rezam os bispos e os santos, prostrados diante dos relicários, desprende-se, com uma majestade triste, um canto: *Parce, Domine, parce populo!*

O pápa levanta a cabeça; chama para junto de si o imperador, indica-lhe com o dedo o signal das estrellas, o signal de Deus, e abraça-o. Nesse instante a voz de bronze parece apagar-se nas sombras do nevoeiro longinquo: no Caelio e em S. João de Latráo, os canticos de pavor, as supplicas á piedade do Senhor calam-se como por encanto. O imperador ajoelha aos pés do pápa: Gerberto abre os braços como para apertar de encontro ao coração a cidade apostolica, e, no silêncio sagrado de Roma e do céo, o velho pontifice, do alto da torre, entoa o *Te Deum*.

O anno de 1000 passára e delle só ficára um mau sonho. Os romanos regressáram a suas casas cantando louvores a Deus, e desde esse anno, um anno de resurreição e de esperança, em honra do pápa astrónomo cujas constellações tam bem regulavam os seus relógios, a christandade começou a festejar no primeiro de janeiro a noite de S. Silvestre.

E. GEBHART.

OS REIS MAGOS

PRESEPIO

Um velho palacio abandonado. O alto das columnas carcomidas do vento e da chuva, coroado de uma roda d'anhos, as mãos dadas, as azas abertas formando uma abobada de penhas. Os seus vestidos bordados cobrem as velhas columnas de flores de ouro e prata.

Ao fundo, perto da janella, recortando-se na cortina azul do céo, a VIRGEM NOSSA SENHORA levanta alto o MENINO pegando-lhe com os seus cabellos louros.

A sala está cheia de Reis e de pastores. O ar cheira a alfazema e romanninho. Andam as flores da serra pelo chão ao lado das pedras preciosas. O ouro voa dos sacos, desatados aos pés dos escravos a suar, novos e fortes, os corpos dourados do pó, como se tivessem sido afagados por azas leves de borboletas.

De pé deante da VIRGEM um pastor, que, depois de beijar os pés do MENINO e adoral-o, se ia a levantar e cahiria se não fôra sua filha e um Rei novo que correram a amparar-o. Ao baixarem-se, encontraram-se as suas cabeças e não poderam desligar-se porque descerá as suas mãos n'uma benção o MENINO a brilhar entre os cabellos da Virgem como n'um relicario d'ouro fino.

E assim ficaram sob a benção do MENINO e no abraço do PAE, até que o Rei pôde fallar. Então disse a tremer El-Rei:

— Senhor! Eu amo tua filha.

O velho pastor levantou a cabeça assustado e deu com o MENINO a olhar para elle muito firme; ria um riso fundo e doce como velludo a sua boquinha sem dentes.

O rosto da VIRGEM mal se via, encoberto pela aureola dourada do MENINO, pallida e nova, como o sol d'inverno; apenas ao cimo espreitavam os seus olhos negros a tremer e a desfazer-se em ternura, como as azas das borboletas pretas.

Cabeça baixa, continuava dizendo o Rei:

— Nem eu sei como isto foi. Amo-a desde que vos encontrei na fonte, em que pararam a beber nossos cavallos.

Ao grito que deu tua filha quando tu cahiste, olhei e vi-vos a sahir do bosque perto de palmeiras, caçados de vir ao longe da serra a pé.

Ia a beber, apeei-me e dei-te o vinho generoso pela taça de vidro antigo em que mandara escrever a oração da felicidade um MAGO meu avô que soffrera muito. Tu puzeste os beijos a tremer aos bordos da antiga taça roída de beberem tantos meus avós a quem fugira sempre a felicidade. Taça por que eu beberei triste, tanto tempo, sem encontrar o que buscava, sempre a olhar o velho vidro irizado de manchas, como as da agua que, nas florestas virgens em que mora o SILENCIO, dorme enroscada seu somno de repetil á sombra funebre das arvores verdes, manchas de que se alimentam as flores sombrias que dão a morte, e em que bebem seus amores as cobras más, manchas em que parece boiar á tona d'agua o ouro, a prata, o aço e o sangue a apodrecer.

Côrava-se pouco a pouco o teu rosto, como um rochedo alto em que começasse a dar o sol. Tua filha, mais socegada, voltou-se para mim, e eu senti o seu olhar descer e alagar-me o peito numa onda macia e espessa de velludo.

O coração ou parára, ou me fugira. Amava a já, agora é que eu sei! Acabaras de beber e davas-me a taça fragil de vidro antigo.

Olhei-a, parecia nova. Fuzilavam como raios d'ouro as letras misteriosas da oração, desabrochavam as flores d'esmalte, corriam os cães atraz dos veados a fugir-lhes, a ladrar ás aves a gritarem prezas em arabescos d'ouro.

As bailadeiras dançavam e eu ouvi pela primeira vez o himno d'ouro que subia dos dedos dos seus leves pés carregados de aneis, mal pousados pela ponta a voarem sobre o chão; comprehendí entã o encanto d'aquelles braços a arquearem-se em abraços, a attracção daquelles corpos a fugirem, os labios cheios de beijos a darem-se, as palpebras a fecharem-se demoradamente, como pétalas de flores carnivoras, sobre o olhar a agonizar d'amor.

Atraz vinha a PRINCEZA, rodeada de musicos a tocarem uma musica estranha e simples, himno d'amor todo feito de notas altas, gritos de cordas tensas quasi a partirem-se.

O seu rosto sorria-me, e era o seu rosto o rosto de tua filha, e o seu sorriso era o sorriso d'ella.

O corpo dourado resplandecia através dos seus vestidos transparentes de princeza, cheios de flores bordadas a prata e ouro, quasi a rasgarem-se ao peso das pedras preciosas, a orla enrugada pelo vento, como o calice franizado das flores.

Muito me custou a desprender-me da sua bocca aguda, fechada a prender os beijos que ao canto dos labios lhe levantavam a carne a querer fugir-lhe!

Perturbado, desviei a vista, e li duma vez só a inscripção mysteriosa que dá a felicidade, e que ninguém, nem mesmo um MAGO, pôde lêr senão uma vez na vida.

Como me enganára tanta vez a decifral-a!

Ouviam todos attentos. Os pagens, o corpo em arco a retezar a anca forte, comprimiam contra o peito os barretes cheios de prata e ouro em bordaduras, a cabeça inclinada, a tremer os labios em que borboleteavam os beijos.

O REI beijava os pés do VELHO e ia fallando humilde, como um grande peccador que estivesse a confessar ao PAPA algum peccado grande.

— Eu mesmo te ajudei a montar o meu cavallo, e metti-teus pés sujos da lama dos caminhos nos estribos d'ouro bufilado, a maravilha das minhas joias, que fizeram cegar mais de sete oirves a gravalos. Mais dum perdeu a vida antes de acabar o engaste complicado duma só das pedras preciosas conquistadas em guerras longas pelos guerreiros meus avós.

Agasalhei os teus hombros com o meu gibão de purpura, e fiz apear dous dos meus pagens mais nobres para te segurarem os joelhos.

Eu ia deante ao lado de tua filha, segurando na sella do cavallo, tímido, cabeça baixa, sem me atrever a olhar, como um rei vencido que levasse outro em triumpho.

Os tojos maus iam desfendo os meus vestidos d'ouro e seda e os ladrões dos cardos robbavam-me as ca-

meraldas e rubins que cahiam dos bordados a desfazerem-se.

Nunca me pareceu tão facil o andar nesta viagem tao longa.

Tres vezes me perdi no caminho; que empallidecera a ESTRELLA, no ceo cheio do brilho dos olhos de tua filha.

Parara; na sala silenciosa e escura as pedras preciosas escutavam, o olhar cheio de lagrimas.

— Dá-me, dá-me tua filha.

Disse o rei erguendo pouco a pouco o corpo.

— Dás-me a tua filha?... Eu dou-te o melhor dos meus cavallos. Has-de ser o mais rico dos sete condos que eu tenho.

Conheces Niebhor a bella, a cidade branca a que vem de tam longe os mercadores, sempre com joias novas, sempre com novas sedas que fazem florir um sorriso novo nos lábios vermelhos das mulheres?

A volta della anda o mar azul, sempre a fugir e sempre a voltar, a lamber noite e dia os caes de marmore cor de rosa, como um leão domesticado.

E a cidade encantada, e os rudes marinheiros, ao prenderem as embarcações nas argolas rendilhadas que parecem agarrar-se ás pedras do caes como plantas de bronze dourado, ficam-se a olhar pasmados os baixos relêvos que o enchem todo e que contam a vida de todos os povos que ha no mundo.

A's véses um remador, que ninguem sabia quem era e fora apanhado perdido no mar quasi a morrer, homem triste que nunca ninguem ouvira fallar até então, começa a gritar, a cobrir de beijos imagens do seu país distante e a fallar-lhes uma lingua que ninguem conhece, que só elle sabe e que os vultos de pedra, a sorrir, parecem entender.

Andam sempre os marinheiros á porfia a mostrarem uns aos outros os baixos relêvos, cheios das histórias da sua terra, e o mar, que quebra ao longe em linhas d'espuma brancas e eguaes como canteiros de lírios, vae se pouco a pouco socegando e bate devagarinho sobre o caes, num murmúrio ciado e doce, como se estivesse a dizer ás gai-votas, que enchem o ceo do seu vôo branco, que se calassem para elle ouvir melhor aquellas histórias todas.

As arvores espreitando do alto dos muros dos quintaes cercam na de festões verdes cheios de fructos e flores.

Parece que está sempre aquella cidade em festa.

Chamam-lhe a branca.

Bom e lindo nome lhe pozeram que não ha tam branco como ella senão a sua imagem que se escôa misteriosamente para o mar.

Dá-me tua filha e serás tam grande como o rei.

Nunca mais teus pés caçados dos caminhos da serra pizarão o chão, andar sempre teu corpo envolto em linhos preciosos, na carlúa da purpura e das sedas mais raras, aos hombros de oiro guerreiros meus, dos que se não importam com morrer e sabem dar a morte.

A tua carne gretada pelo ar frio das montanhas curará com o balsamo quente e doce do ar, que os corpos das flores sempre abraçaram se nos quintaes daquella terra encantada em que é sempre primavera, enchem de perfume.

Do alto da torre de cinco andares, que protege o meu palacio verás a terra mais longe do que do alto da mais alta serra por onde andaste com o teu gado.

O mar veio do beijo distante do ceo, como se se derreteria em prata, sempre vergado ao péso dos navios que chegam de longe, as véllas a arfar caçadas, carregados com as tapessarias em que artistas, que ninguem conhece, bordaram histórias que ninguem sabe e fazem scismar a gente.

A's véses, uma figura daquellas tapessarias ricas parece conhecida nossa. Quanto mais se olha para ella, mais se reconhece, mas não chega nunca a gente a saber onde a viu já.

Era assim o olhar de tua filha. Sempre tam longe de mim e mal a vi, conheci logo que era a que eu esperava.

Dá-me tua filha e dar-te-ei o mar e a terra toda que se avista do alto da torre grande.

Será tua a Serra da riquês, cujo nome misterioso não dizem nunca os meus vassallos, com medo de atraiarem a desgraça.

E' serra abandonada.

A volta não anda ninguem, e nunca de lá veio pastor ou rebanho, que por já se perdesse.

Nem mesmo nós os reis lá fomos senão uma vés na vida, quando lá vamos levar a corôa do ultimo rei que morre.

E nunca corôa de rei lá foi senão duas véses.

Mal se deixa o valle para entrar na serra começa logo o verde a entristecer, e as arvores muito juntas sam negras e queimadas.

Chamam-lhe a Selva escura e quem lá se perdeu veiu contar cheio de terror o medo que se sente naquello silencio cortado apenas pelos gritos de dor que dam os corpos das arvores, velhas e torcidas de andarem sempre em lucta com o vento mau.

E dizem os antigos que foi lá que os gaios, de pennas tam bonitas perderam o seu canto lindo e ficaram sempre a repetir o mesmo grito que é igual ao das arvores a estalar de dor.

Adeante da Selva escura as arvores começam a enfraquecer, até ficar só o zimbros com o corpo espalmado pela neve de inverno.

Depois vem um deserto todo de penedos negros, sem a alegria dum arbusto, sem o conchego da terra; e para além levanta-se a montanha sempre coberta de neve.

Antes de lá chegar, pára de repente a vida, parece o país do silencio, depois, pouco a pouco, começa-se a ouvir um rugido surdo e ameaçador como se um animal phantástico guardasse ha tantos mil annos aquelle thesouro grande.

Os pastores tam medo da serra como da terra amaldiçoada.

A terra é aberta de fendas cujo fundo se não vê, e onde se ouve correr a agua em furia.

Só de ouvir o ruido têm endoidecido pastores.

Na montanha de neve abrem-se galerias de gello. Desgraçado de quem lá se aventurar, um grito, o ruido dos passos faz desabar as paredes e dá a morte certa.

Mas ha um caminho todo talhado na rocha viva que é facil e seguro.

Só eu o sei. Só eu posso dizer a palavra magica que faz abrir a montanha.

Mal ella se diz, fica aberto o corredor de pedra, que leva á gruta grande, onde estão as maiores riquezas da terra.

Os rubins, os brilhantes, as pedras preciosas todas, todas estão aos montes em grandes cestos de oiro d'um trabalho muito antigo e que já se não faz agora.

A volta ha uma luz misteriosa, como a que vem contar que ha nos palacios do fundo do mar, os que estiveram para morrer afogados nos braços das serejas.

E' luz de sonho que parece feita do olhar acceso das pedras preciosas, luz d'encantar; que até o sol, quando sae d'uma pedra preciosa, tem um brilho novo que ninguem lhe torna mais a vér.

A volta, sobre as paredes illuminadas dos reflexos do ouro, da prata e das pedras preciosas destacam vultos de guerreiros que parecem guardar aquelle thesouro grande.

Sam as armaduras dos reis antigos, porque cada rei deixa n'aquella gruta a armadura com que combateu em vida.

Ha-as de coiro e junco de ferro e oiro fino. Ao lado, um quadro de marfim tem em baixos relêvos e inscripções, algumas das quaes ninguem já sabe ler, a história de cada rei.

E ha histórias que só os reis sabem e nunca contam, porque se podia levantar o povo.

No chão, sobre brocados e velludos, a que o tempo fez perder a cor descaçam agora as corôas que com tantos cuidados trouxeram em vida os magos meus avós.

O ouro, a prata, até o ferro de que sam feitas se tornam elegantes e delicados para abrirem em flores que seguram as pedras preciosas, frescas gotas d'agua em que dorme encantado um raio de sol.

Dá-me, dá-me tua filha e dar-te-ei, thesouros que só eu possuo.

Calou-se e era tam grande o silencio que se ouviu o ruido que fizeram todos ao voltarem a cabeça a olhar para o pastor.

O velho, meio curvado, sorria tristemente.

Uma ruga funda atravessava-lhe a testa toda; mas havia em todo o rosto um não sei quê, que deixava adivinhar a alegria, como nas nuvens que cortam da tristeza escura do azul o poente dourado, e por detraz das quaes se reconhece o sol, perfilando-as d'ouro com

os fios do seu cabelo, escondido, a rir, como as creanças a brincarem.

O Rei levantou-se de golpe, num movimento tam forte, que não houve corpo de pagem ou de guerreiro que o não imitasse sem querer.

— Porque m'a não dás?

E ficou se outra vez calado, até dizer receioso:

— Já a prometteste a alguém? Quem a mereçe mais do que eu? Onde ha ahí pastor mais forte do que eu sou? Quem conhece melhor a serra por onde pastam os teus rebanhos?

Pois não te lembras de quem eu sou? Nunca te disseram os pastores das minhas serras que eu fui creado com elles, e que com elles vivi sempre, sempre a fugir da corôe e da sua mentira vil.

Quasi não mamei leite que não fosse o fresco leite da serra, todo cheio do perfume bom das flores simples, e não havia pastor das minhas serras que não tivesse uma escudella de páu, por onde eu gostava de beber-o.

Não tinham os cães de guarda dos pastores da serra melhores amigos do que os meus fidalgos cães de caça.

Nem havia na serra cão de guarda, que não ladrasse a chamar-me, quando eu passava longe sem os vêr, e que não viesse a correr para me beijar as mãos.

A serra me vieram buscar os fidalgos da minha corôe para eu ir tomar conta do reino que me deixára meu pae.

Morrera havia três dias sem eu saber. A volta d'elle tinham ficado todos os fidalgos da corôe; não fossem perder o ultimo favor.

E não tinha havido ninguem, que viesse avizar-me de que meu pae morria.

Nim nem vira o seu olhar que me chamava, e cada qual dizia aos escrivães, que faziam o seu testamento, as suas ultimas vontades, debruçando se sobre a sua bocca que não pronunciava senão as sílabas do meu nome, que cada um alterava a favor da sua ambição.

Addiu-se o enterro de meu pae, para que fosse de festa o dia, em que eu entrasse na capital dos meus estados.

Tudo ria em volta de mim, e só ouvia fallarem da alegria da minha glória futura, quando senti puxarem-me por o fato, e ouvi um gemido abafado.

Voltei-me para vêr quem era que, naquello palacio em festa, tinha como eu, vontade de gemer e de chorar.

Dei com o meu cão de caça, que puxava por mim, o olhar triste e humilde.

Deixei-me ir com elle.

Fomos de casa em casa até chegarmos ao quarto de meu pae.

A porta parou e pôz se humildemente atraz de mim, de cabeça baixa, o fochinho rente ao chão.

Entrei.

Meu pae estava só.

O seu corpo alongava se sobre o leito, vestido dos vestidos mais ricos.

A seus pés jazia morto o seu cão predilecto, esfalfado de chamar por elle três dias e três noites, sem elle lhe responder.

O resto da matilha dormia pelo quarto.

Não faltava um.

De caçados, nem deram por mim, quando entrei.

Tinhm sido, até á ultima hora, fieis a meu pae os seus bons cães de caça.

Puz-me a rezar e a chorar.

Quando dei por mim, vi-me rodeado dos pobres cães, que me lambiam para me consolarem, com pena de mim coitados.

Calou se e ouviu se na sala um murmúrio de choro abafado, como o de uma fonte pequenina.

Uma das mãos do Rei afagava a cabeça do cão que parecia entender o que elle dizia e se fora chegando calado até collar o seu corpo ao corpo d'elle.

— Voltei para a serra, e os que me seguiram têm sido até hoje os meus irmãos d'armas.

Na serra tenho vivido o melhor do meu reinado.

Não ha gamo que me vença na carreira, lucto corpo a corpo com os javalis.

Por me veres coberto de seda e de velludo, julgas que a minha carne é fraca?...

Deixou o Rei a filha do Pastor, agarrou com as mãos sobre o peito as sedas e os velludos, e abrindo os braços rasgou os vestidos, que cairam sobre o chão deixando-lhe o tronco nu.

Os musculos dos braços erguendo se num movimento forte quebraram o ouro dos braceletes que os cingiam, fazendo voar as pedras preciosas, que foram perder-se sobre o chão.

— Manda o teu melhor guardador de gado bater-se commigo, e verás qual de nós é mais forte.

Quem sabe melhor do que eu, conhecer o tempo pelas estrelas?

Sei os segredos todos com que os adivinhos da serra curam os gados.

Quem sabe vigiar melhor do que eu um rebanho? Onde ha aí quem mate ás mãos um lobo, como eu?

Quem se gaba ahí de ser melhor pastor, quem diz, quem diz que é mais forte do que eu sou?

Dera o Rei um passo para a frente. Todos recuaram calados.

No silencio da sala, ouvia se apenas o posnar do seu cão, ladrando em desafio, de orelhas afiladas, pescoço enrugado, ventas arreganhadas, mostrando os dentes brancos, pronto a arremeter.

Balthazar levantou se do meio dos outros reis, onde se tinha escondido, e caminhou curvado num movimento forte de felino para junto do rei enamorado.

Tivera medo o bom preto de que algum pastor perdesse o respeito aquelle rei tam novo e tam ousado.

O Pastor voltou a cabeça para o ver e sorriu.

— Vês, continuou o Rei, não ha pastor melhor do que eu.

Dá-me tua filha.

Dá-me tua filha e serei o primeiro dos teus guardadores de gado.

Olha, estou nu como um escravo...

E ouviu-se o ruido das sedas e dos linhos preciosos a rasgarem-se, triste como o canto das corujas nas noites de primavera.

A carne á descoberto palpitava orgulhosa de força e de belleza.

No silencio caiu doce e grave, a voz do Pastor, que dizia:

— E' tua. Leva a. Serei eu o ultimo dos teus pastores.

E ja a ajoelhar se o velho; mas não o deixaram a filha e o Rei que, de joelhos, lhe seguravam os joelhos fracos no mesmo abraço.

Foi então que o MENINO, que se tinha sentado sobre os calcanhares, ao ver que tinha acabado aquella história tam linda, levantou os olhos para NOSSA SENHORA, sorriu para os lábios della, agarrou com a mão pequenina numa das tranças da mãe para ajudar a levantar o corpo, ergueu-se e abençoou.

A porta os trombeteiros tocavam alegremente as trombetas, que daí a pouco soavam, como um echo, nas vozes dos clarins que fora enchiam o pateo do palacio.

NOSSA SENHORA levantou-se para ir mostrar o MENINO ao povo, como lhe haviam pedido reis e pastores.

Os seus pés descalços iam calcando o ouro e as pedras preciosas, que enchiam o chão, e afastavam com cuidado as flores para as não pisarem.

Quando assomou ao alto da escadaria que descia para o pateo do velho palacio abandonado, a VIRGEM levantou alto o MENINO, que saía branco do manto dos cabellos louros de NOSSA SENHORA, como a hóstia dum relicario de ouro.

Ouviram-se vozes de commando, o ruido dos corpos a ajoelhar, o som surdo das armas batendo sobre o chão.

A escada estava cheio do grupo dos reis e dos pastores, de joelhos, a cabeça voltada para a Virgem a face sobre a terra.

O MENINO abençoou.

Ouviu-se apenas o toque dos clarins rompendo o ar, em notas altas, vibrantes, no ritmo tremolo do triumpho.

Depois calaram-se, e no ceo azul ouviu-se então o som do sino dum torre distante, fraco e alegre, como o canto dum avezinha pequenina, a voar pelo ceo pallido e dourado.

O sol, a pôr se, teve um brilho mais forte sobre as sedas, velludos e ouro dos bordados e armaduras.

Depois, quasi a sumir-se, deixou-vér ao longe três cavalleiros que corriam pelo campo fóra, sobre cavallos ligeiros, e que mal se enxergavam, quasi a sumirem se no nevoeiro branco que se levantava dos cavallos cobertos de espuma, a correr a toda a brida.

Eram os mensageiros que iam dizer

a um país distante que tinha casado um rei com a filha dum pastor.

E é desde então que começaram a vêr-se nas armas de guerreiros esforçados e nobres barões, os lírios e as modestas flores do campo ao lado das torres e dos animaes heraldicos.

Eram seis de Janeiro.

Em Roma reinava Augusto e era Herodes prefeito da Judea.

T. C.

Os dias de festa e as creanças

Nas nações amováveis como a Suecia, a Bélgica, a Hollanda, o respeito pelas creanças manifesta-se por outro modo. Nessas paizes o Natal e a Paschoa são verdadeiras festas dos meninos, em que as pessoas grandes se lhes devotam e sacrificam inteiramente.

Que ha mais commoyente e mais poetico que o quadro dos velhos hollandezes com os seus netos pela mão, na manhã de domingo de Paschoa, procurando por entre os jacintos, por entre os alecrins e por entre as tulipas os ovos cosidos, cobertos de desenhos, que a lebre da lenda deveria ter vindo de noite pôr nos canteiros em flor!

Além da Paschoa e do Natal, as creanças tem nesses paizes a festa de S. Nicolau no dia 6 de dezembro.

S. Nicolau apparece em pessoa nessa noite aos pequenos, que o esperam reunidos na casa de jantar. Ha sempre um papa delicado e raião que se encarrega de se vestir de bispo, sagrado á pressa para esse effeito.

Um tio ou um primo faz de Hanscrouff, o creado do santo, encarregado de trazer consigo os cestos dos presentes, os bonitos, os rebuçados, as competentes vergastas da justiça e o sacco em que hão de ser levados os meninos desobedientes. Ha ainda um sujeito que se encarrega do papel do burro do santo, porque na Flandres e na Hollanda não ha santo bispo nenhum sem o seu respectivo jumento complementar.

O santo annuncia-se de longe pelo ornear do burro na escada, e em seguida apparece imponente e magestático, seguido do fial Hanscrouff. Os pequenos immoveis fitam-o. O santo bota uma fallá. E' a revista do anno de todas as culpas que tem no cartorio os sujeitosinhos presentes. Os que se não tem portado bem ouvem então varias biscoas jogadas pelo santo, enquanto Hanscrouff range os dentes e vibra as vergastas ao fundo.

Por fim distribuem-se os presentes. Sam contemplados todos os pequenos, ainda os peores; sómente para estes a dádiva do santo é acompanhada de um feichinho de chibatás commemorativas.

Antes de se retirar, o santo, para mostrar evidentemente que é um verdadeiro santo, dirige á assembleia uma allocução neste sentido:

« Meus pequenos senhores, minhas pequenas senhoras. Os gêneros de primeira necessidade estão pela hora da morte no paraíso. Assim é que tive de fazer alguns sacrificios pecuniários para vos trazer os bonitos que vos me pedistes nas cartas que ontem á noite foram collocadas dentro dos vossos sapatos na chaminé e que eu me apressei a mandar receber pelo meu escudeiro Hanscrouff, que ora védes commigo neste recinto. Ora não conyindo que outros meninos pobres fiquem sem nada, pelo motivo de eu ter arruinado por vos os bens da minha mitra, rogo a todos os pequenos senhores e a todas as pequenas senhoras presentes que hajam por bem dar-me os bonitos velhos que tiverem a fim de serem presenteados com elles todos os meninos a quem me não chegou o dinheiro para dar bonitos novos. Hanscrouff! aproximae o cesto.

E todas as creanças se julgam honradas e orgulhosas em satisfazer esse pedido, enchendo o cesto de Hanscrouff.

Uma commissão de mamans incumbem-se de distribuir pelos pequenos pobres esses brinquedos offerecidos pelos pequenos ricos.

Não pretendemos que se invente para Lisboa um S. Nicolau. O que desejamos indicar apenas é que se poderia talvez improvisar um Hanscrouff e que algumas senhoras caridosas se encarregassem de distribuir na festa de Natal ou na de Anno Bom por tanta creança triste de Lisboa o producto de um peditorio de brinquedos feito aos meninos ricos.

João Ripstein.

ANNUNCIOS

Automoveis

em segunda mão

(Em perfeito estado de conservação)

Um "Benz", de 7 lugares.

Uma "Vitoirete Richard", 3 ou 4 lugares.

Empreza Automobilista
Portuguesa

COIMBRA

Ceiras para lagar de azeite

Sem competidor em Coimbra

Feitas de bom esparto e bem executadas

Encontram-se á venda na

Praça do Comércio, 110 e 111

Unica casa onde se fazem

Nova Havaneza

Rua de Ferreira Borges n.º 178

Papelaria, Tabacaria, Perfumaria.
Carteiras, malas, caixas de charão,
e todos os objectos de escriptorio.

Consultorio dentario

COIMBRA

Rua Ferreira Borges

Herculano Carvalho

Medico pela Universidade de Coimbra

LUCCA

Delicioso licor extra-fino

VINHOS

Associação Vinicola da Bairrada

Grandes descontos aos revendedores

Unico deposito em Coimbra

CONFEITARIA TELLES

150, R. Ferreira Borges, 156

SILVA & FILHO

Fábrica manual de calçado e tamancos
e depósito de alpargatas

EXPORTAÇÃO

Alfaiataria Academica

AFFONSO DE BARROS

Acaba de chegar a esta casa o ex-
mio tailleur Saturnino F. Grant, ex-
gerente da Alfaiataria Amieiro, de
Lisboa.

Rua Ferreira Borges
COIMBRA

COSINHA POPULAR

Rua da Concordia, n.º 27, 29 e 31

Figueira da Foz

Esta antiga e acreditada casa situa-
da num dos melhores locais da Figuei-
ra, Junto dos Casinos e a
dois passos da praia de
banhos, continúa recebendo hóspedes
permanentes, por preços commo-
dos.

Fornece almoços e jantares para
fora desde 300 réis.

O Proprietário,

José Maria Junior.

INCANDESCENCIA



Mangas transportaveis PRIMAS, duzia . . . 1\$000 réis
Bico systema AUER e intensivos, cada de 300 a 400 ,,
Chaminés de Gena lisas e furadas ,, ,, 140 a 200 ,,
Apparehos, candieiros e mangas para gazolina, acetylene
e alcool.

Caboreto de calcio, gazolina, benzina e veloxina.

Enviam-se catalogos com os preços sobre pedidos

A. RIVIÈRE

RUA DE S. PAULO-9, 1.º

LISBOA

VIOLEIRO

Augusto Nunes dos Santos

(Successor de Antonio dos Santos)

Premiado na exposição districtal de Coimbra,
em 1884, com a medalha de prata; e na de
Lisboa de 1890.

Participa que se faz nesta officina,
a mais acreditada desta cidade, toda a
qualidade de instrumentos de corda
concernente á sua arte; assim como os
concerta com a maxima perfeição, como
tem provado ha muitos annos.

Especialidade em guitarras de 12 e
15 cordas e violões de 6, 7 ou mais
cordas.

Tambem vende cordas de todas as
qualidades para os mesmos instrumen-
tos.

PREÇOS MUITO RESUMIDOS

16 - Rua Direita - 18

COIMBRA

PHARMACIA

A. Julio do Nascimento

115 - RUA DA PRATA - 117

34 - T. DE S. NICOLAU - 36

LISBOA

Lapis anti-neuralgicos

(Crayon anti-migraine)

Cigarros anti-asthmaticos, peitoraes

TONICO OCCIDENTAL

(Superior ao Tonico Oriental)

Purificador do sangue

Nas doenças syphiliticas

ELIXIR DENTRIFICO GENGIVAL

ETC., ETC.

Meias elasticas, grande sortimento de fun-
das, insufladores, suspensorios, esponjas, al-
godões, pulverisadores, irrigadores, thermo-
metros diversos, farinhas peitoraes, instrumen-
tos cirurgicos, aguas mineraes, nacionaes e
estrangeiros, artigos de borracha, etc., etc.

L. M. LILLY, Engenheiro

Machinas agricolas de toda a qualidade.
Machinas para fição e tecelagem para todos os tecidos.
Machinas para fazer soda-water, gazosas, gelo, etc.
Machinas para fazer papel continuo, cartão, etc.
Machinas para lavar, engommar e desinfectar roupa.
Machinas de vapor e de gaz, caldeiras e bombas.
Machinas de escrever, de systema YOST.
Correias de pello, de couro, de borracha, empanques, etc.
Materias primas de todas as qualidades.
Installações, desenhos, montagens.
Facilitam-se pagamentos.

REPRESENTANTE

JOÃO GOMES MOREIRA
COIMBRA

Liquidação de Penhores em Leilão

A casa penhorista de Alipio Augus-
to dos Santos, fará leilão de todos os
penhores em debito de mais de 3 me-
zes de juros.

O leilão terá principio em 23 de
Janeiro de 1903 e dias seguintes até
completa liquidação, na sua casa, Rua
de Visconde da Luz, 60.

Coimbra, 18 de Dezembro de 1902.

Alipio Augusto dos Santos

José Marques Ladeira & Filho

Empreiteiros das Companhias de Iluminação a Gaz e Aguas

4 - Praça 8 de Maio - 4

COIMBRA

Canalisações para agua e gaz

Lustres, lyras, lanternas e candieiros para gaz, machinas de aquecer agua
a gaz para banhos, tubos de lona, borracha, latão e chumbo, lavatorios, uri-
noes retretes e bidets, torneiras de metal de todas as qualidades, cartão e cor-
da de amianto, e borracha em folha.

PREÇOS ESPECIAES EM TUBOS DE FERRO

Fazem-se trabalhos fóra da cidade

Rewolvers

Saint Etienne

Com ballas blindadas de aço e de
pólvora branca sem fumo, muito porta-
teis e de grande alcance.

Espingardas

Vendas a prestações

João Gomes Moreira

Rua Ferreira Borges - COIMBRA

Vendem-se um sophá e duas pol-
tronas, forrados de damasco de lã, em
bom estado.

Para tratar, rua Ferreira Borges
n.º 5.

REMEDIOS DE AYER



Peitoral de Cereja de Ayer— O remedio mais seguro que ha
para a cura da tosse, bronchite, asthma e
tuberculose pulmonar, frasco, 1\$100 réis;
meio frasco, 600 réis.

Vigor do Cabello de Ayer— Impede que o cabelo se torne
branco e restaura ao cabelo grisalho a sua
vitalidade e formosura.

Extracto composto de Salsaparrilha de Ayer— Para
purificar o sangue, limpar o corpo e cura
radical das escrófulas.— Frasco 1\$100 réis.

O remedio de Ayer contra sezões.— Febres intermi-
tentes e biliosas.

Todos os remedios que ficam indicados sãm altamente concentrados
de manciara que saem baratos porque um vidro dura muito tempo.

Pilulas cartharticas de Ayer.— O melhor purgativo
suave inteiramente vegetal.

TÓNICO ORIENTAL—MARCA «CASSELS»

Exquesita preparação para aformosear o cabelo

Estirpa todas as afecções do craneo, limpa e perfuma a cabeça

AGUA FLORIDA—MARCA «CASSELS»

Perfume delicioso para o lenço, toucador e banho

SABONETE DE GLYCERINA—MARCA «CASSELS»

Muito grandes—Qualidade superior

A' venda em todas as drogarias e lojas de perfumarias

COLLEGIO LYCEU FIGUEIRENSE

Instituto particular de educação
e ensino

Director, o professor da Universidade

José Luiz Mendes Pinheiro

Rua da Fonte, 58

A matricula continua aberta na se-
cretaria do collegio todos os dias uteis.
O regulamento, ou quaesquer es-
clarecimentos, podem ser pedidas ao
director, na sede do collegio, ou na
**Quinta do Paúl, á Praia da
Fonte.**

FABRICA DE TELHÕES E MANILHAS

Premiada na Exposição de Ceramica Portuguesa, no Porto,
em 1882, com diploma de merito;
e medalha de cobre na Exposição Districtal de Coimbra, de 1884

Esta fabrica a mais acreditada em Coimbra, em construcção e solidez de
telhões, manilhas para encanar agua, siphões para retretes, vasos para jardins
e platibandas, balaustres, tijolo para ladrilhos de fornos, tijolos grossos para
construcções e para chaminés, tachos para cosinha á imitação dos de Lisboa,
etc.— Todos estes artigos são de boa construcção e por

PREÇOS ECONOMICOS

♦ ♦ ♦ Pedro da Silva Pinho Coimbra ♦ ♦ ♦

29, Rua de João Cabreira, 31 - COIMBRA

Saint Etienne

Manufacture Française de Armes e Cycles

E' agente desta importante Casa
Franceza no districto de Coimbra, man-
dando por isso vir desta casa qualquer
objecto que lhe seja encommendado
não sendo o custo superior aos pre-
ços do catalogo.

João Gomes Moreira

Rua Ferreira Borges COIMBRA

D. ANGELINA VIDAL

ICARO

(Poemeto)

CASA

Aluga-se o 1.º andar da casa n.º 80
na rua da Moêda; tem commodos para
uma familia regular, canalização para
agua e todos os despejos.

Para tratar com sua dona, rua Sá
da Bandeira, 55,

“RESISTENCIA,”

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha, no reino:

Anno 2\$700
Semestre 1\$350
Trimestre 680

Sem estampilha:

Anno 2\$400
Semestre 1\$200
Trimestre 600

Brazil e Africa, anno 3\$600 réis
Ilhas adjacentes, 3\$000

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20
réis; para os senhores assignantes, des-
conto de 50%.

Communicados, 40 réis a linha.
Réclames, 60

Annunciam-se gratuitamente todas
as publicações com cuja remessa este
jornal fór honrado.

Avulso 40 réis

RESISTENCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS FEIRAS

Officina typográfica

12 - RUA DA MOEDA - 14

Editor

MANUEL D'OLIVEIRA AMARAL

Redacção e administração, ARCO D'ALMEDINA, 6, 2.º andar

N.º 763

COIMBRA — Domingo, 4 de Janeiro de 1903

8.º ANNO

Um dever cívico

É o tempo marcado pela lei para que os cidadãos portugueses que tenham direito de eleitores, como taes se façam inscrever. E, em virtude disso, aquelle dos corpos superiores do Partido Republicano que tem a função de regular o trabalho da inscripção dos nossos correligionarios e da exclusão dos intrusos, a Commissão Municipal, iniciou a sua tarefa com a reunião do dia 29.

Nessa reunião se produziam ecos de erros e equívocos correntes, que no interesse da disciplina partidaria urge fazer. São duas, sobretudo, as proposições perigosas, que assim podemos fundir: «As eleições são um processo oportunista que nada resolve; a nossa unica aspiração deve ser a revolução». E destas duas proposições se pretende tirar a conclusão de que não vale a pena trabalhar para eleições, que não passam de uma burla com que se iludem as impaciencias revolucionarias.

Aquelle que isto escreve já na reunião do dia 29 fêz ver o erro em que caem os que entendem por em conflicto o oportunismo e o revolucionarismo. O oportunismo é uma escola que vem desde Danton, o homem que gritava á França ameaçada pela colligação europea: «Audacia é a patria será salva!» — até Gambetta, o demolidor do Imperio, o edificador da actual Republica Francêsa. A doutrina dessa escola resume-se em «ir tirando das utopias sociaes tudo quanto possa, com exito, ser realizado desde já». Assim, elle é um processo scientifico da evolução humana, que nem prega o revolucionarismo systematico, nem trepida deante da revolução sempre que a oportunidade desta se evidencie.

Quem quer que por outra forma se proclame oportunista, é um simples mystificador.

Ora as eleições não são um processo oportunista senão porque o suffragio universal, expressão pratica da soberania nacional, é uma das reivindicações practicas immediatas do Partido Republicano.

O constitucionalismo, sistema de transição entre o direito divino dinastico e o direito popular, facultanos já, embora deturpando-o por mil modos, o direito de suffragio. Nós, pois que elle está no nosso programma, acceitamo-lo e usamos delle, exactamente como usamos de todas as outras regalias outorgadas na Carta e conquistadas nas luctas civis.

Quer isso dizer que alguém creia e espere que a Republica surja, feitinha e prompta, das armas eleitoraes?

De fórma alguma. As instituições nem se convertem nem se entregam aos inimigos: resistem-lhes. E' isso o que através da História tem testemunhado em favor do lema ao qual Eugenio Sue subordinou os *Mistérios do Povo*: a necessidade da insurreição como condição do progresso social.

Mas, não podendo nem deven-

do discutir aqui os motivos porque a solução revolucionaria haja de soffrer um afastamento provisório, constatando apenas o facto, pergunto: devemos ficar inactivos?

Não só o exercicio do suffragio é uma educação politica para melhores dias, como é um facto absolutamente incontroverso que, da nossa entrada nas luctas do suffragio resulta a relativa moralisação deste. E moralizar os actos politicos do país já não é pequeno serviço.

Quando Solon foi chamado a legislar para os athenienses, punia como traidores a patria os que nas luctas civis se não manifestavam por qualquer dos partidos. E' que a indiferença politica não é apenas uma covardia de commodistas; é também uma cumplicidade com os traficantes victoriosos.

O cidadão que vota, pronuncia-se. O voto republicano é um protesto.

Resta a segunda parte: «a nossa unica aspiração deve ser a revolução».

Nada menos sensato. A nossa unica aspiração é a felicidade colectiva. E, como a Republica seja, na oportunidade historica, o mais que nesse intento possa pensar-se em realizar, a Republica é a aspiração de momento.

Para a sua realização, a revolução entra como um incidente ocasional, e não como um principio programmatico.

A Republica é a paz. Pelo reconhecimento sincero dos direitos naturaes do homem e dos direitos do cidadão, ella hade, muito ao contrario, fechar a era das revoluções, deixando campo aberto á evolução pacifica por meio de realizações successivamente ascendentes.

Abstractar da ideia no seu grandioso conjunto para se acantonar na buíca contemplação do accidental e efemero, qual seja o episódio revolucionario, eis o que não pôde ser, sem traição para a Democracia.

Eis o que é preciso que todos os nossos correligionarios comprehendam, para que não faltem ao dever cívico de se fazerem recensear nos cadastros eleitoraes, e possam amanhã intervir com o seu voto, quando o voto da nação haja de pronunciar-se — na curta medida em que lh'o permitem a lei vigente e o processo eleitoral do regimen.

Prefeririamos, em grande, gloriosamente vencedor, um 31 de janeiro. Mas havemos de quedar-nos eternamente, amuados porque a revolução se não faz, deixando correr tudo á revelia?

Serve repetir a falta cívica de Herculano, que dizendo-se enojado com as porcaria da politica portuguesa, foi desannojar o seu catonismo para ao pé dos seus lagares de azeite.

Nunca assim procederam os homens a quem veneramos como mestres: os Passos, os José Estevam, e em França os Hugo, os Gambetta, os Pelletan.

Assim, pois, amigos! vamos a recensear-nos. **M. Salgado.**

“RESISTENCIA” CHRONICA POLITICA

Com intuitos, que nos dispensamos de discutir, espalham os novelheiros que este jornal se debate nas vascas da agonia, sendo de esperar breve um desenlace fatal.

E' certo que a *Resistencia*, não tendo ao seu alcance cofres de banqueiros, nem subsídios de governos, — o que é embaraçoso para a vida limpa d'um jornal portugues, — conta apenas com a boa vontade desinteressada de republicanos leaes, e a garantir-lhe a vida só tem a sympathia do publico que no entretanto todos os dias augmenta por ella.

E embora taes rumões se filiem na saída dos nossos correligionarios srs. João Gomes Moreira e Amadeu Sanches Barreto, respectivamente da administração e redacção, — episódio commum na vida dos jornaes, — são elles meramente infundados, fiquem no todos sabendo. E isto declaramos para tranquilidade dalguns correligionarios, dedicados pela *Resistencia*, que nos ultimos dias se nos têm dirigido, interrogando nos com magua.

Aos eleitores republicanos

Os cidadãos que queiram ser incluídos no recenseamento politico por saber ler e escrever, devem apresentar os seus requerimentos na secretaria da camara municipal até ao dia 5 do corrente.

O requerimento pôde ser do theor seguinte:

Ill.º e Ex.º Sr.

F. . . idade, estado, profissão, morador na rua. . . n.º. . . freguezia de. . . sabendo ler e escrever, como prova por esta petição, escripta e assignada pelo seu proprio punho, requer a sua inscripção no recenseamento eleitoral.

Espera que V. Ex.ª lhe defira como requer.

Coimbra, . . . de . . . de 1903.

(Assignatura.)

O requerimento, escripto em papel commum, deverá ser feito na presença do notario, afim d'este reconhecer a letra e a assignatura do requerente.

Automoveis

O *Novidades em «casos do dia»*:

«Escrevem-nos de Coimbra cheios de indignação e de terror por causa dos exaggeros de velocidade dos automoveis, que ali abundam.

Ao que parece é um fuzilamento de tiro rapido, constante, e que faz andar os habitantes de Coimbra e arredores n'um continuo alarme. Acresce a esta desgraça, como lhe chama o nosso afflicto correspondente, uma impericia da parte dos *chauffeurs d'occasion*, tirando algumas excepções.

Assim, o numero de accidentes tem sido grande, e devia despertar alguma intervenção policial, pois para isso se fez um regulamento bastante nutrido, que poderia entrar em vigor na sua parte pratica, pois até agora foi prosa inutil.

Chamamos a attenção sobre este assumpto a quem competir.

A policia admira as grandes velocidades! . . .

A politica é uma palavra desacreditada neste país, por isso todos fogem de discutir politica.

Desacreditaram-na os parlamentares e jornalistas que têm feito a propaganda do horror á politica, porque — diziam elles — a nação do que principalmente carece é de administração, mas o que elles pretenderam foi desviar a consciencia publica do problema que fundamentalmente interessa um povo que quer ser livre e tem direito a ser soberano.

E alguma cousa conseguiram; não em processos regulares de administração, porque a redução dos juros da vida externa, o convenio, o contracto Williams, etc., abrem-nos de par em par os portaes das derradeiras humilhações; mas sim no amortecimento da vida politica, que deu origem a esse terrivel contagio da indiferença em todas as classes, sem exclusão das mais illustradas.

E tão fundo vae o mal, que vemos retrahidos os homens mais ousados nas luctas da liberdade, e até jornaes que pela sua feição democratica deveriam preferir a propaganda dos principios a resenhas insignificantes de casos esta-pafurdios.

Esta situação, que dura ha annos, representa uma victoria dos partidos monarchicos, ou antes da camarilha, e põe em evidencia o desastre da falta de educação politica do nosso povo, para que tanto contribuiu o partido republicano, educação que vemos completamente abandonada.

Não indicaremos, hoje, as principais causas d'essa desgraça nacional para não susceptilarmos um ou outro camarada de passadas pugnas partidarias, mas forçoso é chamar a todos á consciencia do dever.

Urge regressar á actividade politica; urge sommar todas as unidades e fracções do partido republicano; urge assentar no plano de coordenação do nosso movimento partidario.

Bem ou mal, o nosso partido tem direcção, que se centralisa no Directorio, e se expande por meio das juntas directoras, commissões municipais e commissões parochiaes.

Ha uma base legal de trabalho que representa ainda enorme força; temos uma tradição politica que nos honra; alenta-nos a superioridade dos nossos principios, e aponta nos o caminho do dever a nossa immaculada bandeira, que, no meio de todos os desastres e malquerenças, temos mantido bem alta, tremulando aos ventos da esperança em melhores dias.

Regressemos, e sem detenções, á antiga vida politica; entremos resolutamente em todos os campos onde tenhamos adversarios a combater.

O Directorio que normalise a attitudem da nossa imprensa, factor indispensavel no nosso problema partidario, e que aconselhe e dirija superiormente. As Juntas Directoras que acordem as Commissões municipais dormentes, se concertem com as que dão signaes de vida, e estabeleçam commissões ou correspondentes em todos os municipios onde possam levar a sua influencia. Por sua vez as Commissões Municipaes que organisem a politica local por meio das Commissões de freguezias.

Por esta forma saberemos, dentro em pouco, com quem contamos; poderemos pesar a nossa força; saberemos avaliar as perdas soffridas; registaremos as adhesões novas, e levaremos á conta de *ganhos e perdas* os que dominados pela indiferença ou retrahimento queiram inutilizar-se para a causa da republica.

Feito esse balanço, o resto depende do numero, que iremos conquistando por meio de prudente e methodica propaganda, e de direcção que elegermos segundo os meritos e competencia dos correligionarios que melhor

se recommendem ao suffragio do nosso partido.

Entremos nesse novo periodo de reconstituição partidaria, e façamolo corajosamente, convictos do nosso direito de cidadãos, sem desprezo pelas leis, mas altivamente ante os abusos e as violencias.

Já devem estar cansados do arbitrio que dura ha dez annos nos varios corregedores, que principalmente têm contribuido para o descredito da nossa terra, e das proprias instituições que se regem por um pacto liberal.

Devem já estar fatigados do emprego de todos os meios legaes e illegaes para que nenhuma nuvem encubra o ceu azulado dessa politica dos amigos, que regaladamente vão vivendo dando de comer e comendo o que ha de melhor nesta patria de gente soffredora.

Os periodos do despotismo nunca foram eternos, e a debilidade dos povos, por vezes, ante a violencia se tornou em medonho furacão.

Confieemos nestas leis comprovadas atravez os seculos e pelo testemunho da historia.

Temos aturado uma corregedoria que se colloca superior a todas as leis, que prende quem quer, que esconde os presos, que dilata as incomunicabilidades pelo tempo que lhe apraz, que é, não um tribunal de justas e de razoaveis investigações, mas um poder arbitrario sobreposto a todos os poderes, um elemento de violencias politicas nas mãos dos chefes monarchicos, um centro, enfim, de acção reaccionaria, que irradia por todo o país levando a bandeira negra da perseguição contra tudo e todos que possam representar um principio de progresso, uma ideia de liberdade.

A corregedoria portugueza dentro da carta é a nossa Bastilha, mas a Bastilha caiu em França e a nossa corregedoria também ha-de cair, embora não tenha ainda os dias contados.

Representa o despotismo, e isso basta para inspirar odios e maldições.

Governa pela força, e isso basta para ser abominada.

Quando alguns lampejos de dignidade illuminarem os cerebros de novos ou velhos politicos e as intelligencias populares, a corregedoria não viverá mais um hora.

E para que serve ella, o que é que ganha a sociedade portugueza com essa abstrusa instituição?

Diminuiram os crimes? diminuíram os roubos? baixou em geral a estatistica da criminalidade?

Não!

Para que serve pois?

Para alguma coisa serve!

Cuida de um cadastro onde se registam os resumos da espionagem. Não é o cadastro dos criminosos, é o das convicções politicas dos cidadãos.

Os governos, quando querem inutilisar ou perseguir um adversario temivel, vão a esse cadastro saber da sua vida privada e publica e com essas informações organisam o plano de extermínio.

Se é pobre, tentam-no com riquezas, e tudo lhe offerecem e tudo lhe dão para o inutilizarem. Se é rico e vaidoso, tentam-no com honras até o matarem pelo ridiculo. Se é rico e ambicioso, tentam-no com commissões largamente remuneradas ou com concessões em Africa. Se é intelligente, de caracter alto, de animo independente, para elle todas as inemencias das perseguições directas e indirectas, a propaganda do descredito, a violencia dos processos.

E tudo se faz com a corregedoria por espiao, e por meio.

Ha um jornal que incommoda o governo? Primeiramente a corregedoria procura, por bons modos, submetel-o. Não se submete? Apprehende-se um dia, outro e outro, dificultando-lhe a vida material.

O *Mundo* serve de exemplo.

Apesar d'isso, o jornal continua em attitudem que não agrada á corregedo-

ria? Suprime-se sem mais forma de processo. Veja-se o *Imparcial*.
E quem manda?
A politica, o governo!
E quem obedece?
A corregedoria!
Que lei se cumpre?
Nenhuma!
Quem vence?

... E a corregedoria tem sido e continua a ser o *papão* para os tibios; é a nossa Bastilha; representa o velho regimen!

Por isso Portugal é o paiz mais atrazado da Europa, mais cheio de dividas, mais decadente, mais desacreditado.

Se El-Rei, que acabou de visitar dois povos eminentemente liberacs, teve olhos para observar a grande vida d'esses paizes nas suas relações com a sciencia, com o trabalho e com as doutrinas democraticas; se El Rei é liberal, como affirmou, por educação e por sentimento, deve ser elle o primeiro a reconhecer que não se cazam bem com o pacto fundamental as praticas que por cá vamos seguindo.

Sem politica séria, com partidos que se alternam no poder sempre de accordo, vivemos n'uma comedia eterna, que, se não acaba, nos matará pelo ridículo.

Não queira o povo assim morrer e organisc-se para a politica.

Levante-se a Democracia para a conquista dos seus grandes ideaes, e entremos todos em franca propaganda de educação civica.

Informa o *Tribuno*:

«O nosso collega local *A Resistencia* está novamente querellado em virtude da publicação duma carta de Espozende que foi publicada em o numero 753 de 27 de novembro ultimo.»

Cá em casa não consta nada.

Acaba no dia 15 do corrente mês o prazo em que devem entrar na câmara municipal os requerimentos das pessoas que queiram continuar o seu contracto de fornecimento de agua.

O requerimento deve ser apresentado até este dia na secretaria da câmara municipal e ser feito em papel sellado.

Theatro

Vamos ter em breve mais duas noites de espectáculo com a companhia de Georgina Pinto, sendo a primeira no dia 10.

Georgina Pinto, que pertenceu á companhia do theatro de D. Amélia, e estava ultimamente no theatro D. Maria, saiu d'este para formar companhia própria, com que irá fazer uma digressão artistica pelo Brazil.

Incidente diplomatico

Mirem-se no espelho destas palavras do *Illustrado* os estrenuos defensores do convenio:

«A fama das virtudes dos governos portuguezes, a consideração pela sua seriedade administrativa, a admiração pelos processos inalteráveis que teem levado o nosso paiz a esta invejável situação financeira e politica, galgára por cima das fronteiras e levou, em primeiro lugar, o governo alemão a exigir que esse brilhante convenio fosse garantido de governo a governo, de estado a estado, por um compromisso positivo de caracter diplomatico. E esse compromisso tomou-se e nas mãos do governo alemão, abdicando da completa independência dum povo livre, o governo portuguez entregou uma arma que transforma todas as reclamações e todos os conflitos possíveis com os credores germanicos em conflitos e em reclamações de caracter politico internacional.

«A Alemanha convenceu-se de que tudo em Portugal corria ás mil maravilhas, mas que um paiz que, sobre um velho deficit orçamental de milhares de contos, a adicional de coração leve mais um encargo annual superior a mil contos em ouro, sem a criação de novas receitas e sem que a consciencia das suas dificuldades tenha derido, nem antes, nem depois, por um momento sequer, o *elan* indomável da sua orgia administrativa, um paiz tão legre e despreocupado, caminhava fa-

talmente para uma nova derrocada que era necessario prever e prevenir.

«E como Portugal se acha ligado por uma aliança a Inglaterra, tornava-se oportuno para cortar a qualquer dificuldade que d'ahi pudesse sobrevir, que no momento previsto pela *evolução natural e pacifica dos acontecimentos*—segundo a expressão ironica do *Berliner Tageblatt*— a Alemanha tivesse uma pase para uma legitima e indiscutível intervenção official.

«Satisfeita essa exigencia internacional, o governo viu surgir uma reclamação egual do governo francès, em cujo paiz se acha colocada uma grande parte da nossa divida externa. Essa exigencia constitue o incidente diplomatico do momento, que nos não cumpre apreciar enquanto se acha pendente, e que determinou a permanencia em Paris do ministro portuguez sr. Thomaz Rosa, cuja vinda ao reino no sequito de El Rei tinha sido annunciada.»

Aperta a barriga credor interno que has de pagar caro esta tremenda trantada.

Aperta a barriga...

E' no dia 11 do corrente que serão vendidas todas as dividas activas da massa fallida do ex-commerciante desta cidade, sr. Patricio da Silva Costa.

Conta o *Tribuno*:

«Uma infeliz senhora, residente em Mont'arroyo e que soffre de alienação mental, está sendo victima da ignorancia e estupidéz dalguns moradores dali que a acompanham á taberna e lhe fornecem vinho para a embriagar. Em seguida a pobre senhora vem para a rua e ali é escarnecida por alguma da estúpida gente que a rodeia, apesar dos protestos de muitas pessoas a quem o caso repugna com justissima razão.»

Acompanhamos o nosso collega no seu justo pedido á policia, afim de que termine a selvageria dos taes habitantes de Mont'arroyo.

Apezar de que em pedidos á policia julgamos ser tempo perdido.

No sorteio dos jurados criminaes que não de servir no 1.º semestre do corrente anno, nesta comarca, saíram os seguintes cidadãos:

Joaquim Gaspar de Mattos
Diogo Nunes da Silva
Eduardo da Silva Vieira
Azelino Paes da Silva
Arthur Ubaldino Correia Leitão
Manuel Cabral de Moura Coutinho Vlhena
Antonio Julio do Valle e Sousa
Clemente Annibal de Mendonça
José Barros Nunes de Lima Nobre
Frederico Guilherme Nunes de Carvalho
Danton de Carvalho
José Rodrigues de Oliveira
Eduardo Tavares de Mello
Manuel da Silva Gayo
Joaquim de Mariz Junior
Bento Augusto Pereira de Carvalho
Joaquim Ignacio Roxanes
Bernardo Augusto do Amaral Polonio
José Alves Vieira da Costa
Julio da Cunha Pinto
José Antonio Lucas
José Gomes da Cunha
Napoleão Augusto das Neves Elyseu
Luiz d'Almeida Junior
Francisco d'Almeida e Silva
José Raymundo Alves Sobral
Albino Godinho de Mattos
Adrião dos Santos Morgueira
Adriano Luiz Ligeiro
Adriano Francisco Dias
Francisco Pinheiro
José Salgado Moreira
Ricardo Pereira da Silva
Manuel Contente Pinto
Jose Antonio d'Almeida
Felisberto José Lopes

Os impostos municipais indirectos do concelho de Coimbra renderam durante o anno de 1902, a quantia de 33.033.868 réis, mais 2.829.836 réis, do que renderam em 1901.

No dia 6 do corrente, é inaugurado na sala dos ensaios da philarmonica *Boa-União* o retrato do sr. Augusto Paes, antigo regente da mesma philarmonica.

E' uma justa homenagem prestada pelos socios ao seu mestre.

Associação dos Artistas

Tomaram posse os novos corpos gerentes da Associação dos Artistas de Coimbra eleitos para este anno.

Immediatamente á posse enviaram um officio ao sr. conde de Valençães, presidente honorário da Associação dos Artistas, comunicando-lhe o facto.

Bom é que o novo corpo administrativo da Associação se interesse pela prosperidade desta agremiação que está morrendo ávida pela politica mesquinha.

Para salvar a Associação dos Artistas duma ruína proxima e que se affigura inevitavel pelo estado de desagregação e falta de amor de classe, que parece haver em Coimbra, seria necessario uma vontade energetica, trabalhando por paixão, com o amor da sua classe e com a auctoridade sufficiente para fazer respeitar os actos da sua administração.

Homens assim são raros, e nem sempre comprehendidos por aquellos por quem trabalham, e a quem defendem.

A Associação dos Artistas teve como presidente, um homem desses, Olimpio Nicolau Rui Fernandes, caracter de eleição, trabalhador infatigavel, que não desanimava deante das tibezas dos outros, nem se acobardava com o insulto e a calumnia, que tantas véses teve como paga.

Só um grande amor pela classe pôde salvar a associação, que se deixou perder na luta esteril dos socios para satisfazerem as veleidades, os caprichos partidários dos politicos coimbrões, esforços inuteis em que se perderam vontades, que bem dirigidas, podiam ter mais nobre applicação.

E' tempo ainda porém de valer á associação, se todos os artistas se comprometterem do seu dever de trabalhar pela honra da classe, e de não deixarem desaparecer miseravelmente uma Associação, que tem uma história e tradições tão nobres.

Diz-se que o nosso amigo e correligionario sr. dr. Guilherme Moreira, impressionado com a possibilidade do desaparecimento desta associação que socorre a tantos artistas de Coimbra, tenta dar da Santa Casa da Misericórdia de que é provedor nunca assaz louvado, um subsidio até se organisarem favoravelmente as suas finanças.

Com isto attendia tambem o sr. dr. Guilherme Moreira aos interesses da Misericórdia, que ficaria muito sobrecarregada com socorros a dar a artistas doentes, no caso de acabar a Associação dos Artistas.

Bem nobre seria que todos os artistas tornassem dispensavel o subsidio da Santa Casa, olhando, como é seu dever e interesse, pela sua associação de classe.

Nem ha hoje em Coimbra menos artistas do que havia nos tempos em que a Associação era florescente, nem as condições do operariado de Coimbra são hoje mais precárias.

O operariado de Coimbra é hoje ate mais illustrado do que era entám, tem dado por mais duma vés provas de civismo, de amor á sua classe e ao seu paiz.

O remedio da Associação affigura-se nos facil:— pôr de lado intrigas da politica mesquinha;— attender apenas á dignidade e ao interesse da classe.

E' bem pouco.

Os artistas de Coimbra tem o feito mais de uma vés.

As deliberações tomadas pelos novos corpos gerentes, são:

- 1.º Reduzir provisoriamente os socorros pecuniaros aos socios, quando doentes, de 240 para 160 réis, no 1.º periodo da doença; de 200 para 140 réis, no 2.º periodo; de 160 para 120 réis, no 3.º; e d'esta quantia para 100 réis, no 4.º periodo.
 - 2.º Reduzir os subsidios ás viúvas dos associados, que era de 800 réis mensaes, para 400.
 - 3.º Reduzir o subsidio dos socios invalidos, que era de 120 réis diarios, para 100.
 - 4.º Reduzir o ordenado ao professor da escola da associação, que era de 99.000 réis annuaes, para 64.500; e o ordenado do continuo que era de 84.000 réis por anno, para 72.000 réis.
 - 5.º Limpeza da casa e expediente: a 1.º destas verbas, sendo de 5.540, fica reduzida a 2.500 réis annuaes, e a 2.º que era de 2.480, fica limitada a 1.200 réis.
- Resolveu dispensar os serviços do escriptuario, encarregando-se o presidente de fazer gratuitamente toda a escripturação.

Tambem foi declarado naquella acto estar a direcção confiada em obter um donativo de socorros pharmaceuticos, que muito contribuirá para saldar a divida da associação.

Os haveres existentes actualmentemente da collectividade, são 3.003.007 réis. Seus debitos até 30 de Novembro proximo findo, 1.902.692 réis.

Regressou a esta cidade depois de alguns meses de ausencia para tratamento, o nosso amigo e digno 3.º official da repartição de fazenda deste districto, sr. Jose Augusto Correia de Brito, que vem quasi completamente restabelecido, o que deveras estimamos.

Pour l'abattoir...

Não foi d'esquecer a doida alegria de certa imprensa pela entusiastica e captivante recepção que ao sr. D. Carlos de Bragança se fez na Hespanha, França e Inglaterra. Contava-se até que subissem os fundos, que se levantasse o nosso credito, e... a Patria fosse salva.

A viagem do conde de Barcellos fóra uma bella ideia, um genial expediente para socegar os credores de fóra— pensou-se. E nas folhas narravam-se ditos populares muito amaveis, muito espontaneos, muito a serio (*sic!*); contavam-se os apertos de mão, os *shakans* ruidosos dos principes amigos; os *bigodes* pregados por el-rei a certos atradores *pichotes* em brilhantes batidas á lebre e ao porco; descreviam se jantares, bailes, recepções etc., etc., uma nunca acabar de amabilidades, de distincções, de surpresas agradaveis e penhorantes para elle e para o paiz que tinha a feliz dita de o aturar no throno e de o sustentar no pagode...

Mas toda a medalha tem o seu reverso.

E assim é que acaba de nos chegar ás mãos um documento bastante significativo do alto conceito e da grande estima em que é havido o conde de Barcellos pelo publico dos tres paizes. Nem mais nem menos que um bilhete postal com a vera effigie de El Rei, illustrado por um lapis satânico, talvez por um certo caricaturista, que o conspicio correspondente do *Seculo* em Paris affirma entreter se em colleccionar, na *Assiette au Beurre* e em outras revistas de troca, *lypos grotescos de monarchas*, que depois são reproduzidos em bilhetes postaes de muita procura.

E', na verdade, grotesca, obscena mesmo, a figura do conde de Barcellos, tal como ella corre por esse mundo em bilhetes postaes que vãm a toda a parte e que entram até em Portugal.

El Rei, em toda a sua obesidade tipica de bragança, fumando um grosso havano, repimpa-se numa poltrona, de perna traçada, com o ar bonacheirão e lubrico que os parisienes maliciosos lhe descobriam em certo dia. El-Rei sente-se feliz e ri, com um ar de quem escuta. O lapis perverso e compromettedor do caricaturista foi certamente surprehendido o em posição pouco decente, naquella posição que, em tempos, um vermelho redactor do *Dia* nos veio denunciar, quando El Rei ia, depois do jantar, ouvir as canções canalhadas da endiabrada Yvette.

Por baixo do desenho esta graça: *A' bon point pour l'abattoir...*

E' esta, pois, a boa impressão que da sua pessoa deixou o sr. conde de Barcellos no *boulevard*; e o *boulevard*, lógico, coherente, ao desembarcar em Paris o monarcha portuguez, na sua última visita, sorriu, com o sorriso irónico e maldoso que a papalvice das nossas gazetas traduziu por uma sin cera e franca manifestação de affectuosa acolhida.

Portugal foi honrado, não ha duvida, na pessoa do seu monarcha. Este e o paiz que agradeçam e respondam á gentilissima saudação que o estrangeiro envia ao sr. D. Carlos:

— *Pour l'abattoir, sire!*

Um bello exemplo

Transcrevemos hoje a sentença que o sr. dr. Pina Callado, juiz dum dos districtos criminaes de Lisboa, acaba de proferir no processo de apprehensão do nosso collega a *Parodia*.

E' um bello e consolador documento. Affeitos como estamos ás maiores subserviências da magistratura judicial perante as imposições dos governos, não deixaremos de paudar o nobre e

integro magistrado, que tem brilhantemente soube pôr acima das villezas da politica a dignidade da sua função de julgador.

Honrou-se a si e honrou a magistratura portugueza. Que o seu exemplo fructifique e que nos habituemos a ver nos juizes não uns servís executores da lei, mas os seus salvaguardas e defensores contra as investidas da trampolinagem politica.

Eis a sentença do illustre magistrado

«Não vejo na caricatura da ultima pagina do n.º 152, apprehendido do jornal *A Parodia*, allusão que possa considerar-se menos respeitosa e offensiva a Sua Magestade El Rei de Portugal.

Ainda que o quadro se possa referir ao conde de Barcellos, titulo com que El Rei viajou incognito por diversos paizes da Europa, a sua significação traduz apenas, a meu ver, o apreço do homem por dois dos mais distinctos generos de *sport*— a caça e a taumachia— e ainda dizer por uma fóra inoffensiva que o conde de B., deixando a Inglaterra e a França, se dirigia para Hespanha, paiz onde o gosto pela taumachia está radicado em todas as classes sociais, desde a alta nobreza ate ao povo.

Nestas circunstancias não confirmo a prohibição ordenada e effectuada pela auctoridade competente e mando que do fundo especial das multas, seja indemnizada a administração da *Parodia* com a quantia de 8.000 réis. Intime e communique-se.»

FILHIO D'ALMEIDA

A' ESQUINA

(Jornal dum vagabundo)

Eu (autobiografia).— Em Coimbra. Recitas d'estudantes.— A volta dos roupêtas.— O problema taurino.— Ceifeiros.— Los Manganeses.— O monumento a Souza Martins.— Escriptores dramaticos e seu publico.— A Exposição do Gremio Artístico.— Na Atalaia.— Raphael Bordallo Pinheiro.

1 volume 500 réis

Na casa editora França Amado, Coimbra, e em todas as livrarias.

População

A população do concelho de Cantanhede era em 31 de dezembro de 1900 a seguinte:

Ançã, (Nossa Senhora do Ó), 820 homens e 983 mulheres.— Bôlho, (S. Mamede), 340 homens e 549 mulheres.— Cadima, (Nossa Senhora do Ó), 1.918 homens e 2.265 mulheres.— Cantanhede, (S. Pedro), 1.880 homens e 2.448 mulheres.— Cardinhã, (Santo André), 341 homens e 472 mulheres.— Covões, (Santo Antonio), 1.382 homens e 1.732 mulheres.— Febres, (Nossa Senhora da Conceição), 1.882 homens e 2.112 mulheres.— Murtede, (S. Martinho), 478 homens e 625 mulheres.— Ourém, (Nossa Senhora da Conceição), 356 homens e 496 mulheres.— Outil, (Santa Maria Magdalena), 415 homens e 432 mulheres.— Poca-riça, (Nossa Senhora da Conceição), 331 homens e 498 mulheres.— Portunhos, (S. Julião), 360 homens e 507 mulheres.— Sepins, (S. João Baptista), 419 homens e 516 mulheres.— Tocha, (S. João Baptista), 1.119 homens e 1.530 mulheres.

Total dos homens em todo o concelho de Cantanhede: 12.041.— Total de mulheres: 15.174.

FERROS CURTOS

III

Julgões talvez, leitor, que eu cortára a colleta E não viria mais á arena illuminada Marcar um cambio bom, um passe de muleta Com a serena graça dum heroico espada.

Que eu era homem morto, ahí já se dizia, Enquanto descansava num feliz ripanso; Já nas lezírias vastas d'esta monarchia Politicos malessos pastam em descanso.

A Baixa era serena; o Pó-Pó engordava; Uma infinita paz na terra se espalhava, Sem que a turve sequer a mais pequena bulha;

Mas vae brilhar de novo a minha intensa graça: Señor Arthur Leitão, Alcaide d'esta praça, Manda o clarim tocar: Saia o primeiro pulha.

D. Pinto.

Discurso da Corôa ou o rebuçado do natal, offerecido ao contribuinte

Abriam as côrtes com as pompas costumadas e sem incidentes de occasião. O desgraçado governo, a quem estão confiados os destinos deste país, pôs nas mãos do monarcha a mentira constitucional em toda a nudez desprezível da sua corrupção. Não faltam, no entanto, ameaças ao contribuinte; assim vejam os senhores o que o *Noridades* escreve:

«O discurso da corôa que em outro lugar publicamos, é bastante extenso, e não se pôde dizer que não seja substancioso. Tem assumptos á farta para largas discussões politicas.

Na parte, que mais directamente interessa ao país, quer dizer, á massa geral dos contribuintes, traz um rebuçado, que não é positivamente de ovos. Assim como se malogrou aquella annunciada e saborosa borda do Natal, que concedia um addimento de seis mezes para o pagamento das contribuições de renda de casas e predial, parece que teráo mesmo destino a promessa fagueira, que ha poucos dias correu na imprensa, de que não seriam augmentadas as imposições tributarias. O discurso da corôa diz a esse respeito o seguinte:

Com o orçamento, em que se acham compendiados os rendimentos e encargos do estado vos serão apresentadas propostas tendentes a occorrer ás despesas impreteriveis, com os recursos de que a nação dispõe, sem injusto gravame para os contribuintes.

Aquelle injusto é que faz calafrios. Quando o fisco dá mais uns lanhos na pelle do misero contribuinte, é sempre por justiça e equidade, segundo elle affirma. Aggravamento tributario injusto, isso nunca, jamais, em tempo algum.

Portanto, a respeito de esperanças fagueiras é como a respeito da saborosa borda do Natal, que chegou a ser officialmente annunciada. Já não ha verdade em editaes e em informações officiaes.

Afora isto, que é primacial, annuncia-se pelo ministério da fazenda a reforma das pautas—que realmente é indispensavel e não pode ser protrahida por mais tempo—e a conversão da divida interna—que é o complemento logico e necessario da conversão da divida externa.

A operação projectada será feita «sem prejuizo, antes com vantagem para os respectivos portadores» conver tendo-se o consolidado em divida amortizavel, com a correspondente diminuição do capital nominal, á semelhança do que se fez para com a divida externa. Mas a operação parece que será alargada de modo a permitir a consolidação duma parte da divida fluctuante «com garantias para a circulação fiduciaria». Este modo de dizer deixa

anterior uma nova combinação com o Banco de Portugal, o que presuppõe o abandono do projectado contracto, que tem sido objecto de tantas discussões em numerosas sessões da assembleia geral.

Como se vê, só a parte relativa ao ministerio da fazenda justifica de sobejo o nosso acerto de que o discurso da corôa, sendo extenso, tambem não deixa de ser substancioso».

O discurso da corôa não é um rebuçado de ovos, mas ao contrario um rebuçado milagroso que ha de engasgar o pobre credor interno.

Olhem que é o Navarro quem vo-lo garante...

E o Navarro que o diz—lá tem as suas razões.

Informa o *Jornal*:

Sua Magestade a Rainha seguia ante-ontem com a dama de serviço, a pé, Avenida acima, quando um cauteleiro muito velho e muito roto lhe embargou os passos. Sua Magestade com o sorriso, que o seu diamantino character sempre lhe afflora aos labios, ouviu a longa eantilena do homem, ignorante da pessoa com quem tratava.

E o que elle insistia! E o enthusiasmo com que recommendava as cautellas! O chapeu esburacado cobrindo os poucos cabellos brancos, os pés mal calçados, os braços tiritando de frio, mas a lingua em liberdade para a historia das ultimas sortes grandes, que a todos tenta. A bondosa Rainha ouviu-o e escolheu do monte algumas cautellas. Mas quando, passos mais abaixo, o cauteleiro foi informado da illustre personagem que interrompera no passeio, abriu desmesuradamente a bocca, tirou o chapeu e fucuse para ali como que assombrado».

Esta história commovente de uma rainha a pé e dum pobre cauteleiro com o chapeu esburacado cobrindo os poucos cabellos brancos—fuz chorar as pedras e... é d'arrepriar os cabellos!

Furtos

Num dos últimos dias nada menos de dois furtos foram participados á policia.

A sr.^a Gumercinda Garcia, estabelecida na rua do Corvo, furtaram uma peça de cachemira e um lenço de seda. Deu parte á policia, mas não foi encontrada a pessoa que commetteu o delicto.

A sr.^a Maria Josepha, viuva, moradora no largo da Fornalhinha, tiraram-lhe, de dentro d'uma bolsa que estava numa caixa de papelão, 3 notas de 50000 réis, 10000 réis em prata e 3 notas de 500 réis.

Dada parte á policia, esta poz se em campo e pôde descobrir o auctor da proesa, um filho de Candida Veiga, de Fóra de Portas, que, conjunctamente com outros rapazes, andavam pandegando á custa das massas da Josepha.

Os paes dos rapazes pandiguistas cotisaram-se e repozeram o dinheiro gasto, recebendo a roubada toda a quantia que lhe havia sido subtrahida.

Que monumental tareia não apañariam os jovens bourguistas! E bem empregada.

O patamar do andar, que era unico, estava forrado de mosaicos dum trabalho precioso, e nas paredes, cordas de seda suspendiam quatro quadros de Paris Bordone, de Bonifazio, de Palma o velho e de Paulo Veroneso, cujo estilo architectural e pomposo se harmonisava com a magnificência da escada.

Para esta escada abria uma larga porta ornamentada de pregos dourados; Octavio-Labriniski empurrou a e encontrou-se numa vasta ante-câmara, em que dormitavam alguns creados de farda de gala, que, ao elle chegar, se levantaram como movidos por molas e se enfileiraram ao longo das paredes com a impassibilidade de escravos orientaes.

Continuou a andar. Seguiu se á ante-câmara um salão branco e dourado, onde não havia ninguém. Octavio puxou uma campainha. Apareceu uma creada de quarto.

—A senhora pôde receber-me?

—A sr.^a condessa está a despir-se; mas dequi a pouco será visível.

VII

Apenas ficou só com o corpo de Octavio de Saville, habitado pela alma do conde Olaf Labinskis, o doutor Balthazar Cherbouneau tratou de entregar á vida ordinaria aquella forma

Dr. Firmino da Costa

Partiu para Odemira, onde vai exercer clinica, o nosso illustre correlligionario e distincto medico, dr. Manuel Firmino Costa, que no anno passado concluiu com muito brilho a sua formatura em medicina.

Em virtude da sua partida rápida e inesperada, aquelle nosso amigo, a quem appetecemos as maiores felicidades, pede-dos a publicação do seguinte:

Tendo de sair precipitadamente desta cidade e sendo-me impossivel despedir-me de todos os amigos que nella deixo, a quem sempre serei grato, venho fazelo por este meio, offerecendo a todos o meu insignificante préstimo e a minha casa em Odemira—S. Theotônio.

Coimbra, 26 de dezembro de 1902.

Manuel Firmino da Costa.

Pelo fallecimento de seu extremoso pae, está de lucto o sr. Jannuario Damasceno Ratto, muito acreditado negociante desta praça.

O nosso cartão de pezame.

PUBLICAÇÕES

Tiro Nacional e Educação Civica. —O conselho gerente da União dos Atiradores Civis Portuguezes, empenhado no cumprimento da patriótica tarefa que se impôs—a implementação do Tiro Nacional e o desenvolvimento da Educação Civica por toda a patria portugueza—resolveu, em sua sessão de 15 de outubro ultimo, reimprimir e fazer a distribuição de 50.000 exemplares, de duas cartez escriptas por um portuguez de lei e verdadeiro patriota, cartas publicadas no nosso excellent collega de Lisboa *O Diario de Noticias*, dos dias 15 de setembro e 8 de outubro findos.

Moda Universal.—Numero do Natal.—Já anda em distribuição o número da *Moda*, referido ao corrente mês. A pagina da frente traz uma esplendida toilette de noiva, coisa chic a valer e reproduz ainda três figurinos de saias, corpos, blouses, casacos, lindos como os amores.

Na pagina 2 vem uma avalanche de desenhos, destacando se os seguintes modelos: corpo bebé, meio decotado; mangas de diversos gostos; saias de baixo com grande ou pequena cauda; casacos de inverno acertoados; mantos acertoados para creanças; vestidos para senhoras; vestidos para meninas até 9 annos, feitiço russo, blouses para senhoras; vestidinhos bebês; mantos para damas *Sartie de bal*.

As paginas 3, 4, 5, 6, 7 e 8 são, por igual, abundantissimas de figurinos de gosto, vendo-se nellas tudo quanto é preciso para a estação invernos, desde a roupa branca á toilette de passeio; desde os vestidinhos de bebês ao chapeu de tom para as mamãs.

Renunciámos a fazer a contagem de todas as gravuras, porque as leitoras do nosso jornal, que assignam a *Moda*, hão-de ter esse cuidado.

inerte. No fim de alguns passos Olaf de Serville (consintam que liguemos os dois nomes para designar uma personagem dupla) ssa como um fantasma dos limbos do profundo somno, ou antes da catalepsia, que o prendia immovel e rigido, no angulo do divan; levantou-se com um movimento automatico que a vontade não dirigia ainda, e cambaleando sob uma vertigem mal dissipada. Os objectos vacilavam em volta delle, as encamações de Wichne dansavam uma sarabanda ao longo das paredes, o doutor Cherbouneau apparecia lhe sob a figura do samyassi de Elephanta, agitando os braços como azas de ave e rolando as pupilas azues em órbitas de rugas escuras semelhantes a aros de oculos; os espectaculos extranhos, a que tinha assistido antes de cair no aniquillamento magnético reagiam sobre a sua razão e só lentamente voltava á realidade: era como um dormente despertado de repente dum pesadello, que toma ainda por espectros os vestidos espalhados sobre os moveis, com vagas formas humanas, e por olhos flamejantes de cyclope as patêres de cobre dos cortinados, simplesmente illuminados pelo reflexo da lamparina.

Pouco a pouco, evaporou-se aquella fantasmagoria; tudo voltou ao seu aspecto natural; Balthazar Cherbouneau já não era um penitente da India; mas um simples doutor em medicina, que

E são ellas que têm tomado parte activa na campanha a favor do esplendido jornal que tanto se está vulgarizando em todo o país.

A *Moda Universal* ainda não augmentou de preço. Costa os mesmos 480 réis por anno, devendo ser remetida esta quantia em valle ou estampilhas, dentro de carta registada, para a *Agencia Nacional*, rua Aurea, 178—Lisboa.

Aquellas das nossas gentis leitoras que não assignam ainda a *Moda* comecem já pelo numero do Natal, porque andaráo bem avisadas.

ANNUNCIOS

EDITAL DE CITAÇÃO

O Doutor Luis Porto Moretz Sohn de Castro, Juiz de Direito da Segunda Vara da Comarca de São Paulo, Republica dos Estados Unidos do Brazil, etc.

Faz saber a todos quantos o presente edital com praso de noventa dias virem, que tendo fallecido no Reino de Portugal o subdito portuguez Manoel dos Reis, procedeu este juizo á arrecadação de seus bens situados nesta cidade, a requerimento do vice-consulado de Portugal, na forma da Lei. Posteriormente compareceram perante este juizo, representados por procuradores, e afim de habilitarem-se como unicos herdeiros (irmãos): António dos Reis, Piedade dos Reis de Carvalho, casada com Manoel António e D. Helena dos Reis; (sobrinhos): Sarah, filha da finada D. Maria Joaquina; D. Maria da Piedade Fernandes dos Reis, D. Maria do Carmo e Manoel Fernandes dos Reis, filhos da finada D. Claudina dos Reis, irmã do finado Manoel dos Reis. Tendo-se procedido á justificação requerida pelos herdeiros acima, afim de provar serem os unicos do finado, depois de terminada, e antes de julgada a justificação, foi pelo sr. vice-consul de Portugal feito a este juizo o requerimento com este theor. Requerimento: Neste acto pelo vice-consul de Portugal foi requerido o seguinte: que sendo o finado Manoel dos Reis, portuguez, e seu passamento ter-se verificado em Portugal, e seus herdeiros serem do mesmo Reino, a successão será regulada pelas Leis portuguezas, vigorando as brazileiras somente quanto á forma do processo; assim sendo, antes de se deferir a successão aos justificantes, que se verifique de modo inconcusso o seguinte: 1.º Que Manoel dos Reis se finou sem testamento; 2.º Que não deixou filho algum reconhecido, legitimado ou adoptado, que como tal possa ser havido pelas Leis portuguezas, porque sobre o assumpto vigora o estatuto pessoal; 3.º Que os justificantes, no caso de não haver testamento nem ascendentes nem fillos reconhecidos ou adotados, são os unicos collecteraes existentes. E para verificação desses requisitos necessários á abertura da successão, se faz mister que corram editaes no Reino pelo praso de noventa dias e tambem em Santos, de cujos editaes constará que os justificantes estão-se habilitando

fazia ao cliente um sorriso duma bonhomia banal. —O sr. conde ficou satisfeito com as experiencias, que tive a honra de fazer em sua presença?—dizia com um tom de obsequiosa humildade onde se poderia encontrar uma leve côr de ironia; atrevo me a esperar que não terá penna da sua noite perdida, e que partirá convencido de que tudo o que se consta sobre o magnetismo não é fabula e jogos de destreza, como pretende a sciencia official. Olaf de Sevilha respondeu com um signal de cabeça, em forma de assentimento, e saiu do quarto acompanhado pelo dr. Cherbouneau, que lhe fazia cumprimentos profundos em cada porta. O brougham adeantou-se roçando pelos degraus, e a alma do marido da condessa Labinska subiu para elle com o corpo de Octavio de Saville sem tomar muita conta em que nem era a sua livré, nem a sua carruagem. O cocheiro perguntou para onde ia. «Para casa», respondeu Olaf de Sevilha, confusamente admirado de não reconhecer a voz do trintario verde, que ordinariamente lhe fazia aquella pergunta com um accento hungaro dos mais pronunciados. O brougham, em que estava, era forrado de damasco azul escuro; o coupé delle era forrado por setim côr de botão dourado, e o conde admirava se

como unicos herdeiros do finado Manoel dos Reis e que esta justificação será julgada pelo juiz territorial, se outros não se apresentarem com melhor direito, salvo em todo caso os prejuizos de terceiros. Pelos motivos expostos o vice-consulado em Santos, como tutor nato dos herdeiros ausentes incertos e possiveis requer para resalva de seus actos e garantia do juizo que se lhe defira o requerido, promptificando-se por conta do espolio a mandar fazer a publicação dos editaes no jornal official do Reino e em outro órgão de grande circulação em Lisboa, offerecendo opportunamente exemplares dos periódicos para serem juntos aos autos. Deferendo o requerimento supra mandei expedir o presente e outros de igual theor para serem publicados pela imprensa e affixados nos logares publicos e do costume afim de que chegue ao conhecimento de todos os interessados na forma da Lei. Dado e passado nesta cidade de Santos, Estado de S. Paulo, aos 1 de dezembro de 1902.

Eu Atto Macuco Borges, escrivão o subscvi.

Luis Porto Moretz Sohn de Castro.

Santos, 1 de dezembro de 1902.

Atto Macuco Borges.

Pagou emolumento do juizo art. 6.º n.º 2.º. Réis 10000. Guia 127. Macuco.

Vice-consulado de Portugal em Santos

Zeferino Lourenço Martins, vice-consul de Portugal em Santos.

Certifico que a assignatura retró é a própria e verdadeira de Atto Macuco Borges, terceiro Tabellião Publico nesta cidade.

Vice-consulado de Portugal em Santos, 2 de dezembro de 1902.

Zeferino Lourenço Martins,

Vice-consul.

Pagou um mil e quinhentos réis fortes, conforme o n.º 42 da tabella de emolumentos, esta quantia fica lançada no livro de receita sob n.º 1919.

Vice-consulado de Portugal em Santos, 2 de dezembro de 1902.

Z. Martins, vice-consul.

Reconheço a assignatura supra.

Repartição do Expediente da Secretaria de Estado dos Negócios Estrangeiros, 27 de dezembro de 1902. Augusto Themudo.

Pagou 10180 réis de emolumentos e addicionaes. Guia n.º 4764 de 1902. Archer.

Este documento deverá ser apresentado na Secretaria do Ministério dos Estrangeiros, em Lisboa, para completar sua legalisação.

N.º 8. — Pagou de sello de verba a quantia de trezentos e vinte réis.

Lisboa, Receita Eventual, 27 de dezembro de 1902.

Pelo escrivão, Moraes Coelho,

O recebedor, C. M.

(17) Folhetim da "RESISTENCIA,"

THÉOPHILE GAUTIER

AVATAR

VI

A casa, que devia habitar d'ahi por por deante, era-lhe completamente desconhecida, ignorava as divisões interiores;— tinha em frente uma escada, seguia-a ao acaso, resolveu a attribuir qualquer erro da sua parte a distração.

Os degraus de pedra faiscavam de brancos e faziam sobresair o vermelho opulento do largo tapete preso por hastes de cobre dourado, que traçava o molle caminho aos pés; jardineiras, cheias das mais bellas flores exóticas subiam cada degrau com os visitantes.

Uma lanterna immensa, cortada e fenestrada, suspensa por um cordão grosso de seda purpura, ornada de borlas e de nós, fazia correr sobresaltos de ouro sobre os muros revestidos de estuque branco e polido como o marmore, e projectava uma massa de luz sobre uma cópia da mão do auctor, dum dos mais célebres grupos de Canova, o Amor beijando Psyché.

LUCCA

Delicioso licor extra-fino
VINHOS
DA
Associação Vinícola da Bairrada
Grandes descontos aos revendedores
Unico deposito em Coimbra
CONFEITARIA TELLES
150, R. Ferreira Borges, 156

Nova Havaneza

Rua de Ferreira Borges n.º 176
Papellaria, Tabacaria, Perfumaria.
Carteiras, malas, caixas de charão,
e todos os objectos de escritorio.

Automoveis

em segunda mão

(Em perfeito estado de conservação)
Um "Benz", de 7 lugares.
Uma "Vitoirete Richard", 3 ou 4
lugares.

Empreza Automobilista Portuguesa

COIMBRA

Ceiras para lagar de azeite

Sem competidor em Coimbra
Feitas de bom esparto e bem executadas
Encontram-se á venda na
Praça do Commercio, 110 e 111
Unica casa onde se fazem

Consultorio dentario

COIMBRA
Rua Ferreira Borges

Herculano Carvalho

Médico pela Universidade de Coimbra

SILVA & FILHO

Fábrica manual de calçado e tamancos
e depósito de alpargatas

EXPORTAÇÃO

COSINHA POPULAR

Rua da Concordia, n.º 27, 29 e 31
Figueira da Foz

Esta antiga e acreditada casa situa-
da num dos melhores locais da Figuei-
ra, Junto dos Casinos e a
dois passos da praia de
banhos, continúa recebendo hóspedes
permanentes, por preços commo-
dos.

Fornece almoços e jantares para
fora desde 300 réis.

O Proprietário,

José Maria Junior.

Alfaiataria Academica

AFFONSO DE BARROS

Acaba de chegar a esta casa o exi-
mio tailleur Saturnino F. Grant, ex-
gerente da Alfaiataria Amicoro, de
Lisboa.

Rua Ferreira Borges
COIMBRA

INCANDESCENCIA



Mangas transportaveis PRIMAS, duzia 1\$000 réis
Bico systema AUER e intensivos, cada de 300 a 400 „
Chaminés de Gena lisas e furadas „ „ 140 a 200 „
Apparelhos, candieiros e mangas para gazolina, acetylene
e alcool.
Caboreto de calcio, gazolina, benzina e veloxina.

Enviem-se catalogos com os preços sobre pedidos

A. RIVIÈRE

RUA DE S. PAULO-9, 1.º
LISBOA

VIOLEIRO

Augusto Nunes dos Santos

(Successor de Antonio dos Santos)

Premiado na exposição districtal de Coimbra,
em 1884, com a medalha de prata; e na de
Lisboa de 1890.

Participa que se faz nesta officina,
a mais acreditada desta cidade, toda a
qualidade de instrumentos de corda
concernente á sua arte; assim como os
concerta com a maxima perfeição, como
tem provado ha muitos annos.

Especialidade em guitarras de 12 e
15 cordas e violões de 6, 7 ou mais
cordas.

Tambem vende cordas de todas as
qualidades para os mesmos instrumen-
tos.

PREÇOS MUITO RESUMIDOS

16 — Rua Direita — 18
COIMBRA

PHARMACIA

A. Julio do Nascimento

115 — RUA DA PRATA — 117

34 — T. DE S. NICOLAU — 36

LISBOA

Lapis anti-neuralgicos

(Crayon anti-migraine)

Cigarros anti-asthmaticos, peitoraes

TONICO OCCIDENTAL

(Superior ao Tónico Oriental)

Purificador do sangue

Nas doenças syphiliticas

ELIXIR DENTRIFICO GENIVAL

ETC., ETC.

Meias elasticas, grande sortimento de fun-
das, insufladores, suspensorios, esponjas, al-
godões, pulverisadores, irrigadores, thermo-
metros diversos, farinhas peitoraes, instrumen-
tos cirurgicos, aguas minerales, nacionaes e
estrangeiros, artigos de borracha, etc., etc.

L. M. LILLY, Engenheiro

Machinas agricolas de toda a qualidade.

Machinas para fiacao e tecelagem para todos os tecidos.

Machinas para fazer soda-water, gazosas, gelo, etc.

Machinas para fazer papel continuo, cartão, etc.

Machinas para lavar, engommar e desinfectar roupa.

Machinas de vapor e de gaz, caldeiras e bombas.

Machinas de escrever, de systema YOST.

Correias de pello, de couro, de borracha, empanques, etc.

Materias primas de todas as qualidades.

Installações, desenhos, montagens.

Facilitam-se pagamentos.

REPRESENTANTE

JOÃO GOMES MOREIRA
COIMBRA

Liquidação de Penhores em Leilão

A casa penhorista de Alipio Augus-
to dos Santos, fará leilão de todos os
penhores em debito de mais de 3 me-
zes de juros.

O leilão terá principio em 23 de
Janeiro de 1903 e dias seguintes até
completa liquidação, na sua casa, Rua
de Visconde da Luz, 60.

Coimbra, 18 de Dezembro de 1902.

Alipio Augusto dos Santos

José Marques Ladeira & Filho

Empreiteiros das Companhias de Iluminação a Gaz e Aguas

4 — Praça 8 de Maio — 4

COIMBRA

Canalisações para agua e gaz

Lustres, lyras, lanternas e candieiros para gaz, machinas de aquecer agua
a gaz para banhos, tubos de lona, borracha, latão e chumbo, lavatorios, uri-
noes retretes e bidets, torneiras de metal de todas as qualidades, cartão e cor-
da de amianto, e borracha em folha.

PREÇOS ESPECIAES EM TUBOS DE FERRO

Fazem-se trabalhos fóra da cidade

Rewolvers

Saint Etienne

Com ballas blindadas de aço e de
pólvora branca sem fumo, muito porta-
teis e de grande alcance.

Espingardas

Vendas a prestações

João Gomes Moreira

Rua Ferreira Borges — COIMBRA

Vendem-se um sophá e duas pol-
tronas, forrados de damasco de lã, em
bom estado.

Para tratar, rua Ferreira Borges
n.º 5.

REMEDIOS DE AYER



Peitoral de Cereja de Ayer — O remedio mais seguro que ha
para a cura da tosse, bronchite, asthma e
tuberculose pulmonar, frasco, 1\$100 réis;
meio frasco, 600 réis.

Vigor do Cabello de Ayer — Impede que o cabelo se torne
branco e restaura ao cabelo grisalho a sua
vitalidade e formosura.

Extracto composto de Salsaparrilha de Ayer — Para
purificar o sangue, limpar o corpo e cura
radical das escrófulas. — Frasco 1\$100 réis.

O remedio de Ayer contra sezões. — Febres intermi-
tentes e biliosas.

Todos os remedios que ficam indicados são altamente concentrados
de maneira que saem baratos porque um vidro dura muito tempo.

Pilulas cartharticas de Ayer. — O melhor purgativo
suave inteiramente vegetal.

TÓNICO ORIENTAL — MARCA «CASSELS»
Exqesita preparação para aformosear o cabelo
Estirpa todas as afecções do craneo, limpa e perfuma a cabeça

AGUA FLOEBIDA — MARCA «CASSELS»
Perfume delicioso para o lenço, toucador e banho

SABONETE DE GLYCERINA — MARCA «CASSELS»
Muito grandes — Qualidade superior

A' venda em todas as drogarias e lojas de perfumarias

COLLEGIO LYCEU FIGUEIRENSE

Instituto particular de educação
e ensino

Director, o professor da Universidade

José Luiz Mendes Pinheiro
Rua da Fonte, 58

A matricula continua aberta na se-
cretaria do collegio todos os dias uteis.
O regulamento, ou quaesquer es-
clarecimentos, podem ser pedidas ao
director, na sede do collegio, ou na
Quinta do Paúl, á Praia da
Fonte.

FABRICA DE TELHÕES E MANILHAS

Premiada na Exposição de Ceramica Portuguesa, no Porto,
em 1892, com diploma de merito;
e medalha de cobre na Exposição Districtal de Coimbra, de 1894

Esta fabrica a mais acreditada em Coimbra, em construcção e solidez de
telhões, manilhas para encanar agua, siphões para retretes, vasos para jardins
e platibandas, balaustres, tijolo para ladrilhos de fornos, tijolos grossos para
construcções e para chaminés, tachos para cosinha á imitação dos de Lisboa,
etc. — Todos estes artigos são de boa construcção e por

PREÇOS ECONOMICOS

✦ ✦ ✦ Pedro da Silva Pinho Coimbra ✦ ✦ ✦
29, Rua de João Cabreira, 31 — COIMBRA

Saint Etienne

Manufacture Française de Armes et Cycles

E' agente desta importante Casa
Franceza no districto de Coimbra, man-
dando por isso vir desta casa qualquer
objecto que lhe seja encomendado
não sendo o custo superior aos pre-
ços do catalogo.

João Gomes Moreira

Rua Ferreira Borges COIMBRA

D. ANGELINA VIDAL

ICARO

(Poemeto)

CASA

Aluga-se o 1.º andar da casa n.º 80
na rua da Moêda; tem commodos para
uma familia regular, canalização para
agua e todos os despejos.

Para tratar com sua dona, rua Sá
da Bandeira, 55.

“RESISTENCIA”

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha, no reino:

Anno 2\$700
Semestre 1\$350
Trimestre 680

Sem estampilha:

Anno 2\$400
Semestre 1\$200
Trimestre 600

Brazil e Africa, anno 3\$600 réis
Ilhas adjacentes, „ 3\$000 „

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20
réis; para os senhores assignantes, des-
conto de 50 %.

Communicados, 40 réis a linha.
Réclames, 60 „

Annunciam-se gratuitamente todas
as publicações com cuja remessa este
jornal fór honrado.

Avulso 40 réis

RESISTENCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS FEIRAS

Editor

MANUEL D'OLIVEIRA AMARAL

Redacção e administração, ARCO D'ALMEDINA, 6, 2.º andar

Officina typográfica

12 - RUA DA MOEDA - 14

N.º 764

COIMBRA — Quinta-feira, 8 de Janeiro de 1903

8.º ANNO

PARTIDO REPUBLICANO

Pertence ao nosso prezado collega *O Norte* o magnifico artigo que a seguir transcrevemos, e que traz as iniciais dos mais bellos espiritos da democracia portugueza.

A *Resistencia* folga em ter a seu lado, na campanha que ha muito vem sustentando, o illustre collaborador do *Norte*, que tam brilhante relevo dá sempre ao jornalismo republicano.

Oxalá que tantos outros homens, da luzida phalange em que José Caldas galhardamente abanda, venham unirse-lhe no brado animoso com que elle secundou as nossas palavras.

Em tres bellos e lucidissimos artigos, tão nobres pelo alto sentimento democratico que os inspira, como primorosos na forma em que esse mesmo sentimento se enquadra, publicou ha dias a *Resistencia* um interessante e opportunissimo estado ácerca do actual estado do partido republicano portuguez, sua historia e seus desfalecimentos, suas crises politicas e seus meios de propaganda e acção.

No ultimo d'esses artigos, com uma sinceridade extranha e suprema, em que livremente fallam uma razão superiormente esclarecida, e um coração ferido pelo golpe cruelissimo das mais amargas evidencias, o auctor de um tão nobre estudo lança o pregão civico da reorganização do partido republicano, appellando para um congresso, ou colloquio, em que todas as nossas dores e todas as nossas esperanças se explanem e purifiquem n'um rasgo de uma exemplar e absoluta solidariedade moral.

Os pontos capitaes a estudar, derimir e esclarecer serão, segundo os brilhantes conceitos do nosso illustre camarada, os seguintes:

- Qual deve ser a organização do partido republicano?
- Organização geral.
- Organização especial do partido em Lisboa e no Porto.
- A imprensa republicana. Suas relações com o partido. Suas relações com a imprensa republicana dos países latinos.
- Meios de propaganda do partido republicano.
- Seu programma.
- Pontos sobre que deve versar a sua propaganda immediata.

Relações do partido republicano com os demais partidos politicos portuguezes.

Este grito de uma consciencia, e que é, ao mesmo tempo, o documento vivo de um nobre caracter,

já achou ecco, e ecco sentidissimo, em muitos republicanos da capital. A impressão que elle produziu no Porto foi a todos os respeitos profundissima.

Tanto basta, para que os iniciadores de tão alta cruzada recrudesçam e se afervorem no seu empenho. Este, por motivos de resto eloquentes, e que pela sua propria eloquencia dispensam razões escriptas, que o abonem, não pôde ser cabalmente traduzido na linha de uma nobre efficacia, senão n'um congresso. Ahi, sim. Trazer para as columnas dos jornaes o exame de um questionario tão nobre, tão alto, tão grandioso, no qual como que se condensam as ultimas esperanças, os derradeiros presentimentos de muitas almas, para as quaes o futuro da patria é ainda um estimulo generoso, serio, alem de inconveniente, completamente improficuo. O publico só tem direito a ser informado quando os que trabalham no recavo da sua fé civica chegaram a tal ou qual genero de conclusão. Tudo quanto anteceda este estado, relativamente definitivo, é claro, visto que toda a synthese politica não pôde revestir, na contingente successão dos phenomenos de biologia social, senão um caracter meramente transitorio: — tudo quanto anteceda esse estado, repetimos, não pertence senão aos dominios domesticos, da pessoal consciencia e do individual dominio dos cidadãos que constituem a collectividade. São meros actos preparatorios. Nos colloquios partidarios, nos congressos disciplinares é que tudo se ajusta e apure, se declara, discute e expõe. Foi assim sempre.

E, agora que os pontos principaes sobre que pôde assentar o exame de consciencia de todo o verdadeiro republicano portuguez estão tão lucidamente lançados a curso pelo brado patriótico da *Resistencia*, cumpre tão sómente que todos façam d'elle o seu cahier, e que se disponham e preparem para o momento em que uma assembleia de patriotas os chame a depôr. Quando será isso? A alguém, que não somos nós, importa essa missão de honra, de patriotismo e de dever.

E, não se confundam os fracos, nem os tímidos. Se tudo é morto, se tudo é cinza, lama ou lodo, porque demorar, por mais tempo, o tabido relato d'esse quadro? Em que é que elle pôde vexar-nos ou ferir-nos? Bem vêem: — viemos para acudir ao levantamento da Patria, e não a crear consciencias. Somos homens, não somos Jehaveh. Se tudo é findo, porque havemos de occultar por mais tempo essa miseria, que mais desdoura o nosso seculo do que a nossa obra?

Porque estamos desorganizados?

Qual é o partido politico que hoje, em Portugal, o não está? Não

o está mesmo a propria sociedade em que vivemos?

Essa accusação não nos attinge. Desorganizado está hoje tudo, tudo! em Portugal, desde o lar até á Carta, desde os alimentos até ás consciencias. Organização só a têm hoje, em Portugal, as quadrilhas politicas, as cooperativas, os syndicatos, cada um dos quaes, com imprensa e com patrão, com os seus bravi e com os seus rufões, pactuando, negociando e intrigando nos proprios bandos em que ponderam. Por tanto, organizemo-nos se ainda é tempo, ou debandemo-nos honradamente, nobremente, na aza luzente da nossa chimera, ou no desalento amargo do nosso desengano cruel.

Falle, pois, quem pôde e quem deve.

J. C.

Dr. Angelo da Fonseca

Do nosso querido amigo e prestigioso correligionario, sr. dr. Angelo da Fonseca, recentemente nomeado cathedrático da faculdade de medicina, recebemos o seu ultimo livro: *A prostituição em Portugal*, notavel trabalho, organizado no curto espaço de 4 mezes.

Ao illustre homem de ciencia e infatigavel investigador, que tanto tem honrado os gabinetes da faculdade de Medicina com trabalhos originaes de alto merecimento, agradecemos a offerta do seu livro, reservando-nos para fallarmos de espaço, num dos proximos numeros, quer de obra de tanta valia, quer do auctor, um dos nomes mais brilhantes e aureolados que ao Partido Republicano tem trazido as ultimas gerações academicas.

Na Praça do Commercio:

— D. Pepe de Miranda: Então, amigo lá morreu o Sagasta.

— O sr. Zé Lucas: E depois?

— D. Pepe: Depois? depois? inda ó pergunta?

— O sr. Zé Lucas (córado): sim... pergunto, interrogo, como V. Ex.ª queira...

— D. Pepe: Pois fique sabendo que hoje é um dia de legítimo orgulho, de ruidosa festa para o partido regenerador. Ah! hoje sim, é para nós um dia duplicadamente festivo! Safero! — e atirou dois piparotes á linha correcta do abdómen rotundo do sr. Lucas.

— O sr. Zé Lucas (mais córado): Porque? porque? falle, falle excellencia...

— D. Pepe (esfregando as mãos): a morte de Sagasta, o rival do Hintze, deixa na peninsula um unico estadista de estatura — o nosso chefe, amado; a philarmónica *Boa União* inaugura hoje o retrato de Augusto Paes, o nosso maestro estimado.

— O sr. Zé Lucas (descorando e percebendo): fica, pois, este dia sendo uma ephemeride na vida já longa do partido regenerador.

— D. Pepe (emendando): Do glorioso... aliás.

Os Dois (tirando o chapéu): — Do glorioso partido regenerador.

E a seguir marcharam para o Caes a discutir baixinho a collocação de um sub-inspector...

Fugindo á chibata

Na reunião das minorias progressistas, o sr. José Luciano, em réplica a alguns dos mais impacientes da sua grey, afirmou ser intempestiva, por improficua, a opposição rude ao governo. Porque, esclareceu o illustre estadista bairense, estavamos em pleno regimen de — *poder pessoal*. *El-rei, eis quem todo lo manda*, e nós simples rotativos, com nossos compadres, pretendentes e afillhados a cinco mezes de prazo, temos de submeter-nos ás exigências e consequências do *poder pessoal*, que alimentamos e mantemos para honra dos Passos e mais chefes venerados em sua memória saudosa.

Amen! gritaram todos.

No entretanto *O Liberal* denunciou as palavras justas do sr. Luciano, defenindo com precisão o *poder pessoal*. Mas, porque não vá *El-Rei* irritar-se, soffrendo os progressistas o castigo irado que a magnitude do monarcha pôde infligir ás palavras mal avisadas do chefe, elles ahí vam num berreiro mágico a gritar: — *é falso! é falso! não dissimos senhor, não dissimos!*

E pela tuba do *Novidades* mandaram assoprar:

...devemos dizer que nos circulos progressistas se nega, do modo mais terminante, e sem divergências, a authenticidade, mesmo por approximação de palavras ou de ideias, de um tal extracto. Todos os progressistas com que fallamos são concordes na negativa.

...No *Jornal* já hoje appareceu um desmentido á esse respeito; e consta-nos que o *Dia* e o *Correio da Noite* farão hoje a mesma negativa duma forma cathegórica.

Não se incomodem cavalheiros, que ninguem acredita, — nem mesmo por approximação.

Ora essa... Não vá fugir-lhes o poder na primavera esperada.

Pereira Junior

Regressou a Coimbra aos seus trabalhos escolares, o nosso querido amigo e collega de redacção, sr. António Maria Pereira Junior, talentoso alumno do 4.º anno jurídico.

Pereira Junior, caracter diamantino e alma de eleição, é um dedicado e brilhante cooperador da *Resistencia*, e que á causa da Republica consagra todo o fogo da sua juventude, todo o calor da sua fé.

Damos-lhe as boas vindas.

O *Novidades*, referindo se á estatua do rei na camera dos deputados, na sua prosa fina de côrte:

«El rei parece estar a esconder com o manto o baixo ventre. Dá ideia de estar a fazer uma coisa que não quer que se veja. Ora é certo que el-rei, como homem está sujeito ao imperio de todas as necessidades. Todavia pelos seus principios politicos e pela sua educação, el-rei era incapaz de pensar em fazer um acto desses no seio da representação nacional»

Mas que outra coisa querem os senhores que el-rei faça no seio da actual representação nacional?

Duramente epigrammatico o maldicto escultor!...

O DISCURSO DA COROA

Todos os annos, no cumprimento duma disposição da Carta, e pela forma indicada no regimento das côrtes, o Rei reúne os dignos pares do reino e os senhores deputados da nação para ler-lhes um discurso enfadonho, pesado, um empadão litterário de péssimo condimento, uma obra abstrusa, como a abstrusa cabeça que o concebe.

E é todos os annos o mesmo, sem variantes; e todos os annos se houve a mesma lenga-lenga, recitada pela voz cheia d'El-Rei, que falla sentado, emquanto o homem do estoque, de pé, assume uns ares graves de velho condestabre.

Todos os annos se obriga El-Rei a mentir ás côrtes e ao pais com cerimonia; e todos os annos o regimen mente por intermedio dos seus locaíos.

Este anno a farça foi muito completa e a mentira muito descabelada.

Pela leitura do documento parece que o anno de 1902 foi de extrema felicidade para o pais. Apontam-se famosas victórias diplomaticas, a que não foi extranha a presença da insinuante e simpática figura do monarcha; apontam-se victórias na terra e no mar; apregoa-se um espantoso desenvolvimento commercial nas nossas possessões; e diz-se que o convenio foi a salvação do nosso crédito.

Não mentiu El-Rei quando annunciou o entusiasmo e a devoção dos soldados portuguezes. São estes os unicos que-dam á sua patria o exemplo consolador da muita valentia e coragem, a contrastar com a cobardia, a fraqueza e poltronice-imbécil dos nossos homens publicos.

Mas como haverá arrojo para se afirmar que Portugal lucrrou no Extremo-Oriente com a convenção chineza, quando elle mais uma vez foi victima da astucia e velhacaria dos mandarins? Que vantagens nos poderão advir d'esse celebrado troço de linha ferrea, que de Macau se dirige a Cantão, por uma zona péssima, de terrenos alagadiços, sempre sob a ameaça da concorrência estrangeira, principalmente de ingleses?

De tanta boa providencia para a economia e valorização das colonias derivou o que vemos: a administração dellas cada vez mais deficiente e assoladora, e o estrangeiro a estender alli as mãos á vontade. Para acabar uma obra tal de florescimento, consentiu-se que o inglés se installasse optimamente desde a bahia do Lobito ao coração da Lunda, através de regiões feracissimas, ricas de productos agricolas e mineiros. Não ha melhor demonstração de capacidade administrativa: entregar a estranhos a direcção daquillo que nos pertence, desgraçadamente pelo unico titulo da posse historica.

O convenio com os credores externos foi, no dizer do discurso da coroa, uma providencia de largo alcance para o crédito de Portugal. Nem mais seria preciso afirmar para uma boa apreciação da seriedade daquelle documento. O pais conhece já os effeitos certos de tal convenio e as provaveis consequencias que não tardarão a alamar o espirito publico. Alguma coisa mesmo se vae descobrindo, já, de compromettedor e aviltante para nós, no fundo escuro em que se realizou o contracto.

Se, relativamente aos actos governativos do anno de 1902, o discurso é uma mentira pezada, quanto ás suas previsões para o anno de 1903, elle é nada para consolar, embora dos dizeres da praxe pareça inferir-se o contrario.

E' muito fertil em promessas, entre as quaes avulta, sem duvida, a do augmento tributario, sem injusto gravame do contribuinte.

Este injusto tem dado muito que pensar. Pois poderá ser por ventura justo qualquer augmento de imposto, principalmente na hora actual? Como

entende o sr. Hintze, como entenderia El-Rei a justiça do tributo?

Acredita-se que nisto anda troça ao pobre contribuinte. Imposto justo é unicamente aquelle que offerece benefícios, commodidades e garantias publicas correspondentes ao sacrificio pecuniário do cidadão. As sommas que se arrancam ás riquezas privadas para cobrir déficits de ruínosa administração, para favorecer compadrios, para sustentar uma corja de inúteis, não podem chamar-se imposto justo: são uma extorsão violenta, são um roubo. E' isto o que será o prometido aggravamento tributário.

Depois desta *bôa nova*, segue-se a lista larga e sempre abundante das medidas salvadoras, reformas, tractados, que faz do discurso da corôa um engodo pouco sério ao país, e uma obra pouco decente para El-Rei ler.

Diz-se que a palavra de Rei não volta atrás; no caso sujeito, portanto, preparemo-nos para resistir, visto que os lacaios do regimen se propõem esfolar o povo a quem arrancaram a camisa com tributos de salvação...

A morte de Sagasta

Quando alguém se nos impõe sobretudo pelos actos da sua vida publica, e nos prende pela força e orientação que representa no mundo dos interesses sociaes, a morte do homem importa sobretudo pelo que d'ella pôde resultar para a marcha dos negocios e para as questões politicas. N'esta luta de ideias, n'esta campanha constante que mantemos e manteremos até á victoria da legião sobre cuja bandeira nos abrigamos, pomos acima de tudo, as santas aspirações de liberdade e de bem estar geral, que só o advento da Republica nos pôde trazer; e já que elle não pôde conquistar-se pacificamente, urge luta tenaz, e, se fôr preciso, mesmo violenta, contra aquelles que nos guerream e contrariam, protegendo as constituições que, com prejuizo dos direitos do Povo, mais favorecerem a satisfação de injustas e egoistas ambições.

E' por estes motivos que nós não lamentámos a morte do homem que tendo luctado nas legiões que combatiam um regimen absoluto e despótico, que havendo pertencido a um governo que se compromettera a manter um systema liberal e avançado, não duvidou renegar todo este passado de homem livre, para abraçar a Monarchia, restringir despoticamente liberdades, e suffocar brutalmente até, e á força de bayonetas, os clamores revolucionários d'aquelles que pela liberdade pugnam.

A morte de Sagasta vale o desaparecimento de um poderoso esteio da monarchia hespanhola, e equivale a uma grande brecha aberta no dique que ainda se oppõe á marcha da onda republicana, que dia a dia recruscece, e que, breve, por certo, vencerá.

O ministerio em crise:

Os bombeiros voluntarios de Coimbra nomearam socio benemerito o sr. João Franco.

Se o têm nomeado agulheta honorario, ia-se abaixo o regimen.

Por um officio do sr. commandante do regimento de infantaria 23, dirigido ao sr. conselheiro Bernardino Machado, illustre professor de Anthropologia da Universidade, foi muito e merecidamente clogiado o sr. José Antonio Domingos dos Santos, habil preparador do Laboratorio Anthropologico do Museu, pela maneira porque se houve na mensuração dos recrutas do regimento, aquartellado nesta cidade, e pelo auxilio que dispensou aos officiaes, que nelles andaram tambem procedendo a observações anthropometricas.

Folgamos muito em ver reconhecidos e louvados os serviços do empregado modesto, mas muito trabalhador, que vae pouco a pouco, sem alarme, vinculado o seu nome a trabalhos scientificos de bastante interesse.

A ferrar as ventas...

Sempre palaciano, o jornal *Novidades*, apreciando, em estylo de gala, uma das figuras da nova sala dos deputados, tem estes periodos galantes:

«A outra figura, que tem nas mãos uma grande trombeta, volta as costas... para a opposição, e mostra-lhe em cheio — nem sabemos como havemos de dizel-o — aquella parte final em que as costas mudam de nome, segundo a frase de Camillo. Parece estar a dizer á opposição: ferra-me aqui as ventas.»

O *Mundo*, radicalmente grave, commenta:

Mas não será justo voltar a figura para o governo?

Não concordamos, pela nossa parte. Aquella figura, heroica e bella, está alli provocando unicamente o misero contribuinte. E' só para elle que se volta. E este por sua vez ha-de eternamente *ferrar-lhe as ventas* senão se resolver como os de Sabroza, os patrios queridos do Soisa das aguas de Vidago e do contracto Williams. Vejam os senhores o que conspicios jornaes de larga circulação naravam tragicamente em 5:

O Povo arrombando as portas e janellas da repartição de fazenda, queimou a papellada. A ordem está alteradissima. Mais de duas mil pessoas, em gritaria ensurdecadora, reclamam a redução na percentagem e revisão de matrizes.

O escrivão e pessoal da fiscalisação dos impostos tinham abandonado a repartição, ficando o escripturario Barros, que teve de fugir por um telhado, aliás era morto.

Grande exemplo nos deram os dois mil patriotas de Sabroza. Oh! se deram...

Bombeiros Voluntarios

A sympathica e benemerita corporação dos Bombeiros Voluntarios desta cidade agradecemos penhorados o seu cartão de *Boas-festas*. E ao retribuir-lhe a amabilidade dos seus cumprimentos á *Resistencia*, patenteamos-lhe o desejo ardente de registarmos as maiores prosperidades no desenvolvimento de tão util instituição, a que Coimbra deve já assignalados serviços.

Continúa gravemente enfermo o sr. Vicente Pedro Dias, intelligente alumno do 5.º anno medico.

Desejamos-lhe as melhoras.

Pela transferencia para a Caudalaria Nacional do sr. António Baptista, director da Escola Nacional de Agricultura Moraes Soares, assumiu, interinamente a direcção d'este estabelecimento o professor, sr. José António Ochoa.

Morreu o bispo da Guarda.

Como noticiamos, em o nosso numero anterior, a sociedade philarmónica *Boa-União*, inaugurou, ante-ontem na sua sede de ensaios, o retrato do sr. Augusto Paes. O regosijo da philarmónica manifestou-se por alvorada, sendo queimados numerosos foguetes e morteiros, sessão solemne pela 1 hora da tarde, e *soirée* dançante a que assistiram as familias dos socios.

Na sessão solemne usaram da palavra os srs. Martins Grillo, Joaquim Velindro e Pereira da Cruz. Agradecemos o convite.

Por ter terminado em 31 de dezembro a validade das letras de cambio, papel sellado e sellos fiscaes em uso, pôde, durante o mez corrente, effectuar-se a sua troca nas recebedorias pelos do novo typo.

Esteve na Covilhã, em serviço de inspecção aos cartorios, o nosso amigo e patricio sr. Domingos Cardoso.

A forma correcta como o nosso amigo se houve no desempenho de tal commissão, e que sympathicamente destaca da maneira strabiliaria como taes serviços costumam ser feitos, conquistou-lhe naquella cidade geral e justa estima.

Na festa da BOA-UNIÃO

Um orador inflamado:

Porque, meus senhores, a banda não deve enfeudar-se a quaesquer agrupamentos politicos. Mas, pelo contrario, promover pelo seu proprio extorço o seu desenvolvimento, etc., etc.

(Está presente D. Pepe de Miranda, solemne na negra sobrecasaca, com que costuma acompanhar os correligionários desditosos á sua ultima morada.)

O orador acaba a suar. A philarmónica, que não perfilha as suas palavras, rompe com o hymno regenerador; e o regente, o Paes festejado, grita rubro:

Viva o sr. dr. José Miranda!

Vival corresponde em unisono a troupe musical.

A noite vae alta. Não ha lua. Nem calor, nem frio... mas na Sophia, em frente ao Adelino, dois vultos trocam explicações: D. Pepe de Miranda e o inflamado orador, que não queria a *Boa-União*, enfeudada ao partidarismo. Fallava em nome do seu velho cornetim...

E neguem agora — que as paredes tem ouvidos.

Automoveis

Informa o *Conimbricense*:

«Parece que o governo civil deste districto pensa em regulamentar a velocidade dos automoveis e motociclettes, bieclettes, etc., dentro da cidade e arredores, pois que sollicitou do ministerio das obras publicas o modelo a que se refere o artigo 17.º do regulamento de 3 de Outubro de 1901, respeitante ao andamento daquelles vehiculos.

Tal providencia seria causa para legitimo jubilo do publico ameaçado. Mas não acreditamos...

O sr. dr. Sousa Refoios apresentou hoje em juizo uma acção de indemnização por perdas e damnos contra o sr. Francisco Pereira Gonçalves. Motivo: ter o sr. Gonçalves levado o seu automovel de encontro ao de sua excellencia, facto succedido ha dias, e a que já nos referimos num dos nossos numeros anteriores.

O sr. dr. Refoios exige, alem da importancia do concerto, avaliado em 500.000 réis, uma indemnisação correspondente ao transtorno de ter o seu automovel incapaz de serviço durante dois ou três meses, e que o tribunal avaliará convenientemente. E' de crêr.

E oxalá que os *chaufeurs* desastrosos, que trazem a vida dos pobres peões num risco imminente, aproveitem com a lição.

Alguns jornaes fizeram-se ecco do boato de que o nosso collega local — *Correspondencia de Coimbra* — ia suspender a sua publicação, o que foi desmentido.

Ainda bem.

Recebemos a visita de dois novos collegas. Intitulam-se: *A Folha dos Caixeiros* e *o Jornal da Louzã*.

O primeiro, que se publica em Cabeceiras de Basto, affirma-se galhardo campeão na defeza rude e intransigente dos interesses da classe caixeiral; o segundo diz-se defensor intemerato dos interesses da Louzã.

Longa vida e cumprimento escrupuloso de seus programmas — eis o nosso voto.

Falleceu n'esta cidade a sr.ª D. Maria Pereira, tia virtuosa do nosso presado amigo e correligionario dedicado, sr. dr. Augusto da Costa Pereira.

Ao nosso amigo e sua familia a expressão sentida do nosso pezar.

Entrou no decimo oitavo anno da sua publicação o nosso presado collega *Damião de Goes*, que se publica em Alemquer.

As nossas felicitações.

O Natal e a festa das creanças

Aposta-se uma coisa... E vem a ser: que na presente festa do Natal, assim como em todas as demais festas do Natal celebradas em Lisboa, o numero das creanças que recebem presentes é extremamente inferior ao numero das creanças que recebem unicamente pancada.

Por cada tres pequenos que riem, temos pelo menos vinte que choram pela consozda.

Porque a cidade de Lisboa, considerada como mãe de familia — ha de ter paciencia para o ouvir — é uma cidade indigna: é uma cidade de pó d'arroz na cara, de farripas na testa, de chapéo de veludinho encocurutado no alto da cuia, e de capa no braço, sempre prompta e aparelhada para todos os gaudios — theatros, fogos de artifício, Justino Soares e missas — enquanto as seus pequenos ficam systematicamente fechados em casa a estudar o verbo.

As creanças não tem em Lisboa um só, um unico, dos mil divertimentos infantis que encham os grandes jardins de todas as cidades civilizadas: de Londres, de Paris, de Vienna, de Berlim, de Bruxellas, — divertimentos em que o grande publico se educa, aprendendo a respeitar os direitos que tem os cidadãos-creanças, a participar dos prazeres dos cidadãos-adultos.

Se por um lado as creanças de Lisboa não tem divertimentos publicos, por outro lado ellas não tem tão pouco festas domesticas.

O sr. Cócó, tutor inamovível e representante vitalicio da cidade, vae talvez responder nos em nome do municipio:

— Oh! os nossos pequenos tem, em primeiro logar, os meus proprios bolos, e em segundo logar, tem os bonecos do Seixas e tem a arvore do natal do Bénard e d'outros...

Perdão! Enquanto aos bolos do sr. Cócó, elles sam apenas uma gloria para sua excellencia, gloria que sua excellencia desdenha talvez um pouco, mas que nós achamos tam respeitavel como a que resulta ao duque de Montebello de haver ligado o seu nome a um Champagne, e ao barão Laffitte de haver dado o seu a um Bordéus. Sobre as alegrias da infancia, porém, a influencia desses bolos é puramente deprimente, é dyspeptica. Quanto á arvore do natal, ella é uma boa e civilisadora importação do commercio da quinqueria, mas não é ainda por enquanto um uso do lar domestico. Pelo que respeita á boneca moderna das meninas ricas, á boneca que tem toda uma pequena casa posta com mobilia de pau rosa e de setim, e um enxoval com camisas de batista orladas de malines, com luvas de vinte botões, com vestidos de veludo e com balaveuses de point d'Alençon, nós preferimos-lhe a antiga boneca de trapos que se fazia em casa com um modelho de panno, em que se pregavam os olhos com duas contas de vidro azul, em que se bordava a bocca com linha de marca, e em que o cabello era feito a pontos de retroz. A boneca de trapos antiga era uma aprendizagem de mães. A boneca de luxo moderna é uma escola em manequim de *cocottes*.

R. O.

D. ANGELINA VIDAL

ICARO

(Poemeto)

MERCADO

Os preços, porque correram ultimamente os generos, no mercado desta cidade, foram os seguintes:

Milho branco.....	360
» amarelo.....	350
Trigo tremez.....	560
» de Celorico.....	560
Feijão vermelho.....	660
» branco, graúdo.....	600
» meúdo.....	540
» rajado.....	420
» frade.....	560
Grão de bico, graúdo.....	700
» meúdo.....	600
Cevada.....	260
Centeio.....	380
Favas.....	460
Batata, 15 kilos.....	250
Tramoço (20 litros).....	440
Ovos, dúzia.....	170

Almanach das Aldeias para 1903. — Publicado por Julio Gama — Collaborado pelos redactores da *Gazeta das Aldeias*.

Este almanach, unico no seu genero que se publica em Portugal, é um precioso guia agricola illustrado, contendo numerosos artigos sobre variados assumptos, e todas as indicações proprias de livros d'esta ordem.

Nenhum lavrador deve dispensar o Almanach das Aldeias. 1 volume de 160 paginas, illustrado, 150 réis.

E' remittido, franco de porte, em todo o reino, a quem dirigir o pedido, acompanhado da respectiva importancia, á administração da *Gazeta das Aldeias*, rua do Costa Cabral, 1216 — Porto.

O Tiro Civil. — Recebemos o n.º 250 desta magnifica revista. Ficamos agradavelmente surprehendidos pois vem completamente transformado. E' uma verdadeira revista de sport. Começa a sua publicação com 12 paginas de texto e 2 capas a cores em 8 paginas.

No texto: *Tiro Nacional*, por dr. A. M. da Cunha Belem. — *Os papeis de meu pae*, pelo conselheiro Eduardo Montufar Barreiros. — *Effeitos de exercicio* pelo dr. Adriano Ferreira. — *Os horarios da instrucção primaria e os exercicios physicos*. — *O salão de sport de Paris* (automobilismo) por mr. F. Fiotte. — *União Velocipedica Portuguesa* publicação official (relatorio) — *O anniversario da U. V. P.* — *Velocipedia* (noticias). — *A genegetica na idade média* (continuação) por Gomes de Brito. — *A sarna nos cães*. — *Associação Protectora da Caça em tempo defeso*. — *A vida dos campos*. — *Mosaico*. — *Annuncios*.

Inserir treze magnificas gravuras que só por si constituem um primor.

Parabens ao nosso collega a quem desejamos mil prosperidades, felicitando-o pela sua bella revista.

Espingardas

Vendas a prestações

João Gomes Moreira

Rua Ferreira Borges — COIMBRA

População

A população do concelho de Condeixa era em 31 de dezembro de 1900 a seguinte:

Anôbra, (Santa Catharina), 426 homens e 455 mulheres. — Bellide, (Nossa Senhora da Saude), 83 homens e 119 mulheres. — Bem da Fé, (Nossa Senhora da Ajuda), 115 homens e 127 mulheres. — Condeixa-a-Nova, (Santa Christina), 767 homens e 925 mulheres. — Condeixa-a-Velha, (S. Pedro), 882 homens e 1.055 mulheres. — Ega, (Nossa Senhora da Graça), 1.135 homens e 1.275 mulheres. — Furadouro, (Espírito Santo), 234 homens e 266 mulheres. — Sébal Grande, (S. Pedro), 729 homens e 814 mulheres. — Villa Sêcca, (S. Pedro), 590 homens e 755 mulheres. — Zambujal, (Nossa Senhora da Conceição), 379 homens e 466 mulheres.

Total dos homens em todo o concelho de Condeixa: 5.340. — Total de mulheres: 6.257.

FERROS CURTOS

IV

Dizem que lá por Marrocos Andam tribus assenhadas E guerreiros semi loucos Jogando grossas lambadas.

Foi solto o principe Torto E posto á frente das tropas, Abd-el-Azis quasi morto Já borram as alvas roscas.

O El-Razhi, alma damnada, Jurando sobre o *Alcorão*, Diz ter occulta uma espada Que rachará o Sultão

A este passo a escrever Salvando-o de tanto mal, — Se quizer feliz viver Que venha para Portugal

Pois na paz serena e mansa, Que por cá se gosa á farta, Um Sultão engorda a panse E nem vem um raio que o parta.

D. FERREIRO

A negociata Robert Williams & C.^a

Não venho hoje discutir essa monstrosidade a que o decreto de 28 de novembro ultimo chama contrato e que diz celebrado entre o Governo representado pelo ministro e secretario de Estado dos Negocios da Marinha e Ultramar, e Robert Williams.

Comtudo sinto a tentação irresistivel de accentuar, desde já, que tendo aquella negociata sido feita ás escondidas, a trinta e quatro dias da abertura do Parlamento onde o Governo tem uma maioria numerosa e obediente, e quando governava como Regente Sua Magestade a Rainha, estas circumstancias só de per si provam todas as accusações já dirigidas ao sr. ministro da marinha e ultramar, etc., por causa da mencionada negociata.

Dito isto, passo a demonstrar com argumentos por nenhuma forma sophisticos: 1.º que aquelle pretendido contrato e o decreto que o approvou estão absolutamente nullos: 2.º que ainda admitindo, por hypothese, que nesses actos se dessem e preenchessem todas as condições que o § 1.º do artigo 15.º do acto adicional á carta constitucional da monarchia de 5 de julho de 1852 exige para serem validos, taes actos estariam dependentes da condição suspensiva da sua approvação ou confirmação pelas côrtes: 3.º finalmente que impondo, como impõe, o § 3.º do citado artigo ao Governo a obrigação de submeter ás côrtes, logo que se reunirem, as providencias tomadas no caso do § 1.º do mesmo artigo, as Côrtes podem e devem confirmal-as ou rejeital-as.

O § 1.º do artigo 15.º citado diz: «Não estando reunidas as Côrtes, o Governo, ouvidas e consultadas as estações competentes, poderá decretar as providencias legislativas, que forem julgadas urgentes». O § 2.º diz: «Igualmente poderá o Governador geral de uma provincia ultramarina tomar, ou vido o seu conselho de governo, as providencias legislativas indispensaveis para acudir a alguma necessidade tão urgente que não possa esperar pela decisão das Côrtes, ou do Governo». O § 3.º diz: «Em ambos os casos o Governo submeterá ás côrtes, logo que ellas reunirem, as providencias tomadas».

Uma das condições que o § 1.º do artigo 15.º do acto adicional á carta de 5 de julho de 1852 exige, para o Governo decretar «providencias legislativas, não estando reunidas as Côrtes, e, como se vê, a de ouvir e consultar as estações competentes, que devem ser duas, pelo menos.

Do decreto em questão, de 28 de novembro ultimo, se vê que o Governo só ouviu a Junta Consultiva do Ultramar e o conselho de ministros, e não consultou nenhuma estação.

A Junta Consultiva do Ultramar foi creada pelo decreto dictatorial de 23 de setembro de 1868, que declarou extinto o Conselho Ultramarino.

Este decreto nunca foi confirmado pelas Côrtes.

O preambulo do decreto de 16 de fevereiro de 1869, que approvou o regimento da Junta Consultiva do Ultramar e que foi referendado e assignado só pelo ministro e secretario d'Estado dos negocios da marinha e ultramar, diz textualmente o seguinte:

«Hei por bem approvar o regimento da junta consultiva do ultramar, o qual faz parte deste decreto, e baixa assignado pelo ministro e secretario d'estado dos negocios da marinha e ultramar. O mesmo ministro e secretario d'estado assim o tenha entendido e faça executar. Paço, em 16 de Fevereiro de 1869.—Rei—José Maria Latino Coelho». Este decreto não foi comprehendido no bill de indemnidade da carta de lei de 10 de Junho de 1869, porquanto esta diz no art.º 2.º: «Os decretos de natureza legislativa promulgados pelo governo desde 26 de Janeiro a 24 de abril do corrente anno (1869) continuam em vigor emquanto não forem alterados pelo poder legislativo». Ora os decretos de natureza legislativa, a que se refere a citada carta de lei, são os referendados por todos os ministros, isto é, pelo governo, e têm as datas seguintes: 26 de Janeiro, 10 de Fevereiro, 18 de Fevereiro, 4 de março, 10

de março, 16 de março, 18 de março, 31 de março, 7 de abril, cinco de 8 de abril, 14 de abril, dois de 15 de abril 20 de abril, 21 de abril, trez de 22 de abril e seis de 24 de abril, todos promulgados pelo governo desde 26 de janeiro a 24 de abril de 1869.

Dos decretos de 19 de Dezembro de 1892 e 20 de Setembro de 1894 acerca da Junta Consultiva do Ultramar, o primeiro é um decreto dictatorial referendado pelo governo; e o segundo é um decreto referendado só pelos srs. Hintze Ribeiro e Neves Ferreira que se não pôde saber o que é. Nenhum destes dois ultimos decretos foi confirmado pelas Côrtes.

E' de notar que em nenhum dos decretos citados, de 23 de Setembro de 1868, de 16 de Fevereiro de 1869, de 19 de Dezembro de 1892 e 20 de Setembro de 1894, se diz que o Governo ouvirá ou consultará a Junta Consultiva do Ultramar ou que ella seja estação competente no caso do § 1.º do artigo 15.º do acto adicional á carta de 5 de julho de 1852.

As palavras *será ouvida ou sendo ouvida ou pertence á junta dar parecer* sobre todos os decretos ou projectos de decreto da administração ultramarina, ou que digam respeito á administração ultramarina, que se empregam respectivamente em todos os quatro ultimos decretos citados, não podem referir-se áquelle caso.

Uma cousa são os decretos ou projectos de decreto da administração ultramarina ou que digam respeito á administração ultramarina, outra cousa são os decretos ou projectos de decreto acerca das providencias legislativas de que trata o § 1.º do artigo 15.º do acto adicional á carta de 5 de julho de 1852.

Passo agora a examinar a segunda condição exigida pelo citado § 1.º, a qual é o decretamento em conselho das providencias legislativas, que forem julgadas urgentes.

Decretar em conselho as providencias legislativas, que forem julgadas urgentes, significa em direito constitucional que o governo é, naquella caso, um conselho executivo, que legisla e que só tem um poder colectivo, não exercendo nenhuma auctoridade individual. Isto não soffre contestação séria.

E' um conselho, no fundo, semelhante ao conselho executivo da constituição franceza de 1793, ao Directorio Executivo da Constituição também franceza do anno III, ao governo do Consulado da mesma nação e ao Conselho Executivo da ex-republica sul-africana.

O governo portuguez é um governo por ministerios ou secretarias d'Estado, distinctos, independentes uns dos outros. Cada ministro está encerrado nos limites das suas attribuições, que exerce livremente, e só é responsável pelos seus actos.

E isto mesmo vigora e se pratica nas outras monarchias do continente europeu, com excepção da Russia e da Turquia.

A carta não estabeleceu o principio (aliás muito confuso e elastico) da solidiedade ou responsabilidade dos ministros. Os legisladores do acto adicional de 5 de julho de 1852, cercando as attribuições das côrtes e querendo evitar quanto possível os abusos que podiam causar as facilidades legislativas que conferiam ao governo, tornaram no responsavel collectivamente pelas providencias legislativas que tomasse, e para isso exigiram o seu decretamento em conselho, na forma do § 1.º do artigo 15.º do mesmo acto adicional.

O poder constituinte limitou a sua acção ás regras fundamentais do citado § 1.º, deixando ao poder legislativo ordinario o cuidado de designar ou erar as estações competentes que o governo devia ouvir e consultar, o que aquelle nunca fez.

Nos termos do citado § 1.º o governo podia não se conformar com os pareceres das estações competentes, mas o que não podia era deixar de ouvi-las e consultal-as, porque isto é um preceito constitucional e tão importante que o mesmo § diz: «que forem julgadas urgentes», e não que o go-

verno julgar urgentes (as providencias legislativas). No citado § 1.º emprega-se a palavra *providencias*, e não a palavra *medidas* ou *synonyma*, tornando a ser empregada a palavra *providencias* no § 3.º do mesmo artigo.

Ainda que a Junta Consultiva do Ultramar tivesse existencia legal, o que se nega, não era ella uma das estações competentes, a que se refere o citado §.

Quando se promulgou o acto adicional á carta de 5 de julho de 1852, já havia o conselho ultramarino, creado por decreto de 23 de setembro de 1851, e o mesmo acto adicional não disse que o conselho ultramarino fosse ouvido ou consultado ou estação competente para aquelle caso.

O decreto dictatorial de 23 de setembro de 1868, que não foi confirmado pelas côrtes, declarou extinto o conselho ultramarino e creada a Junta Consultiva do Ultramar.

A propria palavra *competentes* do citado § 1.º indica claramente conhecimentos especiais que, seja dito sem faltar ao respeito e consideração devidos aos seus vogaes, a Junta Consultiva do Ultramar não tinha no caso sujeito.

O mesmo pretendido contrato que o decreto de 28 de novembro ultimo diz celebrado entre o Governo, representado pelo Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios da Marinha e Ultramar, e Robert Williams, para a construção e exploração de um caminho de ferro entre a bahia do Lobito e a fronteira leste da provincia de Angola, justifica aquella minha asserção.

O sr. ministro da marinha e ultramar não representou nem podia representar o Governo nos documentos que acabo de citar, não só porque nelles se não faz menção de cousa alguma que prove essa representação, mas também porque a carta constitucional da monarchia não estabeleceu o principio da solidiedade ou responsabilidade solidaria dos ministros, como já acima disse. O unico ministro que assignou aquelles documentos foi o sr. ministro da marinha e ultramar, faltando nelles ás assignaturas dos outros ministros, falta que só de per si os tornou insanavelmente nullos.

O conselho de ministros não pôde ser uma das estações competentes a que se refere o citado § 1.º, porque seria absurdo e perigosamente discricionario, que o Governo, obrigado, como é, a ouvir aquellas para decretar providencias legislativas, se ouvisse a si proprio e creasse por esse facto uma estação competente. O conselho de ministros, no caso do citado § 1.º do artigo 15.º do acto adicional de 1852, é um conselho deliberante e não uma estação consultiva.

E o citado § 1.º, que contém uma disposição constitucional, exige que o Governo ouça e consulte, pelo menos, duas estações competentes.

O mesmo acto adicional não se contentou com que fossem preenchidas todas as condições mencionadas no citado § 1.º; além d'isso impoz ao Governo no § 3.º do citado artigo 15.º a obrigação de submeter ás Côrtes, logo que se reunirem, as providencias tomadas.

Em todos os dictionarios portuguezes respectivamente o verbo *submeter* significa: fazer depender, reduzir á dependencia do poder, da auctoridade, da força, etc. Além de que nas leis não se presumem palavras ociosas.

O § 1.º e o 3.º do citado art. 15.º estão indissolavelmente ligados e completam-se.

Na hypothese de não estar nullo o pretendido contrato Robert Williams, aquelle ficaria dependente da obrigação imposta ao Governo de submeterlo ás Côrtes e da condição d'estas o approvarem, confirmarem ou rejeitarem, condição esta que nasce daquella obrigação.

Ainda na mesma hypothese, Mister Robert Williams não teria direito algum á construção e exploração de um caminho de ferro entre a bahia do Lobito e a fronteira leste da provincia de Angola, e só poderia fazer todos os actos conservatorios do direito que espera ter, até que a referida condição

suspensiva se verificasse. Isto é claro como a agua mais crystallina.

Se o Governo, auctorisando-se no citado § 1.º do artigo 15.º do acto adicional de 1852, decretasse para as colónias, por exemplo, o estado de sitio, a pena de morte nos crimes politicos ou communs, a venda aberta ou disfarçada de provincias inteiras, o que é possível, não deveria elle submeter ás Côrtes as providencias tomadas, e não poderiam aquellas approval-as, confirmal-as ou rejeital-as no que fosse possível, em virtude do citado § 3.º?

Seria imbecil a resposta negativa. O citado § 3.º não faz distincção alguma entre as providencias tomadas e não limita as attribuições das Côrtes; seria até absurdo e irrisório que elle as limitasse a examinar, verificar ou registrar as providencias tomadas.

Na nossa legislação ha duzias de cartas de lei confirmando decretos que o Governo promulgou auctorisando-se no citado artigo 1.º, e algumas alterando-os.

Se tem havido Governos que não submeteram ás Côrtes taes decretos, isso não importa a invigencia ou revogação do citado § 3.º.

As Côrtes compõem-se de duas Camaras: Camara de Pares e Camara de Deputados. E' precisa a resolução de ambas.

Evidencia-se, pois, que as Côrtes podem e devem approvar, confirmar ou rejeitar as providencias tomadas em conformidade com o citado § 1.º. O direito publico e mais legislação dum Pais ham de ser respeitadas tanto pelo nacional como pelo estrangeiro, e tudo quanto se fizer contra aquelles é nullo e de nenhum effeito.

Antes de terminar, devo dizer, com todo o respeito, que Sua Magestade a Rainha assignou como Regente o mencionado decreto de 28 de novembro ultimo, mas que pela carta de lei de 12 de fevereiro de 1862 a Regencia, na menoridade do Principe Real, pertencia e pertence a Sua Alteza o Senhor Infante D. Afonso.

Sua Magestade a Rainha foi victima dos ministros e secretarios d'Estado que a levaram a assignar, sem, ao menos, ser ouvido o Conselho d'Estado, aquelle sinistro documento, que é a **mais alta traição** que ainda se fez a Portugal, e que Sua Magestade, com certeza, não assignaria, se tivesse quem a aconselhasse lealmente.

Admittir que os portuguezes podem lutar contra os homens do Norte, ainda que estes só explorem dois caminhos de ferro, tendo um o percurso de 1:500 kilometros, pelo menos, dois dos melhores portos, jazigos mineiros, estes por tempo illimitado, e emquanto o concessionario cumprir as condições que a lei e o titulo da concessão lhe impozeram, serviços indigenas insubstituiveis, matas e florestas do Estado, o uso dos terrenos deste que forem necessários e os terrenos dos particulares que expropriarem, para a exploração durante 99 annos de um caminho de ferro entre a bahia do Lobito e a fronteira leste da provincia de Angola, numa área de 360:000 kilometros quadrados; e ainda que façam o commercio e a navegação sob o regimen de um tratado differencial a favor dos nossos nacionaes (regimen que elles não deixariam durar muito) só doidos ou vendidos o podem admittir.

Até os vinhos, etc., etc., do Cabo da Boa Esperança inundariam a provincia de Angola, ainda que não fosse senão por contrabando, o qual, com aquella exploração, não se poderia evitar.

Aos tres jornaes que se têm salientado por uma defeza á *outrance* da negociata Williams, um dos quaes precisou ha dias, a propósito do caminho de ferro de Porto Alexandre a ligar com a linha Cabo Bulwaio, projectado por um sindicato anglo allemão, a nossa cooperação com a Alemanha em Angola, offereço para se revêrem na sua obra, os dois seguintes periodos de um livro interessantissimo do dr. Auguste Matteuzzi, intitulado *Les Facteurs de l'Evolution des Peuples*, e publicado em 1900:

«De nos jours les peuples du Nord sans tenter la conquête, d'un territoire,

condamnent les peuples du Midi à la décadence, en les obligeant à soutenir avec eux la concurrence industrielle.

En effet, nous avons vu comment le milieu physique et tellurique avec l'hé rédité des caractères acquis, avait déterminé dans ces pays l'industriel et les arts utiles.»

Se o estupendissimo negócio Robert Williams fór por deante, a provincia de Angola está perdida Portugal num futuro fatalmente próximo, e todo o mundo civilisado poderá desde logo dizer que os portuguezes são realmente uma nação moribunda (lembram-se da sentença Salisburly!) e *ad servitulum parati*.

O publico advinhara por certo o motivo pelo qual, tendo eu podido dar publicidade ao que ahí fica, desde o dia 4 de dezembro ultimo, como posso provar plenamente, só hoje o faço.

Lisboa, 3 de janeiro de 1903.

Evaristo Brandão,

Ex deputado por S. Thomé.

FILHO D'ALMEIDA

A' ESQUINA

(Jornal dum vagabundo)

Eu (autobiografia).—Em Coimbra. Recitas d'estudantes.—A volta dos roupêtas.—O problema taurino.—Ceifeiros.—Los Manganeses.—O monumento a Souza Martins.—Escriptores dramaticos e seu publico.—A Exposição do Gremio Artístico.—Na Atalaia.—Raphael Bordallo Pinheiro.

1 volume 500 réis

Na casa editora França Amado, Coimbra, e em todas as livrarias.

ANNUNCIOS

LUCA

Delicioso licor extra-fino

VINHOS

Associação Vinícola da Bairrada

Grandes descontos nos revendedores

Unico deposito em Coimbra

CONFETARIA TELLES

150, R. Ferreira Borges, 156

COLLEGIO

LYCEU FIGUEIRENSE

Instituto particular de educação e ensino

Director, o professor da Universidade

José Luiz Mendes Pinheiro

Rua da Fonte, 58

Os estudos deste collegio comprehendem:

A instrucção primaria, habilitando para o exame de admissão aos lyceus. A instrucção secundaria, segundo o plano actualmente em vigor nos lyceus officiaes.

Algumas disciplinas com uma feição essencialmente pratica, para aquelles alumnos que, não desejando seguir o curso dos lyceus, pretendam apenas adquirir conhecimentos uteis para o mais efficaç emprego da sua actividade, particularmente na profissão commercial.

Aulas de gymnastica, musica e pintura.

Admitte alumnos internos, semi-internos e externos.

A matricula continua aberta a secretaria do collegio todos os dias uteis.

Empreza Automobilista Portuguesa
MOTOR "DARRACQ"

Representantes em todo o país

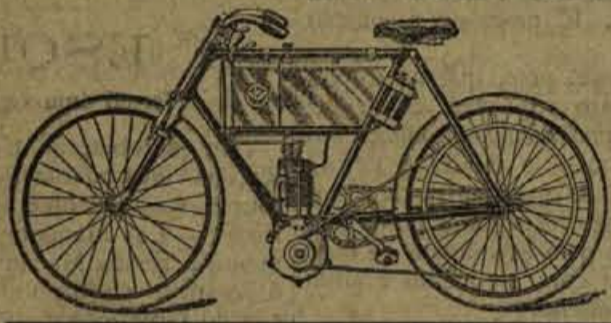


LEÃO, MOREIRA & TAVARES

Rua Ferreira Borges — COIMBRA

Automoveis Darracq: — Nas corridas Figueira Lisboa (270 kilometros), 2 Darracqs sahiram da Figueira; 2 Darracqs chegaram a Lisboa; ganhando os primeiros premios; dos outros constructores sahiram 5 automoveis da Figueira, chegando apenas um a Lisboa.

MOTOCYCLETTEN



WERNER

Motocyclettes Werner: — Detentora do record Porto Lisboa em 11 horas, 20 m. e 15 s. — 1.ª nas corridas Paris-Berlim, Paris-Vienna, etc.

L. M. LILLY, Engenheiro

- Machinas** agricolas de toda a qualidade.
- Machinas** para fiação e tecelagem para todos os tecidos.
- Machinas** para fazer soda-water, gazosas, gelo, etc.
- Machinas** para fazer papel continuo, cartão, etc.
- Machinas** para lavar, engommar e desinfectar roupa.
- Machinas** de vapor e de gaz, caldeiras e bombas.
- Machinas** de escrever, de systema **YOST**.
- Correias** de pelle, de couro, de borracha, empanques, etc.
- Materias primas** de todas as qualidades.
- Instalações, desenhos, montagens.**
- Facilitam-se pagamentos.**

REPRESENTANTE

JOÃO GOMES MOREIRA
COIMBRA

Nova Havaneza

Rua de Ferreira Borges n.º 178

Papelaria, Tabacaria, Perfumaria.
Carteiras, malas, caixas de charão,
e todos os objectos de escriptorio.

Automoveis

em segunda mão

(Em perfeito estado de conservação)

Um "Benz", de 7 logares.
Uma "Vitoirete Richard", 3 ou 4
logares.

Empreza Automobilista
Portuguesa

COIMBRA

Liquidação de Penhores

em Leilão

A casa penhorista de Alipio Augusto dos Santos, fará leilão de todos os penhores em debito de mais de 3 mezes de juros.

O leilão terá principio em 23 de Janeiro de 1903 e dias seguintes até completa liquidação, na sua casa, Rua de Visconde da Luz, 60.

Coimbra, 18 de Dezembro de 1902.

Alipio Augusto dos Santos

Consultorio dentario

COIMBRA

Rua Ferreira Borges

Herculano Carvalho

Méico pela Universidade de Coimbra

PHARMACIA

A. Julio do Nascimento

115 — RUA DA PRATA — 117
34 — T. DE S. NICOLAU — 36
LISBOA

Lapis anti-nevralgicos

(Crayon anti-migraine)

Cigarros anti-asthmaticos, peitoraes

TONICO OCCIDENTAL

(Superior ao Tonico Oriental)

Purificador do sangue

Nas doencas syphiliticas

ELIXIR DENTRIFICO GENIVAL

ETC., ETC.

Meias elasticas, grande sortimento de fundas, insufladores, suspensorios, esponjas, algodões, pulverisadores, irrigadores, termómetros diversos, farinhas peitoraes, instrumentos cirurgicos, aguas mineraes, nacionaes e estrangeiros, artigos de borracha, etc., etc.

Ceiras para lagar de azeite

Sem competidor em Coimbra

Feitas de bom esparto e bem executadas
Encontram-se á venda na

Praça do Commercio, 110 e 111

Unica casa onde se fazem

COSINHA POPULAR

Rua da Concordia, n.º 27, 29 e 31

Figueira da Foz

Esta antiga e acreditada casa situada num dos melhores locais da Figueira, Junto dos Casinos e a dois passos da praia de banhos, continúa recebendo hospedes permanentes, por preços commodos.

Fornece almoços e jantares para fóra desde 300 réis.

O Proprietário,

José Maria Junior.

Alfaiataria Academica

AFFONSO DE BARROS

Acaba de chegar á esta casa o exímio tailleur Saturnino F. Grant, ex-gerente da Alfaiataria Amieiro, de Lisboa.

Rua Ferreira Borges

COIMBRA

"RESISTENCIA,"

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha, no reino:

Anno 2700
Semestre 1350
Trimestre 680

Sem estampilha:

Anno 2400
Semestre 1200
Trimestre 600

Brazil e Africa, anno... 32600 réis
Ilhas adjacentes, 30000

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis; para os senhores assignantes, desconto de 50%.

Communicados, 40 réis a linha.
Réclames, 60

Annunciam-se gratuitamente todas as publicações com cuja remessa este jornal fór honrado.

Avulso 40 réis

PASTELARIA E CONFETTARIA TELLES

150 — Rua Ferreira Borges — 156

N'esta casa, regularmente montada no género das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes á estabelecimentos d'esta naturéza.

Dóces de ovos dos mais finos paladares e delicados góstos, denominados *dóces sortidos*, para chá e *soirées*, em grande e bonita variedade que difficil se torna enumerar-la.

Dóces de fructa de todas as qualidades, de que é costume fabricar-se, tanto em secco, como crystalizados, rivalisar com os estrangeiros.

Pastelaria em todos os generos e qualidades, o que ha de mais fino e saboroso, especializando os de folhado.

Fabricam-se com finos recheios e ovos em fio, peças grandes de primorosa phantasia, denominadas *Centrosde mesa*, *Castellos*, *Jarrões*, *Lyras*, *Floureiras*, *Lampreias*, etc., etc., próprias para banquetes.

Pudings Gelados, de leite, deliciosos, laranja, chá café e de fructas diversas, vistosamente enfeitados.

Pão de ló pelo systema de Margaride, já bem conhecido nesta cidade, cuja superioridade é confirmada pelo largo consumo que tem.

Especialidade em vinhos generosos do Porto e Maieira, Moscatel, Collares, Champagne, Cognacs Licores finos, etc. das melhores marcas nacionaes e estrangeiras.

Vinhos da Companhia Vinicola do Norte de Portugal.

Amendoas e confeitos de todas as qualidades, garantindo-se pureza dos assucares com que sam fabricadas.

Conservas nacionaes e estrangeiras, chás verdes e pretos, passas, bombons de chocolate, Drops, queijo Flamengo, Gruyére, Prato, Roquefort e outros. Geleia de mão de vacca.

Deposito dos productos da sua fabrica de bolachas e biscoitos na Couraça de Lisboa, 32.

José Marques Ladeira & Filho

Empreiteiros das Companhias de Illuminação a Gaz e Aguas

4 — Praça 8 de Maio — 4

COIMBRA

Canalisações para agua e gaz

Lustres, lyras, lanternas e candieiros para gaz, machinas de aquecer agua a gaz para banhos, tubos de lona, borracha, latão e chumbo, lavatorios, urinoes retretes e bidets, torneiras de metal de todas as qualidades, cartão e corda de amianto, e borracha em folha.

PREÇOS ESPECIAES EM TUBOS DE FERRO

Fazem-se trabalhos fóra da cidade

INCANDESCENCIA



Mangas transportaveis PRIMAS, duzia 1\$000 réis

Bico systema AUER e intensivos, cada de 300 a 400 "

Chaminés de Gena lisas e furadas " " 140 a 200 "

Apparelhos, candieiros e mangas para gazolina, acetylene e alcool.

Caboreto de calcio, gazolina, benzina e veloxina.

Enviem-se catalogos com os preços sobre pedidos

A. RIVIÉRE

RUA DE S. PAULO — 9, 1.º

LISBOA

SILVA & FILHO

MAQUINARIA

Fábrica manual de calçado e tamanco

e depósito de alpargatas

EXPORTAÇÃO

CASA

Aluga-se o 1.º andar da casa n.º 80 na rua da Moeda; tem commodos para uma familia regular, canalização para agua e todos os despejos.

Para tratar com sua dona, rua Sá da Bandeira, 55.

COIMBRA

AGUA DA CURIA (Mogofores — Anadia)

Sulfatada - Calcica

A unica analysada no paiz, similhante á afamada agua de CONTREXÉVILLE, nos Vosges (França)

INDICAÇÕES

Para uso interno: — *Arthritismo*, *Gotta*, *Lithiase urica*, *Lithiase biliar*, *Engorgitamentos hepaticos*, *Catarrhos vesiclaes*, *Catarrho uterino*.

Para uso externo: — *Em diferentes especies de dermatoses*.

As analyses chimica e microbiologica foram feitas pelo professor da Escola Brotero, o ex.º sr. Charles Lepierre.

A' venda em garrafas de litro — Preço 200 réis

Deposito em Coimbra — PHARMACIA DONATO

4, Rua Ferreira Borges, 6

RESISTENCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS FEIRAS

Officina typográfica

12 - RUA DA MOEDA - 14

Editor

MANUEL D'OLIVEIRA AMARAL

Redacção e administração, ARCO D'ALMEDINA, 6, 2.º andar

N.º 765

COIMBRA — Domingo, 11 de Janeiro de 1903

8.º ANNO

ULTIMATUM

Foi ha annos já, e nós, que esquecemos tam depressa em Portugal, sentimos ainda hoje o insulto, vilante como o das vergonhas que tam por vingar.

Quando se soube a triste nova, viu o povo para a rua, e havia nas mais pequenas terras de Portugal um movimento desusado de gente triste, calada, como se andasse á espera dum enterro.

De repente tudo se animou e a multidão, que enchia as praças e as ruas, começou a gritar de dor e a fazer imprecações, em que referia, numa onde forte, o ódio contra uma nação que nos espoliava desde que por uma alliança de reis conseguira relações de amizade com Portugal.

Tudo nos havia roubado aquellam nação que se dizia nossa amiga, que ao publicar o documento que nos cobria de ignominia, tinha ainda phrases da mais refalsada hipocrisia e do mais baixo e torpe cismo para lastimar ver-se forçada a medida tam violenta com o mais elho dos seus alliados.

Lembrou-nos então todo o nosso passado de alliança franca e leal, e aquelle povo de aventureiros e ratas explorára para se fazer forte e temido, para adquirir um novo imperio, que nos roubou e onde substituiu a cavalheiresca heroicidade portugueza pela guerra da miséria, pelo dominio da fome.

Como irmãos d'armas, elles que não contam na história uma batalha gloriosa, nem uma derrota hecibica, cobriram-se sempre com a bragem portugueza, que exploram a séculos em proveito próprio, e quando os inimigos têm para os soldados portuguezes só palavras de respeito, louvando a sua coragem e a sua lealdade com os vendidos, elles, os nossos alliados avomam a grandesa das suas forças em relações históricas riem ironicamente da nossa coragem.

E roubam-nos a glória, como os haviam roubado já o mais rico dos nossos imperios.

O seu maior titulo de orgulho, de imperador das Índias, é a affirmacção da sua deslealdade para com mais velho e mais dedicado dos seus alliados.

Erão estas as vozes que se ouam.

Nem uma só se levantou a justificar a villêsa de tal accção, nem mesmo a de aquelles que fazem da mentira a sua força.

Todos queriam lutar contra o inimigo forte que os tinha debaixo do joelho sob a ameaça de novas exspoliações e de novos insultos.

E não houve em todo o mundo uma só palavra de ironia contra as vozes que gritavamos chamando a lucta e ao combate sem treguas sem fim, aquelle povo forte.

O ridiculo dos nossos esforços para nos libertarmos da garra que nos tinha bem seguros, não encontrou em todo o mundo senão pala-

avras de sympathia, vozes carinhosas de fraternidade.

Era de esperar que Portugal, que dera sempre tam nobres exemplos de heroicidade, não esquecesse nunca o odio que devia ao povo que lhe atirára aquelle insulto infame.

Pouco a pouco foi-se diluindo o odio e começou a apparecer em jornaes portuguezes a ideia da fatalidade que prendia indissolvelmente o nosso destino ao daquelle povo que se fizera nosso alliado, e se enriquecera pelas complacencias monarchicas.

E a propria Inglaterra veiu annunciar á Europa que em Portugal haveria seguro um throno, emquanto se mantivesse a alliança antiga.

E hoje o nome portuguez acorrentado ao da Inglaterra é escarnecido e villipendiado no mundo, ouve-se no meio de vaias de odio.

Como os fracos, que tem ido envellecendo pela vida continuada de miséria e de ignominia, Portugal finge tirar da sua alliança com a Inglaterra o seu melhor titulo de gloria, a affirmacção da sua força.

Portugal ergue a voz para clamar a sua amizade á Inglaterra, como o ocioso arruinado se vê forçado a sentar á sua meza como amigo a creatura vil que o tem sob a ameaça da agiotagem e da ruina.

Tudo fingimos esquecer, com a esperanza de enganar os outros, imaginando que elles não verão a nossa ignominia.

Mais uma vez apparece a vergonha como titulo de gloria no brazão de Portugal.

Houve em Portugal um rei que ficou na história como o symbolo da ineptia e da baixeza.

A sua vida publica é a affirmacção da cobardia e da falta de dignidade.

A sua vida particular, que corre apenas na tradição oral, é tudo o que ha de mais grosseiramente baixo.

Chamava-se o monarcha D. João VI.

E' conhecido o typo dêste rei sem dignidade na sua vida particular, sem brio na vida pública, que a fatalidade de reinar lhe tornou difficil e aventureosa.

A mulher é citada por todos como um typo baixo de prostituta coroadada, viciosa e cinica, sem grandesa, nem paixão.

Não ha homem ignorante que não saiba histórias da prostituição villã de D. Carlota Joaquina.

Nos campos, contam-se casos de amor com os jornaleiros das quintas reaes; nas casernas ouvem-se a rir as aventuras, que se lhe attribuem, com os soldados de guarda de honra ao paço.

E é tam grande o crédito popular na ignominia daquelle mulher vergonhosa, que ha gente ingenua, que attribua ao acaso de aventuras damor com cornetas e

hortelões o ter tido filhos, em que o povo reconheceu energia que nunca vira ao rei.

Nunca os rudes homens do campo, que não conhecem os pormenores de alcova das côrtes, poderam admitir que D. João VI tivêsse um filho robusto e forte.

Sabendo da infidelidade da esposa, portou-se aquelle rei como o mais ridiculo marido de comédia burlesca: queixou-se á familia della, e abandonou o leito para que ninguém pudesse ignorar em Portugal, a infâmia da mulher, que sentava ao lado no throno.

A vergonha daquelle reinado affirma-se em cada facto.

Anda nas moedas correntes.

Foi este monarcha covarde, esse homem que fugiu vergonhosamente ao inimigo, que mandou collocar nas moedas do seu reinado, a esphera armillar, que outro rei mais venturoso tomára por empreza para affirmar publicamente as heróicas façanhas, as nobres descobertas dos marinheiros portuguezes.

E a esphera armillar, que attestava o passado glorioso do povo portuguez, foi orgulhosamente arvorada por um rei imbecil, que se cobrira de vergonha numa fuga vergonhosa por aquelle mar, que tanto tempo cantára a nossa gloria.

No pataco a moeda symbolica daquelle reinado, e que ficou, na linguagem corrente, como o preço de tudo o que é baixo e vil, appareceu esverdeada do toque immundo do vicio a esphera armillar o titulo glorioso da conquista maritima, a assignalar o reinado de um rei que nos cobrira de vergonha sobre o mar.

Era a esphera armillar cantando a nossa gloria antiga de marinheiros que se fazia vêr a todos para fazer esquecer o desastre recente, e a fuga vergonhosa pelo mar fóra.

Hoje, como entám, lembrámos o passado, e fingimos esquecer o insulto do presente.

A alliança inglesa vale bem, como vergonha a esphera armillar do pataco de D. João VI.

T. C.

O próximo numero da RESISTENCIA será unicamente dedicado á memoria de José Falcão.

O numero do último do corrente mês será de homenagem aos vencidos de trinta e um de janeiro.

Assim commemorará a RESISTENCIA os dois mais tristes anniversários da história da republica em Portugal.

Ao nosso presado collega *Justiça*, agradecemos as palavras de alto e imerecido louvor com que nos distingue, a propósito dos boatos espalhados sobre o desaparecimento do nosso jornal.

Os mesmos agradecimentos a *Folha de Coimbra*, que tem sido comnosco sempre de uma amabilidade nada João Franco, um inimigo terrivel de quem temos tanto medo como da sarna...

Contra a imprensa

Depois dum breve armistício, o sr. Hintze Ribeiro recommçou as suas perseguições á imprensa.

O *Liberal* e o *Mundo*, jornaes da sua mui especial predilecção, foram já apprehendidos, pelo crime infendo de darem o *compte-rendu* da reunião dos progressistas em que José Luciano parece ter dito profundas verdades sobre a influencia do *poder pessoal* na vida dos partidos.

Faltam-nos já forças para esse protesto de dia a dia, banal, impropicio, irritante nas suas bellas phrases de estylo, com que vêm commentar-se, pateticamente, as mais sordidas violências e os mais perigosos attentados.

O regimen odiosissimo a que a imprensa está de ha muito sujeita, seria de molde a suscitar um protesto em forma, amplo e vigoroso, que fosse um correctivo severo e uma útil prevenção a futuras investidas, se neste pais ha muito se não tivessem apagado os últimos lampejos de brio, de independência, e de patriotismo.

Do decoro, da solidariedade, da nobresa da classe jornalística, é bom que nos dispensemos de fallar, para não abrir a repressão de amargas e duras reflexões.

A sua attitude, nesta questão primordial, é tristemente deploravel, degradante.

Que contra os attentados do governo protestámos como a mais sincera e veemente indignação, não já por mera cortezia, mas pelo culto que temos por todos os principios de liberdade e de justiça, escusámos de estar todos os dias a repetil-o, inutilmente, em phrases consagradas, pois que a linha de conducta por nós sempre mantida não autoriza outro julzo.

Sómente nos dispensámos de matracar o velho estribicho inutil, affirmando de resto a nossa completa disposição para uma campanha a sério, a valer, pelos direitos que nos assistem. E por aqui nos ficámos.

Correm por Coimbra boatos surdos de grande novidade no nosso pequeno meio politico provincial.

Como do costume, tudo se resume em nomeações de empregados publicos. Torna a fallar se com assistencia em que, pela reforma do sr. Espregueira, será nomeado director da penitenciaria de Coimbra o sr. D. José Miranda.

Para o lugar de administrador do concelho, que fica vago pela sua nomeação e acesso, será nomeado uma personagem que se tem assignalado pelo seu zelo em trabalho eleitoraes. Não ha hoje melhor recommendação.

É uma surpresa que tem sido muito annunciada; mas que parece ter havido até hoje difficuldade em realizar.

O partido progressista de Coimbra, que tem ajudado a vida difficil da mequinha hoste hintzacea, que para ali anda cheia da importancia que arranja ao espelho em attitudes rigidas, de muita compustura e autoridade, parece pouco resolvido a deixar preterir, sem um protesto, correligionarios a que deve numa vida longa de abnegação e serviços politicos nunca recompensados.

Os srs. João de Barros e Alvaro de Castro acabaram a traducção de uma bella comédia da litteratura espanhola contemporânea, que destinam ao theatro de D. Maria.

Mayer Garcão apresentou já uma traducção em verso dum original francez, que os artistas consideram pela belleza dos versos superior á tam applaudida traducção de *Os Romanescos*.

E' uma peça de dois personagens apenas, que será representada por Ferreira da Silva e pela Virginia na festa desta gloriosa actriz.

Partido republicano

Não ha, sobre o assumpto, opiniões divergentes. Não podia haver-as. Seria estulticia ou traição negar a urgencia dum forte refundimento partidário que traga ao meio do geral desalento nacional uma era nova de esperanças fortificantes.

Na campanha que ha muito vem sustentando, a *Resistencia* julga ter sobejamente fundamentado as suas asserções, sobre os erros e as responsabilidades do passado como sobre as indispensaveis tentativas do futuro.

Com leal franqueza disse aos homens do partido republicano o que era de irreductivel necessidade dizer-lhes; e, cheia de confiança, aguarda que esses homens, na comprehensão intelligente e austera dum alto dever, tomem a direcção dêste movimento de esperancosa reconstituição partidária.

E' preciso não parar. Insistir, insistir sempre, pertinazmente, audaciosamente — eis o caminho.

Com sincero jubilo temos aqui registado as adhesões valiosas de varios collegas e correligionarios prestantissimos, que mais vem animar nos no proseguimento dos nossos desinteressados intentos.

Pelo partido republicano, que não por nós, esperámos que todos continuem a prestar-nos a sua adhesão, dando por sua autoridade um relevo brilhante a esta justissima campanha.

Sucedem-se os attentados. Cada vês se compromette mais o futuro desta desgraçada terra.

Os governos fazem o silencio, reprimindo, assaltando, calando brutalmente, sem pretexto nem explicações, todas as vozes da opinião.

Mais os governos fazem a treva, fechando associações que benemérita mente mantinham escolas para o povo.

A situação é insustentavel. Asphixia, humilha, vexa, este silencio, esta resignação ignominiosa com que recebemos todos os attentados, todas as exspoliações, todos os crimes, sem um grito de colera, sem um gesto de revolta fremente, de cabeça baixa, de braços pendidos, numa attitude de escravos abjectos.

Que melhor ensejo para nos levantarmos, e unir-nos, e seguir para a frente, compenetrados dos nossos deveres e das nossas responsabilidades?

Fallemos uns aos outros a inteira verdade. E' preferivel que cada um annuncie a tempo a sua ruína do que deixe, por incorrectos brios, agravar a inevitavelmente.

Podem dizer nos que este silencio nos arraias democraticos, esta dispersão, este caminhar desordenado, esta frouxa vida, provem immediatamente do regimen de repressão odiosa com que os governos contém todas as manifestações desaprovadoras da camada livre do pais.

Mas quem creou um tal regimen?

Nós, os republicanos, deixando que todos os governos da monarchia apertassem, sem resistencia alguma, mais e mais, o laço, á volta das nossas ultimas regalias.

Nós, que ás primeiras investidas dos tyrannetes do Terreiro do Paço dispersámos desalentados, como se não houvéra força para fazer voar os dentes aos rabidos molossos que a monarchia nos aculava.

Ah! sim, um tal regimen é uma criação nossa. A sua força é um producto logico da nossa fraqueza.

Valentes, talvez, os quadriheiros do regimen, porque nós os temos auxiliado com o desafogo que lhes dá a nossa covardia.

Como pôde fazer respeitar os direitos e as liberdades dum povo, constituir-se sentinella dêesses bens, quem não tem sabido defender-se a si próprio dos repetidos attentados do poder, e deixa pacientemente que o dispam das ultimas regalias?

Não pôde ser, não pôde ser,

E' indispensavel, urgentissimo, que todos os republicanos se resolvam a sair do seu quietismo, da sua muda expectação, dos seus melindres pueris, para dar fim á situação insupportavel, vilissima, que o pais atravessa.

A *Resistencia* apresentou já as suas propostas.

A ideia da convocação dum congresso parece ser geralmente accete. Pois reuna-se, sem demoras nocivas, esse congresso, discutam a forma do partido republicano sair do deprimido marasmo em que tem jazido, aquellos que, pela sua situação especial dentro desse partido, melhor podem e devem fazel-o.

Nessa assembleia democratica todas as vozes devem ouvir-se com respectiva deferencia, todas as opiniões devem ser acolhidas e meditadas com o sincero desejo de extrair d'ellas o que de util possa ter para a causa da patria e da republica, todos os homens, enfim, ou obscuros ou de renome, recebidos com a gentileza, a sympathia, a confiança e o enthusiasmo de quem se prepara para uma obra de estreito congnramento.

Levantem-se os republicanos. E' tempo de resgatarem com uma actividade e um ardor sempre crescentes esse longo periodo triste em que andaram dispersos, abatidos, sem direcção, sem esperanças, intrigando-se uns aos outros, uns aos outros depreciando seus meritos e sinceridade, misturando deploravelmente as suas birras, os seus melindres, os seus negócios passageos com os interesses superiores, sagrados, do partido republicano.

Fiquem os que podem, e devem, e é util que fiquem. Vão se embora os tibios, os contemporisadores, os charlatães.

A prova é decisiva. Mais uma vez o repetimos: quem não é por nós é contra nós.

Tem continuado a defender, com persistencia e brilho, a necessidade da reorganização das forças republicanas, os nossos presados collegas *Voz Publica*, *Norte*, *Voz da Justiça*, *Mundo*, *Povo do Norte*, *Folha da Tarde*, e *Jornal de Abrantes*.

O *Democrata*, do Funchal, convida todos os republicanos da Madeira a iniciarem um periodo de organização partidaria em que entrem todos os elementos que ora andam dispersos.

Parece ter-se pôsto de lado a reforma do regulamento das faltas, de uma laboração tam lenta, tam meditado e tam discutido, e que ao fim de um mês de estar em prática se reconheceu cheio de defeitos, prejudicial para o ensino e para os interesses de professores e discipulos.

Parece nos razoavel o deixar acabar a ferocidade do regulamento pela fatalidade da sua viciosa organização.

Não se percebe que haja no pais estudantes privilegiados, e que os de Lisboa e Porto, que vivem num meio especial, rodeados de distracções, tenham mais facilidade em faltar á frequencia das aulas, do que os de Coimbra.

De mais facilmente se repara a falta de frequencia de aulas, passadas na sua maior parte a recitar prelecções, que o alumno nem ouve por ter garantido em *sebtas* officiaes o texto do professor.

O que era necessario era reformar os methodos de ensino, não fazer dos cursos universitarios, cursos de anedotas scientificas, e reformar de vés o regimen dos actos que, com as provas insufficientes que os alumnos dão durante o anno, não pôde indicar nem o saber nem o merito do alumno.

O que é necessario é ensinar o alumno a estudar, crear-lhe o amor do estudo e do trabalho.

O que o professor precisa de conhecer é se o alumno sabe.

A fiscalização das faltas, o estabelecer, como se fazia em algumas cadeiras, como garantia do aproveitamento do alumno a frequencia de banco, e crear-lhe o habito, e enraizar-lhe no espirito de muito novo a ideia, de que cada um cumpre o seu dever, quando entra e sahe das secretarias á hora marcada pelos regulamentos.

Ham de ter tempo de aprender este principio denominante da actividade do funcionalismo português!

Escusado é ter trabalho em ensinar-lho.

O sr. Commissario mandou policier o sitio do mercado e Fonte-Nova por ultimamente ter havido alguns apedrejamentos á padaria militar.

Republicanos hespanhoes

A união republicana em Hespanha é um facto. O Comicio de Castellou foi uma affirmação eloquentissima que ha-de repercutir-se proficuamente em todo o pais. Nos discursos vigorosos e brilhantes de Gasset, Peres Pastos, Junoes, Soriano, Blasco Ibanez & Leroux, affirmou-se unanime e calorosamente a necessidade da união republicana sob os auspicios do eminente democrata Salmeron, como meio seguro de derrubar a monarchia que tam grandes males tem acarretado ao povo hespanhol.

Por toda a parte se observam symptomas de reviviscência partidaria, que todos os locaes democratas não cessam de promover com uma pertinácia e um ardor invulgares. Na imprensa republicana vae uma campanha de citação ardente, visando a crear e despertar energias e estímulos adormecidos e a salientar a excepcionalidade da desgraçada hora presente.

Não é este resurgimento da democracia espanhola um bello e animador exemplo para nós, os republicanos portuquenses, meditarmos e resurgirmos?

O sr. Bispo Conde vae mandar fazer uma banqueta nova para o altar mór da Sé Velha.

Foi encarregado de executar os desenhos para os novos castiçais e cruz o nosso amigo A. Augusto Gonçalves, que tem sido duma dedicação constante e infatigavel nas obras da restauração e embellesamento do velho templo.

A obra, que será feita no estylo do soberbo altar, uma das reliquias mais preciosas da escultura em madeira, que existem no nosso pais, requer cuidado particular, porque os grupos da *pradela* devem ficar a descoberto, devendo por isso ter proporções exiguas os objectos que as necessidades do culto obrigam a fazer de novo.

Vam ser removidas as mezas lateraes que tanto deseavam o altar mór, e que apenas a necessidade obrigava a conservar.

Espera-se tambem começar em breve obra que modifique o aspecto do altar, que inferiormente se apresenta pobre e mesquinho, destoando da belleza de linhas e do grandioso effeito decorativo da magnifica obra do generoso bispo D. Jorge de Almeida.

As ultimas chuvas, e a irregularidade do tempo tem modificado desfavoravelmente o estado sanitario de Coimbra.

Apezar das previsões da invasão duma epidemia de variola, não tem apparecido casos que dêem razão aos maus vaticinadores.

Tem-se observado casos isolados de diptheria e de sarampo, que foram debellados a tempo, não tendo dado logar a soluções fataes.

Continúa a devastação dos pinhaes, sem que da parte do governo haja a ideia de estabelecer as medidas repressivas em uso noutros países.

Portugal era um país em que o preço do combustivel era menor. Ultimamente com a encomenda de tóros de pinheiros, que do extranjeiro fazem para suprirem as faltas e carestia de materiaes que as medidas repressivas da extincção das mattas tem originado tem subido consideravelmente o preço da lenha que brevemente attingirá o preço de outros países da Europa.

Em Coimbra, só um negociante tem encomenda de 3:000 vagnos de tóros, tendo por isso ultimamente comprado nos arredores alguns pinhaes, que em breve estarã devastados.

As medidas repressivas hã de vir, quando não puderem ter effeito por se acharem destruidas de todo as mattas, que, ha tantos annos, se andam devastando em Portugal.

E ninguem vem a aproveitar senão o extranjeiro e algum que vae explorando a ignorância dos que vendem ingenuamente os seus pinhaes, sem saberem o preço a que elles ultimamente tem subido.

No museu de antiguidades do Instituto tem continuado a catalogação que se acha já bastante adeantada.

Ultimamente foram collocados alguns paineis de azulejos, curiosos padrões de tapete, do seculo XVII, recordações das luctas de D. Pedro e D. Miguel, e alguns objectos de ferro, entre elles uma curiosa tesoura depositada por o sr. dr. Teixeira de Carvalho.

Bons processos de colonisação

Do ultimo numero, que recebemos, do *Progresso de Lourenço Marques* transcrevemos as noticias, que mostram o zelo que as autoridades africanas têm por nos tornar temidos e odiados pelos indigenas, como já o sam os ingleses, nossos fieis allidos;

Escrevem-nos do Chinde para chamarmos a attenção da auctoridade competente para o facto da respectiva Intendencia castigar barbaramente os pretos, baseando-se somente nas declarações do primeiro individuo que se lembra de l'has fazer. Sem procurar saber o que ha de verdade na accusação feita, a Intendencia manda logo applicar ao preto 150 e 200 palmatoadas, ficando elle com as mãos a escorrer sangue e inutilizado de trabalhar por alguns dias.

Hontem presenciámos um facto que mais uma vez nos obriga a pôr em duvida se os selvagens são os pretos ou se são os brancos.

Pelas 6 horas da tarde o policia n.º 29, ao entrar em uma loja da Rua D. Luiz esbarrou com um preto que nessa occasião vinha sahindo.

E' um caso naturalissimo e muito facil de acontecer.

O policia julgou-se porém offendido e levantando o aguerrido braço deu uma tremenda bofetada ao pobre preto.

O preto vendo-se assim offendido, voltou-se para o policia e perguntou-lhe a razão porque assim o maltratava. A resposta foi uma nova tarefa seguida da prisão immediata.

Ante-hontem, um preto, antigo servente da estação de incendios, homem de excellente comportamento, e para attestal o bastam os sete annos de serviço que a contento dos seus superiores tem desempenhado na Camara achou-se envolvido em uma desordem no sitio de Machaquene com outro preto em consequencia deste ter desinquietado sua mulher.

Conduzido preso para o posto de policia da Rua de D. Luiz, esta sem mais explicações desandou á pancada ria sobre o desgraçado preto, e tamanha foi a sova que lhe poz os queixos á banda. O preto ahi anda em serviço de illuminação dos postos policiaes em vés de ser recolhido ao hospital.

Estes abusos da autoridade policial, sembre cheia da sua importancia, cobrindo a responsabilidade dos seus actos com affirmação de *ordas* recebidos, não é facto proprio das colonias: no continente sam frequentes as queixas de prisões arbitrarías e de maos tratos aos presos.

Branços e pretos sem igualmente tratados pela policia.

Exemplo raro da equaldade das raças perante a lei.

O facto porem, que é justamente censurado pelo nosso collega de Lourenço Marques, tem gravidade especial porque contribue para abalar a confiança que o preto tinha na nossa amizade, ligando se abertamente connosco contra o inglés que detestava.

Dr. Bazilio Freire

Reassumiu a regencia da cadeira de Anatomia Normal o sr. dr. Bazilio Soares da Costa Freire, que, na primeira época deste anno lectivo, se conservára afastado do ensino por encommodo de saúde.

Felicítamos o distincto professor pelo seu restabelecimento.

Os empregados do fisco apprehenderam na diligencia que devia seguir de Coimbra para Cantanhede 90 metros de cordão e engredientes que elles suppozeram serem destinados ao fabrico prohibido da isca.

Coimbra continua couto de vadios e ladrões.

Quando em qualquer parte se commette um roubo importante, a primeira diligencia a fazer é sempre saber se partiu para Coimbra algum gatuno conhecido.

Agora, a requisição do commissario de policia do Porto, foram presos em Coimbra Eugenio Divinich Gallar accusado de ter roubado 400000 réis ao vendedor de jornaes portuense, Antonio Silva, e Manuel Py, que se diz ter furtado na Regoa uma carteira com 1:500000 réis.

Theatro-Circo

Realizou-se hontem, como estava annunciado, o espectáculo artistico de Santos Lucas com a conhecida comédia — *O Sr. Director*, original de Alexandre Bisson e Fabrice Carri, que tam grande celeuma levantou em Lisboa, na imprensa, quando foi levada á scena por Lucinda Simões.

E' uma comédia, em que os factos contemporaneos da corrupção dos ministérios sam expostos cruamente, sendo certo que, aparte dois leves ditos, a accção é apenas escabrosa pelas situações.

Não é peça que mereça grandes discussões, nem nunca os auctores pertenderam arvorar-se em criticos de costumes, ou tentaram resolver o difficil problema da comédia humana, que tanto tem preocupado os auctores dramaticos contemporaneos.

E' uma comédia ligeira, que se ouve sem enfado, e foi bem representada, sobretudo por parte de Georgina Pinto, que soube evitar o perigo de converter o papel de Suzanna na exhibição duma *cocote* leviana, fazendo uma criação distincta e elegante daquelle papel mal definido.

O publico mostrou-se satisfeito applaudindo todos os actores, que formam um excellente conjunto, sobretudo Georgina Pinto, Carlos Santos e Valle que foi chamado várias véses ao proscênio, vindo se obrigado a dizer três monologos.

Nos intervallos tocou a philármonica *Boa-União*.

Hoje teremos no mesmo theatro a — *Mancha que limpa*, onde Georgina Pinto tem o papel principal, em que poderá revellar as qualidades dramaticas do seu temperamento de artista.

O nosso collega *Justiça* dirige-se, em carta aberta, ao sr. commissario pedindo lhe que providencie de fórma a evitar que a policia desta cidade continue a ser capa de larápios e marafonas.

A *Justiça* faz accusações claras, que o sr. commissario tem que attender forçosamente, para que não possa dizer-se que todos cumplicitam com a *troupe* escusa que faz de Coimbra seu quartel general.

Por nossa parte esperamos pelo procedimento enérgico do sr. commissario de policia, convencidos como estãmos, pela longa successão de factos conhecidos, de que as accusações feitas á policia nada tem de injusto e infundado.

A camara municipal resolveu na sua ultima sessão dar maior desenvolvimento á abertura, reparação e restauração das ruas no bairro de Santa Cruz.

Bom era que, pela repartição de obras, se procedesse a estudos definitivos sobre a abertura, direcção e nivelamento das ruas deste bairro, que tem sido uma das maiores fontes de receita para o municipio, e que está destinado a ser um dos mais bellos da cidade.

A construcção de habitações, como ordinariamente se tem feito, sem estes trabalhos previos indispensaveis, tem dado origem a reformas em obras feitas na hypothese de serem outras as circumstancias do arruamento.

Ultimamente os terrenos estam sendo muito procurados, e tem sido comprados por preços relativamente altos, fazendo tudo suppôr que irã aumentando successivamente de valor com o augmento da população do bairro e obras indispensaveis de abertura de ruas, organização definitiva do plano de arruamentos, e fixação das cotas de nivel.

Fallecimentos

Falleceu o antigo commerciante desta cidade sr. José João Fernandes Parente.

Era um homem velho, curioso typo de negociante antigo, passando vagarosamente pelas ruas de Coimbra com o sorriso que a sua antiga profissão lhe deixára impresso nos lábios.

E' mais um curioso typo de velho que desaparece, deixando o seu nome ligado ao espirito de troça da academia coimbrã.

Depois de uma doença breve morreu a filha unica do sr. José Barbedo Vieira, conceituado negociante em Coimbra.

A's familias enluctadas o nosso cartão de pesames.

Methodo Berlitz

As escolas Berlitz tiveram em Coimbra o taais auspicioso acolhimento, tendo logo desde o principio uma concorrência que estavamos longe de esperar, e que se tem mantido, o que mais nos admira a nós que julgamos ser uma das caracteristicas nacionaes a falta de persistencia no que se começa sempre em Portugal com apparente boa vontade e grandes enthusiasmos.

Na vizinha Hespanha o methodo Berlitz tem sido oficialmente bem recebido e a *Gaceta de Madrid* publicava em cinco de Dezembro do anno passado uma *real ordem* louvando os srs. Bruns pelo proveito tirado na escola superior de *Artes e Industrias*.

Reproduzimos o documento, que é o ultimo certificado honroso para este methodo de ensino e para quem tam proficuamente se serve delle.

Real Orden

Ill.º Sr. S. M. el Rey (Q. D. G.) ha tenido á bien disponer que por el Comisario regio, Director de la escuela superior de Artes y Industrias de Madrid se haga saber á los Srs. Bruns, que se ha enterado con satisfaccion, de los provechosos resultados que en el curso de 1901-1902 ha dado la enseñanza de lengua inglesa por el metodo de Berlitz, facilitada gratuitamente por dichos profesores á los alumnos de la mencionada escuela.

De Real Orden lo digo á V. J. para su conocimiento y demas efectos. Dios guarde á V. I. muchos años. Madrid, 3 Diciembre 1902.

C. de Romanes.

As escolas Berlitz vam estabelecer em Coimbra cursos de lingua allemã para os estudantes; a quem esse estudo é exigido e que já frequentem a Universidade.

Hoje, que o estudo da lingua allemã é uma necessidade para todos os que estudam qualquer ramo do saber humano, o estabelecimento dum curso nestas condições a horas de poder ser frequentado por todos sem prejuizo dos outros trabalhos escolares é de verdadeira utilidade e torna viavel a regularização dos estudos universitarios.

Tem-se aggravado o estado do sr. dr. Mirabeau, lente jubilado da Faculdade de Medicina.

Recebemos a visita do semanário *O Academico* que começou a publicar-se em Lisboa.

Apresenta se correctamente redigido, e illustrado com o retrato do professor dr. Bello de Moraes.

Vida próspera.

Queixam-se com justificada razão, os moradores da Azinhaga do Carmo, do cheiro pestilencial que exhala uma guarita que alli se encontra e onde os noctivagos vãm fazer dejectões.

Está repleta de toda a casta de imundicies, e, a nosso vêr, aquillo não está alli senão a prejudicar a saúde daqueles moradores.

Em nome delles pedimos, pois, a quem competir, a remoção daquelle foco de infecção.

Foi ante-hontem capturado nesta cidade, a requisição do pac, um menor de 15 annos que havia fugido de Cantanhede, trazendo 83000 réis da casa paterna.

Ainda lhe foram apprehendidos uns 610650.

Vae estender-se a canalização e abastecimento de aguas á Estrada da Beira, para alem das Alpenduradas.

E' um melhoramento importante, e que, de ha muito, estava sendo reclamado pelo augmento de população e edificações daquelle bairro.

Por Coimbra passou, ha tres dias, um cão damnado que mordeu alguns cães, sendo afinal morto com um tiro pelo sr. Gonçalo de Sá, á ponte da Cidreira, quando regressava da caça.

O mesmo cão mordeu o cão de guarda da fabrica de Massas da Estrada da Beira, que os proprietarios deste estabelecimento fizeram matar.

LITTERATURA E ARTE

A UM CRUCIFIXO

Ha mil annos, bom Christo, ergueste os magros braços
E clamaste da cruz: ha Deus! e olhaste, ó crente,
O horizonte futuro e viste, em tua mente,
Um alvôr ideal banhar êsses espaços!

Porque morreu êsse echo, o echo de teus passos
E de tua palavra (ó Verbo!) o som fremente?
Morreste, . . . oh! dorme em paz! não volvas, que descrente
Arrojarás de novo á campa os membros lassos. . .

Agora, como entám, na mesma terra escura,
A mesma humanidade é sempre a mesma enferma,
Sob o mesmo ermo céu, frio como um sudário. . .

E agora como entám, viras o mundo exangue,
E ouviras perguntar — de que serviu o sangue
Com que regaste, ó Christo, as urzes do Calvario?

Anthero do Quental.

CARTAS DA PROVÍNCIA

Figueira da Foz, 10—Janeiro—1903.

Meus caros amigos.

Por aqui tem feito um tempo detestavel de má chuva e peior vento.

Hoje começa o tempo a mostrar-se melhor com tendencia á fixar-se. Parece que teremos por fim alguns dos bellos dias de inverno, que na Figueira sãm deliciosos, quando nos não visita o vento que ultimamente ainda causou bastantes estragos, levando telhados, e arrancando alguns para-raios entre elles o da casa do sr. Antunes no bairro novo.

O acontecimento de sensação nos últimos tempos foi a morte de António da Silva Guimarães, o honrado industrial que toda a gente respeitava, e conhecida de ver logo de madrugada entregue ao trabalho, apesar da sua avançada idade e vida tam cansada.

A empresa de minas do Cabo Mondego deve a existência e a prosperidade ao seu trabalho honrado e sempre continuado sem desalento, apesar dos estorvos que lhe levantou a rapacidade dos aventureiros e politicos portugueses.

Naquella empresa arriscada lançou elle toda a sua grande fortuna, vendendo quasi sem nada, e com encargos importantes numa época, em que as minas atravessavam uma crise perigosa.

O seu trabalho, a constância do seu esforço tudo dominou, deixando a empresa desafogada, próspera, em pleno desenvolvimento e progresso.

O seu funeral foi o mais imponente, que temos visto na Figueira, pelo

número de pessoas e pelo sentimento que todos mostravam pela perda de cidadão tam prestante.

A Associação Commercial que elegeu para seu presidente o sr. visconde da Marinha Grande e para secretario o nosso amigo Manoel Gaspar de Lemos mostra-se disposta a trabalhar com actividade e energia no progresso desta terra que ultimamente, ao contrario dos tempos antigos, não tem feito senão perder com a politica.

Tudo ha a esperar da direcção que conta quem tam intimamente tem ligado o seu nome ao progresso desta terra, e beneficencia das classes humildes e trabalhadoras.

Acha-se de lucto pelo fallecimento da sua filha estremecida o sr. dr. Garcia, querido e conceituado cónsul desta cidade.

Acceite s. ex.ª os nossos sentidos pêsames.

Por aqui falla-se pouco no entrudo e nada ainda no S. João.

Bom era que a tempo e já se começasse a fallar desta última festa que antigamente tanto interesse deixava ao commercio da Figueira, e que ainda hoje chama tanta gente á nossa terra, apesar da penúria e da falta de brilho, com que ultimamente se tem feito.

Para o entrudo falla-se vagamente em uma récita no theatro e ouvem-se já boatos que fazem esperar que a Figueira acompanhará as outras terras do país no movimento, que este anno se tenta, de dar vida ao carnaval portu-guês.

Do que houver darei parte.

C. D.

(18) Folhetim da "RESISTENCIA,"

THÉOPHILE GAUTIER

AVATAR

VII

Durante o trajecto, o conde, transfigurado, fêz a si mesmo muitas perguntas, a que não sabia responder. Como tinha partido a sua carruagem sem elle, se tinha dado ordem que esperasse? Como é que se encontrava na carruagem de outro? Suppôs que um leve movimento de febre perturbava a nitidez das suas percepções, ou que talvez o doutor thaumaturgo, para ferir mais vivamente a sua credulidade, lhe tivesse feito respirar durante o somno algum frasco de Haschisch ou de qualquer outra droga hallucinadora cujas illusões se dissipariam com uma noite de descanso.

A carruagem chegou ao palácio Labinski; o guarda-portão espantado recusou-se a abrir a porta, dizendo que não havia recepção naquella noute, que o patrão tinha entrado, ha mais de uma hora, e a senhora se havia retirado para o quarto.

População

A população do concelho da Figueira da Foz era em 31 de Dezembro de 1900 a seguinte:

Alhadas, (S. Pedro), 2.071 homens e 2.294 mulheres.—Brenha, (S. Theotónio), 340 homens e 436 mulheres.—Buarcos, (S. Pedro), 2.256 homens e 2.777 mulheres.—Ferreira-a-Nova, (Santa Eulalia), 799 homens e 848 mulheres.—Figueira da Foz, (S. Julião), 2.788 homens e 3.455 mulheres.—Lavos, (Nossa Senhora da Conceição), 3.760 homens e 4.207 mulheres.—Maiorca, (S. Salvador), 1.190 homens e 1.300 mulheres.—Palão, (Nossa Senhora do O), 2.834 homens e 3.090 mulheres.—Quaios, (S. Mamede), 2.212 homens e 2.593 mulheres.—Tavarede, (S. Martinho), 905 homens e 968 mulheres.—Villa Verde, (Santo Aleixo), 927 homens e 985 mulheres.

Total dos homens em todo o concelho da Figueira da Foz: 20,082.—Total de mulheres: 22,953. Vá que não vá. . .

Alberto Pimentel, filho

A MORTE DE CHRISTO

Gomes de Carvalho — Editor

LISBOA

MERCADO

Os preços, porque correram ultimamente os generos, no mercado desta cidade, foram os seguintes:

Milho branco	360
» amarello	350
Trigo tremez	560
» de Celorico	560
Feijão vermelho	660
» branco, graúdo	600
» meúdo	540
» rajado	420
» frade	560
Grão de bico, graúdo	700
» meúdo	600
Cevada	260
Centeio	380
Favas	460
Batata, 15 kilos	250
Tremoço (20 litros)	440
Ovos, duzia	170

PUBLICAÇÕES

A desgarrada. E' uma curiosa collecção de trovas populares, acompanhadas de musicas expressamente escriptas por Archanjo das Neves, Henrique Carneiro e Souza Moraes.

E' uma edição elegante, bem impressa e que vem accentuar o movimento que, ha alguns annos a esta parte, estão despertando, nos artistas e criticos d'arte, as manifestações da arte popular, fonte de renovação da

arte, em todos os povos que tem pretendido imprimir-lhe um caracter proprio e nacional.

—Então! Socego, dizia o gigante, bonacheirão no fundo, que nada tinha a temer do adversario e lhe dava alguns empuxões para o conservar em respeito.—Tem algum geito pôr-se neste estado, quando se está vestido como um fidalgo, para vir armar zaragatas nocturnas em casas respeitaveis? Deve-se attender ao vinho, e o que o poz neste estado deve ser de respeito! E' por isso que eu o não móo com murros, e me contentarei apenas com o pôr delicadamente na rua, onde a patrulha o apanhará, se continuar a fazer escandalo; a cadeia refrescar-lhe ha as ideias.

—Infames, exclamou Olaf de Saville interpellando os lacaios, deixam insultar assim por este canalha abjecto o seu patrão, o nobre conde de Labinski.

Quando ouviram tal nome fizeram, á uma, grande algazarra: uma risada enorme, homérica, convulsiva, levantou todos aquelles peitos cobertos de galões: «Este menino a querer ser o Conde de Labinski! ha! hi! hi! Que boa ideia!

Um suor gelado humedeceu as fontes de Olaf de Saville. Atravessou-lhe o cerebro um pensamento agudo como uma lamina d'aço, e sentiu en-

regelar-se a medulla dos ossos. Smarra tinha-lhe o joelho sobre o peito, ou estava sonhando? A sua razão ter-se ia abismado no fundo do magnetismo, ou era elle o joguete de alguma machinação diabólica? Nenhum dos lacaios, sempre a tremer, sempre tam submettidos e prostados deante d'elle, o reconhecia agora. Ter-lhe-iam trocado o corpo, como o vestido e a carruagem?

—Para ter a certeza de não ser o conde de Labinski, disse um dos mais insolentes do grupo, olhe para alem: lá vem elle a descer a escada, chamado pelo ruido da sua bulha.

O preso do suíço voltou os olhos para o fundo do pateo, e viu de pé, debaixo da marquise, um homem novo, de figura esbelta e elegante, rosto oval, olhos pretos, nariz aquilino, bigode fino, que ou era elle mesmo, ou o seu espectro modellado pelo diabo, com uma semilhança, que illudia completamente.

O suíço largou as mãos, que segurava. Os creados perfilaram-se respeitosa e contra a parede, com o olhar baixo, as mãos pendentes, numa immobilidade absoluta, como os icóglans ao approximar-se o padischa; faziam aquelle fantasma as honras, que recusavam ao conde verdadeiro.

O esposo de Prascovia, que, para dizer tudo numa palavra, era intrepido como um slavo, sentiu um horror indizível com a aproximação daquelle

A propósito d'uma dormidôra

Ha em França, numa aldeola do departamento de l'Aisne, uma mulher, que está dormindo já ha 10 annos. Tomada d'um susto, caiu em lethargia e desde então nunca mais acordou. Todos os medicos, que se occupam com doenças nervosas, foram ver tal caso, por demasiado curioso.

Essa moça, ainda fresca, é tratada pela mãe e alimentam-a com caldo.

O Ill.º sr. Arthur Bastos, que habita no Porto, na rua Mousinho da Silveira, 120, ficou de cama, durante anno e meio, mas, infelizmente não dormia como a tal moça de Thenelles. Me lhor assim teria sido, pois não houvera elle que soffrer tanto, como nol o diz na seguinte carta:

Tive ha 3 annos a febre typhoide muito grave, e depois umas complicações, que me deixaram em tal enfraquecimento, que acabei por anno e meio. Acresceu á tal fraqueza uma doença nervosa. Sentia como que todos os symptomas característicos da neurasthenia, isto é, enchaquecas, nevralgias, vista e ouvidos turvos, palpitações, somno agitado, cansado com sonhos máus, e emfim incommodos digestivos, que muito me atormentavam.

Todas as manhãs, não só tinha a lingua saburra e pastosa, mas tambem vomitos, que me extenuavam. Tomára varios medicamentos quasi sem resultado; comecei, por conselho de medicos, com o tratamento das pilulas Pink, que me deu os melhores resultados e isso em pouco tempo. Abrandaram os incommodos nervosos, que por fim acabaram.

E assim succedeu com o mal-estar e os taes vomitos, que tanto me fizeram padecer.

Cumpro com um dever dando publico testemunho de valia incomparavel das pilulas Pink e auctoriso a publicação da presente.

A um medico foi confiado o encargo de responder gratuitamente a todas

as informações relativas ás pilulas Pink, que forem pedidas aos srs. James Cassels e C.ª, Successores no Porto.

As pilulas Pink foram oficialmente approvadas pela Junta Consultiva de Saude. Estão á venda em todas as farmacias, pelo preço de 1,000 réis a caixa, e 5,000 réis 6 caixas.

Deposito geral para Portugal, James Cassels e C.ª, Successores, Rua Mousinho da Silveira, 85—Porto.

ANNUNCIOS

Vendem-se um sophá e duas poltronas, forrados de damasco de lá, em bom estado.

Para tratar, rua Ferreira Borges n.º 5.

FIALHO D'ALMEIDA

A' ESQUINA

(Jornal dum vagabundo)

Eu (autobiografia).—Em Coimbra. Recitas d'estudantes.—A volta dos roupêtas.—O problema taurino.—Cefeiros.—Los Manganeses.—O monumento a Souza Martins.—Escriptores dramáticos e seu publico.—A Exposição do Gremio Artistico.—Na Atalaia.—Raphael Bordallo Pinheiro.

1 volume 500 réis

Na casa editora França Amado, Coimbra, e em todas as livrarias.

Espingardas

Vendas a prestações

Rewolvers

Saint Etienne

Com ballas blindadas de aço e de pólvora branca sem fumo, muito portateis e de grande alcance.

Saint Etienne

Manufacture Française de Armes e Cyclos

E' agente desta importante Casa Franceza no districto de Coimbra, mandando por isso vir desta casa qualquer objecto que lhe seja encommendado não sendo o custo superior aos preços do catalogo.

João Gomes Moreira

Rua Ferreira Borges COIMBRA

Dr. Angelo Fonseca

Da Prostituição em Portugal

1 vol. 1\$000

A' venda nas livrarias.

Ménechma, que, mais terrível que o do theatro, se misturava á vida positiva e tornava o seu gemo desconhecível.

Veiu-lhe á memoria uma antiga lenda de familia, que augmentou o seu terror. Quando um Labinski estava para morrer, era sempre avizado por um fantasma absolutamente igual a elle. Nas nações do Norte ver o seu par, mesmo em sonho, passou sempre por um presagio fatal, e o intrepido guerreiro do Caucaso, ao aperceber aquella visão exterior do seu eu, ficou possuído por um horror supersticioso invencível; elle, que teria mergulhado o braço na bocca dos canhões, prontos a disparar, recuou deante de si mesmo.

Octavio Labinski caminhou para a sua forma antiga em que se debatia, indignava, e tremia a forma do conde, e disse-lhe com um tom de civilidade activa e glacial:

—Dexa de se comprometter com os criados, senhor, o conde de Labinski, se quizer fallar-lhe, recebe do meio dia as duas horas. A senhora condessa recebe ás quintas feiras as pessoas, que tem tido a honra de lhe serem apresentadas.

Com aquella phrase, dita lentamente, e dando valor a cada sillaba, o falso conde retirou-se tranquillamente, e as portas fecharam-se atraz d'elle.

(Continúa.)

FABRICA DE TELHÕES E MANILHAS

Premiada na Exposição de Ceramica Portuguesa, no Porto, em 1882, com diploma de merito; e medalha de cobre na Exposição Districtal de Coimbra, de 1884

Esta fabrica a mais acreditada em Coimbra, em construcção e solidez de telhões, manilhas para encanar agua, siphões para retretes, vasos para jardins e platibandas, balaustres, tijolo para ladrilhos de fornos, tijolos grossos para construcções e para chaminés, tachos para cosinha á imitação dos de Lisboa, etc. — Todos estes artigos são de boa construcção e por

PREÇOS ECONOMICOS

✦ ✦ ✦ Pedro da Silva Pinho Coimbra ✦ ✦ ✦

29, Rua de João Cabreira, 31 — COIMBRA

PHARMACIA

A. Julio do Nascimento

115 — RUA DA PRATA — 117

34 — T. DE S. NICOLAU — 36

LISBOA

Lapis anti-nevralgicos

(Crayon anti-migraine)

Cigarros anti-asthmaticos, peitoraes

TONICO OCCIDENTAL

(Superior ao Tónico Oriental)

Purificador do sangue

Nas doenças syphiliticas

ELIXIR DENTRIFICO GENGIVAL

ETC., ETC.

Meias elasticas, grande sortimento de fundas, insufladores, suspensorios, esponjas, algodões, pulverisadores, irrigadores, termómetros diversos, farinhas peitoraes, instrumentos cirurgicos, aguas mineraes, nacionaes e estrangeiros, artigos de borracha, etc., etc.

Automoveis

em segunda mão

(Em perfeito estado de conservação)

Um "Benz.", de 7 logares.

Uma "Vitoirete Richard.", 3 ou 4 logares.

Empreza Automobilista
Portuguesa

COIMBRA

REMEDIOS DE AYER



Peitoral de Cereja de Ayer — O remedio mais seguro que ha para a cura da tosse, bronchite, asthma e tuberculose pulmonar, frasco, 1000 réis; meio frasco, 600 réis.

Vigor do Cabello de Ayer — Impede que o cabelo se torne branco e restaura ao cabelo grisalho a sua vitalidade e formosura.

Extracto composto de Salsaparrilha de Ayer — Para purificar o sangue, limpar o corpo e cura radical das escrófulas. — Frasco 1000 réis.

O remedio de Ayer contra sezões. — Febres intermitentes e biliosas. Todos os remedios que ficam indicados são altamente concentrados de maneira que saem baratos porque um vidro dura muito tempo.

Pilulas catharticas de Ayer. — O melhor purgativo suave inteiramente vegetal.

TÓNICO ORIENTAL — MARCA «CASSELS»

Exqu岸ita preparação para aformosear o cabelo
Estirpa todas as afecções do cráneo, limpa e perfuma a cabeça

AGUA FLORIDA — MARCA «CASSELS»

Perfume delicioso para o lenço, toucador e banho

SABONETE DE GLYCERINA — MARCA «CASSELS»

Muito grandes — Qualidade superior

A' venda em todas as drogarías e lojas de perfumarias

COSINHA POPULAR

Rua da Concordia, n.º 27, 29 e 31

Figueira da Foz

Esta antiga e acreditada casa situa-da num dos melhores locais da Figueira, Junto dos Casinos e a dois passos da praia de banhos, continúa recebendo hóspedes permanentes, por preços commodos.

Fornece almoços e jantares para fóra desde 300 réis.

O Proprietário,

José Maria Junior.

L. M. LILLY, Engenheiro

Machinas agricolas de toda a qualidade.
Machinas para fiacção e tecelagem para todos os tecidos.
Machinas para fazer soda-water, gazosas, gelo, etc.
Machinas para fazer papel continuo, cartão, etc.
Machinas para lavar, engommar e desinfectar roupa.
Machinas de vapor e de gaz, caldeiras e bombas.
Machinas de escrever, de systema YOST.
Correias de pello, de couro, de borracha, empanques, etc.
Materias primas de todas as qualidades.
Installações, desenhos, montagens.
Facilitam-se pagamentos.

REPRESENTANTE

JOÃO GOMES MOREIRA
COIMBRA

Nova Havaneza

Rua de Ferreira Borges n.º 176

Papelaria, Tabacaria, Perfumaria.
Carteiras, malas, caixas de charão,
e todos os objectos de escriptorio.

Ceiras para lagar de azeite

Sem competidor em Coimbra

Feitas de bom esparto e bem executadas
Encontram-se á venda na

Praça do Comércio, 110 e 111

Unica casa onde se fazem

PASTELARIA E CONFETARIA TELLES

150 — Rua Ferreira Borges — 156

N'esta casa, regularmente montada no género das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos d'esta naturéza.

Doces de ovos dos mais finos paladares e delicados gostos, denominados *doçes sortidos*, para chá e *soirées*, em grande e bonita variedade que difficil se torna enumerar-la.

Doces de fructa de todas as qualidades, de que é costume fabricar-se, tanto em secco, como crystalizados, rivalisar com os estrangeiros.

Pastelaria em todos os generos e qualidades, o que ha de mais fino e saboroso, especializando os de folhado.

Fabricam-se com finos recheios e ovos em fio, peças grandes de pãoz-rosa phantasia, denominadas *Centros de mesa, Castellos, Jarrões, Lyras, Flores, Lampreias*, etc., etc., próprias para banquetes.

Pudings Gelados, de leite, deliciosos, laranja, chá café e de fructas diversas, vistosamente enfeitados.

Pão de ló pelo systema de Margaride, já bem conhecido nesta cidade, cuja superioridade é confirmada pelo largo consumo que tem.

Especialidade em vinhos generosos do Porto e Macira, Moscatel, Colares, Champagne, Cognacs Licores finos, etc. das melhores marcas nacionaes e estrangeiras.

Vinhos da Companhia Vinicola do Norte de Portugal.

Amendoas e confeitos de todas as qualidades, garantindo se pureza dos assuacares com que sam fabricadas.

Conservas nacionaes e estrangeiras, chás verdes e pretos, passas, bombons de chocolate, Drops, queijo Flamengo, Gruyere, Prato, Roquefort e outros. Geleia de mão de vacca.

Deposito dos productos da sua fabrica de bolachas e biscoitos na Couraça de Lisboa, 32.

COLLEGIO LYCEU FIGUEIRENSE

Instituto particular de educação e ensino

Director, o professor da Universidade

José Luiz Mendes Pinheiro
Rua da Fonte, 58

Os estudos deste collegio comprehendem:

A instrucção primaria, habilitando para o exame de admissáo aos lycens.

A instrucção secundaria, segundo o plano actualmente em vigor nos lycens officiaes.

Aulas de gymnastica, musica e pintura.

Admitte alumnos internos, semi-internos e externos.

O regulamento, ou quaesquer esclarecimentos, podem ser pedidas ao director, na sede do collegio, ou na Quinta do Paúl, á Praia da Fonte.

José Marques Ladeira & Filho

Empreiteiros das Companhias de Illuminação a Gaz e Aguas

4 — Praça 8 de Maio — 4

COIMBRA

Canalisações para agua e gaz

Lustres, lyras, lanternas e candieiros para gaz, machinas de aquecer agua a gaz para banhos, tubos de lona, borracha, latão e chumbo, lavatorios, urinoes retretes e bidets, torneiras de metal de todas as qualidades, cartão e corda de amianto, e borracha em folha.

PREÇOS ESPECIAES EM TUBOS DE FERRO

Fazem-se trabalhos fóra da cidade

"RESISTENCIA,"

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha, no reino:

Anno 20700
Semestre 10350
Trimestre 680

Sem estampilha:

Anno 20400
Semestre 10200
Trimestre 600

Brazil e Africa, anno.... 30600 réis
lhas adjacentes, » 30000 »

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis; para os senhores assignantes, desconto de 50%.

Communicados, 40 réis a linha.

Réclames, 60 » »

Annunciam-se gratuitamente todas as publicações com cuja remessa este jornal fór honrado.

Avulso 40 réis

Alfaiataria Academica

AFFONSO DE BARROS

Acaba de chegar a esta casa o exímio tailleur Saturnino F. Grant, ex-gerente da Alfaiataria Amieiro, de Lisboa.

Rua Ferreira Borges

COIMBRA

Consultorio dentario

COIMBRA

Rua Ferreira Borges

Herculano Carvalho

Medico pela Universidade de Coimbra

LUCA

Delicioso licor extra-fino

VINHOS

Associação Vinicola da Baírada

Grandes descontos aos revendedores

Unico deposito em Coimbra

CONFETARIA TELLES

150, R. Ferreira Borges, 156

SILVA & FILHO

Fabrica manual de calçado e tamancos

e deposito de alpargatas

EXPORTAÇÃO

CASA

Aluga-se o 1.º andar da casa n.º 80 na rua da Moêda; tem commodos para uma familia regular, canalização para agua e todos os despejos.

Para tratar com sua dona, rua Sá da Bandeira, 55.

COIMBRA

AGUA DA CURIA (Mogofores — Anadia)

Sulfatada - Calcica

A unica analysada no paiz, similhante á afamada agua de CONTREXÉVILLE, nos Vosges (França)

INDICAÇÕES

Para uso interno: — *Arthritismo, Gotta, Lithiase urica, Lithiase biliar, Engorgitamentos hepaticos, Catarrhos vesicaes, Catarrho uterino.*

Para uso externo: — *Em diferentes especies de dermatoses.*

As analyses chimica e microbiologica foram feitas pelo professor da Escola Brotero, o ex.º sr. Charles Lepierre.

A' venda em garrafas de litro — Preço 200 réis

Deposito em Coimbra — PHARMACIA DONATO

4, Rua Ferreira Borges, 6

RESISTENCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS FEIRAS

Editor

MANUEL D'OLIVEIRA AMARAL

Officina typographica

12—RUA DA MOEDA—14

N.º 766

COIMBRA — Quinta-feira, 15 de Janeiro de 1903

8.º ANNO

JOSÉ FALCÃO

14 DE JANEIRO DE 1893

14 DE JANEIRO DE 1903

COIMBRA parece terra fadada para empresas grandes. Não ha gloria nas Espanhas que não tenha um echo nesta terra pequenina, nesta cidade branca que se esboroa e desfaz á caricia leve do vento, e se vae escondendo sob a areia loura ou desaparecendo ao longe na curva dos salgueiros levada pelo rio vagorosamente para o mar.

O Cid, o mais cavalheiresco heroe das Hespanhas, foi armado cavalleiro em Coimbra; o Almada e D. Pedro d'Alfarrubeira aqui vieram consagrar a mais leal fraternidade de homens darmas e de heroes.

Os homens de valor que fizeram a nossa patria e nos deixaram a terra em que nascemos, aqui vinham aprender em meninos a amar a guerra heroica e a vida forte, creados nos bellos campos de Coimbra em exercicios de guerra, na caça de altanaria.

E quando, cançados da vida, abandonavam os campos de batalha, aqui vinham depôr as armas, e ellas eram conservadas como reliquias, e mostradas aos mais novos, que sabiam de cór os milagres que haviam feito nos lugares distantes em que se tinham batido corações ardentes de portugueses.

Não ha canto em que se não encontre uma inscripção, uma pedra gasta pelo tempo, a cantar ainda o valor da antiga alma portugueza.

As ruas pequeninas e tortuosas não parecem de hoje e anda a gente por aqui alheado, como num sonho, a viver uma vida antiga, e por vêses sente-se passar em nós, num gesto ou num olhar, uma alma de trovador e cavalleiro, que foge logo, e nos parece ter sido já a nossa alma.

E' aqui sempre nova a alma portugueza.

E é tam grande o encanto desta terra de Portugal que se não perde aqui a mocidade, e os velhos vem para a rua no enthusiasmo irreflectido da gente moça a gritar ou a rir, nas grandes dôres ou nas alegrias grandes da nossa patria.

Admira vêr a força dos mais fracos.

Não ha, no mundo todo, Universidade de mais nobres tradições do que a nossa, em que o amor á terra portugueza se tem affirmado em todos os seculos da sua longa existencia.

Sahi daqui sempre o primeiro grito de revolta contra o domínio de extranhos.

E' ler o que dizem as chronicas antigas do que fizeram os estudantes e os lentes, quando se proclamou a independencia de Portugal.

Foram elles que da Universidade trouxeram o Reitor e os mestres á igreja de Santa Cruz, nos olhos o riso nas mãos palmas de victoria,

A' casa da Camara foram buscar os representantes da cidade, e correram alegres ao templo de Santa Cruz, na esperança de ver, num milagre novo e annunciado, abrir-se a tampa da sepultura de D. Affonso Henriques, que sairia para vir combater ao lado delles.

Dizia-se entám que muitas vêses os officios divinos eram interrompidos por sons surdos vindos da sua campa, como se soffresse ainda a alma do velho luctador.

E uma vês, que alguém perguntava junto do seu tumulo como se poderia salvar a patria portugueza da ruina para que a levava o dominio espanhol, viram todos com horror que a espada e o escudo delle, que estavam dependura-

dos perto, caíram sobre o chão com um ruído de colera surdo e medonho, que ficou muito tempo a soar na igreja e pelo convento fóra.

Li isto num papel de letra antiga, escripto por um conego de Santa Cruz, que, depois de uma vida de valor e heroicidade na India, para alli fóra á espera da voz de Deus que tardava a chamal-o.

Eu sei bem que isto se não passou assim; mas respeito muito o que escrevem aquelles, a quem a desgraça da patria faz perder a razão, e crêem do coração nas chimeras que lhe cria a illusão da sua fantasia.

E' loucura santa, que eu gosto muito de ver e de contar.



Grande homem! Como o sangue em momento de panico refúe de choque ao coração, dir-se-hia que na hora suprema toda a alma da Patria naquella alma se ajuntara.

GUERRA JUNQUEIRO.

Quando os estudantes entraram em Santa Cruz com o Reitor, os lentes, e os vereadores, todos aos gritos de triumpho, calou-se o orgão de repente, estacaram as vozes que cantavam os officios dos defunctos sobre a eça que se armara de pannos pretos, com bordadura de dois altos, para commemoração funebre de D. Affonso Henriques.

Rasgaram-se entám os pannos das janellas, a luz entrou a jorros, a eça desapareceu sob um manto de palmas e fiores e ergueu-se de repente a voz triumphal do orgão e logo começaram todos a cantar alegremente o te-deum.

D'alli saíram juntos velhos e rapazes para andárem todo o dia a correr lanças, e dizem os livros dentão que ao lado dos rapazes, muito bem pareciam neste exercicio os lentes velhos.

Quando os portuguezes correram ao Alemejo a combater os hespanhoes, lá foram juntos o reitor, os lentes e os estudantes, e interromperam-se os estudos para pegar em armas.

E sempre, a cada nova desgraça, os estudantes da Universidade tem defendido a patria em perigo ao lado dos professores.

Falla bem alto a história da Invasão Francêsa.

Na história da Universidade ha apenas uma pagina em que se interrompe a fraternidade de estudantes e lentes nos campos de batalha.

No começo das luctas liberaes, quando todo o sangue novo de Portugal fervia de ira contra o absolutismo, os estudantes assassinaram, num arranco de paixão, os que tentavam oppôr-se ao advento das novas ideias, os lentes que iam longe prestar fidelidade a um rei, que já não era o do povo portuguez.

Os estudantes de Coimbra representavam

o desejo da patria, não lhes cabe a responsabilidade do acto.

O crime é dos que não souberam acompanhal-os e dirigil-os.

Nos ultimos annos da vida triste da nossa nacionalidade a academia de Coimbra tem-se levantado numa attitude nobre de protesto, offerecendo o seu sangue e os seus braços por occasião do ultimatum, agitando o pais por occasião do convenio.

Têem-se apresentado sempre, respeitosos, ao lado dos professores que encarnam as aspirações generosas da patria, elles eram o que mais amava a alma boa de José Falcão, que foi tam pouco tempo a esperança dum triumpho breve.

Por isso elles o amavam tambem, e o ouviam com respeito, promptos a morrer ao lado delle.

José Falcão honrava as tradições cavalheirescas da velha Universidade portugueza: naquelle corpo fraco, minado pela doença habitava a alma antiga dum heroe.

Á volta delle andou sempre, á espera duma ordem muito desejada, a alma nobre da academia portugueza.

Em toda a história da Universidade, apenas uma vês se interrompeu a fraternidade das armas entre estudantes e professores.

Os estudantes entám, como sempre, acompanhavam os mais nobres desejos do povo portuguez.

Acharam-se sós. Correu o sangue, contou-se mais um crime na história politica de Portugal.

A responsabilidade não foi delles.

Os verdadeiros criminosos foram os que se não encontraram ao lado d'elles com o povo, os que os não souberam dirigir e levar pela estrada heróica do triumpho.

T. C.

CERRAR FILEIRAS

Dez annos volvidos sobre a morte de José Falcão, o austero chefe da Democracia portugueza, e ainda é vivida e intensa a dôr que então subjungou todos aquelles que têm pela Patria um culto sagrado e da Republica confiam a salvação do País. As lagrimas derramadas sobre o ataúde de José Falcão no implacavel segundo em que a noticia da sua morte brutalmente avassalou o nosso espirito, não foram as ultimas... Ainda hoje sentimos a mesma amargura pungente; ainda hoje a morte do grande homem reveste as proporções phantasticas duma perda insubstituivel: E' que ao desaparecimento do grande caudillo, que personificara todas as aspirações de liberdade e de independencia do seu País, correspondeu na fileira republicana o desalento dos vencidos, o desanimo, a dispersão, como se o glorioso Chefe levasse para o tumulo, a servir-lhe de mortalha, a bandeira sagrada que todos nós juramos defender. E, todavia, se é certo que os principios renovadores precisam de encontrar a sua personificação em homens de superior estatura, que os contemporaneos respeitem e as multidões, desconfiadas e insatisfeitas, amem, o seu tumulo é sempre acanhado para conter o ecco estrepitoso das ideias que apostolisaram.

Neste decisivo momento em que entre a Nação e a monarchia se trava uma lucta de vida ou de morte, lucta em que ou a monarchia succumbe por um movimento de heroica reacção popular, ou se aniquila a existencia da nossa autonomia,— é forçoso recordar a Obra impolluta do glorioso Mestre, chamando á vida activa do partido todas as consciencias honestas.

Recordemo-la nós, pois que a *Resistencia* a sabe de cór, e, porque está bem gravada em nossos corações, ella é não só uma gloriosa reliquia a defender, mas tambem, um Evangelho de guerra a chamar nos á lucta, garantindo nos a victoria.

Unamos, pois, as nossas fileiras para não profanar o seu nome, detendo nos no combate.

Arthur Leitão.

A' MINHA GERAÇÃO

Rapazes do meu tempo, que perdidos
Trazeis pela existencia os corações
Já não ergueis á voz das sedições
Vossos pallidos rostos de vencidos.

Levantaes vossos braços abatidos
E fortes combatei como leões,
Na defeza das rotas multidões
Cheias de dôr, de fome, de gemidos.

Ungi-vos para a lucta heroica e rude
Pelo Bem, pelo Amor, pela Virtude,
Junto á campa do grande Illuminado.

Erguei bem alto as almas revoltadas
— E afae as folhas das espadas
No marmor' do seu tumulo sagrado.

14-1-1903.

Carlos Amaro.



Unica homenagem

Como todos nós amamos a memória inolvidável de José Falcão! Passam meses, volvem annos, e sempre no espirito e no coração dos democraticos portuguezes remoeça e vive e permanece, cada vés mais intensa e mais pura, esta imperecível saudade daquelle que foi o nosso apóstolo mais alto...

José Falcão foi para a Democracia portugueza a incarnação gloriosa das ideias mais nobres; foi a mais generosa alma, liberal, tolerante, soffredora, espargindo feixes daquelle luz intensa que lhe incendiava o cérebro poderoso de sabio e de pensador; foi a maior esperança da Republica em Portugal, dando ao Partido Republicano toda a ardência da sua fé, todo o esforço da sua vontade, toda a enrgia da sua intelligencia; — foi o chefe eleito, sempre respeitado e amado...

Enquanto viveu, a luz do seu claro espirito acompanhou sempre, interessada e vigilante, o decorrer dos acontecimentos sociais, que de perto ou de longe respeitavam a vida das Nações; conhecia os mais complexos problemas politicos do mundo; como que presentia o rumor das chancellarias, e expunha com uma clareza luminosa as ambições das potências, os seus interesses e desejos sobre todos os continentes, para a formidável expansão das suas influências, protectoras do assombroso desenvolvimento commercial e industrial moderno. E de tudo colhia elementos, ensinamento e exemplos para applicações práticas á sociedade portugueza, que no seu levantado espirito de patriota sobre tudo amava, e que era a causa determinante das suas locubrações de politico.

Grande homem, grande cérebro e grande portuguez!

Para José Falcão a Patria portugueza era tudo. Envaidecia-se com os seus épicos feitos; orgulhava-o a alta função que ella desempenhou no Mundo; repetia muitas véses com amor factos, ou heroicos ou honrados, da nossa Historia, e para elle o povo de Portugal era o mais rico de qualidades de todos os povos.

A sua alma immaculada era toda luz, toda amor, toda bondade para todo o que fosse honesto e limpo e são...

Mas, ao mesmo tempo, era intrinseca e descarado e vehemente, na alta nobreza do seu character, contra todos os deshonestos deste regimen immoral, que traziam accorrendo, como ainda hoje, ao carro triumphante das suas vaidades e das suas paixões desordenadas e ambiciosas, esta honrada população de Portugal, tam soffredora e resignada, tam laboriosa e honesta, que era o objecto primário do seu amor de portuguez.

Disse-se por occasião da sua morte, quando esta fatalidade cruel fulminou o Partido Republicano, que a sua falta era irreparavel para o Partido e para o Pais... Disse-se e tem-se repetido; e a tristissima verdade é — que até hoje ainda não passou um dia em que não tenha sido lamentada e chorada a sua falta irreparavel!

Têm-se succedido os acontecimentos; a politica portugueza tem se afundado successivamente na mais crápulosa ignominia; os partidos têm permitido e occasionado cada vés mais vergonhas e inominadas misérias... E nós, republicanos, que podemos attribuir em grande parte á nossa desorientação politica aquelle vil descaro dos inimigos da Nação, havemos de reconhecer que faltou a amparar-nos, para salvação do Pais, o braço mais robusto e o cérebro mais poderoso... Faltou a Portugal José Falcão!

Tem sido irreparavel a sua falta...

Pois bem! Inspirem-se os republicanos portuguezes no alto espirito e luminosos ensinamentos de José Falcão; no seu immaculado character e pura consciencia; na nobreza dos seus pensamentos e grandeza das suas indicações; — trabalhemos por nos crearmos uma situação de respeito inultrapassavel perante os nossos adversários — e prestaremos á memoria sagrada da nossa maior Gloria — a unica homenagem que é digna della.



Lapide da casa de José Falcão Homenagem dos republicanos de Coimbra

Coimbra — Janeiro — 1903.

F. Fernandes Costa,

COMO EU O CONHECI

Eu tinha ficado fora da Universidade preso por o ultimo exame de mathematica.

Um dia, o Dr. Felipe de Quental disse-me; amanhã vem por aqui ás onze horas para irmos a casa do Falcão, com quem vaes estudar este anno mathematica.

Via para casa a pensar naquillo.

Em casa do Felipe do Quental fallava-se muito do dr. Falcão, como de um homem dum saber e auctoridade extraordinários.

O dr. Gomes Teixeira, que era então professor novo na Faculdade de Mathematica, e que eu, já de Lamego, conhecia como a intelligencia mais extraordinária, que tinha ultimamente apparecido na Universidade, ao fallar no modo como o haviam tratado nos actos grandes, quando chegou á vés do José Falcão, esfregou a testa, num gesto que lhe era familiar e disse baixando a cabeça, numa grande convicção:

— Esse! Esse foi muito leal... Eu tinha uma these nova, que era minha, e em que elle argumentou.

— Fui a casa delle para lhe fallar nella, e lha expôr antes do dia da argumentação. Elle ouviu-me; poz-se a fallar tambem de mathematica, e assim estivemos sempre até eu me despedir. No dia das theses mandou-me expôr, e só me disse palavras de elogio.

— Que havia elle de fazer? perguntei eu, que tinha uma admiração sincera pelo talento do dr. Gomes Teixeira.

— Podia, disse o dr. Gomes Teixeira com a maior simplicidade, podia argumentar duma forma geral e eu não saber que responder. O Falcão tem ideias muito claras das mathematicas.

Desde então tive o Falcão como um ser extraordinário.

Quando o via de longe, de cabeça vergada para o chão, parando ás véses para tossir, julgava avistar uma das creações de Hoffmann, que eu começava a ler então.

Usava elle modas doutro tempo, que contribuiam para accentuar a linha estranha da sua figura.

Trazia ás vezes chapéus que já ninguém usava, um cache-néz largo, sempre desatado em volta do pescoço, calças de quadrados grandes, que eu conhecia de jornaes velhos de modas.

Tinha a testa proeminente, muito volumosa, contrastando com a parte inferior do rosto, magra, as narinas arqueavam sempre caçadas, o bigode farto e descido sobre os labios, em que andava sempre um sorriso de ironia.

O pescoço era magro, sem cabellos, como o das grandes aves.

Tinha o visto a primeira vés num domingo a passear no pateo da Universidade, e, quando mo mostraram, disseram-me que estava á espera da esposa que ouvia missa então na capella da Universidade.

A acompanhava-a sempre até á porta e nunca entrava, porque não tinha convicções religiosas; mas respeitava as da mulher.

Eu tinha então treze annos, e julgava-me catholico, apostolico, romano, e não comprehendia que aquelle homem intelligente não tivesse a minha creença genuina, sem uma influencia sobre natural.

Passamos ao pé delle, comprimentamos, elle olhou e disse-nos:

Adeus rapazes!

Achei pouco amavel aquelle rapaz e desde então, quando podia evitá-lo, fugia para lhe não passar ao pé.

Por isso eu ia receioso, quando no dia immediato fui com o Dr. Felipe a casa do Falcão.

Mandaram nos esperar numa sala pequena, que deitava para a rua da Trindade.

A um canto, em frente duma estante envidraçada cheia de livros, estava a cadeira e secretaria, e mais adiante, a lousa em que davam lição os discipulos.

A volta havia cartas geographicas, e celestes e nos vãos de uma janella a esphera celeste, bello exemplar antigo, montado sobre uma curiosa armação de madeira, no fundo da qual, sob uma lamina de vidro, se via uma bussola.

Aquella esphera avivou a ideia que eu tinha de elle, como velho as trologo, um sabio que, por afastado de Deus, eu julgava muito perto do Diabo.

Ouviu-se dentro o ruido metalico dum fecho a levantar-se, fallar alto uma voz, senti-se um ruido de passos, abriu-se ao fundo uma porta, e elle entrou, estendendo as mãos a rir para o dr. Felipe de Quental.

Ficamos de pé; porque o dr. Felipe não podia demorar-se por ter de ir para o Hospital.

Disse-lhe o Felipe ao que vinhamos, elle abaixou-se para olhar curiosamente para mim, e continuou a fallar deixando a sua mão sobre a minha cabeça, onde pousára para me acariciar.

Elle e o dr. Felipe continuaram a fallar e a rir, e eu ia perdendo o medo, e quando o Felipe se debruçou para o

relógio e disse que tinha de se ir, eu ergui para o Falcão o olhar, que ria da alegria dum dos bons contos do Philippe do Quental. Elle sorriu-se para mim, agarrou-me no queixo e disse olhando para o Philippe:

— Este rapaz, se não fôr intelligente, fica o a dever ao diabo.

Córei de contente e nem senti impressão nenhuma, quando ouvi o nome do dia bo da bocca daquelle homem, que eu, ainda ha pouco, temia tanto.

Quando sahiamos, o Philippe começou a fallar bem do Falcão e eu, muito alegre, puz-me a dizer com elle.

E' que para amar aquelle homem era necessario vêr-se de perto, e ter a ingenuidade boa duma creança, ou a experiencia amarga de um velho.

Estudei muito com elle, nunca lhe vi uma impaciencia, nunca lhe ouvi uma palavra desagradavel.

Fallava com as creanças como se fossem pessoas da sua idade e da sua intelligencia. Se ia a passear, parava para nos perguntar qualquer coisa, que nós contavamos depois aos outros com orgulho; se encontrava algum á mesa de um hotel, não deixava de lhe fallar, era o primeiro a dizer nos que sabia o resultado dos nossos exames, e assim mostrava o interesse que tinha por nós todos.

Durante o anno informava-se de como iam os, sem ninguém lho pedir, fallava aos professores.

As suas opiniões dizia as deante de nós, e gostava de nos vêr discutir, quando o faziamos com sinceridade.

Um dia porém, que eu tinha com elle uma discussão de teimoso vencido, fez-me callar rapidamente, olhando para mim, e dizendo-me a sorrir: eu já defendi theses uma vés, e não tenho vontade de repetir os actos.

Um dia passava eu e o Diniz da Motta á porta da pharmacia Ferraz.

O Diniz avistou dentro o dr. Filomeno da Camara, que era parente delle, e foi-lhe fallar. Eu entrei tambem.

La dentro encontramos o Falcão que discutia a ruina e o descredito do paiz.

O dr. Filomeno da Camara dizia com elle e nós ficamos muito admirados, ao ver o que elle sabia, e como se entendia bem com o Falcão.

Quando elles acabaram, nós fomos para o jardim a discutir tambem cheios de esperanca.

E lembra-me muito bem como nós iamos a fallar, entusiasmados, quasi a correr, na animação dos nossos quinze annos.

Em certa altura o Diniz parou, agarrou-me por um braço e gritou-me: — O Quim, isto ainda se salvava!

Eu olhava, sem comprehender; elles então continuou:

— Basta nomear deputados homens assim como o Falcão e o Philomeno. Alguns se haviam de arranjar... Chegavam ás camaras e punham-se fallar. O Philomeno e outros, que fossem assim fortes como elle, quando não fallassem, vinham para a porta e não deixavam sahir os deputados. Haviam de ouvir á força, e tanto haviam de ouvir que se haviam de convencer.

Sempre aos que ouviam o dr. José Falcão, mesmo aos mais novos, parecia que seria facil a salvação deste paiz, se todos o ouvissem.



Mascara em gesso do cadaver de José Falcão

adoração, tanta e tão fervorosa confiança, que eu aprendi tambem a olhar como o grande homem que elle era, o pensador austero todo confinado no seu recolhimento espirital, o adail valoroso dum exercito que o adorava, e que elle unira a disciplina com a força poderosissima da sua intelligencia e da sua vontade.

De resto, José Falcão tivera um singular lance de bravura moral que seduzira e commoveu fortemente a minha vibratil mocidade.

Quando a gentilha burgueza de todo o mundo clamava gritos de odio e de vingança, accossando os vencidos da Communa de Paris com imprecacões infames e applaudindo, embriagada, os barbaros massacres de Thiers, elle veio, o olhar coriscante, nos labios frementes uma rajada de divina colera, os braços erguidos num largo gesto de revolta, defender com o bravo denodo dum paladino antigo esses extraordinarios apóstolos dum ideal incomprehendido, essas sublimes creanças que morriam com a serenidade e a devoção heroica dos velhos martyres.

Mas, não o havendo conhecido, quantas véses não tenho relembrado a sua extraordinária figura e medido todo o alcance do seu funesto desaparecimento!

E' é precisamente na amargurada hora presente, de geral desalento, de frio scepticismo, de ignobil covardia, dispersos os restos dum exercito em que elle nobremente commandára, com uma mocidade que, no seu egoismo brutal e na sua inépcia impudente, só avigora a convicção do fim irremediavel, que eu sinto e comprehendo bem como tantas véses dum só homem, como José Falcão, dependem os destinos de todo um povo.

Dizer, como homenagem, o que elle foi, é bem pouco. Todos o sabem. E se repetil o é proficuo, para educar os que vem chegando no culto dos mais elevados principios, outra homenagem devemos a José Falcão, como a tantos outros que o precederam ou o acompanharam na lucta pela Republica.

A melhor homenagem a prestar a um luctador extinto é completar a sua obra, se elle a deixou ainda mal contornada no bloco riquissimo das suas generosas aspirações.

E nós não fizemos assim. A obra de José Falcão, deixamos a tristemente desabar. E elevando a sua memoria querida nas phases banaes de comemorações plangentes, temola profanado sem escrupulos no tresvariar constante dos nossos erros e crimes.

Azónisa, ao fim dum longo periodo de villipendios e crimes, a patria que José Falcão tanto amou. E onde está esse exercito que elle educára, unira e avolumára para triumphalmente resgatar?

Ah! que a melhor homenagem que os republicanos podiam prestar a José Falcão, nesta hora tragica, seria unirem-se todos, todos, communicarem uns aos outros a mesma fé ardentissima, uns aos outros inspirarem a mesma intima confiança, e marcharem para a frente, enlevados no mesmo sonho d'um luminoso futuro de reempção...

Pereira Júnior.

MORTE

A Morte ainda é Vida, é sempre Vida... E, dicta pelo nosso coração, Esta banalidade repetida E' mais bella e maior que uma oração.

Mas, seja a hora ultima vivida Como o principio da libertação, Ou como a desventura mais temida Por não deixar comosco um só clarão.

Ha mortes que são mortes, com certeza... E outras que ficam sendo, na belleza Do gesto que deseja não ceder,

Eguals á Vida, ou mais do que ella, até: — As dos que morrem, sem mudar de Fé, Erguendo o braço para combater!

Janerio de 1903.

João de Barros.

A cathedra e a politica

E' na realidade desolador o ver a forma porque a maior parte dos nossos professores pensam e procedem em questões de politica. Elles que deviam ser os primeiros a dar o bom e são exemplo de uma independencia inquebrantavel e firme; elles que deviam ter a coragem de expôr abertamente as suas opiniões; elles que nos deviam educar, impor-se-nos pela seriedade do seu viver, fazer nos homens de seus principios, consciôdos seus deveres, e incapazes de um acto menos honesto; elles que pelo seu saber mais e melhor podiam concorrer para a salvação do paiz e seu bom governo, têm sido e são, em grande parte, aquelles que por uma ambição desmedida e condemnavel, mais concorrem para o augmento dos nossos males; aquelles que não duvidam renunciar, a troco de benesses e optimas commissões, o nobre magisterio que lhes pertence; aquelles que mais se acovardam e se retrahem, quando a Patria reclama o auxilio e dedicacão de todos os homens honestos, intelligentes e cultos.

E' commodo, mas é tambem censuravel, passar a gente a mocidade, alheia a tudo que não diga respeito aos seus interesses e conveniencias.

E' admiravel chegar, pelo seu trabalho, a attingir o posto nubre de professor, mas é tambem preciso saber-se que nunca é possivel separar-se o professor do homem. E', finalmente, vergonhoso e revoltante, ver, como se vê á cada passo, fazer da cathedra o trampolim que ajuda a formar o salto para as regiões onde, sem perigos, sem trabalho, e sem escrupulo, se pode satisfazer todas as ambições, ainda que ellas importem o prejuizo e o mal estar dos outros.

Quando a gente vê o que por ali vae, e o quanto rancia, dia a dia, a legião dos professores honestos e independentes, que se impõem não só pelo seu saber, mas tambem pelo seu character, sabedores, honestos e independentes, como foram José Falcão e Rodrigues de Freitas, enche-se no peito de uma onda de revolta, e dá vontade de rasgar a nossa capa.

Costa Ferreira.

Meu divino Mestre!

Hei-de ensinar ao Povo a tua doutrina...

Luís Navega.

EM 1893

Caía a tarde! Ao longe morria o sol atraz da grande massa escura da Universidade, e o cortejo caminhava rapido pelos campos silenciosos.

Era uma grande vaga humana negra e cheia de vida levando á frente, brilhando aos ultimos raios do sol poente o carro funerário todo em ouro, em que fluctuavam ao vento as côres verde e vermelha como flumulas dum bergantim dourado empurrado pela vida para o pais do sonho.

La tombando a noite fria e escura, ouviam-se lugubres as vozes dos que pranteavam, accendiam-se as estrellas e a lua levantava-se fria e triste. Na massa negra do povo destacavam illuminados pelos archotes os rostos dos que choravam o amigo, o cidadão e o sabio.

A sua vida desfilava rapida, evocada pela voz quente e apaixonada dos oradores, e todos, sabios, jornalistas e estudantes todos accentuavam a falta enorme que era para o pais a perda de um homem honrado e boni.

As 7 horas dispersava silenciosamente o préstito na solidão da noite morria o último archote, o céu enche-se de estrellas, e todos repetiam a mesma phrase: morreu um homem bom.

Como não havia de ser bom quem passára a vida a estudar o céu!

T. C.

Cartilha do Povo

Encontro de João Portugal com José Povinho

João Portugal

Adeus, José, andas sempre tão triste? Quando nós eramos rapazes, gostavas mais de cantigas do que de tristezas. Andei dez annos por essas terras de Portugal sem te ver, mas dez annos não são dez seculos. Estás muito mudado.

José Povinho

Em dez annos dá o mundo muita volta; e se eu ando triste é porque tenho razões para isso.

João Portugal

Dar-se ha caso que te fugisse a noiva, e que andes aqui pelos montes para espiares a paixão?

José Povinho

Não, amigo João nunca pensei em me casar. Desde que morreu meu pae, e vejo a minha pobre mãe andar doí-dinha por esses montes, que nem conhece o filho, parece que nem tenho amor á terra em que nasci.

João Portugal

Não sabia que tinhas passado por tanto desgosto, meu velho amigo; mas um homem não deve succumbir. Quando a gente encontra o lar deserto, olha para a sua Patria, já que não pod: olhar para a sua familia.

José Povinho

A Patria é para os ricos, e para os que mandam. O que me vale é a minha enxada, e uns torrões que me deixou meu tio. Assim a minha santa mãe tornasse a ter uso da razão.

João Portugal

Lembra-te que és filho do Povo, e vê se escutas uma grande voz, que já se ouve ao longe, e que nos promete dias mais felizes. Um homem não deve amor só á sua familia.

José Povinho

Então a quem mais deve o Povo o seu amor?

João Portugal

A' sua Patria.

José Povinho

A' sua Patria?

João Portugal

Sim, porque a nossa Patria é composta dos nossos paes, das nossas mulheres, dos nossos filhos, dos nossos parentes e amigos. Ella contém a casa em que nascemos, o cemiterio onde os nossos avós desejam dos grandes trabalhos desta vida. A nossa Patria é formada de pedaços de terra, regados com o suor do Povo, donde o nosso braço trabalhador tira o sustento da sua miseria existencia.

José Povinho

Qual é então o primeiro dever do Povo?

João Portugal

Dar a vida pela Patria; guardá-la dos maus de dentro, e defendê-la dos inimigos de fora.

José Povinho

Então todos tem obrigação de servir o seu paiz com as armas na mão? Porque é que os filhos dos ricos não vão para soldado? Elles, que gosam os bens deste mundo, deviam ser os primeiros a ir á guerra, e eu vejo que elles ficam nas suas casas a gozar o descanço á riqueza, os carinhos de suas mães; em quanto que os filhos do Povo lá tem de marchar e a casa fica sem aquelle braço robusto, que ajudava a ganhar o pão da pobre mãe e dos irmãos ainda pequenos. A lei não é egual para todos. Visto que o pobre sustenta o rico com o seu trabalho, ao menos devia o rico ficar de guarda com as armas na mão.

João Portugal

Ah! É esta uma das grandes desgraças do Povo. Nós vamos e elles ficam. As nossas mães também ficam, mas com o coração partido, e uma dor de alma de ver ir o pobre filho, o desamparado, que talvez nunca vejam. Ah! malditos sejam aquelles, que vem pelas nossas aldeias livrar os filhos dos ricos, para toda a condemnação cair nos filhos dos pobres!

José Povinho

Então quem são esses malditos que andam pelas aldeias e pelos casaes, prometendo livramento a uns e con-

demnação a outros, como se fossem deuses omnipotentes? Quem são esses perversos, com um poder tão grande, que levam o sangue dos filhos e trazem as lagrimas ás mães?

João Portugal

Esses maus só tem um poder devido á nossa ignorancia; mas eu sou Povo, e hei de ir pregar aos filhos do Povo o Evangelho do seu livramento. Escuta-me, e vae dizer pelos povoados, pelas feiras, pelas romarias, as palavras de salvação que vae ouvir. A' noite nos serões de inverno junto á lareira, no outono, pelas eiras e pelos campos, por toda a parte onde encontrares o trabalhador teu irmão, conta-lhe o que te vou dizer, leva-lhe as palavras que hão de tirar da servidão daquelles que o exploram.

O homem precisa de uma casa para viver. Só os brutos vivem pelas cavernas. Pois para viveres na tua casa tens de pagar decima ao Estado. Queres cultivar a tua horta? Has de pagar decima da tua horta. Queres temperar o teu caldo? Tens de pagar o sal pelo dobro do seu valor, porque o governo lança um grande tributo sobre o sal. O azeite, o vinagre, o vinho, o bacalhau, o café, o assucar, o milho, finalmente todos os teus alimentos são pagos por ti no dobro do seu valor, porque o estado cobra direitos sobre tudo o que te serve d'alimento. O algodão das tuas camisas, a saragoça das tuas calças, o panno da tua jaqueta, o chapéu com que te cobres, o couro das tuas botas, o ferro da tua enxada, os botões do teu colete, finalmente até o phosphoro com que accendes a tua candeia, é comprado pelo dobro do seu valor, porque o Estado precisa de dinheiro, de muito dinheiro... Pobre innocente! pensavas que pagavas só uma decima, e pagas uma duzia dellas! Queres baptisar o teu filho, pagas; queres casar a tua filha, pagas; queres enterrar os teus velhos paes, pagas; julgavas que tinhas a pagar só uma decima, ora vê como te enganam. Um teu mau vizinho quer roubar-te na extrema do teu quintal, has de pagar á justiça pará não seres roubado, e dá-te por feliz, se, além de ficares roubado não tiveres de pagar as custas do processo. Queres comprar um pedaço de terra para juntar á tua horta, pagas ciza, pagas o sello, pagas registo, pagas a escriptura. Queres o teu caminho concertado, tens de dar o serviço braçal. Talvez ainda não saibas que lançam tambem agora um tributo sobre os cães?

José Povinho

Então quem ha de guardar as nossas eiras e os nossos casaes? Um bom cão de guarda é o melhor ferrolho que pode ter o lavrador. O cão é o amigo do pobre. Por esse andar nem o misero cego, que pede esmola pelas portas, está livre de tributos. Louvado Deus, que até os mendigos vão pagar decima á realza.

João Portugal

Sabes quem lucra, José? São os ladrões. Em não havendo cão a guarda a porta, até as camisas nos roubam da arca. Agora é que o Povo pode dizer: Preso por ter cão, e preso por não ter cão. Comêças agora a perceber o que te leva o Estado?

Esta é a conta do teu dinheiro. Agora vamos á conta das tuas lagrimas, e do teu sangue. Prepara-te para me ouvires, e segura o coração no peito. Todo o português tem obrigação de ir algum tempo servir a patria com as armas na mão. A nossa lei, que é feita pelos ricos, obriga todos os annos metade dos mancebos de 21 annos de idade a irem sentar praça; a outra metade fica livre, e manja a lei que a sorte decida quaes hão de ir, e quaes hão de ficar; mas a lei não se cumpre; a lei é uma mentira; os que andam rasgam na em seu proveito, e só a applicam ao pobre, quando ella é contra o pobre.

José Povinho

Explica-me então como se passam as coisas.

João Portugal

Imagina uma freguezia onde ficam apurados num anno 50 mancebos capazes de servir com as armas; o Estado precisa de 20 para o exercito, que são tirados á sorte; os outros 30 ficam livres em nome da lei. Pensas por ventura que aquelles 20 vão ser soldados?

José Povinho

De certo, pois elles foram apurados como bois para o serviço! Eu, por minha desgraça, já fui soldado.

João Portugal

Illusão. Engano. Daquelles 20 só vae algum filho do pobre, como tu foste; os outros são declarados livres pela Junta de revisão. Alli os são e escorreitos consideram-se aleijados, e ficam livres; aos sadios descobrem-lhes molestias imaginarias, e ficam livres aos bem conformados declaramos rachiticos, e ficam livres; finalmente, aquelles que deviam cumprir a lei calcam-na aos pés; mas como são precisos 20 recrutas, lá vão buscal-os aos 30, que a sorte e a lei isentaram. Com estes repete-se a mesma indigna comedia; é de 50 mancebos capazes de servir nas armas só se apuram 10 desgraçados, filhos do pobre, e que por lei estavam livres quasi todos.

José Povinho

Mas sendo apurados só 10, vem a faltar outros 10 para o exercito. Como se dá remedio a esta falta?

João Portugal

A esta falta não se dá remedio nenhum. O nosso exercito está reduzido a metade da sua força, e a reerva ainda a menos de metade. O anno passado havia 40 mil recrutas em divida.

José Povinho

E se amanhã houver uma guerra, onde estão os soldados para defender a Patria?

João Portugal

O governo da monarchia não defende a Patria, é feito para defender o monarcha. Os monarchicos não defendem o Povo, defendem o rei. Os que defendem a Patria, e os que defendem o Povo chamam-se republicanos. Mas voltemos ao nosso assumpto, e logo fallaremos da Republica.

José Povinho

E' da Republica que eu queria que me fallses; mas dize-me primeiro: se o Povo paga tantos tributos ao Estado, deve o Estado fazer grandes serviços ao Povo.

João Portugal

Enganas-te. O Estado só dá ao Povo tres coisas:—a cadeia, o quartel e o hospital.

José Povinho

Mas é preciso haver cadeia para os criminosos.

João Portugal

De certo; mas os ricos e os que mandam só prendem os criminosos, quando são pobres. Os ricos nunca vão á cadeia; só se fór algum amigo do Povo, algum defensor da Republica.

José Povinho

Os quartéis tambem são precisos. Pois onde se haviam recolher os soldados, quando vão servir a patria?

João Portugal

Já te disse que os nossos filhos não pegam em armas para ir defender a Patria, porque eram poucos para isso. Os nossos filhos vão para obrigar o Povo a pagar ao rei, á rainha, aos principes, aos ministros, e a milhares de comedores. Mais logo te contarei por miudo toda esta comedia, e todo este roubo. Ah! e a nossa desgraça, e a nossa miseria é sermos tão enganados pelos malvados mandões, que nos vem tirar os filhos de casa, dar-lhes armas, polvora e balas, para nos obrigarem á força a pagar tantas decimas, se as não quizermos pagar ao bem. Os malvados fazem dos nossos filhos, os nossos verdugos. E tudo para viverem á nossa custa uma vida regalada.

José Povinho

Já vejo que o unico beneficio que nos fazem é levar nos para o hospital.

João Portugal

E' verdade; mas triste de quem lá morre, que lhe vão retalhar o corpo no theatro anatomico. Os medicos estudam as suas sciencias no corpo dos cães vadios, e no cadaver dos que morrem no hospital. O pobre em vida é um escravo, em morto é um cão sem dono.

José Povinho

Se todos poderemos ser eguaes; se o mesmo trabalho desse a todos o mesmo ganho; se todos poderemos ter as mesmas horas de descanço, depois das mesmas horas de fadiga, então é que o povo seria feliz! Dize-me? como é que o Povo sendo composto de tanta gente é governado e roubado pelos mandões, que são tam poucos em comparação?

João Portugal

Para te não estar a moer muito com historias do passado, vou contar-te as manhas, os enganos e os crimes de que elles se servem para continuarem a governar e a viver á custa da Nação.

Daqui a pouco ha eleições para deputados. Os deputados, depois de eleitos, sustentam ou derrubam os ministros; os ministros só tem o poder quando os deputados os apoiam, e quando o rei os deixa ter o poder na mão. Para os deputados approvarem os actos do governo ha um meio muito simples: é escolher para deputados homens sem consciencia, dispostos a approvar todas as patifarias que forem rendosas para os ministros e para o rei.

José Povinho

Mas como é que o governo encontra tantos deputados, sem honra nem vergonha, para lhe approvarem os seus escandalos?

João Portugal

Como? comprando-os.

José Povinho

Mas os deputados são escolhidos entre pessoas graúdas: juizes, lentes da Universidade e das Escolas, que occupam grandes logares, engenheiros, grandes capitalistas, homens ricos, advogados de fama, officiaes do exercito, emfim tudo gente importante.

João Portugal

Pois todos esses figurões te vendem ao governo. O juiz quer uma comarca mais rendosa. O lente quer passar em Lisboa vida regalada, e abandona a sua cadeira; se as côrtes estão abertas, porque estão abertas, e em se fechando as côrtes ficam por lá em commissões, onde nada se faz e vão comendo o ordenado sem trabalhar. Os empregados vão dar o voto a favor do ministerio, para em paga receberem empregos ainda melhores. Os engenheiros querem todos ser directores de obras publicas, e apanhar as grandes pastas das secretarias em Lisboa. Os grandes capitalistas vendem-se ao governo, para terem os contractos dos caminhos de ferro, construção de navios, e grandes negociatas em que fazem boa comedela, e tudo á custa da nação. Os homens ricos, e que não precisam vender-se por um emprego, vendem-se por um titulo de visconde, ou querem vir a ser pares do reino para serem uns reininhos na sua terra, e despacharem para bons empregos os filhos, os parentes, os amigos e os sabujos que lhes fazem a côrte.

José Povinho

Mas os deputados são eleitos pelo Povo: em se escolhendo homens honrados, e que se não vendam, já o caso muda de figura.

João Portugal

De certo; mas tu não tens visto como as coisas se passam? As eleições estão proximas; repara, e verás que vem os figurões da cidade pedir o nosso voto. Todos os que te vierem pedir são homens vendidos, ou que se querem vender. Uns são do conselho de districto: homens vendidos. Outros são da commissão districtal: homens vendidos. Outros são escriptivães: homens vendidos. Outros são medicos da junta da revisão: homens vendidos. Outros são, foram, ou querem ser deputados: vendidos. Outros são pares do reino: homens vendidos. Outros são empregados subalternos: são homens obrigados pela fome. Todo este bando ha de vir prometter empregos aos ricações das nossas aldeias, e hão de vir prometter o livramento de recrutas, e ameaçar outros de lhes levarem os filhos para soldado. O Povo a todos devia repellir com nojo; mas aos ultimos, aos que vem traficar com o sangue dos nossos filhos; aos que vem tentar o nosso coração de pae com promessas infames, quando illusorias, e que seriam altamente criminosas, quando cumpridas, a esses é preciso que o Povo os escorraça, e lhes diga com palavras de colera e nojo "para traz, infames, para traz com as vossas promessas criminosas. Que reis livrar o meu filho de soldado? Mas se lei o manda ir defender a Patria, tu és um criminoso que queres rasgar a lei que a todos obriga; és um traidor que queres deixar a Patria sem defensores. Commettes um crime contra a lei, commettes um crime contra a terra que te viu nascer. Para traz, indigno parricida! Mas dize, vil galopim eleitoral, quanto te pagam para commetteres taes crimes? Tu és auctoridade, e vens ameaçar-me com as tuas vinganças, se eu não votar a tua lista; mas então és uma auctoridade merecedora das galés e da grilhe-

ta, que abusas do poder e da situação que te deu a lei, para vires aqui corromper e atemorizar aquelles que tinham obrigação de defender. Tu és camarista, e vens prometter-me uma estrada, e uma ponte para meu uso particular; mas então, se a estrada é precisa, se a ponte se deve construir, não me fazes favor com ella, porque a tua obrigação é empregares o dinheiro do Povo em beneficio do Povo. O dinheiro que tu gastas não é teu, é nosso. Se as obras não são precisas aqui e são mais uteis aos povos vizinhos, então és um vil camarista concussionario, que commettes a infamia de comprar votos não com o teu dinheiro, o que seria uma simples vileza; mas com o dinheiro do municipio, fazendo favores aos amigos que te dão os votos. Para traz indigno; a numerosa côrte que te cerca é formada de parceiros comprados com o dinheiro dos cofres publicos. Que se arrede do meu sol toda a cafila dos exploradores.

José Povinho

Como ha de o Povo livrar-se de tantos males? O Poder tem na mão todas as armas, todas as fortalezas, todos os que sabem, todos os ricos, o nosso dinheiro, e o que hão de ganhar os nossos filhos e os nossos netos até á ultima geração. Dizem que o rei, os ministros, os mandões, nos levantam trinta mil contos por anno, e já comeram quinhentos mil contos emprestados que os nossos vindouros hão de pagar. Estamos condemnados ao trabalho e á pobreza; e é esta herança de miseria e de fadiga que havemos de legar aos nossos filhos! Quem afastará de nós este calix de amarguras e de escravidão!

João Portugal

Não desanimes, meu irmão. Quem arroteou estes campos? Quem edificou as aldeias e as cidades? Quem rasgou as estradas? Quem lança as pontes por cima dos rios? Quem faz a manobra a bordo do navio no alto mar? Tu julgas que o Povo é fraco? Como te enganas. E' o braço do Povo que extrah o ferro e o carvão das entranhas da terra. Somos nós que tecemos o panno, que fundimos o ferro, que derrubamos o carvalho na montanha, e encanamos as torrentes para a seara que nos dá o alimento. O Povo é um gigante que fez todas as maravilhas do mundo, e só descança do seu rude trabalho, quando adormece nos cemiterios, ou quando vae buscar a morte ao campo de batalha, nessas guerras ateadas pelos reis, em que o nosso sangue corre em ondas para matar a sede das suas ambições. Mas a nossa hora approxima-se. Havemos de ser livres, sem derramar o sangue dos nossos inimigos; havemos de vencer os com armas pacificas e innocentes. Depois da victoria havemos de ter caridade. Com os vencidos repararemos os espolios da lucta. Fundaremos uma sociedade em que só haja trabalhadores livres, eguaes e irmãos.

José Povinho

Bemdito seria o homem que podesse ensinar o Povo a alcançar essa ventura de que fallas.

João Portugal

Essa ventura está fechada na mão do Povo; é preciso apenas querer. Os nossos inimigos havemos de exterminar com balas de papel. Vem ahi, a eleições. Quando as auctoridades, os ricações, os mandões vierem pedir o nosso voto, digamos todos:—o nosso voto é para a Republica. Elles então promettem tudo: livram os nossos filhos de soldado; a um promettem despachal-o para a policia; a outro para a Camara; a outro para as obras publicas; aos mais graúdos para as alfandegas; promettem o ceu e a terra; e aos mais pobres chegam a oferecer-lhes dinheiro! Os miseraveis querem comprar o Povo! Elles venderam-se aos ministros, e pensam que o Povo é da laia dellas. Se nos compram com o dinheiro do thesouro, é o nosso dinheiro que elles roubam, para comparar as consciencias enfraquecidas pela fome; se nos querem comprar com o dinheiro dellas, é porque esperam então fazer grande negocio com o nosso voto. E' preciso cuspir-lhes na cara. O povo não se vende.

José Povinho

Tudo isso é bom de dizer. Mas se nos recusarmos elles ameaçam nos com o administrador, com o juiz, com a cadeia, á menor falta que a gente cometta.

João Portugal

E' verdade, mas essa furia verás que é passageira. Em elles vendo

que nos rimos das suas ameaças, verás como se rojam aos nossos pés, com afagos, com branduras, com enganos e mentiras. Se lhes dissermos que queremos a Republica, não de dizer que os republicanos sam maus, que querem enganar o Povo,—que os reis se ligam contra Portugal se nós quizermos trazer a Republica.

José Povinho

E não será verdade?

João Portugal

Não, meu irmão, não é verdade. Quando elles promettem, mentem. Quando ameaçam, mentem. Quando caluniam os republicanos, mentem.

José Povinho

Então os republicanos sam nossos omigos?

João Portugal

Ora diz-me: Tu és meu amigo?

José Povinho

Sou.

João Portugal

Olha lá: e acreditas que eu seja teu amigo?

José Povinho

Jurava o pelas desgraças da minha pobre mãe.

João Portugal

Então já vês que os republicanos sam teus amigos e meus amigos. Os republicanos somos nós! Pois não sabes que a Republica quer dizer: governo do Povo pelo Povo? Se na Republica é o Povo que governa, os homens do Povo é que sam os republicanos.

José Povinho

Eu pensava que os republicanos eram uns homens da cidade que nos vinham pedir o voto para a Republica, e que andam trajados como os outros, e queriam tirar uns dos empregos para irem para os logares d'elles.

João Portugal

Como te enganaram, meu simplório! Então não vês que alguns ham de ser os primeiros? Esses que vem da cidade sam os nossos amigos; se elles quizessem empregos, se quizessem ser deputados e ministros, faziam se monarchicos. Basta elles serem republicanos para merecerem a nossa confiança. Elles sacrificam o seu descanso, gastam o seu dinheiro, sujeitam-se a ser mal olhados pelos mandões da monarchia, e tudo para ensinar o Povo. Se a Republica se demorar, só podem contar com a cadeia, e com o desterro. Elles sam os nossos mestres, elles sam os nossos amigos. Quando Jesus Christo andou a prégar pelo mundo foi para resgatar os pobres. A sua côrte era composta de pobres mulheres, de creanças innocentes e de gente necessitada e faminta. Os ricos andavam a incitar o Povo para apedrejar o bom Jesus, que veio para libertar os pobres; mas o Povo resistiu, ao conselhos dos maus. Foram os juizes e os pretores que condemnaram aquelle bom redemptor a morrer numa cruz. E' preciso que o Povo saiba distinguir os seus amigos dos seus inimigos.

José Povinho

Mas acaba de me explicar o que nós devemos fazer para expulsar os nossos inimigos.

João Portugal

Ouve. Nós votamos todos na Republica. Quando a nossa grande voz sahir da boca da urna, aclamando a Republica, com maior estrondo que uma bala sahindo da boca de um canhão, verás como tremem os nossos inimigos, verás cahir os ministros das suas cadeiras, os embaixadores das suas embaixadas, e o rei começar a cambalear no seu throno.

José Povinho

Mas que vale nós vencermos aqui, se os maus vencerem nas outras terras?

João Portugal

Descança; os nossos amigos não dormem. O echo da nossa victoria ha de ir além dos nossos valles, ha de passar por cima das nossas montanhas, como a voz do trovão que enche de espanto os peccadores ainda que estejam escondidos nas entranhas da terra.

José Povinho

O trovão corre nos ares, porque o levam as nuvens e o vento; mas como poderão correr os nossos amigos, do norte ao sul, do nascente ao poente, elles que sam tam poucos para ensinar os nossos irmãos a vencer, como nós vencemos?

João Portugal

Os nossos amigos já sam muitos, e lembra-te que elles não trabalham por dinheiro. Quem trabalha a soldo larga a ferramenta em acabando o seu dia. Quem trabalha por amor, quem anda a lutar pela justiça, não tem dia nem noite: caminha até á morte.

José Povinho

Mas ainda somos tam poucos, e os maus sam tam poderosos! Dize-me: e não ha traidores entre os republicanos?

João Portugal

Ah! meu irmão, que és medroso e desconfiado. Os amigos de Jesus eram só doze, e um vendeu-o por trinta dinheiros. Os amigos do Povo já se contam por milhares. Que importa que haja algum traidor? Vae, caminha pelas aldeias e povoados, procura os trabalhadores nos campos e os mestres nas officinas, e dize-lhes que votem todos na Republica, que eu breve hei de voltar; e então prégarei nos adros das Igrejas, farei parat as danças nos folgedos das romarias, irei ás lareiras fallar baixinho ao trabalhador caçado do seu dia, e a todos hei de contar as causas da nossa miseria, a todos hei de ensinar os caminhos da nossa redempção.

Agora, adeus, votem todos na Republica, porque é preciso expulsar os maus do poder. Como ha de o Povo semear o campo para colher uma boa seara, se primeiro não arrotear a terra, não extirpar aservas damninhas, o escalracho e o tojo, para poder enterrar fundo a relha do arado, e abrir bem o seio da terra,—a uossa mãe?! A Republica é o ferro que ha de limpar a terra da nossa Patria, que ha de preparar o terreno para sermos todos eguaes, felizes, e irmãos. Vae, e dizei todos em côro:—Viva a santa Republica.

Segundo encontro de José Povinho com João Portugal

José Povinho

Ainda bem que te encontro antes de partir.

João Portugal

Queres então mais alguma explicação?

José Povinho

Quero. Dize-me: o nosso rei é bom ou mau? Se houvesse um rei bom, não seria o povo tam miseravel.

João Portugal

Como te enganas! O rei é um homem como os outros. Todos os reis sam maus para o Povo, porque são reis. Sabes porventura quanto o Povo paga para ter um rei?

José Povinho

Era esse um dos pontos que eu queria bem explicado.

João Portugal

Então escuta: O rei ganha um conto de réis por dia.

A rainha cento e sessenta e tres mil novecentos e trinta e cinco réis por dia.

O irmão do rei quarenta e tres mil setecentos e quinze réis por dia.

O pae do rei duzentos e setenta e tres mil duzentos e vinte e cinco réis por dia.

O filho mais velho do rei cincoenta e quatro mil seiscentos e quarenta e cinco réis por dia.

Cada uma das irmãs do rei levou de dote noventa contos de réis.

O pae do rei teve de dote noventa contos.

A rainha teve de dote sessenta contos.

O filho mais velho do rei vae casar, e a mulher delle ha de ter dote, e cada um dos seus filhos ha de ganhar o mesmo que hoje ganham os tios. Já vês que só a familia real custa quinhentos e setenta e dois contos por anno ou um conto quinhentos e sessenta e dois mil oitocentos e quarenta réis por dia! Isto é fóra os dotes.

José Povinho

Como o Povo é pobre! Um trabalhador ganha doze vintens por dia.

João Portugal

E os domingos e dias santos em que não ganha nada... E os dias de chuva... E os dias de doença. Deita a conta a tudo, e não lhe ficam duzentos réis por dia.

José Povinho

Por essa conta sustentavam-se sete mil oitocentos e quatorze trabalhadores com o dinheiro que a familia do rei custa á nação.

João Portugal

Upa, upa. Sustentavam-se trinta e um mil duzentos e cincoenta e seis,

Não vês que a familia do trabalhador tem pelo menos quatro pessoas, e um só a ganhar? Na familia do rei, ainda os filhos não estam baptizados, e já ganham como se fossem homens.

José Povinho

Se o povo pensasse bem nestas coisas nunca mais votava senão na Republica. Cada pessoa real que nasce, ou cada pessoa real que casa, são novos tributos para a nação. Quanto maior é a festa no paço, maior é a miseria do Povo.

João Portugal

E as viagens que faz o rei com a sua côrte? e as visitas que lhe fazem os reis de fóra?... Só o anno passado foram mais de dois mil contos.

José Povinho

Dois mil contos!!...

João Portugal

A conta é boa de fazer. Visita do rei de Hespanha a Lisboa—mil contos. Visita do rei e da rainha a Madrid, que levaram um comboio carregado de ministros, deputados e outros lacaios da côrte—quatrocentos contos. Viagem do príncipe real, e andou por todas as nações uns poucos de mezes—quatrocentos contos. Viagem do rei velho, em companhia do filho, e daquella comediante com quem elle casou—uma porção de dinheiro de que se não sabe a conta.

José Povinho

Pelo que eu vejo, o anno passado ficou a nação a tenir com essas despesas.

João Portugal

Por isso elles agora vam pedir dezoito mil contos emprestados, fóra mais de quatro mil que ainda o outro anno tinham pedido a juro aos ingleses.

José Povinho

Então cada dia de vida que tiver a realza, é como se fosse uma trovoadá que arrazasse as sementeiras duma comarca.

João Portugal

E os ingleses agora como veem que isto já pouco pode dar, porque o Povo mais dia menos dia atira com a albarda ao ar, vão lançando mão ás nossas colonias, que vae tudo pela agua abaixo.

José Povinho

E o governo consente?

João Portugal

O governo o que quer é que os ingleses vam emprestando dinheiro para o rei, para a côrte, para os ministros, e para essa sucia de lacaios comprados, que nos vem pedir os votos para o senhor fulano e para o senhor beltrano, como já te contei o outro dia.

José Povinho

Já vejo que não ha remedio para isto, em quanto houver rei; por isso viva a Republica, e juro não tornar a votar senão em republicanos. Fóra com os comedores.

João Portugal

Antes de partir sempre te quero fazer uma pergunta: não te lembrás que aqui ha annos quem não queria que o filho fosse para soldado, pagava quarenta moedas e o filho ficava livre?

José Povinho

Ah! lembro, e essa lembrança ha de fazer-me o coração negro até á hora da morte.

João Portugal

Sim! conta-me essa historia, que ahí anda por força grande maroteira dos nossos tyrannos.

José Povinho

A minha mãe era filha de gente pobre. Quando casou deram-lhe em dote um cordão d'ouro, com uma cruz pendente; era toda a riqueza dos paes. Quando havia doença empenhava-se o cordão em casa do prior, e durante um anno havia só meia ração de brã, até se poder desempenhar o dote da minha mãe. Meu avô tinha dois filhos; a um deixou um olival e uma vinha, ao outro que era o meu pae, deixou-lhe a casa em que vivia e as hortas da ribeira. Aquella terra era pequena, mas parecia abençoada. Os torrões andavam alagados com o suor de meu pae, que pareciam regados com agua benta. Era um dia de lavoura, mas dava pão para meio anno, fóra as hortaliças e o sustento dos animaes. Quando eu comecei a ganhar com a enxada, havia abundancia e alegria na nossa familia. Chegou o dia de eu ser apurado para soldado. A minha gente esperava que eu ficasse livre, porque meu pae dava sempre o voto ao administrador, com a promessa que lhe fizeram de eu ser livre em entrando nas sortes. Fui á inspecção quando fiz os 21 annos, e fiquei apurado para

soldado! A minha mãe que estava á porta do governo civil, quando lhe trouxeram a noticia, cahiu, como se fosse assombrada por um raio. Trouxeram-na para casa como morta, e em 12 horas não deu signal de si. Quando voltou á vida tinha os olhos tao medonhos, que ninguem a conhecia. A pobre creaturinha estava doida! Os medicos disseram que ella não voltava ao seu juizo, se não lhe trouxessem para alli o filho. Meu pae vendeu a horta; vendeu o cordão que estava destinado ao pescoço da minha irmã no dia do seu casamento, e assim arranjaram um homem por mim. Eu voltei, mas para vêr a minha mãe doida, e o meu pae pobre, cada dia mais triste, até que a morte o levou. A minha pobre mãe anda por esses montes esfarrapada, e a uivar que parece uma loba. A minha irmã foi servir porque o noivo já a não quiz, e agora tem uma vida, que melhor lhe fóra andar por esses montes como a nossa mãe. Ah! malditos sejam aquelles que precisam de soldados para a guerra.

João Portugal

O dinheiro da horta de teu pae, e do cordão de tua mãe foi comido nas festas da realza. Se tens ouvidos para ouvir os uivos da pobre louca; se tens coração para te lembrares de teu pae morto; se tens alma para sentires as saudades de tua irmã perdida, vae, chama os teus irmãos do Povo, contalles as tristezas da tua vida, e juremos todos seguir a bandeira da Republica, que nos ha de livrar de todas estas maldições.

Terceiro encontro de João Portugal e José Povinho

João Portugal

Adeus, José, tens dito aos nossos irmãos para votarem só nos republicanos?

José Povinho

Tenho: mas o Povo quer saber se a Republica é mais barata.

João Portugal

Em havendo Republica não temos de pagar á realza quinhentos e setenta e dois contos de réis por anno, fóra os extraordinarios. Não temos de pagar á gente da côrte mais de cem contos de réis. Não temos de pagar cinco mil contos de réis ao exercito, que é quasi tudo comido pelos generaes e outros figurões, sem termos exercito, como te expliquei o outro dia. Em o Povo governando, com metade daquelle dinheiro temos um exercito tao bom como a Republica da Suissa.

José Povinho

Mas talvez essa nação não tenha tanto a temer dos visinhos, como nós.

João Portugal

Pelo contrario. A Suissa é cercada das maiores nações do mundo, onde tem havido grandes conquistadores cubicosos. Pois fica sabendo que a Suissa com metade da gente que ha em Portugal, e com metade da despeza que nós fazemos, tem um exercito de duzentos mil soldados.

José Povinho

Mas então não fica ninguem para trabalhar nos campos.

João Portugal

Pelo contrario. Cada rapaz em chegando á idade, quer seja rico quer seja pobre, vae servir uns tantos mezes, até aprender bem o exercicio, e depois volta para sua casa. Só quando acabam as colheitas é que lá volta quinze dias por anno, para não deixar esquecer o que aprendeu.

José Povinho

Em o Povo sabendo disso, não ha ninguem que não seja republicano.

João Portugal

Para tu veres como a Republica é diferente da monarchia, basta dizer-te que quando os rapazes vam assentar praça é uma romaria das aldeias para os quartéis; vam as mães e as noivas a acompanhal-os em grandes descantes, como se fosse uma festa. E' por que sabem que no fim de dois ou tres mezes estam outra vês juntos, como se nunca se tivessem separado.

José Povinho

Ah! Provera a Deus que Portugal fosse uma Republica como a Suissa, que não estaria a minha horta vendida, a minha mãe doida, o meu pae morto e a minha irmã... sabe Deus aonde...

João Portugal

A gente não vive só para si; deve tambem pensar nos seus filhos e nos seus vindouros. A obrigação dum ho-

mem é trabalhar para que os seus netos tenham melhor sorte do que a sua. Mas voltemos á nossa conversa. Em Portugal tendo a Republica não precisa de embaixadores que comem mais de cem contos de réis por anno. Essas repartições estam cheias de empregados vadios, que comem mais de mil contos de réis.

José Povinho

Então na Republica não ha de haver juizes, escrivães, governadores civis, professores, e toda essa turba de empregados, a que eu nem sei o nome?

João Portugal

De certo que ha de haver o preciso; mas metade dos que nós temos bastavam. Não vês que quasi toda essa empregadaria sam os filhos dos grandes das nossas terras, que foram despachados, porque os paes delles venderam os votos pelas eleições? Pois porque é que os ricaços das nossas aldeias nos apoquentam noite e dia para irmos votar na lista delles?... E' por que querem os empregos para os filhos. Olha bem para os figurões que andam a pedir votos e verás se é verdade o que te digo.

José Povinho

Lá nisso tens razão. Na cidade co-nheço eu um, que come elle, comem os filhos, comem os genros. Só falta que as mulheres tambem comam á custa da gente.

João Portugal

Um ladrão que sae á estrada nunca vae só; precisa doutros para lhe guardarem as costas; no fim divide o roubo por todos, mas o capitão da malta sempre fica com o quinhão grande. Não sei se me intendes...

José Povinho

Por isso o Povo muitas vês não tem no bolso um pataco para brã. Olha lá; mas em nós mandando ás côrtes só deputados republicanos, que não façam o que o rei quer, o rei fecha as côrtes e dá com as portas na cara do Povo.

João Portugal

E' verdade que o fará, se tiver coragem para isso. Mas o Povo sabe tambem o que ha de fazer.

José Povinho

Então que ha de a gente fazer nesse caso?

João Portugal

Nesse caso, como as côrtes é que tem o direito de votar o dinheiro para as despesas, o Povo não paga as decimas; e em a gente não pagando, os empregados ficam morrer de fome; os credores do Estado não recebem o juro dos seus emprestimos; dinheiro emprestado ninguem cae na asneira de o dar ao governo; até que no fim a fome ha de apertar tanta gente, que todos se hão de virar para a Republica para não morrerem á mingua. Ah! Ah! Ah! Verás como toda essa vadiagem que mandava na gente e comia a nossa custa, se volta então para o Povo a pedir-lhe uma cõdea, porque os melrinhos com as mãos macias das luvas não tem musculos nem coração para pegarem numa enxada ou de uma ferramenta. Acredita-me, meu José Povinho, o mundo está para vêr grandes coisas. A terra já deu um signal, que até se afundaram umas poucas de ilhas nos mares do Oriente. Não tens visto á hora da madrugada, e á hora do anoitecer, alumiar-se o ceu com uma luz vermelha como as labaredas de um forno? E' a cõr da nossa bandeira, meu irmão, é um signal tambem. Das entranhas da terra e das profundezas do ceu vem estes avisos, que amedrontam o fraco, e causam terror aos maus. O Povo é forte e valente; não tem medo á luta. Adeus irmão e quando eu voltar ha de ser para cantar nas festas da nossa aldeia a victoria do Povo, e a aclamação da Republica.

Olha, uma ultima palavra, José Povinho. O Povo trabalha de sol a sol, e fica pobre, ignorante e miseravel. Os que mandam não trabalham, e sam ricos, instruidos e felizes. E' esta a lei dos Homens, mas não pôde ser a lei de Deus. Dizem que Christo veio resgatar as nossas almas das penas do outro mundo; pois é preciso que o Povo trate de resgatar o corpo e o espirito das misérias d'este. Acredita-me, irmão; a força governa o mundo. A força somos nós; e os que mandam tem vivido até hoje á custa da nossa força. E' preciso que o Povo tome conta do governo da Nação, é preciso que trabalhemos pela Republica, porque a riqueza virá depois aos que trabalham, e só os vadios teram fome. Quando eu voltar te explicarei tudo isto, porque agora todo o tempo é pouco para eu andar pelas aldeias e povoados a pedir votos para a Republica.

RESISTENCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS FEIRAS

Officina typographica

Editor

MANUEL D'OLIVEIRA AMARAL

Redacção e administração, ARCO D'ALMEDINA, 6, 2.º andar

12—RUA DA MOEDA—14

N.º 767

COIMBRA—Domingo, 18 de Janeiro de 1903

8.º ANNO

CORREGEDORIA

Protegidos pela inexpugnável indiferença em que este povo ha muito se fechou, passam sem um protesto justo e uma reacção condigna os mais monstruosos attentados.

Ninguém lhes surprehende o alcance, ninguém lhes pesa as consequências.

E só mais tarde, quando começam de apparecer os seus fructos amargos, é que, num rebate alarmante, se presente a gravidade da situação creada, e se esboçam protestos que um geral esgotamento de energias e uma maioria de laçaios regalões, contentes de seus amos, não deixam vingar.

Neste mesmo logar deixámos já consignado o nosso protesto contra o monstruoso decreto de 19 de setembro do anno findo, por virtude de cujas disposições se attribue ao juiz de instrucção criminal a direcção das diligências e investigações tendentes á verificacão dos crimes previstos em vários preceitos do Cod. Penal, e nas leis de 13 de fevereiro de 96 e 21 de julho de 99; e, nesse momento, chamámos a attenção de todos os espiritos verdadeiramente liberaes e de todas as consciências lididamente honestas para o attentado extranho, audacioso, que vinha de perpetrar-se, no seguimento da obra liberticida que os governos da monarchia ha muito inauguraram.

Sem motivos de successos excepcionaes que, indiciando alteracão da ordem pública, reclamam sem medidas de particular represacão, que todavia jámais poderiam revestir o caracter odioso do diploma de 19 de setembro de 902; sem razão alguma que leve a suppor a incompetência, a fraqueza, a negligência dos magistrados a quem, até aqui, o conhecimento de taes crimes estava affecto, justificando portanto a recente e violenta destituição; numa epocha de calma absoluta e num país onde a propaganda libertária se confina em restrictissimo ambito, o governo promulga uma medida revoltantissima, que attingindo a independência e a dignidade do corpo judicial, attenta por igual contra todas as garantias individuais e sociaes!

Mas o que mais extranho e doloroso é constatar a indiferença, o abandono, a ligeira despreocupação que acompanharam a publicação duma medida que, se não fora o rebate de dois ou três jornaes, passaria em buçadamente no Diário, só bem conhecida do juiz de instrucção criminal que não deixaria de a evidenciar, no momento opportuno de perseguições convenientes.

Nós estamos habituados a esta serenidade ignobil que os governos aproveitam para consolidar a sua obra de tyrannia feroz; mas, como em todos nós perduram, atravez dos maiores desenganos, uns restos de ingénua confiança, e porque o attentado feria uma instituição cuja independência é uso preconizar-se em tiradas elogiosas, enten-

demos que o protesto não deixaria de afirmar-se e que o governo teria de rasgar o infamissimo documento.

Verdade é que os factos não eram de molde a alimentar a candida illusão. De longe, elles vinham depondo que a invasão crescente do poder judicial pelas investidas do executivo não topava resistências sérias, e que até, em dados momentos, aquelle auxiliava as extorsões dos governos, com a applicação de diplomas cujo repudio o seu vicio de inconstitucionalidade bastava a justificar.

Agora novamente se volta a fallar do documento extraordinário, cujas vantagens o insigne mariola das *Novidades* se esfalca a proclamar, pedindo, com a audácia e o cynismo peculiaes, que se não sacrificuem a *exageros de sentimentalidade* a preexcellencia de uma tal concentraçãõ de attribuições.

Na câmara dos pares e deputados annunciaram interpellacões sobre o assumpto, respectivamente os srs. Eduardo Coelho e Francisco Medeiros, e no *Correio da Noite* o sr. Navarro de Paiva veio protestar contra a nefanda medida, que reputa *tam subversiva dos principios da competencia como infesta das garantias individuais e sociaes*.

O protesto fica, talvez, por estas inoffensivas parlendas, breve apagada e esquecida na atmosphera bocejante do parlamento e nas declamações vagas da imprensa, que por ventura sobre o caso achar conveniente pronunciar-se.

E por fim, a vontade será feita a Navarro, repellidos os sentimentos perigosos, de maneira que o bravo cão de guarda da monarchia possa dormir alfin sem a visãõ obsidiana dos comboios apedrejados...

Apezar de tudo, porém, entendemos que era nosso dever renovar, neste instante, o nosso protesto, appellando mais uma vez para a concentraçãõ de todos os elementos genuinamente liberaes no sentido de frustar essa singularissima infâmia.

De Silva Pinto, na sua *Carta de Lisboa*, para a *Voz Publica*:

«E que me dizem ao boato, que corre mundo, de vir a ser aposentado o director da Penitenciaria de Coimbra, que só funcionário (elle) durante um anno... assignando todos os meses o recibo do vencimento? Isto cre-se? Ora, porque se ha de duvidar de um litro de agua no Oceano?»

Sim, porque se hade duvidar? Hintze é grande, e D. Pape de Miranda seu propheta em Coimbra.

E' dispersar! E' dispersar!

Noticia um collega:

«O sr. dr. Pedro Ferrão vae requerer para tomar assento na câmara dos pares, por hereditariedade, como filho do antigo par do reino e ministro de estado sr. dr. Francisco António Fernandes da Silva Ferrão».

Bella occasião para na câmara alta ser resolvida a crise vinicola. Rejubilem os viticultores.

BRADOS DE JUSTIÇA

Ao País e aos poderes legislativos

Os caixeiros de Coimbra

Com o titulo acima distribuiram os caixeiros de Coimbra, um manifesto, appellando para os poderes publicos no sentido de ser concedido aos caixeiros portuguezes o descanço dominical.

Com grande surpresa nossa fomos informados de que conjunctamente com o nosso numero anterior,—commemorativo da morte do nosso saudoso chefe dr. José Falcão,—foi distribuido esse manifesto.

Sem querer discutir no presente momento a justiça que assiste aos caixeiros de Coimbra, na sua reclamação, e apezar de estarmos sempre ao lado dos opprimidos e dos humildes na defesa integra das suas reclamações legittimas e reivindicacões a que têm direito, protestamos contra o facto de, sem nossa prévia auctorização, **abusivamente**, se ter introduzido esse documento, a dentro do nosso jornal.

E representando esse estranho abuso muita estupidez e muita velhacaria, e não querendo nós acreditar que elle fosse praticado pelos promotores do manifesto, seria justo e correcto que esses senhores viessem declinar as responsabilidades desse acto irregular e indecente em quem realmente caibam, afim de evitar equívocos e más interpretações no nosso modo de proceder para com individuos e classes com quem primámos em manter uma camaradagem leal.

Ficam, pois, ao seu dispôr as columnas do nosso jornal.

Noticias da corte

Villa Viçosa, 14, ás 10 33 m.—El-rei, o principe e convidados foram de manhã e de tarde para a tapada.

De tarde foram tambem a rainha e o infante. Mataram de manhã 58 coelhos, 17 perdizes, 2 galinholas, e 7 torcos, 2 gamos e 2 corças.

Está-se preparando o palacio de Belem para hospedar o rei de Hespanha. As obras devem importar em cem contos.

Notas—A conta do thesouro com o Banco de Portugal augmentou na semana ultima em 319 contos. A circulaçãõ fiduciaria elevou-se em mais 400 contos.

Os povos de Sabrosa, Vieira e outras povoações sublevam se contra o excessivo aggravamento das contribuições.

Está em Coimbra o bispo de Bragança.

Paiz de Bemaventurados

O Bispo de Bethsaida, que já está aposentado como lente da faculdade de Direito, requereu a sua aposentação de commissario da Bulla da Santa Cruzada.

Consta que sua eminencia vae ser nomeado para a diocese da Guarda. Aproveite-se eminencia, enquanto é tempo.

Ufana-te, eleitor!

O eleitor regenerador do circulo de Coimbra deve estar satisfeito, pois que o seu representante em côrtes o sr. dr. Luciano da Silva, sympathico e talentoso cathedratico da faculdade de mathematica, e até ao presente considerado como deputado *viuva*, fez na quarta-feira a sua estreia parlamentar.

Foi tarde—é verdade. Mas, *vale mais tarde do que nunca*, e a estreia de sua excellencia foi uma revelação. Ninguém era capaz de suppor, por muita amizade que lhe tivesse, estar alli um orador de *grandes recursos*.

Curvemo-nos, no entretanto, á realidade, pois assim lh'o chama a inextinguivel *Correspondencia de Coimbra*, que accrescenta:

«O illustre deputado fez uma luminosa synthese do ensino secundario no estrangeiro...»

Luminosa? — é o termo!

A junta de lançamento da contribuiçãõ industrial e de decima de juros ficon constituída pelos srs. José Antonio Lucas, Antonio José de Moura Bastos, Adriano da Silva Ferreira, Miguel José da Costa Braga e Victor Feitor.

Parabens ao contribuinte.

A *Ordem*, com os olhos inchados e lágrimas enternecidas,—informa:

«Não se realisa este anno nesta cidade a procissão da Cinza».

Tem razão em se lastimar a pobrezinha cathólica:—lá se nos vae o unico numero regular do carnaval em Coimbra, caracteristicamente sensaborão. A *Ordem* é incansavel em divertir o publico... Não ha duvida.

O nosso presado collega *O Conimbricense*, informa:

«Mais um.—Continuam sem interrupção os atropelamentos devidos ás correrias injustificadas e a que a policia não põe cobro, dos srs. cyclistas. Na quinta feira foi atropellada, ficando bastante molestada, a tia do nosso amigo sr. José Albino da Conceição Alves, considerado official maior da Universidade.

Pedir providências é presentemente inutilidade; apontamos apenas os factos para descargo de consciências».

Accrescente-lhe o contrapésõ dos incansaveis *chaufeurs*—e estamos de accordo. Toque.

Parte hoje para Lisboa, no comboio rapido das 6 horas da tarde, afim de seguir para Moçambique, o nosso presado amigo e patricio sr. Manuel Joaquim de Nazareth, digno tenente-pharmaceutico do exercito do Ultramar. Feliz viagem.

A câmara dos pares concedeu auctorização ao sr. drs. Pereira Dias, reitor da Universidade, Frederico Laranjo e Fernandes Vaz, professores de Direito, para exercerem as suas funções naquelle estabelecimento de ensino.

Da inextinguivel *Correspondencia*:

«E' indispensavel que se tomem a serio as medidas de repressão contra a caça, que tanto escasseia nesta região desalentando os amadores que em breve pouco terão que caçar, sobretudo perdizes».

Tanto sobresalto com a rareza da caça, revela quanto intensivo é lá por caça o appetite por bons petiscos. Sobretudo perdizes, hein?

Partido republicano

Do nosso illustre collega *Vanguarda* transcrevemos o artigo que segue, e em que se appola, com judiciosas consideracões, a campanha que da ha tempos vimos sustentando nas columnas deste jornal.

A *Resistencia* rejubila com as manifestações de interesse que estes assumpto importantissimo está provocando, e dos hamensamentos da democracia portugueza confia a realisacão da tarefa urgente, nobre e patriótica que vem preconizando.

No momento amarrissimo que o paiz atravessa, a ninguém, mais que ao partido republicano, cumpre incutir alentos e esperanças no esmorecido espirito publico, congregando bem estreitamente todas as energias para o desideratum salvador que todas as consciências honestas reclamam.

O nosso presado collega *Resistencia* de Coimbra, vem pugnando, em magnificos artigos, pela reorganisaçãõ do partido republicano, que julga dever ser discutida e assente em um congresso para esse fim convocado.

A necessidade dessa reorganisaçãõ tem sido defendida pela *Voz Publica*, *Norte*, *Voz da Justica*, *Mundo*, *Povo do Norte*, *Folha da Tarde* e *Jornal de Abrantes*. Em diferentes cidades onde o partido republicano tem núcleos organizados, essa ideia está noanimo dos nossos correligionarios, que se vãm reforçando com novos elementos de força politica, e dispoendo para qualquer trabalho de maior vulto.

Está, pois, aberta uma discussãõ interessantissima para o partido republicano e para o paiz, a que a *Vanguarda* não pôde ser indifferente, porque este jornal, mesmo sob a fórma independente que adoptou, justificada pelo embate das paixões que tanto tem influido nas organizações democraticas, jámais deixou de se interessar pelos progressos e boa fortuna do partido onde o seu director se filiou ao alvorecer da sua intelligencia para as pugnas politicas, onde luctou com a fé de verdadeiro crente, onde viu nascer os melhores dos seus affectos por homens e por principios, onde, enfim se sentiu envelhecer sem que no seu espirito esmorecessem as convicções, que sempre o alentam para novas pugnas.

Repetimos: a questãõ suscitada é interessantissima, deve ser discutida, deve ser resolvida.

Não somos de opinião que o partido republicano esteja desorganizado. De fórma alguma. O congresso de Coimbra foi uma assembleia com todas as fórmas regulares, e nelle foram eleitos corpos directores e approved um novo estatuto que não consideramos letra morta.

A nova lei está em via de execuçãõ, mas se em volta della se levantam dissidencias, facil se nos afigura a substituição por outra que regularmente possa ser accete pelo partido republicano. E' para essa remodelaçãõ que se alvitra a ideia de um novo congresso, que a *Vanguarda* applaudirá se em tão importante assembleia ficarem assentes as bases de uma nova actividade politica que se torna urgente a bem da patria.

A esse congresso que regularmente pôde ser convocado, certamente não faltarão os principaes homens do partido republicano, e isso bastará como garantia da uniformidade de accão e de processos.

Ao partido republicano não falta numero de correligionarios, e maior é ainda o numero de adherentes pelo espirito, mas que não entram ostensivamente nas pugnas partidarias.

A opinião publica é favoravel ás praticas democraticas; a opinião do paiz é republicana. Se não se manifesta por actos positivos é porque não o permite o regimen do *poder pessoal* em que vivemos.

Um tal regimen, porém tem de cahir gastõ pelo cansasso, ou impedi pela força das circunstancias. Para isso

impõe-se uma forte organização partidária, e essa só o partido republicano a pode realizar.

Confundiram bandeiras e princípios regeneradores e progressistas que hoje são o mesmo partido com os mesmos vícios, as mesmas violências e as mesmas tendências para o velho regimen.

Fingem-se divididos para se alternarem no poder, mas delles se forma a oligarchia que nos tem perdido a honra e a fazenda.

Não pode haver a menor duvida a tal respeito; por tanto o grande mal está nesses partidos que será necessario anniquillar de vez, ou fundil-os para que não prolongue a ignobil comedia de entidades adversas formadas por amigos do coração.

Essa é a primeira campanha a emprender, e nella poderão entrar todos os patriotas que ainda tenham a peito a resistencia contra o actual estado de coisas.

A esse primeiro trabalho de saneamento politico não deverá ser indifferente o partido republicano, não devem ser indifferentes os homens bons de todas as classes sociaes.

Anniquillemos os partidos da chamada rotação constitucional, e depois os acontecimentos determinarão novos rumos que teram de ser abertos por uma rigorosa educação politica com base nas aspirações democraticas do nosso povo. Será demorada a campanha, mas tem de se fazer ou morrerá a patria agarrada aos permanentes accordos Lucianos-Hinzi.

Para esse trabalho impõe-se a organização de forças, e uma das maiores é, sem duvida, a do partido republicano.

Ha dentro delle dissidencias? De principios não existem. Pode haver-as de pessoas? Acabe-se com isso, o sirvam-nos de lição os factos e as experiencias dos ultimos annos.

Partido em que todas as opiniões se podem apreciar, — como deve ser em todos os partidos democraticos, é a discussão e os votos que resolvem todas as questões, por isso nos é sympathica a ideia do novo congresso se o convocarem sob formas regulares, e quizerem por esse meio desfazer duvidas.

Estabelecer forças, assentar em processos elevar a toda a parte corrente de convicções republicanas a deliberação da lucta em favor da patria que agonisa, e dos altos principios de liberdade e de justiça que o fim da nossa campanha.

Voltaremos ao assumpto.

O *Democrata*, do Funchal, transcreve o artigo inserto no nosso numero 759 de 18 de dezembro e referindo-se em editorial á campanha da *Resistencia*, diz:

«E' decisivo o momento. No estado actual de cousas a indifferença é um crime.

«Quem cala, consente.

«Os republicanos têm dois caminhos a seguir, perfeitamente definidos: ou provar a sua existência luctando contra o despotismo e corrupção do Poder, ou deixar enlanguescer o seu vigor não combatendo a continuação desse odioso e iniquo regimen monarchico, abdicando o seu papel de propagandistas da regeneração nacional, e deixando-se cair com o indifferentismo de fatalistas desesperançados na apathia improductiva dos contemplativos inúteis.»

Nobres e justas palavras.

Em resposta a um *sualto* de Mariano, o heroe celebre da *outra metade*, relativamente a reorganização do partido republicano o illustre collega portuense *A Voz Publica* publicou hontem um brilhantissimo artigo de que temos occasião devidamente apreciar.

Na reunião da maioria — usaram da palavra os oradores seguintes:

Hinzi — maestro regente da orquestra.

Pereira dos Santos — maestro ensaiador na câmara baixa.

Moraes Carvalho — idem na câmara alta.

Matheus dos Santos — Primeiro trombone da philármonica de Sernache.

D. Pepe de Miranda achou os accordos afinadissimos...

E o Pais paga á musica...

Brados de Fome

A proposito do monumental estenderete do nobre ministro da justiça em resposta ao deputado sr. Ovidio Alpoim, o semanario local *Correspondencia de Coimbra* grita enthusiasmada, em fundo:

O nobre ministro da justiça o sr. conselheiro Campos Henriques continua brilhantemente a gloriosa tradição que anda ligada ao seu nome de parlamentar distinctissimo, cheio de reflexão e que terça armas com o mais tranquillo apurmo.

«A sua privilegiada intelligencia que tanto se tem engradecido na camara acaba de alcançar um novo e assignalado triumpho que redobrou o seu prestigio entre a maioria que o estremece pela fidalguia dos seus sentimentos e pelo seu immaculado caracter.»

Nesta altura a maioria inflamada ao ao rubro pela maneira vigorosamente como o sr. ministro da justiça defendia os seus actos, mostrando aquella serenidade que dá a justa medida da sua consciencia, do quilate e envergadura do nobre estadista, prorompeu em calorosos applausos ao sr. ministro que por vezes teve que interromper o seu discurso.

Chama-se a isto brados de fome, ... mas fome canina, insatiavel, devoradora daquella que prendendo a mizera viscera á columna vertebral, não deixa vêr nem ouvir.

Quem assim pede, ás cegas sem lista, contenta-se com qualquer coisa — osso que seja.

Calcê lá os homens sr. dr. Luiz Pereira... olhe que estão a comprometter-lhe a egrejinha!

Em França

Os homens que em França abriram impertinente lucta contra a reacção que de longe, solapadamente, vinha preparando um assalto decisivo ás instituições republicanas, continuam triumphando da oppozição odienta dos velhos elementos reacçionarios colligados, e persistindo no intuito alevantado de radicalmente sanearem o paiz da peste clerical.

A obra de pacificação, de progresso, de elevada e pura democracia, iniciada por Waldeck Rousseau com a sua rara, extraordinaria energia, só bem apreciada por quem conhece a historia das luctas encarniçadas em que elle bravamente esgrimiu, domando o impeto audacioso de inimigos temiveis, encontrou em Londres um continuador valeroso a quem não detem as ameaças e a grita raiosa dos adversarios batidos.

Por um lado, as eleições senatoriaes e a reeleição de Leon Bourgeois para a presidencia da camara dos deputados, são indício convincente de que o paiz continua a favorecer a politica dos ultimos tempos, claramente definida por Waldech Rousseau no seu programma de defeza republicana, apresentado á camara dos deputados na sessão tumultuosa de 26 de junho de 1899; e por outro lado, a denegação de auctorisação a um sem numero de congregações que se resignavam a *le galisar* a sua existencia, affirma o intento de proseguir na guerra ao clericalismo que tão fundas raizes lançara no solo da França.

O espirito da Revolução vae emfim triumphar. A França começa a ser verdadeiramente republicana e a redimir-se dos erros criminosos de longos annos de desvairements.

Não nos consta que até hoje se tenham feito quaesquer diligencias e investigações tendentes a apurar a veracidade das accusações feitas á policia pela quasi unanimidade da imprensa de Coimbra.

Continua, pois, esta cidade a ser considerada como refugio de larápios e valdevinos, que por aqui tranquilamente demoram, exercendo a intervallos a sua industria, sob a protecção generosa dos bravos agentes da Ordem.

E' deprimente para Coimbra o facto de todos os dias, auctoridades de varias terras reclamarem dos nossos a remessa de criminosos, que de facto aqui são encontrados, e que a policia parece conhecer, e que deixa andar longe de toda a vigilância.

A *Justiça*, semanario academico, denuncia factos que, ao menos por apparencias de decôro, deveriam provocar qualquer procedimento.

Mas tudo vae seguindo na velha rota, que o tempo não chega para ouvir predicas importunas...

Claustro de Cellas

A destruição dos capiteis deste delicioso claustro tem continuado, apesar das obras de restauração que se fizeram, e do cuidado que tem havido sempre da parte da junta de parochia a quem foi entregue, e que, tanto na conservação da igreja, como na do claustro e annexos, tem mostrado zelo, boa vontade e bom criterio, que estamos pouco habituados a ver em Portugal.

A pedra vai desaparecendo lentamente, roida pelo salitre, e, pouco a pouco detalhes, de uma verdade, e de uma execução tam artistica e tam ingenua vao sendo destruidos.

E' facil reedificar esse facto á vista das photographias, que tem sido tiradas em diversas epochas, e dos desenhos que ha em mãos de particulares.

A fuga para o Egypto, que ainda ha poucos annos era dos episodios mais admirados, pela attitudé da Virgem, o andar caçado da burrinha, e o movimento com que S. José dobrava a esquina do capitel com o seu farnel e borracha dependurados na extremidade de um longo cajado, é hoje pouco menos do que uma ruina indecifrável.

O mesmo facto se dá com a adoração dos magos, duma attitudé e dum sorriso tam ingenuo e com o somno da Virgem, dormindo socegada sob as cortinas dum leito, á luz da lampada suspensa ao alto, sob a guarda dum anjo, que adormeceu a velar, a face encostada á mão.

No museu de Antiquidades do Instituto, fez o sr. A. Augusto Gonçalves, algumas experiencias que foram coroadas do melhor resultado.

Não poderia ensaiar se o mesmo no claustro de Cellas? O processo empregado é inoffensivo, e o estado de ruina adelantada dos capiteis de Cellas o emprego de todos os meios para conseguir a sua conservação, livrando duma ruina certa aquelles exemplares que são unicos no paiz.

Certos do zelo e boa vontade das pessoas, que até agora tem vigiado tam carinhosamente pela conservação das reliquias do Convento de Cellas, deixamos aqui o aviso da ruina, e a indicação que me hor nos parece de a evitar.

A boa vontade de A. Augusto Gonçalves é tambem conhecida de todos os que se interessam pelo n'osso espolio artistico habituados a contar com sacrificio do seu trabalho e do seu talento.

Adriano Correia

Falleceu n'esta cidade: o sr. Adriano Correia, operário pintor, que durante largos annos militou nos partidos avançados. Era um insubmissio defidido, que pela intransigência das suas opiniões soube arrostar altivamente com todos os contratempos do actual meio social, morrendo pobre mas impenitente.

Sentindo a morte deste honrado cidadão, que foi dos poucos do seu tempo a comprehender que a força está no Povo, enviámos a sua familia a expressão sincera do nosso pesame.

No dia 24 do corrente realisa-se no theatro-circo desta cidade um sarau promovido pelo *Real Club Velocipedista de Portugal*.

Consta que nessa occasião será desafiado o athleta sr. Annibal Franco, alumno do 3.º anno philosophico, pelo sócio daquelle club Ruy Alves da Cunha.

Este facto está despertando bastante interesse entre os amadores deste género sportivo.

O 31 de Janeiro

A *Associação Beneficente 31 de Janeiro* promove este anno, em commemoração desse dia de heroica lucta, uma visita ao tumulo dos vencidos, homenagem para que tenciona convidadas as corporações e aggremações democraticas.

Contra a Imprensa

O editor do nosso collega *O Norte* foi intimado a comparecer no tribunal judicial do 1.º districto para prestar declarações.

A furia prosegue... As associações de imprensa nem á mão de Deus padre despertam da sua beatifica sonneca.

E viva a grande familia jornalística.

LITTERATURA E ARTE

NOVAS D'ELLE

(A alma de José Falcão)

Agora vive longe e numa casa enorme, Cercada de pinhaes e tristes oliveiras:

Comsigo ergue-se o sol, comsigo a lua dorme, Estrellas altas sam as suas companheiras.

O campo, a sua vista, afaga-o, carinhosa. Conhece um coração na sombra das cantigas.

A luz do sol desprende um hábito de rosa E faz as tranças d'ouro ás lindas raparigas.

Encanta mais a Terra, assim olhada, perto; E mais formosa surge a natureza em flor.

O claro azul do céu parece o céu aberto. Um maído olhar, depressa, ali, se torna amôr.

Torrão bemdito. Evoca um trecho de pintura. Paysagem terna e meiga assoma o verde olhar.

Avejam casas sobre os montes, com ternura As suas câs beijando em neves de luar.

Da minha cella erguendo o meu olhar caçado, Na paz astral presinto a sua doce imagem.

E vou seguindo o rasto extenso, illuminado Que deixa a sua Sombra ao longo da paisagem.

Febris scienciações de luz, chiméras loucas O transparente orvalho esfia-as, uma a uma.

Desprende-se a sorrir, na voz das nossas bocças, Da luz da lua calma, a fina e branca espuma.

Achando o seu olhar, da paz das longas vallas, Ainda mais dorido em sua enorme treva;

Sereno fico ouvindo as suas breves fallas. Molhadas da emoção que intensamente eleva.

Traceja bem diversa a nossa vida amarga, A flor-Bondade abrindo a sua bocca exangue.

Mas vai-se a luz fanando e na paisagem larga A luz da lua muda em rosas cor de sangue.

E' numa aldeia linda. Alcorim, rosmarinho, Arômas de giesta, espalham-se vibrantes,

Por entre os olivares, recorta-se um caminho, Emmoldurado o trevo e hervas odorantes.

Saúde e luz no peito apenas se respira. Ninguém que passe e num adeus se não descubra,

Nos olhos cantam soes purezas de saphira, Floresce em luz o sol de cada bocca rubra.

Serena terra, abriado o seu fecundo seio, Em beijos fructifica e diz serenamente

A dôr que fez o fructo, e só do fructo veio Se volta a ser na terra, e tanta vez, semente.

O seu fozigo branco erguido entre covaes Por onde a sombra irrompe e chora e se descobre,

Respira o frouxo olôr, o arôma dos goivães, Na estrada que vai dar á minha casa pobre.

Estranho canto, exnl, de commoção, ramalha Na copa singular duma palmeira esguia;

Enquanto a noite clara, em cada estrella, espalha O sol da sua Sombra eternamente dia!

De Santo Antonio dos Olivães.

Celestino David.

As notas diplomaticas

Quando começaram de correr, ardidamente embuçados em benevolos aspectos, os primeiros boatos da conversão da divida externa, ergueu-se, n'aquella minoria da imprensa onde se acantonam ainda os restos de um antigo espirito de ensubordinação viril e patriótica, um brado sincero de alarme, visando a provocar n'este povo inerte uma reacção salutar contra o monstruoso attentado que se preparava.

Logo, das regiões do poder caíram sobre aquelles que, como nós, revelavam ao pais as consequências funestas do convenio em negociação, os fulminantes desdens, as calumniosas suspeições, e as violencias inqualificaveis com que é velho uso responder e callar as vozes importunas, asperas, dos que não pactuam com infamias.

Toda a campanha foi inutil. Os sacrificios penosos que custou, não fructificaram no minimo resultado compensador. O povo portuguez continuou amadornado nessa indifferença triste que é a causa primacial da sua miseravel vida.

Agora que no parlamento se abriu discussão sobre as famosas notas diplomaticas, de onde a existencia do controle resulta, nós não rejubilamos com a confirmação das nossas previsões, mas surprehendemos o ensejo de mais uma vez salientar que a razão assiste das nossas campanhas, e que a mentira e a traição estão do lado dos que nos perseguem, cobrindo-nos de desdens e calumnias.

A questão que ora se debate no parlamento, com conselheiril placidez, entristece-nos por vermos que num assumpto de tam alto interesse nacional tudo váe correndo com a usual serenidade.

O protesto, apesar de tardio, não deixaria de ser proficuo. E aquelles que se juntassem no intento honesto e patriótico de expulsar o governo funesto de Hintze Ribeiro — o heroe do tractado de 20 de Agosto, da affronta de Keonga, do convenio, do negocio Williams, etc, etc. não deixaríamos de prestar o nosso apoio modesto, não obstante estarmos convencidos de que o unico protesto o valer seria derrubar a monarchia.

E a este proposito nós lembraremos ainda ao partido republicano a necessidade de uma urgente reorganisação para impedir que este desgraçado pais continue a ser roubado e infamado pelos quadrilheiros do regimen.

Salão da Moda

Este elegante estabelecimento tem tido exposta na sua bonita mostra duas toilettes brancas do mais fino gosto e elegantemente enfeitadas sendo uma para noiva e outra de baile que parece ser para menina de 15 annos. E' na verdade aonde se fazem os mais bonitos vestidos para senhoras e meninas.

(19) Folhetim da "RESISTENCIA"

THEOPHILE GAUTIER

AVATAR

VII

— Posso retirar-me, ou é necessario que eu fique a pé?

— Não! Deixa-me só; mas antes de te retirares, accende as serpentinhas ao pé do espelho.

— O senhor não tem medo de que está luz tam viva o não deixe dormir.

— Não! Demais a mais não tenho ainda sono.

— Eu não me deito, e se o senhor percisar de alguma coisa, eu corro ao primeiro toque da campainha, disse Jean, que, no fundo, estava com cuidado por causa da palidez e da decomposição de feições do conde.

Quando Jean se retirou, depois de ter accendido as velas, o conde correu para o espelho, e, no cristal profundo e puro, onde tremia a scintillação das luzes, viu uma cabeça nova, doce e triste, de cabelos abundantes e pretos, olhos dum azul escuro, faces palidas, com barba densa e escura, uma cabeça, que não era a delle, e que, do fundo do espelho, o olhava com um

População

A população do concelho de Goes era em 31 de Dezembro de 1900 a seguinte:

Alvares, (S. Mathews), 1.709 homens e 2.187 mulheres. — Cadafaz, (Nossa Senhora das Neves), 483 homens e 605 mulheres. — Colmeal, (S. Sebastião), 679 homens e 768 mulheres. — Goes, (Santa Maria Maior), 1.593 homens e 1.531 mulheres. — Varzea, (S. Pedro), homens 669 e mulheres 853.

Total dos homens em todo o concelho da Figueira da Foz: 5.133. — Total de mulheres: 5.944.

Por não terem chegado a tempo de os podermos incluir no nosso numero comemorativo, publicamos hoje os delicadissimos versos de Celestino David.

Teve lugar no dia 15 a eleição dos corpos gerentes do Gremio Literário, que não pôde realizar-se no dia 8 por falta de numero legal de sócios.

Ficaram eleitos:

Assembleia Geral

Presidente — Dr. José Joaquim Fernandes Vaz.
Vice-presidente — Dr. Alvaro da Costa Machado Villela.
1.º secretario — Augusto Coutinho.
2.º secretario — Bacharel Augusto Cesar Correia d'Aguiar.

Direcção

Effectivos:
Presidente — Dr. Daniel Ferreira de Mattos.
Secretário — Bacharel Carlos da Silva Oliveira.
Thesoureiro — Commendador Arthur Manso Preto.

Substitutos:
Vice-presidente — Dr. Guilherme Alves Moreira.
Vice-secretário — Bacharel Alberto Nunes da Cruz.

Directores

Effectivos:
Augusto Vieira de Campos.
Bacharel Carlos Acchioli da Fonseca Themudo.
Bacharel Fortunato Augusto Freire Themudo.
Dr. Francisco da Costa Pessoa.
Capitão João Vieira de Campos.
Commendador Ricardo Loureiro.
Dr. Sidónio Bernardino Cardoso da Silva Paes.
Visconde d'Alverca.

Substitutos:
Bacharel António Cesar d'Almeida Rainha.
Major António Domingos Cortez da Silva Curado.
Bacharel António d'Oliveira.
Arthur da Silva Nobre.

olhar surprehendido. A principio, esforçou-se por acreditar que um gracejador de mau gosto encaxára o rosto na moldura de cobre que cercava o espelho veneziano de cantos cortados. Passou a mão por detraz, não deu senão com as taboas, não estava ninguém.

As suas mãos, que elle tateava eram mais magras, mais compridas, e com mais veias; no dedo annular elevava-se, num anel, uma aventureira tendo um brazão gravado, que não era o delle. Vasculhou os bolsos, encontrou uma carteira pequena, contendo bilhetes de visita com o nome — Octavio de Saville.

O riso dos laçaios no palacio Labinski, a apparição do seu sosie, a physionomia desconhecida, que se substituiu a sua reflexão no espelho, podiam ser, em rigor, illusões dum cerebro doente; mas aquelles vestidos diferentes aquelle anel, que tirava do dedo, eram provas materiaes, palpaveis, testemunhos que era impossivel recusar. Tinha-se operado uma metamorphose completa sem elle saber, com certeza um magico, um demonio, talvez, lhe tinha roubado a formula, a nobreza, o nome, toda a sua personalidade, não lhe deixando mais do que a alma sem meio de a manifestar.

As historias fantasticas de Pierre Schemil e da Noite de S. Silvestre voltaram-lhe a lembrança; mas as personagens de Chamisso e de Hoffman não tinham perdido uma senão a sombra, outra a imagem; e se

Cassiano Diniz Corte-Real.
Bacharel Fausto de Quadros.
Bacharel Fernando Paulino d'Oliveira.
José Paes do Amaral.

Commissão de contas

Presidente — Dr. João José d'Antas Souto Rodrigues.
Relator — Dr. José Alberto dos Reis.
Secretário — Bacharel Francisco Fernandes Costa.
Vogaes — Francisco Vieira de Campos e Jacintho Bettencourt.

Necrologia

Finou-se ha dias em Vendas de Pódeotes do concelho de Penella, o sr. Salvador António Pereira, pae do commerciante António Ferreira Pereira. O bundo o velho foi sempre um exemplarissimo chefe de familia, marido extremoso e pae amantissimo. Paz a sua alma e pezames a sua familia, muito particularmente ao nosso amigo Ferreira Pereira.

A. M.

Foram eleitos no dia 15, em assembleia geral os corpos gerentes da Assembleia Commercial de Coimbra, que ficaram assim constituídos:

Assembleia geral

Presidente — Pedro Ferreira Dias Bandeira.
1.º secretario — António Augusto Novaes.
2.º secretario — António Nunes Correia.

Direcção

Presidente — José Maria Mendes d'Abreu.
Vice-presidente — José António Dias Pereira.
1.º secretario — Manuel Joaquim Miranda.
2.º secretario — João Antunes do Valle.
Thesoureiro — Augusto da Cunha.
Vogaes — Julio da Cunha Pinto e José Cesar Lopes.

Commissão d'exames de contas

Afonso de Barros, Victor da Silva Feitor e Jayme Lopes Lobo.

FIALHO D'ALMEIDA

A' ESQUINA

(Jornal dum vagabundo)

Eu (autobiographia). — Em Coimbra. Recitas d'estudantes. — A volta dos roupêtas. — O problema taurino. — Ceifeiros. — Los Manganeses. — O monumento a Souza Martins. — Escriptores dramaticos e seu publico. — A Exposição do Gremio Artístico. — Na Atalaia. — Raphael Bordallo Pinheiro.

1 volume 500 reis

Na casa editora França Amado, Coimbra, e em todas as livrarias.

aquella privação bizarra duma projecção, que toda a gente possue inspirava suspiros inquietadoras; nem pelo menos, negava que fossém elles mesmos.

A sua posição era bem mais desastrosa; não podia reclamar o seu titulo de conde de Labinski com a forma, em que se achava preso.

Passaria aos olhos de toda a gente por um impostor sem pudor ou, pelo menos, por um louco. Até a mulher o não conheceria vestido com aquella apparencia mentirosa. Como provar a sua identidade? Com certeza, que havia mil circumstancias intimas, mil detalhes minuciosos desconhecidos por outra qualquer pessoa, que, recordados a Prascovia, lhe fariam reconhecer a alma do marido sob aquelle disfarce; mas de que valeria aquella convicção isolada, no caso de a obter, rolando da unanimidade da opinião contraria? Tinha real e absolutamente perdido a posse do seu eu. Outra anciedade: a sua transformação limitava-se a mudança exterior de figura e de feições, ou habitava realmente o corpo de outro? Nesse caso o que tinham feito do delle? Tinha sido consumido por um poço de cal, ou tomara se propriedade dum ladrão atrevido? O par, que apparecera no palacio Labinski, podia ser um aspecto, uma visão, mas podia tambem ser, um ser physico, vivo, instalado na pelle, que lhe havia roubado com uma habilidade infernal aquelle medico de figura de fakir.

Uma ideia medonha carvou-se-lhe

Carreiras de automoveis

O sr. J. Costa Santos, concessionario de transportes em automoveis, apresentou já ao sr. ministro das obras publicas os planos dos horarios referentes ás carreitas que váe estabelecer nos diferentes pontos do paiz. Entre ellas contam-se as seguintes que mais directamente interessam a esta cidade: Figueira da Foz e Penacova, — Caldas da Rainha e Coimbra, — Mira e Coimbra.

Nestes transportes serão empregados salões diligencias para passageiros e comiores para mercadorias.

Ao sr. Antonio d'Oliveira e Sá, intelligente e activo funcionario da secretaria da Universidade, enviamos as nossas felicitações pela sua recente nomeação, procedendo concurso, para 1.º official da mesma secretaria.

Está de luto pelo falecimento de sua avó, o nosso amigo sr. Manuel dos Reis Gomes, proprietario da typographia onde se publica o nosso jornal.

O nosso pesame.

PUBLICAÇÕES

Alfredo Gallis. — Saphicas. — Este o titulo do VII volume da serie *Tuberculoso Social*, estudando a perversão feminina que constitue uma das mais terriveis lepras que devora a sociedade e a constituição da familia.

Neste livro o autor pretende pôr de sobreaviso todos os paes e mães, sobre o perigo de entregar a pessoas extranhas a educação e guarda de suas filhas.

Os outros volumes da collecção já publicados são:

I — Os Chibos. II — Os Predestinados. III — Mulheres Perdidas. IV — Decadentes. V — Malucos. VI — Os Politicos.

Dr. ANGELINA VIDAL

ICARO

(Poemeto)

Dr. Angelo Fonseca

Da Prostituição em Portugal

1 Vol. 18000

A' venda nas livrarias.

no coração como dente de vibora: «Mas esse conde de Labinski fãlco, feito da minha forma pelas mãos do demonio, esse vampiro, que habita agora a minha casa, a quem os meus creados obedecem como a mim, talvez a esta hora ponha o pé de cabra no limiar da porta do quarto, onde eu sempre entrei com o coração commovido, como na primeira noite, e talvez Prascovia sorria para elle languidamente, e sobre a sua cabeça com um rubor divino sobre aquelle hombro assignallado pela unha do diabo, tomando por mim aquella larva mentirosa, aquelle boucoloco, aquelle amouse, aquelle filho da noite e do inferno. Se eu fosse a casa, que se lhe pegasse o fogo, para gritar nas chammas a Prascovia: «Enganamente, não é Olaf, o teu bem amado, que tens sobre o coração!»

Vaes cometer inocentemente um crime abominavel e de que a minha alma desesperada se ha de lembrar ainda, quando as eternidades tiverem já cançado as mãos de voltarem os seus relgios de arca!

Vagas enflamadas subiam ao cerebro do conde, dava gritos inarticulados de raiva, mordida os pulsos, e passava pelo quarto, como um animal feroz. A loucura ia submergir a obscura consciência, que lhe restava ainda; correu ao quarto de vestir de Octavio, encheu uma bacia d'agua e mergulhou nella a cabeça, que sahia a fumeigar d'aquelle banho gellado.

(Continúa)

AGRADECIMENTOS

Recebi ha pouco dos meus collegas da Philharmonia Boa União a mais penhorante prova de amizade e sympathia que me podia ser dada, honrando-me com a inauguração do meu retrato na sala dos ensaios da mesma philharmonia.

A festa que se realisou por essa occasião foi para mim tão grata e valiosa, que me constituiu no dever de publicamente manifestar o meu intimo e sincero reconhecimento a todos esses meus presados collegas, a commissão promotora d'essa homenagem, aos oradores que me honraram com as suas referencias eloquentes e immerecidas, a todos os cavalheiros que se dignaram concorrer a essa festa e a todas as pessoas que directa ou indirectamente cooperaram para o bom exito que ella teve.

Confesso-me igualmente muito agradecido á imprensa periodica que se referiu com louvor á minha pessoa, honra a qual eu nunca podia aspirar por falta de merecimentos.

A todos attribuo a maior gratidão da minha alma e o meu indelivel reconhecimento.

Coimbra, 14 de Janeiro de 1903.

Augusto Paes.

Regente da Philharmonia Boa União

A abaixo assignada vem publicamente testemunhar por esta forma o seu reconhecimento para com a maior parte dos membros da classe ceramica; que a auxiliaram soccorrendo seu marido Francisco da Silva.

Egualmente agradece aos srs. Manuel do Bortallo, Antonio Rocha, Mathias da Conceição e Silva d'Oliveira.

Coimbra, 16 de Janeiro de 1903.

Maria José dos Santos.

ANNUNCIOS

SALÃO DA MODA

90 — Rua Ferreira Borges — 94

Artigos de muita novidade por preços sem iguaes.

Differença 10, 20 e 30 por cento mais barato.

Atelier de vestidos e chapéos.

CREADAS

Precisam-se duas creadas de dentro na rua Sá da Bandeira, 51.

VIOLEIRO

Augusto Nunes dos Santos

(Successor de Antonio dos Santos)

Premiado na exposição districtal de Coimbra, em 1884, com a medalha de prata; e na de Lisboa de 1890.

Participa que se faz nesta officina, a mais acreditada desta cidade, toda a qualidade de instrumentos de corda concernente á sua arte; assim como os concertu com a maxima perfeição, como tem provado ha muitos annos.

Especialidade em guitarras de 12 e 15 cordas e violões de 6, 7 ou mais cordas.

Tambem vende cordas de todas as qualidades para os mesmos instrumentos.

16 — Rua Direita — 18

COIMBRA

Espingardas

Vendas a prestações

Rewolvers

Saint Etienne

Manufacture Française de Armes e Cycloes

Com ballas blindadas de aço e de polvora branca sem fumo, muito portateis e de grande alcance.

João Gomes Moreira

Rua Ferreira Borges COIMBRA

FABRICA DE TELHÕES E MANILHAS

Premiada na Exposição de Ceramica Portuguesa, no Porto, em 1882, com diploma de merito; e medalha de cobre na Exposição Districtal de Coimbra, de 1884

Esta fabrica a mais acreditada em Coimbra, em construcção e solidez de telhões, manilhas para encanar agua, siphões para retretes, vasos para jardins e platibandas, balaustres, tijolo para ladrilhos de fornos, tijolos grossos para construcções e para chaminés, tachos para cosinha á imitação dos de Lisboa, etc. — Todos estes artigos são de boa construcção e por

PREÇOS ECONOMICOS

✦ ✦ ✦ Pedro da Silva Pinho Coimbra ✦ ✦ ✦
29, Rua de João Cabreira, 31 — COIMBRA

COSINHA POPULAR

Rua da Concordia, n.º 27, 29 e 31
Figueira da Foz

Esta antiga e acreditada casa situa-da num dos melhores locais da Figueira, Junto dos Casinos e a dois passos da praia de banhos, continúa recebendo hóspedes permanentes, por preços commodos.

Fornece almoços e jantares para fóra desde 300 réis.

O Proprietário,
José Maria Junior.

José Marques Ladeira & Filho

Empreiteiros das Companhias de Iluminação a Gaz e Aguas
4 — Praça 8 de Maio — 4
COIMBRA

Canalisações para agua e gaz

Lustres, lyras, lanternas e candieiros para gaz, machinas de aquecer agua a gaz para banhos, tubos de lona, borracha, latão e chumbo, lavatorios, urinoes retretes e bidets, torneiras de metal de todas as qualidades, cartão e cor-da de amianto, e borracha em folha.

PREÇOS ESPECIAES EM TUBOS DE FERRO
Fazem-se trabalhos fóra da cidade

“RESISTENCIA”

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA
(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha, no reino:
Anno 20700
Semestre 10350
Trimestre 680
Sem estampilha:
Anno 20400
Semestre 10200
Trimestre 600

Brazil e Africa, anno... 30600 réis
Ilhas adjacentes, » 30000 »

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis; para os senhores assignantes, desconto de 50%.

Communicados, 40 réis a linha.
Réclames, 60 » »

Annunciam-se gratuitamente todas as publicações com cuja remessa este jornal fór honrado.

Avulso 40 réis

Alfaiataria Academica

AFFONSO DE BARROS

Acaba de chegar a esta casa o eximio tailleur Saturnino F. Grant, ex-gerente da Alfaiataria Amieiro, de Lisboa.

Rua Ferreira Borges

COIMBRA

Consultorio dentario

COIMBRA

Rua Ferreira Borges

Herculano Carvalho

Medico pela Universidade de Coimbra

LUCA

Delicioso licor extra-fino

VINHOS

Associação Vinicola da Bairrada

Grandes descontos aos revendedores

Unico deposito em Coimbra

CONFETARIA TELLES

150, R. Ferreira Borges, 156

SILVA & FILHO

Fabrica manual de calçado e tamancos

e deposito de alpargatas

EXPORTAÇÃO

CASA

Aluga-se o 1.º andar da casa n.º 80 na rua da Moeda; tem commodos para uma familia regular, canalização para agua e todos os despejos.

Para tratar com sua dona, rua Sá da Bandeira, 55.

COIMBRA

L. M. LILLY, Engenheiro

Machinas agricolas de toda a qualidade.
Machinas para fiacção e tecelagem para todos os tecidos.
Machinas para fazer soda-water, gazosas, gelo, etc.
Machinas para fazer papel continuo, cartão, etc.
Machinas para lavar, engommar e desinfectar roupa.
Machinas de vapor e de gaz, caldeiras e bombas.
Machinas de escrever, de systema YOST.
Correias de pello, de couro, de borracha, empanques, etc.
Materias primas de todas as qualidades.
Installações, desenhos, montagens.
Facilitam-se pagamentos.

REPRESENTANTE

JOÃO GOMES MOREIRA
COIMBRA

Nova Havaneza

Rua de Ferreira Borges n.º 176

Papelaria, Tabacaria, Perfumaria.
Carteiras, malas, caixas de charão, e todos os objectos de escriptorio.

Ceiras para lagar de azeite

Sem competidor em Coimbra

Feitas de bom esparto e bem executadas
Encontram-se á venda na

Praça do Commercio, 110 e 111

Unica casa onde se fazem

PASTELARIA E CONFETARIA TELLES

150 — Rua Ferreira Borges — 156

N'esta casa, regularmente montada no género das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concorrentes a estabelecimentos d'esta naturêza.

Dóces de ovos dos mais finos paladares e delicados gostos, denominados *dóces sortidos*, para chá e *soirées*, em grande e bonita variedade que difficil se torna enumerar-la.

Dóces de fructa de todas as qualidades, de que é costume fabricar-se, tanto em secco, como crystalizados, rivalisar com os estrangeiros.

Pastelaria em todos os generos e qualidades, o que ha de mais fino e saboroso, especializando os de folhado.

Fabricam-se com finos recheios e ovos em fio, peças grandes de primorosa phantasia, denominadas *Centros de mesa*, *Castellos*, *Jarrões*, *Lyras*, *Floreiras*, *Lampreias*, etc., etc., próprias para banquetes.

Pudings Gelados, de leite, deliciosos, laranja, chá café e de fructas diversas, vistosamente enfeitados.

Pão de ló pelo systema de Margaride, já bem conhecido nesta cidade, cuja superioridade é confirmada pelo largo consumo que tem.

Especialidade em vinhos generosos do Porto e Maceira, Moscatel, Collares, Champagne, Cognacs Licores finos, etc. das melhores marcas nacionaes e estrangeiras.

Vinhos da Companhia Vinicola do Norte de Portugal.

Amendoas e confeitos de todas as qualidades, garantindo se pureza dos assucares com que sam fabricadas.

Conservas nacionaes e estrangeiras, chás verdes e pretos, passas, bombons de chocolate, Drops, queijo Flamengo, Gruyère, Prato, Roquefort e outros. Geleia de mão de vacca.

Deposito dos productos da sua fabrica de bolachas e biscoitos na Couraça de Lisboa, 32.

COLLEGIO LYCEU FIGUEIRENSE

Instituto particular de educação e ensino

Director, o professor da Universidade

José Luiz Mendes Pinheiro
Rua da Fonte, 58

Os estudos deste collegio comprehendem!

A instrucção primaria, habilitando para o exame de admissão aos lyceus.

A instrucção secundaria, segundo o plano actualmente em vigor nos lyceus officiaes.

Aulas de gymnastica, musica e pintura.

Admitte alumnos internos, semi-internos e externos.

O regulamento, ou quaesquer esclarecimentos, podem ser pedidas ao director, na sede do collegio, ou na **Quinta do Paúl**, á Praia da Fonte.

AGUA DA CURIA (Mogofores — Anadia)

Sulfatada — Calcica

A unica analysada no paiz, similhante á afamada agua de CONTREXÉVILLE, nos Vosges (França)

INDICAÇÕES

Para uso interno: — *Arthritismo*, *Gotta*, *Lithiase urica*, *Lithiase biliar*, *Engorgitamentos hepaticos*, *Catarrhos vesicaes*, *Catarrho uterino*.

Para uso externo: — *Em diferentes especies de dermatoses*.

As analyses chimica e microbiologica foram feitas pelo professor da Escola Brotero, o ex.º sr. Charles Lepierre.

A' venda em garrafas de litro — Preço 200 réis

Deposito em Coimbra — PHARMACIA DONATO

4, Rua Ferreira Borges, 4

PHARMACIA

A. Julio do Nascimento

115 — RUA DA PRATA — 117

34 — T. DE S. NICOLAU — 36

LISBOA

Lapis anti-nevralgicos

(Grayon anti-migraine)

Cigarros anti-asthmaticos, peitoraes

TONICO OCCIDENTAL

(Superior ao Tonico Oriental)

Purificador do sangue

Nas doencas syphiliticas

ELIXIR DENTRIFICO GENIVAL

ETC., ETC.

Meias elasticas, grande sortimento de fundas, insufladores, suspensorios, esponjas, algodões, pulverisadores, irrigadores, termometros diversos, farinhas peitoraes, instrumentos cirurgicos, aguas mineraes, nacionaes e estrangeiros, artigos de borracha, etc., etc.

Automoveis

em segunda mão

(Em perfeito estado de conservacão)

Um "Benz.", de 7 logares.

Uma "Vitorette Richard.", 3 ou 4 logares.

Empreza Automobilista Portuguesa

COIMBRA

REMEDIOS DE AYER

Peitoral de Cereja de Ayer — O remedio mais seguro que ha para a cura da tosse, bronchite, asthma e tuberculose pulmonar, frasco, 10100 réis; meio frasco, 600 réis.

Vigor do Cabello de Ayer — Impede que o cabelo se torne branco e restaura ao cabelo grisalho a sua vitalidade e formosura.

Extracto composto de Salsaparrilha de Ayer — Para purificar o sangue, limpar o corpo e cura radical das escrófulas. — Frasco 10100 réis.

O remedio de Ayer contra sezões. — *Febres intermitentes e biliosas.*

Todos os remedios que ficam indicados sam altamente concentrados de maneira que saem baratos porque um vidro dura muito tempo.

Pilulas cartharticas de Ayer. — O melhor purgativo suave inteiramente vegetal.

TONICO ORIENTAL — MARCA «CASSELS»

Exquesita preparacão para aformosear o cabelo

Estirpa todas as afecções do craneo, limpa e perfuma a cabeça

AGUA FLOBIDA — MARCA «CASSELS»

Perfume delicioso para o lenço, toucador e banho

SABONETE DE GLYCERINA — MARCA «CASSELS»

Muito grandes — Qualidade superior

A' venda em todas as drogarias e lojas de perfumarias



RESISTENCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS FEIRAS

Officina typographica

12 - RUA DA MOEDA - 14

Editor

MANUEL D'OLIVEIRA AMARAL

Redacção e administração, ARCO D'ALMEDINA, 6, 2.º andar

N.º 768

COIMBRA — Quinta-feira, 22 de Janeiro de 1903

8.º ANNO

Liberdade de imprensa

Na camara dos deputados cantou-se mais uma vez a velha aria da Liberdade. Foi a proposito de se apprehenderem e supprimirem jornaes, fóra de toda a lei, em flagrante detrimento de todos os principios, com uma summariedade inquisitorial revoltante.

De novo a deidade foi incensada por devotos ferventes, em declamações sonoras de Palmeirim e reptos inflammados de Mirabeau.

Liberdade! O' Liberdade! Oh! Liberdade!

Em todos os tons, em todas as attitudes, de olhos em alvo ou face aquecida pela indignação, ella foi invocada n'aquelle synedrio augusto de S. Bento...

Mas afinal que afirmações novas, ineditas, brilharam n'esse torçeo de palavras graves, cuidadas?

O que se disse alli que nós, os da imprensa, já não houvessemos proclamado?

Nós tambem queremos a imprensa responsavel e a calumpnia escrava. Somos contra as baixas campanhas de injurias, diffamações, dictiones grosseiras, contra os ataques cegos, irracionados, injustos, contra as systemáticas depreciaciones dos factos como dos individuos.

Queremos a imprensa honesta, consciente, livre, contribuindo com os seus depoimentos quotidianos para fazer a historia, nunca para a desvirtuar com apaixonamentos de sectarismo odiento.

Mas desde que ha leis regulando o assumpto, distribuindo responsabilidades aos que desmandarem em abusos puniveis, queremos essas leis acatadas, temos o direito de reclamar que a sua rigorosa observancia se substitua ao criterio arbitrario d'um chefe de policia.

E' o que temos feito. Desde que a liberdade de cada um expressar os seus pensamentos está consignada nas leis, nós queremos essa liberdade primordial, condicção de todas as outras liberdades, integralmente respeitada.

Ha abusos? Ah! está a lei para os punir. Ha criminosos? Ah! estão os tribunales para os julgar.

Mas o que se tem feito em Portugal n'esta epocha de *tyrannia mansa* é calcar com o mais cynico desprezo todas as leis. A imprensa tem vivido n'um regimen oppressivo de illegalidades e violencias que na nossa historia não depára igual, ainda mesmo nas phases mais agitadas da luta liberal, quando os antagonistas se permutavam os mais pesados duestos e os jornaes, como nota Oliveira Martins, pareciam *escriptos por arrieiros sobre os albardões dos machos em descanzo*.

Nem mesmo n'esses momentos criticos, de odio e de intolerancia, a imprensa soffreu os vexames e os attentados de agora, em plena epocha de constitucionalismo e sob os auspicios da mais invejavel paz.

E como se justificam essas inauditas violencias?

Com a necessidade de defender o credito do pais, e garantir o respeito pela real familia, de assegurar a permanencia da ordem publica e social!

E' extraordinario de cynismo e de audacia como se vem afirmar, em termos vehementes de quem tem e cons-

ciencia d'um acto justo, todas estas impudentes mentiras!

Nós lemos *O Imparcial*, lemos o *Mundo*, e podemos afirmar, com a mais absoluta segurança, que qualquer desses jornaes que o governo tã asquerosamente perseguio, nada escreveram que justificasse o regimen de assalto permanente que lhe impunham.

Mas se prevaricaram, porque se não remetteu aos tribunales o conhecimento das suas faltas? Porque se não exigiu perante elles, á face das leis, as responsabilidades devidas?

Simplemente porque o governo recebeu soffrir uma exauctoraçao formal, apenas porque os tribunales e os juizes não sã sempre succursaes e agentes do ministerio do reino.

Somos pela mais ampla liberdade de pensamento que consideramos a condicção essencial de todas as outras conquistas. E a historia diz-nos que é num regimen assim que a imprensa se depura e eleva, attingindo todas as brilhantes proporções duma instituição humanitarissima.

Tem a imprensa desvios condemnaveis, abusos desconsoladores, contem-se por vezes a dentro dum regimen de pronunciado abaixamento moral?

Ha para a corrigir o principio da responsabilidade legal. Appliquem-no, sem esquecer aquella maxima de Falreguetes: — *a liberdade de imprensa é como a lança d'Achilles: só ella pôde curar as feridas que faz*.

Consequentemente nós somos contra a tyrannia immunda que tem opprimido a imprensa portugueza e que varios cretinos e farçolas da *troupe* ministerial ousam defender e preconisar; e porque o somos, estamos sempre dispostos a acompanhar todas as campanhas tendentes a libertal-a do arbitrio violento que a deprime e que constitue um extranho e audacioso attentado, que só com a cumplicidade do povo consegue passar impune.

Dr. Augusto Cymbron

Deve ir amanhã á assignatura régia o decreto que nomeia o nosso presado amigo e dedicado correligionario sr. dr. Augusto Cymbron Borges de Sousa, médico director do hospital das Caldas da Rainha.

O dr. Augusto Cymbron, character levantado e espirito lucido, é dos raros que depois de terem atravessado toda a sua vida académica sem nunca descer ao favoritismo de ninguem, continuam pela vida fóra cumprindo o seu dever intransigentemente, conquistando sómente pelo mérito pessoal os logares á que ascendem, sem receios de afirmar em toda a parte as suas opiniões republicanas.

E, assim, Augusto Cymbron tem um logar inconfundivel entre os da pleiade de homens de quem o Pais tudo espera e de que tudo tem a esperar. Com elle conta na verdade o partido republicano para a realisacão do supremo esforço — a salvacão da Patria.

Ao nosso querido amigo os nossos parabens.

Insaciaveis

Informa um jornal:

«O sr. Reis Torgal vae renovar a iniciativa de um projecto de lei, que apresentou na sessão passada, restabelecendo o subsidio aos deputados».

E' isto: estes advogados acostumam-se na Boa-Hora a defender gatu-nos e — perdem a vergonha de todo,

Partido republicano

Dada a plena concordancia de opiniões que temos observado acerca da convocação d'um congresso, em que todos os homens do partido republicano assentassem, por maneira decisiva e unanime, a forma da sua immediata reorganisação, não vemos, realmente, que estorvos possam oppôr-se ou de-morar a effectivação d'uma tal proposta.

A nossa impaciencia em ver que, no dominio das manifestações praticas, alguma cousa se faça, tendente a crear esperanças no desalento de tantos, e a deter a onda de scepticismo, de desconfiança crescente, que a uma maioria expectante assoberba, filia-se na necessidade urgente de pôr aos desvarios criminosos dos homens do regimen as ferropcias d'um protesto energico, fazendo que, por meio d'uma fiscalisação intelligentemente organisação e persistentemente mantida, a marcha dos negocios publicos siga nova e melhor rota, ou lhes saia das mãos inpotentes e torpes.

E desde que se reconhece, sem restricção de qualquer especie, a necessidade e a urgencia d'um determinado procedimento, não ha nada que justifique extranhas demoras em adoptal-o, não havendo de resto a constatar a superveniencia de quaesquer motivos occasionaes ponderosos.

Convoque-se, pois, esse congresso, e que a elle concorrã, no intuito levantado de cooperarem com mais desinteressada boa-vontade, n'uma obra de superior valia partidaria e de incontestavel interesse patriótico, todos os que ao culto dos principios republicanos consagraram já uma porção da sua vida e a que dão ainda o melhor da sua fé.

Ha muito que se abriu o ensejo de tentarmos, n'um esforço, n'um lance supremo, uma decisiva victoria.

Mas a tentativa alguma nos podiamos abalançar, porque não tem havido entre nós o minimo laço de cohesão nem se tem feito ouvir, para nos conduzir e animar, uma unica voz de disciplina e de commando.

Pouco a pouco deixamos dissolver os ultimos nucleos d'uma organisação que prometia extender-se e fructificar em excellentes resultados, a tal ponto que não encontramos hoje, por esse paiz fóra, meia duzia de aggregrações democraticas, trabalhando pela republica na subordinacão a um determinado programma e sob a intelligencia de qualquer força directora.

Tudo desapareceu, tudo se perdeu, e com os elementos para tentar uma luta desde então difficilissima, faltou-nos, confesse-se, a força moral, a autoridade dominadora de arguir nos aggrupamentos adversos os conflictos desorganizadores, as fraquezas intimas, as flagrantes incoherencias que eram thema favorito dos nossos ataques.

Porque fracos e incoherentes nos affirmamos! Porque conflictos creamos com os nossos erros e imprudencias, e sem escrupulos, e sem senso os arrastamos para os olhos de todo um publico avido de escandalos — não fosse perder — se o ensejo a um jogo destro de palavras duras e insinuações aviltosas!

Ficaram p'ra alli, a pelear, meia duzia de crentes, sob sua inspiração pessoal, desajudados de todo o apoio da collectividade partidaria a que se haviam adscripto. E os homens mais em evidencia no partido, aquelles que podiam congregar á sua volta tantas e tão puras energias, tantos e tão sinceros esforços, encaminhando-os no sentido d'um combate proficuo, batendo-se e sacrificando-se com elles para os encorajar, retrahiram-se, desapareceram, sumiram-se como por encanto, atiraram para longe a sua espada gloriosa, calaram nos labios o grito febril da sua antiga fé!

E porque foi isso? E porque foi isso?

Por desgostos, por ingratição, por desalentos hauridos na contemplação do quadro triste da nossa vergonhosa decomposição social...

Mas isso só justifica um abatimento de instantes, nunca um afastamento brusco de longos annos.

Já o temos explicado.

Desde que o partido republicano começou, pois, a desorganizar-se, jámais teve nas questões graves, — e frequentes foram! — que surgiram, uma interferencia apreciavel. Não as discutiu, como devia e podia discutil-as, não tentou interessar o paiz por ellas, fazendo que, bastantemente esclarecido por campanhas intelligentes, elle interviesse na sua solução.

Isto está dito, bem o sabemos, mas nada se perde em repetil-o.

Convoque-se, pois, um congresso do partido republicano, e vão a esse congresso todos os homens que tem na democracia portugueza um logar eminente, provar que não desertaram nem desesperaram, e que são bem capazes de fazer reviver em todos nós o antigo espirito de sacrificio e de luta.

Mas vão todos, todos, pessoalmente dar a sua opinião, apresentar as suas propostas, dizer da sua justiça, proclamar emfim, bem alto, que são pela Republica contra a monarchia, que são pela Patria contra os traidores que a infamam.

Para longe puerilidades, melindres, agravos!

Acabe-se com isso!

E vão cheios de confiança, e disponham-se a trabalhar com ardor e sinceridade, que não-de ver, breve, compensados os seus esforços e engrossadas as suas fileiras por elementos valiosissimos.

Quantos homens de superior valia deixam de alistar-se no partido republicano por o verem esphacelado, disperso, impotente?

Muitos, muitos — podemos affirmal-o.

Unamo-nos. A hora é de luta.

Ha uma revolução profunda a fazer revolução que é preciso prégar nos ultimos recantos do paiz, revolução que é, na sua formula momentaneamente ordeira, uma condicção essencial do nosso triumpho definitivo.

Sejamos apóstolos, antes de sermos soldados. Préguemos a Republica antes de a acclamarmos nas ruas, de armas na mão.

E uma vez accordado o paiz, desde que interessado pelas nossas pugnas, que cada um tome o seu posto para o ultimo combate.

O congresso cuja convocação propomos é, em nosso criterio, o melhor meio de iniciar a urgentissima tarefa de reconstituicão partidaria.

Fallem os homens do partido republicano.

Fallem os orgãos da opinião republicana.

Da Vanguarda:

«Temos ahi a moderna Bastilha nessas oligarchias que não reconhecem o nosso publico e o substituem por leão de policia que affrontam as melhores liberdades: é justamente esse poder de arbitrio que tem de ser derrubado.

«Arme-se o partido republicano para sua dampninha e confie nos designios da justiça.»

D'O Democrata, de Funchal:

«Felizmente, o partido republicano enervado por uma longa paz, parece entrar n'um periodo de reorganisação. Por toda a parte congregam-se os elementos que o desleixo a pouco e pouco foi deixando adormecer.

Tudo se prepara para o decisivo ataque ao anachronico regimen monarchico.

Aos republicanos madeirenses compete não cruzar os braços quando todos os democratas continentaes tratam de reorganizar o partido, promovendo o alistamento de todos os nossos correligionarios,

CORREGEDORIA

O monstruoso decreto de 19 de dezembro de 1902 que concentra no juiz de instrucção criminal attribuições de superintendencia no conhecimento de certos crimes, o que manifestamente constitue uma ameaça e um perigo para todas as garantias individuaes e sociaes, não logrou levantar na imprensa chamada *liberal* um protesto em forma, vigoroso e persistente, de maneira a inutilisal-o para sempre.

Essa tentativa de despotismo odiento, num pais que não fosse o nosso, falho de energias e de educação, daria ensejo a uma conjugação de todos os elementos que prestam culto aos principios de liberdade e de justiça.

Em Portugal, raras impugnações soffreu o diploma ominoso que larga extraordinariamente o poder nefasto da corregedoria; e dessas raras afirmações de incompatibilidade, nobremente expressas, destacaremos, por insuspeito, o do *Mundo Legal e Judiciario* no artigo que gostosamente transcrevemos.

«O Governo do sr. Hintze Ribeiro, que tã funestamente tem assignado a sua passagem pelo poder com os seus attentados contra as liberdades publicas, quiz, este anno, acompanhar os absolutistas portuguezes na sua festa, prestando a mais solemne homenagem aos seus principios, já que não ao idolo real das suas esperanças.

Assim, a 19 de setembro, dia do anniversario do sr. D. Miguel, levou á assignatura régia um decreto dictatorial, que fez do Juiz de Instrucção Criminal de Lisboa o arbitro supremo das nossas pessoas em todo o Reino.

Cria-se uma rede de policia da espionagem tã numerosa e anonyma como a da Gardunha, que tã bons serviços prestou á Inquisição de Espanha; como a da Inquisição de Veneza; como a dos Bourbons de Napoles; como a dos Papas nos Estados Pontificios; como a do tenebroso Philippe II, o Diabo do Escorial; como o da Restauração em França; como a de Isabel II no pais vizinho.

O Juiz de Instrucção Criminal, por meio dos seus agentes, será como um Argus de milhares de olhos: de tudo será informado, de tudo conhecerá, sobre tudo terá de providenciar.

Em se tratando de moeda falsa, segurança do Estado ou crimes de anarchismo, as garantias consignadas no artigo 145.º da Carta cessam ante o seu arbitrio. Qualquer detencia, qualquer suspeita, fundada ou infundada, porão aquelle sobre quem incida na sua dependencia.

As autoridades *todas* (III), civis, militares ou ecclesiásticas, todas lhe ficam subordinadas para o effeito (art. 4.º): todas tem obrigação de o pôr ao corrente das suas suspeitas ou do que souberem relativamente áquellas categorias de delictos e seus agentes, reaes ou supostos.

Compreende-se que, desta sor-

te, ninguém poderá em Portugal reputar-se seguro. Os poderes conferidos ao Juiz de Instrução Criminal de Lisboa equivalem praticamente aos celebres assignados em branco com que os Reis da França, no antigo regimen, permitiam aos seus apaniguados desfazerem-se de quem quer que os incommodasse, fazendo-os metter na Bastilha.

Nós protestámos contra esta monstruosidade. E, protestando, permitimo-nos perguntar á Associação dos Advogados — benemérita aliás — se não julga, mais do que um direito, um dever a sua intervenção.

Quando Carlos X publicou as célebres Ordenanças, a Ordem dos Advogados e a Magistratura francezas protestaram, declarando-as inconstitucionaes, dando assim ao país a certeza de que os homens da Lei não traíam a causa do Direito.

O decreto miguelista de 19 de setembro é tã inconstitucional como aquellas ordenanças, e, além de inconstitucional, nem sequer justificado no momento, quando os anarchistas portuguezes nenhum acto praticaram que possa justificar rigores, antes pelo contrario todos os dias affirmam a sua orientação meramente evolucionista, pacífica, doutrinária.

Vê-se que o decreto, que faz do palácio da Estrella o paço duma nova inquisição civil, é apenas uma medida da politica facciosa e opressiva: o governo arma-se de meios illegaes, que lhe permitam desfazer-se de quem o incommode.

E' demasiadamente torpe para que o deixemos passar em silencio. Só Lopo Vaz o pobretana rico, ou o odioso e funesto sr. Hintze seriam capazes de tamanho golpe d'audacia.

O nosso protesto ahi fica. Quanto ao país, o que fará elle?"

Profundamente verdadeiras e justas as considerações do *Mundo Legal e Judiciario*, que todos os espiritos claros e todas as consciencias honestas sem duvida perfilham.

Extremamente constritor é, porém, ver que estes nobres protestos ficam tã isolados, tã sós, que improficuos resultam em meio do silencio sahido duma enorme maioria de indifferentes e de ignorantes.

"Aguas Passadas,"

E' o titulo dum novo livro de versos do grande poeta Correia d'Oliveira, e de que o arrojado editor França Amado acaba de adquirir o original para mais uma das suas bellas edições da obra dos novos, que tanto tem acreditado a casa do nosso sympathico amigo.

E' dêsse delicioso livro o delicado soneto com que Correia d'Oliveira honra hoje o nosso jornal; e a *Resistência* que tanto admira o extranho poeta por ter encontrado nos seus versos a alma viril do nosso povo, fica a dever-lhe o subtil penhor da sua bella dádiva, valorisada intensamente por ser dedicado a sua Mãe.

Ao nosso amigo França Amado os nossos parabens pela publicação dum livro que garante a sua casa um successo.

A CARNEIRADA

Registre-se: cincoenta e seis mariolas rejeitaram na câmara dos deputados a seguinte moção:

«A câmara afirma que a censura e a confiscação de periódicos, bem como a violação da casa onde elles se redigem ou imprimem, sã actos contrários aos direitos civis e politicos do cidadão, cuja inviolabilidade é garantida pela Carta Constitucional, artigo 145.º, §§ 3.º, 6.º, 19.º e 21.º, e passa a ordem do dia.»

Como se vê o sr. Beirão, que é um homem honrado, affirmava apenas

princípios, que Hintze com os seus lacaios acaba de negar.

Não será opportuno o momento para entrar na câmara e quebrar no patriótico costado d'aquelles famintos as cadeiras de 65:000?

Dr. Pedro Monteiro Castello Branco

Sepultou-se ante-hontem no cemiterio de Santo Antonio dos Oliveaes, o sr. conselheiro dr. Pedro Monteiro Castello Branco, lente jubilado de Direito, e chefe do partido progressista d'este districto.

Representante do velho tradicionalismo academico, o conselheiro Pedro Monteiro, foi durante muito o alvo de epigrammas de varias gerações de revoltados contra a praxe e contra o dogmatismo e caturrice dos antigos cathedrauticos.

Como politico, conservou sempre de mistura com a sua barba, velho estylo 1820, as ideias libero romanticas das antigas legiões liberaes em que desde novo se alistara. Nunca tendo aceitado nenhum dos lugares e mercês, com que, de ordinário se enfeitam os que como elle occupam os altos postos da politica, dizem, que ainda hoje, tinha a ingenuidade de confessar que se mantinha no partido progressista por lhe parecer este o que ainda mais respeitava as publicas liberdades.

Noticias da corte

Villa Viçosa, 15, ás 9, 14, t. — El-rei, principe, infante D. Affonso e convidados foram todo o dia para a tapada onde almoçaram. A rainha de manhã passeou com a dama, a pé na estrada de Benicatel. O infante D. Manoel tambem passeou a pé pela villa. Sua magestade e alteza foram ao meio dia para a tapada onde tambem almoçaram. O resultado da caçada de hoje foi: 114 coelhos, 9 perdizes, 4 galinholas, 3 tordos e 1 melro. O commandante de cavallaria 10, foi convidado para a caçada de hoje.

Notas — O excesso das despesas sobre as receitas nos onze primeiros mezes da ultima gerencia foi de 7:000 contos.

Está nesta cidade o nosso amigo sr. Domingos Guimarães, escriptor de mérito, sobejamente conhecido no nosso meio litterário.

Os nossos cumprimentos.

Navarro esquecido

Em editorial do «Novidades» de ontem diz Navarro, o bandido pontifice do regimen:

«Uma força irresponsavel é sempre uma oppressão odiosa, que acaba por se dissolver na falta de apoio da opinião publica»

Sempre prejudicial ao País é, em horas de sinceridade, este diabo do Navarro sobremaneira perigoso... ás instituições. Esquece até aquelles a quem deve o goso fagueiro do sol da liberdade.

Ladrão e... ingrato! que assim condemna teu amo e protector!...

Bispado da Guarda

A' volta da mitra da Guarda vem-se descompostas ambições.

O protegião do governo foi hostilmente recebido, ao que consta, pela alta-roda beata d'aquella cidade. Depois segundo informa a *Vanguarda*, todos os prelados africanos requereram a sua transferencia para o bispado vago.

E á ultima hora, consta nos que o sr. Wenceslau de Lima, governador civil do Porto, exige terminantemente a mitra para si.

E assim se cumpriram as propheticas...

Falleceu o sr. engenheiro Joaquim Lucena, que durante alguns annos foi director da circumscripção hydraulica nesta cidade.

Seus filhos Manuel e Joaquim Lucena os nossos pesames.

Falleceu no hospital dos Lazaros, atacada de meningite cerebro-espinal, uma menor de 13 annos de idade, filha do carpinteiro José Teiles,

BRIC-Á-BRAC

Por Despacho do Conselho dos Decanos da Universidade de Coimbra de 30 de Junho do corrente anno foi acceteo o Legado, que deixou á mesma Universidade o D.º Domingos dos Reis Teixeira, de hã Collecção de Obras Periodicas em signal d'amor e gratidão, e como compensação de hã Caixa de Mineralogia, que levára da referida Universidade para as suas observações mineralogicas, que se lhe haviaõ mandado fazer na Serra do Gerez na Provincia de Trás dos Montes, e com aqual havia ficado o Usurpador, quando estivera em Braga. Secretaria da Universidade em 31 d'Outubro de 1836.

Vicente José de Vasconcellos e Silva.

Ill.º Sr.

João dos Reis Teixeira, natural de Chaves, participa que seu Irmão o D.º Domingos dos Reis Teixeira falleceu no 1.º d'Agosto do Corrente anno, tendo declarado verbalmente a hora de sua morte, que a Caixa de Mineralogia, que fora do D.º Paulino de Nola, e por este deixada á Universidade, alevára para Braga para se servir della nos Estudos e Observações Mineralogicas, que o Ministro daquelle tempo lhe mandara fazer na Serra do Gerez e Provincia de Traz dos Montes: que vendo-a uma vez em Braga D. Miguel, que então tinha usurpada a Coroa destes Reinos, lhe ficara com ella, e nunca mais restituira: que assim faltara a dita Caixa por effeito de causas, que naquelle tempo elle não podia evitar; e por consequencia intendia em sua consciencia que não era obrigado apagar a dita Caixa: Porem apesar disso em compensação da mesma Caixa e principalmente em signal do amor e gratidão que tinha á Universidade, deixava para a sua Livraria a Collecção de todas as Obras Periodicas, que existissem entre os seus livros, que valem mais do dobro da mesma Caixa; e consta da relação escripta no Verso. E nestes termos

P. a V. S.ª seja servido accetar em nome da Universidade, e na forma offerida a dita compensação, e legado, passando se lhe pelo Secretario do Conselho Certidão da acceitação e recibo do Bibliothecario, em seguimento.

Informe o Director da Faculdade de Filosofia sobre o valor da Caixa, e dos Livros, que se offercem eu compensação d'ella.

Coimbra 5 de Março de 1836.

Vice-Reitor.

Em virtude do Despacho de V. S.ª tenho a informar que a Caixa Mineralogica não podia importar em menos de Cento quarenta e quatro mil reis, e q. os livros offercidos pelos herdeiros do finado D.º Domingos dos Reis Teixeira compensão pelo menos o valor numerico daquella Caixa, attendendo aserem obras debastante merecimento literario; e assim terminará razoavel e prudentem.º este negocio, cujo termo héto da competencia de V. S.ª como dehũ objecto puram.º literario, e relativo aos Estabelecim.ºs Scientificos.

Coimbra 16 de Março de 1836.

Manoel Martins Bandr.ª

Responda o Fiscal do Estado da Universidade. Em Conselho de Decanos de 25 d'Abril de 1836./.

Vice-Reitor.

Na conformidade da resposta. Em Conselho dos Decanos de 30 de Junho de 1836./.

Vice-Reitor.

A' vista da informação do Director da Faculdade de Filosofia parece conveniente accetar a offerta do supp.º, com as declarações, que pertende.

Coimbra 20 de Maio de 1836/

Fiscal,

Basilio Alberto de Sousa Pinto.

Journal de Physique et Chimique... 95 v. in 4.º
Journal de Coimbra... 17 v. 8.º
Annales des Mines... 5 v. 8.º
Annales de Chimie et Physique... 19 v. 8.º
Bibliotèque Britanique... 57 v. 8.º
Annales de Chimie... 26 v. 8.º
Bibliotèque Universel... 52 v. 8.º
Journal des Mines... 39 v. 8.º

Total dos volumes . . 319

UM JUIZ

Para aquelles que vêem as subverviências do poder judicial ao poder executivo, é consolador mostrar um despacho que revela um homem, que sabe ser um julgador honrado e independente.

«Senhor.

Entendo que não fiz agravo ao aggrávante no despacho de que recorre e dia a dia se radica em mim a convicção de que nenhum motivo e nenhuma conveniencia existem para o proseguimento d'este processo.

Não vejo allusão alguma, no jornal apreendido, que possa considerar-se offensiva ou desrespeitosa para Sua Magestade El-Rei de Portugal, nem qualquer referencia ás suas altas funções de chefe do Estado.

Apenas encontro uma maneira ou modo de manifestar com o humorismo tolerado em publicações da indole da *Parodia*, sem offensa nem intenção de offender, allusões ao apreço do viajante, sem caracter official, por dois dos mais distinctos generos do sport.

A publicação do meu despacho em numero subsequente ao do jornal apreendido, com as apreciações que o acompanharam, prova evidentemente que nenhuma intenção houve de offender no quadro, que motivou a apprehensão, Sua Magestade El-Rei.

Respeitar a maxima e possivel liberdade na manifestação do pensamento não ver offensas onde ellas não existem, e evitar discussões de tribunaes em assumptos sempre melindrosos, parece-me o caminho mais conveniente e mais justo.

Foi isto o que determinou a minha resolução.

O venerando tribunal *ad quem*, no entanto julgará com a costumada proficiencia e independencia, e eu, na tranquillidade de minha consciencia, aguardo a sua deliberação.

(a) Joaquim Pina Callado.»

Que no exemplo d'este homem, aprendam todos os sabujos, que transformam a toga do julgador na librê canalha do creado de servir.

Foi transferido para Vizeu o conductor dobras publicas neste districto o sr. Joaquim Vidal Mourinha.

O sr. Vicente Pedro Dias, alumno do 5.º anno médico, que tem estado perigosamente enfermo, já regressou a esta cidade, e, quasi completamente restabelecido, voltou ontem á frequência das suas aulas, facto com que rejubilam todos os amigos do sympathico moço.

As creches

Com uma bella concorrência realisonou se na barraca do cinematographo, ao Caes, uma série de espectáculos em beneficio da Associação das Creches. Folgamos immenso com ver que, dia a dia, vae crescendo o interesse por esta Associação, digna de maior auxilio, e que apesar de immensas difficuldades com que tem luctado, tem ainda assim conseguido manter se e desempenhar-se da alta missão a que se destinou, graças aos esforços da sua Direcção. E' para louvar o procedimento dos proprietários do cinematographo, pelo auxilio que vieram prestar á Associação das Creches, e é para desejar que se repitam em favor daquella Associação outros muitos actos de philantropia, como este.

Recebemos um artigo firmado pelo pseudonymo João Celso, em que se trata de uma questão, que está na ordem do dia, para os quartanistas de Direito; é a questão da récita. Não discordando muito das ideias expendidas naquelle artigo, achando que é preciso pôr de parte a velha fórmula da recita, com olympicos festins e massadas que nos moem e obrigam a deitar a deshoras achamos tambem que é melhor deixarem essa questão para as assembleias geraes do curso do 4.º anno, e não trazer a para as columnas do nosso jornal.

Partiu para a Suissa o sr. conselheiro dr. Bernardino Machado, que foi assistir á operação da appendicetomia, a que se deve ter já sujeitado o seu filho Miguel.

Antonio Correia d'Oliveira

Conheci-o outro dia, pessoalmente, aqui, em Coimbra. Do poeta já a minha memoria conservava o nome e os lindos versos — que sã a synthese da alma nacional, da alma dorida deste povo de navegadores e amourosos!

A noticia da sua chegada correu com a celeridade pouco habitual na propagação das boas-novae. E todos já sabiamos, os que o admiramos, inda sem o termos visto, que *Elle* era alto; d'olhos tristes e fundos; de faces cavadas, pelo delirio da poesia; de grenha escura d'inspirado, e um ar de bondade a cercal-o duma aureola triumphante de Gloria! E, se numa triumpheção nos olhávamos, reconheciamos nos pequenos, para lhe testemunhar a nossa immensa admiração.

Quizeramos bem, que essa noite de Coimbra, em que o conhecemos, se tivesse prateado e lhe ostentasse um bocadinho da lenda que envolve ainda esta terra, lenda que vae tombando aos poucos, amarguradamente, como as côres vivas e frescas que se apagam e desmaiam no engelhado rosto duma mulher que foi bonita — e que envelhece!

Quando o Vicente Arnoso, tambem um delicado espirito, m'o apresentou, a minha mão apertou a do Poeta, e eu estremeci inteiramente, como se fosse o meu proprio coração que elle tocasse!

Achára Coimbra encantadora; a sua vida; a sua gente; as suas arvores; as suas proprias pedras; o seu ar triste de scenario de ballada! Mas, quando eu lhe disse, bruscamente, que esta terra para ser linda deve ser vista de fóra, a distancia — como a lua! — para se lhe desenharem os contornos, elle sorriu, brandamente, como a castigar-me da asserção iujusta que o maguara!... Coimbra era linda de toda a forma! O *Penedo da Saudade* fóra para a sua alma de Poeta um suggestivo logar, que visitára. Elle sem nunca ter vindo a Coimbra sentia a nostalgia desta terra! A paysagem — acrescentava, commovidamente, — é como os corações. Só perto se lhe conhecem bem as virtudes!...

E foi assim que eu conheci Antonio Correia d'Oliveira, cu, com Augusto Gil e Guedes Teixeira, constitue, indiscutivelmente, o triumvirato dos maiores poetas lyricos portuguezes actuaes!

Nessa noite pessima d'inverno, num cubiculo estreito e scenographico, em que Correia d'Oliveira me foi apresentado, o Poeta tinha no rosto anguloso e moreno; no nariz afilado; no negligement do cabelo; e no volver dos olhos pisados e tristes, a expressão torturada dos seus versos, que correm mundo, num bando d'illusões, desfolhadas ao vento brando da Saudade!

Transparecia-lhe, no gesto vagaroso, o cansasso moral da vida; e na lentidão da sua falla cantada, a debilidade das suas alegrias!...

De quando a quando, tinha desfallecimentos d'energia; e a sua vista doente mergulhava, perdida, nas coisas que o cercavam. Sorria, por benevolencia, — com sacrificio! E quando a bocca, abrindo se, traçava um sorriso leve e fatigado, os olhos parece que lhe anoiçeciam, desmesadamente tristes; e, como se tivessem emprestado aos labios, num auxilio carinhoso, o pouco d'alegria que lhes restava, vestiam se de luto. Mas logo se desfazia no seu rosto magro a expressão risinha. O Poeta olhava, então, as pessoas que o cercavam, como admirado de ter rido tanto!...

Os seus esplendidos versos, de immaculados que sã, ninguém hesitaria em mandal-os a uma Noiva e collocar-lhos á cabeceira, junto dos seus livros d'orações. E que lindos não devem ser, esses eternecidos versos lusitanos, desfiados, como uma Ladainha, á hora meiga das Trindades, por uns labios purpurnos e virgens de rapariga portugueza!

Quando, depois de nos separarmos, voltei para casa e reli alguns, deram-me desejo de os cantar ao mundo, com as lagrimas nos olhos, num extasis de adoração!

Este curto artigo, escripto ás carreiras, para as columnas duma gazeta, além de ser um louvor humilde ao Poeta, é tambem uma exclamação aos corações portuguezes.

Rapazes da nova geração! Descubri-vos, e escutae-o!

Coimbra — 1903.

Luiz de Matos

LITTERATURA E ARTE

MINHA TRISTEZA

A MINHA MÃE

Tristeza, eu te bendigo. O' olhos meus, Cerrae-vos, e choraes devagarinho...

Tristeza, eu te bendigo. Ave de Deus, Ergue mais tua voz um bocadinho: Que a morte a ouça...

Tristeza, eu te bendigo. Eu te procuro: Por ti me torno bom, e soffro mortes, Ressorjo em mim, e em mim me transfiguro.

Tristeza, eu te bendigo. O' iguaria Da mesa do Senhor! O' pão dos fortes! Tristeza, minha única alegria!

Valle Maior, dezembro de 1902.

Antonio Correia d'Oliveira.

Velhas praticas vergonhosas

Segundo consta, a opposição progressista, dirigida pelos caudillos que a commandam, vaé entrar n'um periodo de forte opposição ao governo.

entre elles, o jornal do sr. Alpoim — tuba sonora, que serve de vasa a todos os seus reclamos de dentista de feira — por entre affirmações a que elle procurou imprimir o tom de uma viva sinceridade.

uma honestidade, que todos sabem coberta de vis remendos.

Pois que conceito nos merecem estas atoardas, tantas vezes desmentidas, mas tantas vezes deshonestamente repetidas, a favor d'um grupo de homens, cujo passado, cheio de graves erros, faz retirar toda a confiança que se possa ter n'um futuro de vida limpa e regenerada?

Se a moralidade fosse coisa viva entre nós, aquelle que uma vez se arrojasse a dizer coisas d'estas havia de soffrer um correctivo que ficasse na memoria de todos, como prevenção a futuras repetições.

Mas aqui diz se tudo, sem receio que um forte protesto venha tapar a bocca insolente que uma vez se abriu para fallar d'este modo.

Podem o sr. Alpoim e todos os mais da sua especie continuar no uso d'estas velhas praticas vergonhosas, sem temer que essa opinião, que ahi está de cabeça pendida e braços inertes, sem forças para uma affirmação de vitalidade, lhe arremesse á cara o vigoroso desmentido que as suas palavras estão provocando.

Podem continuar a fazer dos seus órgãos vasadouros immundos de ignobes farças, representadas sempre na intenção de mystificar a opinião.

Continuem, que estão no seu papel e augmentem, se podem, esses rôtos processos de engano.

Mas lembrem-se tambem do dia — que ha de vir, creio o — em que a justiça do povo, implacavel, como convem nas grandes occasiões, lhes ha de tomar restrictas contas pelo mal que lhe têm feito.

A. C.

Deve reunir-se amanhã nesta cidade a commissão encarreg da dos novos estatutos para o hospital da Universidade.

O sr. dr. Costa Simões tenciona vir presidir á commissão.

A Voz da Justiça, da Figueira da Foz, continua a transcripção dos nossos artigos sobre o Partido Republicano persistindo — em honrar-nos com o seu nobre e caloroso apoio.

FILHO D'ALMEIDA

A ESQUINA

(Jornal dum vagabundo)

Eu (autobiografia). — Em Coimbra. Recitas d'estudantes. — A volta dos roupêtas. — O problema taurino. — Ceifeiros. — Los Man... — O monumento a Souza Martins. — Escripções dramaticas e seu público. — A Exposição do Gremio Artístico. — Na Atalaia. — Raphael Bordallo Pinheiro.

1 volume 500 réis

Na casa editora França Amado, Coimbra, e em todas as livrarias.

— O senhor levanta-se? perguntou Jean na voz doce, que arranjara durante a doença de Octavio e apresentando ao conde a camisa de côr, a calça de flanela com meia, e a gan doura d'Argel, vestidos que o patrão usava pela manhã.

Depressa acabou de se vestir, e Jean sem parecer ter a menor duvida sobre a identidade do falso Olaf de Saville, que ajudava a vestir, disse-lhe: «A que horas deseja o sr. almoçar?»

— A's do costume, respondeu o conde, que, para não ter impedimento nas investigações, que contava fazer para recuperar a sua personalidade, tinha resolvido aceitar exteriormente a sua incomprehensivel transformação.

— A segunda era do notário de Octavio, e estimulava-o a ir receber um quarto de rendas, vendidas ha muito,

CARTAS DA PROVINCIA

Villa Nova d'Ourem, 21 - Janeiro - 1903

Está marcado definitivamente o dia 31 de Janeiro, para a inauguração n'esta villa, da sociedade denominada Gremio Democratico Ourense, que deve ser uma festa brilhante, pelos elementos que a commissão conta.

O programma da festa é o seguinte: ás 5 horas da manhã alvorada; ás 3 da tarde jantar, offerecido á commissão por um dos socios que mais a coadjuvau; ás 6 horas e meia sessão commemorativa, em que farão uso da palavra os srs. José Gonçalves Rachel, Joaquim Pedro da Cruz, Arthur d'Oliveira Santos e Leonel d'Oliveira; ás 9 horas começará a soirée dançante, devendo ser a sala enfeitada com verdura e flores.

O edificio, onde está installada a sociedade, é uma ampla casa, offerecida pelo nosso amigo sr. José de Oliveira Rito que a offereceu gratuitamente á commissão.

Esquecia-nos dizer o resultado da reunião effectuada no domingo passado para tractar de eleger a direcção, que ficou composta dos mesmos srs. que faziam parte da commissão; o resultado da votação foi o seguinte: — Presidente, Joaquim Pedro da Cruz, Vice-Presidente, José Gonçalves Rachel, 1.º secretario, Alfredo Pereira, 2.º secretario, José da Silva Neves, Thosoureiro, Arthur de Oliveira Santos.

Acabamos de de ter conhecimento de ter sido o professor desta Villa, sr. Antonio Nunes Tavares, agredido á paulada, bem como sua esposa, que no momento da aggressão a seu marido, tentando acudir-lhe, foi tambem violentamente agredida; parece que o motivo da aggressão foi ha tempos o agredido, intentar processo contra o aggressor pelo motivo deste o insultar, chamando-lhe nomes injuriosos e pondo o fóra de uma propriedade que não lhe pertence.

O que é muito certo, é que á uns tempos a esta parte que o professor desta villa vem soffrendo uma indigna perseguição, por parte da alguns politicos, sem que haja motivo para tal.

Correspondente.

População

A população do concelho da Louzã era em 31 de Dezembro de 1900 a seguinte:

Casal do Ermio, (Santo Antonio), 183 homens e 233 mulheres. — Foz de Arouce, (S. Miguel), 609 homens e 765 mulheres. — Louzã (S. Silvestre), 2.660 homens e 3.015 mulheres. — Serpins, (Nossa Senhora do Socorro), 877 homens e 1.090 mulheres. — Villarrinho, (S. Pedro), 921 homens e 1.012 mulheres.

Total dos homens em todo o concelho da Louzã: 5.250. — Total de mulheres: 6.115.

Concelho de Mira

Mira, (S. Thomé), 3.726 homens e 4.391 mulheres.

ou pelo menos designar um emprego para capitaes que se conservavam improductivos.

— Ora está! parece, disse comsigo o conde que Octavio de Saville, cuja pelle eu habito, existe realmente; não é um ser fantastico, uma personagem d'Achim d'Arnim ou de Clemente Brentano; tem aposentos, amigos, notario, rendas a collocar, tudo o que constitue o estado civil dum gentleman. Parece-me bem, todavia, que sou o conde Olaf Labinski.

Um volver dolhos para o espelho convenceu-o rapidamente de que aquella opinião não seria partilhada por ninguem; á claridade pura do dia, ou á luz d'avidosa das vellas, a imagem era a mesma.

Continuando a visita domiciliária, abriu as gavetas da mesa: numa encontrou titulos de propriedade, duas notas de mil francos e cincoenta luizes, de que se apoderou sem escrupulo para as necessidades da campanha, que ia começar, e na outra carteira de coiro da Russia com uma fechadura de segredo.

Jean entrou, annunciando Alfred Humbert, que se precepitou no quarto com a familiaridade de um amigo velho, sem esperar que o creado viesse dar-lhe a resposta do patrão.

«Bom dia, Octavio; disse o recém-chegado, homem novo e bonito, de ar cordeal e franco, que fazes tu, por

AGRADECIMENTO

A viuva do fallecido Adriano Correia, não podendo agradecer pessoalmente a todas as pessoas que se dignaram assistir ao funeral de seu saudoso marido, vem por este meio expressar a todos o seu inolvidavel reconhecimento.

Coimbra, 21 de janeiro de 1903.

Marianna de Jesus Correia.

D. ANGELINA VIDAL

ICARO

(Poemeto)

Dr. Angelo Fonseca

Da Prostituição em Portugal

1 vol. 1\$000

A' venda nas livrarias.

ANNUNCIOS

1:000\$000 réis

Dá-se esta quantia a juro sobre hypotheca, ou compra-se um predio até este valor e que dê um juro rasoavel. Nesta administração se informa.

SALÃO DA MODA

90 — Rua Ferreira Borges — 94

Artigos de muita novidade por preços sem eguaes.

Diferença 10, 20 e 30 por cento mais barato. Atelier de vestidos e chapéos.

CREADAS

Precisam-se duas creadas de dentro na rua Sá da Bandeira, 51.

Espingardas

Vendas a prestações

Rewolvers

Saint Etienne

Manufacture Française de Armes e Cycles

Com ballas blindadas de aço e de pólvora branca sem fumo, muito portateis e de grande alcance.

João Gomes Moreira

Rua Ferreira Borges COIMBRA

onde te mettes, estás morto ou vivo? Ninguem te vê em parte alguma. Escrevem-te não respondes. — Eu devia descompôr-te; mas, palavra, não tenho amor proprio com os amigos e venho apertar-te a mão. — Que diabo! Não se pôde deixar morrer de melancolia um camarada de colégio, no fundo deste quarto lugubre, como a cella de Carlos V no mosteiro de S. Justo. Imaginas que estás doente, aborreces-te, é o que é; mas heide obrigar-te a distrahir-te, e vou levar-te á força a um almoço alegre, em que Gustavo Raimband enterra a sua liberdade de rapaz solteiro.

Dizendo esta tirada num tom meio zangado, meio comico, sacudida vigorosamente, á moda inglesa, a mão do conde, em que tinha pegado.

— Não, respondeu o marido de Prascovia, entrando no espirito do papel, estou hoje mais doente do que costume, não me sinto bem disposto, havia de fazer-vos tristes, encomodar-vos-ia.

— E' verdade! Estás muito pallido e tens o ar cançado; até occasião melhor! Vou-me, porque estou em atrazo de três duzias de ostras crúas, e duma garrafa de vinho de Santerne, disse Alfred dirigindo-se para a porta: Raimband vae ficar zangado, em não te vendo.

(Continúa).

(20) Folhém da RESISTENCIA

THÉOPHILE GAUTIER

AVATAR

VII

Voltou-lhe o sangue-frio. Disse consigo que o tempo da feitiçaria e da magia tinha passado; que só a morte desligava a alma do corpo; que se não escamoteava assim, no meio de Paris um conde polaco com credito de muitos milhões em casa de Rotschild, ligado com as melhores familias, marido amado duma mulher da moda, condecorado com a ordem de Santo André da primeira classe, e que tudo aquillo era, sem duvida, um gracejo de mau gosto de Balthazar Cheronneau, que havia de explicar-se o mais naturalmente deste mundo, como os espantellos dos romances de Anna Radcliffe.

Como estava esmagado pela fadiga, deitou-se sobre o leito de Octavio e adormeceu com um somno pesado, opaco, semelhante á morte, que durava ainda, quando Jean, julgando o patrão

INCANDESCENCIA



Mangas transportaveis PRIMAS, duzia . . . 1\$000 réis
Bico systema AUER e intensivos, cada de 300 a 400 „
Chaminés de Gena lisas e furadas „ „ 140 a 200 „
Apparelhos, candieiros e mangas para gazolina, acetylene e alcool.
Caboreto de calcio, gazolina, benzina e veloxina.

Enviám-se catalogos com os preços sobre pedidos

A. RIVIÉRE
RUA DE S. PAULO—9, 1.
LISBOA

L. M. LILLY, Engenheiro

Machinas agricolas de toda a qualidade.
Machinas para fiação e tecelagem para todos os tecidos.
Machinas para fazer soda-water, gazosas, gélo, etc.
Machinas para fazer papel continuo, cartão, etc.
Machinas para lavar, engommar e desinfecar roupa.
Machinas de vapor e de gaz, caldeiras e bombas.
Machinas de escrever, de systema YOST.
Correias de pêllo, de couro, de borracha, empanques, etc.
Materias primas de todas as qualidades.
Installações, desenhos, montagens.
Facilitam-se pagamentos.

REPRESENTANTE

JOÃO GOMES MOREIRA
COIMBRA

REMEDIOS DE AYER



Peitoral de Cereja de Ayer—O remedio mais seguro que ha para a cura da tosse, bronchite, asthma e tuberculose pulmonar, frasco, 1\$100 réis; meio frasco, 600 réis.

Vigor do Cabello de Ayer—Impede que o cabelo se torne branco e restaura ao cabelo grisalho a sua vitalidade e formosura.

Extracto composto de Salsaparrilha de Ayer—Para purificar o sangue, limpar o corpo e cura radical das escrofulas.—Frasco 1\$100 réis.

O remedio de Ayer contra sezões.—Febres intermitentes e biliosas.
Todos os remedios que ficam indicados são altamente concentrados de maneira que saem baratos porque um vidro dura muito tempo.

Pilulas cartharticas de Ayer.—O melhor purgativo suave inteiramente vegetal.

TÓNICO ORIENTAL—MARCA «CASSELS»
Exquisita preparação para aformosear o cabelo
Estirpa todas as afecções do craneo, limpa e perfuma a cabeça

AGUA FLOBIDA—MARCA «CASSELS»
Perfume delicioso para o lenço, toucador e banho

SABONETE DE GLYCERINA—MARCA «CASSELS»
Muito grandes—Qualidade superior

A' venda em todas as drogarias e lojas de perfumarias

FABRICA DE TELHÕES E MANILHAS

Premiada na Exposição de Ceramica Portuguesa, no Porto, em 1892, com diploma de merito; e medalha de cobre na Exposição Districtal de Coimbra, de 1894

Esta fabrica a mais acreditada em Coimbra, em construcção e solidez de telhões, manilhas para encanar agua, siphões para retretes, vasos para jardins e platibandas, balaustres, tijolo para ladrilhos de fornos, tijolos grossos para construcções e para chaminés, tachos para cosinha á imitação dos de Lisboa, etc.—Todos estes artigos são de boa construcção e por

PREÇOS ECONOMICOS

✦ ✦ ✦ Pedro da Silva Pinho Coimbra ✦ ✦ ✦
29, Rua de João Cabreira, 31—COIMBRA

LUCA

Delicioso licor extra-fino

VINHOS

Associação Vinicola da Balrada

Grandes descontos aos revendedores

Unico deposito em Coimbra

CONFETARIA TELLES

150, R. Ferreira Borges, 156

SILVA & FILHO

Fábrica manual de calçado e tamancos e depósito de alpargatas

EXPORTAÇÃO

CASA

Aluga-se o 1.º andar da casa n.º 80 na rua da Moeda; tem commodos para uma familia regular, canalização para agua e todos os despejos.
Para tratar com sua dona, rua Sá da Bandeira, 55.

Nova Havaneza

Rua de Ferreira Borges n.º 176

Papelaria, Tabacaria, Perfumaria.
Carteiras, malas, caixas de charão, e todos os objectos de escriptorio.

COSINHA POPULAR

Rua da Concordia, n.º 27, 29 e 31
Figueira da Foz

Esta antiga e acreditada casa situada num dos melhores locais da Figueira, Junto dos Casinos e a dois passos da praia de banhos, continúa recebendo hóspedes permanentes, por preços commodos.

Fornece almoços e jantares para fóra desde 300 réis.

O Proprietário,

José Maria Junior.

Alfaiataria Academica

AFFONSO DE BARROS

Acaba de chegar a esta casa o eximio tailleur Saturnino F. Grant, ex-gente da Alfaiataria Amieiro, de Lisboa.

Rua Ferreira Borges
COIMBRA

“RESISTENCIA”

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha, no reino:

Anno 2\$700
Semestre 1\$350
Trimestre 680

Sem estampilha:

Anno 2\$400
Semestre 1\$200
Trimestre 600

Brazil e Africa, anno. . . . 3\$600 réis
Ilhas adjacentes, „ . . . 3\$000 „

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis; para os senhores assignantes, desconto de 50%.

Comunicados, 40 réis a linha.
Réclames, 60 „

Annunciam-se gratuitamente todas as publicações com cuja remessa este jornal fór honrado.

Avulso 40 réis

José Marques Ladeira & Filho

Empreiteiros das Companhias de Illuminação a Gaz e Aguas

4—Praça S de Maio—4
COIMBRA

Canalisações para agua e gaz

Lustres, lyras, lanternas e candieiros para gaz, machinas de aquecer agua a gaz para banhos, tubos de lona, borracha, latão e chumbo, lavatorios, urinoes retretes e bidets, torneiras de metal de todas as qualidades, cartão e corda de amianto, e borracha em folha.

PREÇOS ESPECIAES EM TUBOS DE FERRO

Fazem-se trabalhos fóra da cidade

PASTELARIA E CONFETARIA TELLES

150—Rua Ferreira Borges—156

N'esta casa, regularmente montada no género das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos d'esta naturêza.

Dóces de ovos dos mais finos paladares e delicados góstos, denominados *dóces sortidos*, para chá e *soirées*, em grande e bonita variedade que difficil se torna enumerar-la.

Dóces de fructa de todas as qualidades, de que é costume fabricar-se, tanto em secco, como crystalizados, rivalisar com os extranjeiros.

Pastelaria em todos os generos e qualidades, o que ha de mais fino e saboroso, especializando os de folhado.

Fabricam-se com finos recheios e ovos em fio, peças grandes de phantasia, denominadas *Centros de mesa, Castellos, Jarrões, Lyras, Flores, Lampreias*, etc., etc., próprias para banquetes.

Pudings Gelados, de leite, deliciosos, laranja, chá café e de fructas diversas, vistosamente enfeitados.

Pão de ló pelo systema de Margaride, já bem conhecido nesta cidade, cuja superioridade é confirmada pelo largo consumo que tem.

Especialidade em vinhos generosos do Porto e Maieira, Moscatel, Collares, Champagne, Cognacs Licores finos, etc. das melhores marcas nacionaes e extranjeiras.

Vinhos da Companhia Vinicola do Norte de Portugal.

Amendoas e confeitos de todas as qualidades, garantindo-se pureza dos assucares com que são fabricadas.

Conservas nacionaes e extranjeiras, chás verdes e pretos, passas, bombons de chocolate, Drops, queijo Flamengo, Gruyère, Prato, Roquefort e outros. Geleia de mão de vacca.

Deposito dos productos da sua fabrica de bolachas e biscoitos na Couraça de Lisboa, 32.

COLLEGIO

LYCEU FIGUEIRENSE

Instituto particular de educação e ensino

Director, o professor da Universidade

José Luiz Mendes Pinheiro

Rua da Fonte, 58

Os estudos deste collegio comprehendem:

A instrução primaria, habilitando para o exame de admissão aos lyceus.

A instrução secundaria, segundo o plano actualmente em vigor nos lyceus officiaes.

Aulas de gymnastica, musica e pintura.

Admitte alumnos internos, semi-internos e externos.

A matricula continua aberta na secretaria do collegio todos os dias uteis.

O regulamento, ou quaesquer esclarecimentos, podem ser pedidas ao director, na sede do collegio, ou na Quinta do Paúl, á Praia da Fonte.

Consultorio dentario

COIMBRA

Rua Ferreira Borges

Herculano Carvalho

Medico pela Universidade de Coimbra

Automoveis

em segunda mão

(Em perfeito estado de conservação)

Um “Benz”, de 7 logares.

Uma “Vitoirete Richard”, 3 ou 4 logares.

Empreza Automobilista

Portugueza

COIMBRA

AGUA DA CURIA (Mogofores—Anadia)

Sulfatada—Calcica

A unica analysada no paiz, similhante á afamada agua de CONTREXÉVILLE, nos Vosges (França)

INDICAÇÕES

Para uso interno:—*Arthritismo, Gotta, Lithiase urica, Lithiase biliar, Engorgitamentos hepaticos, Catarrhos vesicaes, Catarrho uterino.*

Para uso externo:—*Em diferentes especies de dermatoses.*

As analyses chimica e microbiologica foram feitas pelo professor da Escola Brotero, o ex.º sr. Charles Lepierre.

A' venda em garrafas de litro—Preço 200 réis

Deposito em Coimbra—PHARMACIA DONATO

4, Rua Ferreira Borges, 6

RESISTENCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS FEIRAS

Officina typographica

12 - RUA DA MOEDA - 14

Editor

MANUEL D'OLIVEIRA AMARAL

Redacção e administração, ARCO D'ALMEDINA, 6, 2.º andar

N.º 769

COIMBRA

Domingo, 25 de Janeiro de 1903

8.º ANNO

TUBERCULOSE

A luta contra a tuberculose parece ter entrado numa nova phase, que se nos affigura de effeitos mais positivos e de caracter mais pratico.

O que a principio não passava de luta de aparato, em ostentação rēthorica de caridade de principes, louvada e applaudida de favoritos, e olhada pelo resto do pais com a desconfiança nascida de tantos annos de ingenuidade sentimental torpemente explorada, generalizou-se ao pais inteiro, que começou a aquilatar o verdadeiro valor desta luta necessaria e urgente.

Assim é que o movimento de prophylaxia e de luta contra a tuberculose, que a principio se localizara em Lisboa, como dependência da engrenagem monarchica, como serviço de secretaria de Estado, reclamado pela forma nova, que, na evolução das exhibições monarchicas, tomava a caridade, que é apanagio necessario de soberanas, desde que ha terra portuguesa, começou a ser discutido por medicos e corpos administrativos da provincia, que, se em começo, seguiram os processos correntes de louvaminha e adulação vulgarizados pelo *Diário do Governo* em formulas simples para uso dos que mal sabem escrever, emendaram numa parte ou noutra o erro antigo, começando por desligar-se do movimento e direcção central, para fazer obra de valor reclamada pelas necessidades locais.

Os meios de combate contra a tuberculose estão estudados, conhece-se a origem, o modo de disseminação da terrivel doença, as condições que são favoráveis ao seu desenvolvimento, as que o retardam ou impedem, os casos em que o resultado da luta é favorável, aquelles em que o combate é inutil.

O que restava era fazer a applicação local, o que era urgente era educar pacientemente o povo, pouco disposto sempre a admitir uma ideia nova, quer de perigo, quer de salvação.

Era necessario por isso a luta pela imprensa, não como ella se tem feito em reclames á caridade real, mas em publicações pequenas, de linguagem simples, que podessem ler rapidamente, sem enfado, mesmo aquelles que mal sabem ler.

Devia-se ensaiar a forma suggestiva do conto popular, que a luta religiosa tem posto em voga, assignalando assim a energia da sua acção sobre as almas simples.

Na litteratura estrangeira, ha obras de vulgarização, bem escritas, algumas premiadas em concursos, que nações, scientificamente mais adelantadas, tem aberto com grandes premios pecuniarios, exigindo como qualidade necessaria a maxima clareza e a maior somma de indicações praticas, no menor volume.

Por isto se devia nortear a acção da imprensa, que ao mesmo tempo incitaria as autoridades lo-

caes, denunciando a natureza e lo- caes do foco tuberculoso, a neces- sidade de attender ao perigo ur- gente, a de combater o inimigo instalado de pouco, ou dizimando a população de data antiga.

Aos medicos competia esclare- cer a administração publica local, tornar viaveis as remediações ne- cessarias dos arruamentos pelos principios da hygiene, tornar co- nhecido do povo o perigo que des- conhece, chamar sobre elle a atten- ção a cada novo caso, a cada mor- te nova.

Assim educado, o povo seria o primeiro a exigir obras que os pro- prietarios dos bairros pobres nunca fazem, e a auctoridade local apoiaria as reclamações dos in- quilinos, com o mesmo direito e o mesmo dever, com que vigia a con- strução e os aspectos exteriores das novas edificações.

A luta local contra a tubercu- lose é hoje a unica util, aquella a que se deve attender immediata- mente; porque só lenta e demora- damente se podem modificar as condições higienicas de bairros an- tigos, edificados contra todas as regras de salubridade.

Não é a construção de hospita- es o que mais urge em todo o pais.

Em qualquer terra se improvisa uma enfermaria para receber e isolar doentes.

Não são os doentes que recla- mam o maior cuidado, o que se impõe como necessidade é a saúde dos saos, as condições de vida dos que estão para nascer.

As misericordias fizeram o seu tempo. Obedeceram á satisfação duma necessidade antiga — enter- rar os que morriam, vigiar pelo fu- turo dos que a doença deixava or- fãos de pae e mãe.

O que se necessita urgentemen- te não é o hospital, em que o doen- te possa morrer com commodi- dade.

O que é necessario é tornar inutil o hospital nos grandes centros de população.

A caridade sentimental com os atacados de tuberculose, o estudo dos meios de lhes tornar a vida facil, não deve deixar esquecer a necessidade mais urgente, o fim mais nobre e levantado do dever social de garantir a força e a saúde das gerações futuras.

Coimbra é um caso isolado e particular, que urge estudar com cuidado.

As condições de hospitalização de doentes não são o que deviam ser.

Apezar da mais estricte econo- mia, mal se póde valer aos doentes, que acodem ao hospital, e mu- ltos dos quaes não são recebidos por não haver facilidade para o fazer.

Se a mortalidade no hospital é relativamente pequena, deve-se isso ás suas condições excepcionaes, aos cuidados higienicos, ás refor- mas que dia a dia se vām execu- tando; mas, apezar de estabeleci- mento modelar de ensino, não é um hospital modelo; porque não ha nenhum no pais.

O isolamento dos tuberculosos é difficil em Coimbra, como nos grandes centros de população do pais, por falta de estabelecimentos hospitalares apropriados para rece- berem doentes cujo numero aug- menta dia a dia.

Não deve porem esquecer-se a necessidade fundamental de atten- der ás condições da cidade, de as modificar como exige a salubrida- de publica.

Ahi está o verdadeiro perigo.

E para o debellar é necessaria uma luta continua e longa.

Bellezas do orçamento

A divida segundo os dados do or- çamento de 1903-1904:

As receitas do estado comparadas com as do anno economico anterior accusam uma differença para menos de cento e trinta e um contos.

As despesas augmentaram em setecentos e sessenta e cinco contos de reis.

O deficit sobe a mil e oitocentos contos.

A conta corrente com o Banco de Portugal augmentou de oito mil e cinquenta e cinco contos, oitocentos e oitenta e nove mil, duzentos e oitenta e oito reis.

A conta corrente com a caixa geral dos depositos augmentou em três mil quatrocentos e noventa e sete contos, novecentos sessenta e oito mil, quatrocentos e oitenta e sete reis.

No periodo de cinco annos o ex- cesso de despesa elevou-se a dez e nove mil e quinhentos contos.

Para avaliar bem a grandesa da nossa ruina financeira é necessario notar que os orçamentos tem sido em Portugal um meio de occultar.

Agora porem torna-se inevitavel declarar, embora attenuado, o estado das nossas finanças.

No entanto Pereira dos Santos er- gue a sua voz nas câmaras, dizendo com impudencia que se o governo tem- erado que se castigue, que se fuzile; mas que se lhe ponha ao peito a cruz da legião de honra pelos relevantes serviços, que tem prestado ao pais.

Como a qualquer padeiro enrique- cido com a venda de farinhas falsifi- cadas.

Mais uma cruz para um ladrão!

Explorações portuguesas

Ao sr. Conde do Ameal foi pedida auctorização para estudar um curioso manuscrito, em que vem, por miúdo, relatadas as primeiras explorações portu- guesas em Madagascar.

É para um trabalho, que um eru- dito investigador francez, muito conhe- cido pelos seus estudos sobre a histó- ria das explorações em Madagascar, vae publicar em Paris.

Além da descripção minuciosa da circumnavegação da ilha pelos portu- gueses, o manuscrito da Bibliotheca do sr. Conde do Ameal contem as car- tas autographas de Luiz Mariano, e de outros expedicionarios relatando as par- ticularidades das explorações portu- guesas em Madagascar no seculo XVII.

Este codice é uma das muitas pre- ciosidades, que encerra bibliotheca do sr. Conde do Ameal, que conta, além de manuscritos do maior valor, exem- plares de livros impressos, alguns ver- dadeiramente desconhecidos e nunca mencionados, outros a que se fazem referencias raras, tendo-se até por vezes chegado a pôr sua existencia em duvida.

É conhecida tambem de todos os bibliographos a sua collecção de livros impressos no seculo XVI em Coimbra, no Convento de Santa Cruz.

A livraria do sr. Conde do Ameal, que é a primeira de Coimbra, é uma das mais valiosas do pais, pela rique- za de obras sobre a historia da arte, e pela excellencia dos manuscritos e raridades bibliographicas.

Museu de antiguidades

No museu de antiguidades do Ins- tituto deram entrada ultimamente dous exemplares de industria artistica do metal.

Um é a tampa, em bronze, de um padrao de pesos manuelino, exemplar magnificamente decorado com esphe- res armillares e brazões de Portugal.

São rarissimos hoje os padroes de pesos, que em tempo de D. Manuel, D. João III, e D. Sebastião eram tam ar- tisticamente ornamentados.

Na casa da Camara de Coimbra, ha uma curiosa collecção, que em tem- pos esteve exposta no extinto *museu municipal de Coimbra*.

O outro objecto, a que nos referia- mos é uma espevitadeira de ferro, do seculo XVI, trabalhada com o amor da arte, que os objectos antigos, do uso mais trivial, revelam nas mais in- significantes particularidades.

Os dous objectos foram depositados pelo sr. dr. Teixeira de Carvalho, a cujas collecções pertencem.

O distincto poeta Correia de Oli- veira, cuja saúde se tem resentido de uma estacção demorada, em vida activa de elaboraçao artistica, em Lisboa, partiu para o Norte ante ontem, á tarde, tendo na estacção uma despedida muito affectuosa dos seus amigos e admira- dores.

Vae encantado com as bellezas de Coimbra, e cheio de impressões, que valerão a esta cidade a honra, que não tinha, de ser cantada por este poeta de raça.

A herança de Valmor

O *Diário do Governo* abriu con- curso para os artistas, que queiram ir ao estrangeiro estudar bellas-artes por conta do legado Valmor.

Como se sabe, está em litigio o testamento Valmor, na parte que diz respeito ao seu herdeiro universal, uma creança que o fallecido Visconde havia adoptado.

Comquanto a pretensão de uma supposta filha tinha sido desviada pelos tribunaes por falta de documentos bas- tantes, resta ainda o pleito movido pelos herdeiros do Visconde de Valmor pre- tendendo anullar o testamento, e que já teve uma primeira sentença favoravel dos tribunaes, levando tudo a esperar que a annullação do testamento se venha a dar.

A annullação não é porém total, deixa os legados da *Academia* e os outros, substituído, inutilizando apenas a parte do herdeiro principal.

Sarau gymnástico

Realizou-se ontem o espectáculo do *Real Club Velocipedista de Portu- gal*, constando de trabalhos de bi- trapézio, jogo de pau, torriquete, athle- tica, argolas, exercicios de força com binada, esgrima, velocipedia, equilibrios em escada vertical.

O sarau correu animadamente, apresentando-se a associação lisboeta com distincção, que não é muito vulgar em amadores.

Foram justamente applaudidos, bem como os academicos, que executaram sob a direcção de João de Azevedo alguns numeros de athleica verdadei- ramente notaveis.

João de Azevedo chamado ao palco, apezar de quasi impossibilitado por o entorse de um pé, mostrou as suas qua- lidades superiores de athleta, sendo alvo de uma verdadeira ovação.

Foi uma noite bem passada por os que tinham ido ao theatro com a cer- tesza de se aborrecerem, por não conhe- cerem os sportmen lisboetas que se apresentaram com verdadeira distincção.

A Academia e a Tuna

Se a alguma coisa supremamente ridi- cula, ou supremamente imbecil, te- nha logrado assistir na minha vida, é por sem duvida a comica e lamentavel indignação de que a mocidade univer- sitaria se assoma, na defesa daquelle pobre sol e dô inoffensivo, muito pin- ção, de curtas vistas, a que se con- vencionou chamar a *Tuna Academica de Coimbra*, mais ao furor de rhetorica balôfa com que uns astuciosos e outros inconscientes proclamaram em assem- bleia geral que a aria rufada pela Es- cola do Porto no bombo dos tristes tu- nos vem implicar profundamente com a dignidade e os brios da Academia de Coimbra. Tudo a contento do Ser- vulo e dos pifaros da phylarmonica.

Por virtude de tão extranha com- prehensão do que essa dignidade seja, já a esta hora uma vaga commissão d'estudantes, com mais vagos e nebu- losos designios, segue caminho do Porto; e certa parte foliona da Academia, um tanto amante do brodio e do carapau frito—emquanto apura os quinze tos- tões da viagem e vae aguçando o dente para largas pandegas baratas nos tas- cos da Ribeira Nova—cá fica estoma- gada, fula, espumante de raiva, á es- pera de satisfações.

Convem, entretimentos, que uma pes- soa nada enfurecida com as resoluções do Porto diga de sua justiça, e princi- pial por deslignar os meritos da eni- dade, em prol de cuja honra supposta- mente offendida Magriços da nova data se precipitam, nas azas de vento e nas nuvens do vapor, sobre a invicta cidade do Norte.

São as tunas, e muito particular- mente as tunas academicas, uma espe- cie de companhias exploradoras dos theatros da provincia, que afinam á pressa os violões e limpam do pó vel- hos figes ferrujentos, de cada vez que fariscam proximos dois feriados, e pu- blico complacente disposto a suppor- tar-lhes as valsarocas e a restituir-lhes ao cofre as despesas da viagem, com comes e bebes na cidade condemnada. Não se comprehende mesmo como as aspirações e os sentimentos da juven- tude academica, isto é, da juventude pensante de toda uma Nação, segundo a terminologia classica, da mocidade cheia de puras e santas intenções, ca- minhando no seguimento d'um alevan- tado ideal de Virtude, de Bondade e de Justiça; como o seu modo de ver acerca da evolução da Humanidade para uma era longinqua e dourada, toda Paz e toda Amor; como os seus intentos para a salvação d'uma Patria que se dissolve, em meio da indifferen- çia e da cobardia de cinco milhões de consciencias fallidas, poderiam ser fa- cilmente interpretados e traduzidos por uma rebanhada de guitarristas curiosos e desabalados flautistas, tendo por ideal supremo a execução do *choradinho*, com muitas difficuldades, nas gaitas desafinadas.

Nunca as tunas levaram tam longe as suas pretensões; e vejamos os senho- res se, d'entre esses esparapados ban- dos de hespanhoes que de longe a longe nos importunam, já alguém veio aqui falar-nos de qualquer nobre e digna missão a cumprir, se á mocidade portugueza elles attribuiram ou- tro fim que não fosse o de aturá-los e pagar-lhes as borrachas, reservando para si proprios o alto destino histo- rico de guiarem os lusitanos, pelas ruas de Compostella, até ás escaras estancias onde *niñas* podessem vender e velhas andaluzas naufragadas, sem dentes, esmolam a *perra gorda* para uma *copa d'anis*.

Dahi o constrangimento, a geral visagem d'arrelia, com que aqui em Coimbra, por exemplo, é de quando em quando recebida a noticia de que mais uma *troupe* se prepara, lá no fundo das Hespanhas, para nos san- grar o bolso e nos apurar a paciencia? Com effeito, que veem elles cá fazer? Dissipar desalentos, reacender convi- ções apagadas na luta de cada hora, insuflar no nosso espirito novos e

mais ardentes desejos do Bem e da Verdade? Não: veem gosar, veem divertir-se, veem-se empanturrar de mau Champagne e de iscar azedadas no Julião. Simplemente.

E se a regra é na generalidade assim, na Tuna de Coimbra, por indole e pela tradição de largos annos, bem mais se accentua este feltio pandego e borguista que a tem feito impingir as suas polkas, sob a invocação dum titulo que quando lhe convém rejelta, em todos os cantos do país e do estrangeiro onde presente bolsas que lhe paguem e damas que se estarrecam perante a mellifluidade dos seus trombones.

Se ella tem hoje a dirigi-la elementos de valor, como se diz e é certo esses elementos não conseguirão todavia transformá-la na sua essencia, como outros tambem de valor a não modificaram antes. A Tuna de Coimbra, dêem-lhe que voltas dêrem, será sempre a mesma musica que especula com a boa-fé das plateias como companhias de verão com as barracas de feira; a mesma musica, que dá sarau na Figueira, para os bombeiros voluntarios, sob a reprovação da Academia que ella diz representar; a mesma musica que suga cobras na Hespanha e pretende esquivar-se a ser sugada, por seu turno, pelos collegas castelhanos; a mesma musica que se declara, para os effeitos da esturdia, independente da Academia e que vem, quando a não querem soffrir, solicitar a mesma Academia para a cubrir com o prestigio e a auctoridade do seu nome; a mesma farrapagem ôcca d'ideias de quem o proprio Servulo, emfim, talvez na saudade do tempo em que intuitos um pouco mais altos a impulsionaram, dizia em um dos seus momentos de philosophia amarga:

— Olhem que da Tuna antiga, meus senhores, só estou eu—e o sr. Grillo! ... Agora, nem já o sr. Grillo, que ralado de desgostos a abandonou ha dias...

E foi isto o que se disse no Porto. Do relato de todas as assembleias celebradas a proposito da projectada incursão da Tuna no seo daquella cidade, resulta que ainda ali se não pronunciou uma palavra que de longe ou de perto offendesse os apregoados brios desta Academia.

O que lá se disse, foi que as Tunas não traduzem o pensamento dum collectividade tal, e que os estudantes d'ali, recebendo com cerimonia a Tuna de Coimbra, a qual só em seu nome e sem outra qualidade se lhes dirigira, acolheriam de braços abertos, numa grande communhão de sentimentos e d'ideias, a propria Academia que fôsse visitá-los. Entam, as pessoas intelligentes que representam a Tuna, entrariam muito melhor no Porto, á frente dum Academia inteira, sem banzas e sem pandeiretas.

Eis a verdadeira e sã doutrina; e a este indirecto convite, tão amavel, da Academia do Porto, os estudantes de Coimbra respondem grosseiramente, recomendando aos seus camaradas a quem alguns honestos designios animam em phrase chula de gaiúlo—um Manual de Civildade.

Fez-se esta indecencia sob a invocação de não sei que exquisita especie de pundonor academico: alguém que não presa em menos esse pundonor e que não foi presente em tal assembleia, teria abandonado a sala, antes de ver votada uma moção que circumscreve as aspirações da Academia de Coimbra e os principios da sua honra, no âmbito onde cabem os acanhados principios e as aspirações rudimentares... dum fanfarrã!

Annibal d'Andrade Soares.

A camara municipal, na sua última sessão, concedeu o estabelecimento de carreiras de americanos, cujos tractos na cidade e arrabaldes já aqui noticiámos, ao sr. tenente-coronel Freire de Andrade, que, ha meses, havia requerido a concessão.

A concessão é provisória, e só se tornará definitiva depois do resultado do concurso que a camara abre para a iluminação e tracção electricas.

Pôde pois considerar-se como definitiva, pois é certo que, se a iluminação electrica tem fracas probabilidades de vir a realizar-se em Coimbra, a tracção eléctrica, essa não tem probabilidade alguma.

O sr. Freire de Andrade encontrou no magnifico material, posto de parte, ha pouco, em Lisboa, com o estabelecimento da tracção electrica na capital, as condições que lhe permittiram estabelecer a nova rede de americanos em condições relativas de barateza.

AUTOMOBILISMO

Novo modelo

E' a grande simplicidade o caracteristico principal que presidiu á construcção do modelo a que nos vamos referir.

O chassis é de madeira, protegido por folha d'aço; a largura da via é 1,30 com 1,90 de comprimento entre os eixos.

O motor tem dois cilindros gêmeos e, devido a um regulador automatico sobre a admissão dos gazes carburados, o motor Darracq não aspira senão uma quantidade de gaz proporcional a força pedida; só ainda devido a esse regulador privilegiado é que o motor pôde dar 200 a 1.200 voltas por minuto, variando a sua força de 1/4 a 12 cavallos.

Facilmente se comprehende pois a economia do motor assim construido, que consome, sendo bem conduzido, um litro por cada 10 kilometros, isto é, 15 réis por kilometro.

O accendimento é fornecido por pilhas sêccas, que pôdem fazer 5.000 kilometros sem substituição, nem carga, e o arrefecimento, que é garantido por um irradiador á frente, com um reservatório de 16 litros de agua, é sufficiente para fazer 200 a 300 kilometros.

As mudanças de velocidade sãam, como sempre, nos modelos Darracq, feitas por train baladeur, systema o mais simples e o mais seguro que este anno apresenta um grande aperfeiçoamento. Na 3.ª velocidade, a transmissão é directa, quer dizer, a força motriz é transmittida ás rodas sem outras intermediarias, a não ser as engrenagens do differencial. A mudança de velocidade, typo Darracq, é formada por duas arvores montadas em esphéras. Sendo a primeira a continuacão directa da arvore do motor, é feita de duas peças, tendo dum lado o cone de fricção e do outro a engrenagem que manda as rodas. Quando o conductor torna solidárias estas duas partes da mesma arvore, por um simples desvio dum alavanca, o motor actua directamente sobre as rodas, sem desdobramento nem perdas de força, tornando a transmissão absolutamente silenciosa.

A primeira e segunda velocidade e marcha para trás, sãam obtidas pela interposição de engrenagens, commandadas egualmente pela mesma alavanca. A direcção é volante e irreversivel, o que quer dizer, que o volante move com extrema facilidade as rodas, não podendo estas, com as desigualdades da estrada, fazêl o oscilar nas mãos do conductor.

Sendo certo que o automovel mais pratico é aquelle que está sujeito a menos desarranjos, foi isto attendido por Darracq, levando o a ligeiras modificações na disposição dos differentes órgãos sobre o chassis, de modo a poderem ser facilmente verificados. Na parte do accendimento, apresenta as seguintes modificações: as velas estão collocadas na parte superior dos cilindros e defendidas do oleamento por caixas d'aço: os fios conductores tem apenas 50 centimetros de comprimento, e sãam collocados em supportes de madeira, o que obsta completamente a contactos com a massa.

A mechnica da carruagem Darracq 1903 não é mais complicada que a dum simples tricyclo; não possui nem correias nem correntes, promptas a extender, a partir se e a saltar fóra, e todos os seus eixos sãam montados em esphéras, á excepção da arvore do motor, que gira em chumaceiras de bronze, de longa duração e de facil ajustamento depois.

A adaptacão da maior parte do machinismo á frente d' carruagem permite que sobre o chassis se possa adaptar qualquer género de carroserie confortavel, que, auxiliada por grossos pneumáticos Michelin, suavise os péssimos macadams das estradas portuguezas.

A. S.

Arraial

Hoje em S. Martinho do Bispo realiza-se a festa do mártir S. Sebastião, com arraial, musica e arrematação de fogações.

As festas nesta alegre terra do campo costumam correr animadas, cortadas de questões, que o animo de gente do sitio não consente terem o remate pacífico do abraço, o copo de vinho e a lagrima de enternecimento.

Sãam agitados sempre os arraias em S. Martinho.

E as eleições?!

Repto académico

Os estudantes da Universidade, reunidos em assembleia geral para discutirem a attitude a tomar em face das noticias dadas pela imprensa do Porto sobre as discussões que levantara na Escola Médica o officio participando a a proxima ida da Tuna ao Porto, votaram a seguinte moção:

«Considerando, que se levantam graves divergencias na academia do Porto, tendo por um lado reunido a Academia Polytechnica e Instituto Industrial e resolvido receber condignamente os seus collegas de Coimbra, e por outro lado tendo-se recebido um officio onde se dá conta de uma resolução tomada em assembleia geral da academia do Porto, o que é manifestamente contradictorio; considerando, que são deficientes e incompletas as informações recebidas officialmente, não podendo guiarmo nos pelas simples noticias dos jornaes e sendo unanimes os protestos que se tem recebido de diversos estudantes dos differentes institutos scientificos do Porto dentro dos quaes se salienta, entre nós, a presença de um digno delegado do Instituto Industrial e Commercial da mesma cidade; considerando, que por um lado a tuna academica havia convocado uma assembleia geral da academia para lhe pedir que nomeasse um representante e precisando ficar bem aclaradas algumas duvidas que se levantaram sobre quaesquer expressões proferidas em assembleia geral desses Institutos, e que pôdem interpretar-se de um modo desfavoravel para esta academia, resolve esta assembleia nomear uma commissão que vá directamente entender-se com esses Institutos em nome da academia, para que lhe sejam dadas todas as explicações, uzando dos meios convenientes para levar a cabo esta missão».

Pensado, meditado... Até parece de gente de mais idade. E' tragico!

Foi adjudicada pela quantia de réis 760.000 ao empreiteiro Abel Correia da Cunha, da Fortinhosa a reconstrucção da estrada, que vae dos Fornos ao Paço do Botão.

Escandalos principescos

Chegam-nos de vés em quando aos ouvidos, pela imprensa estrangeira, os echos ruidosos de grandes escandalos passados entre membros de casas reinantes. Ainda não tinha de todo esquecido a indignação que ha pouco tempo o rei da Belgica provocara e já hoje é do dominio universal a noticia da fuga da princeza de Saxe com Giron, preceptor dos seus filhos. Esta mulher preferiu, pois, trocar as caricias do amante, a quem se ligou, pelos deveres que a deviam reter no lar domestico, cumprindo honestamente a sua sagrada missão de mãe.

E' que a vida dos reis deixou ha muito de ser exemplo a vassallos.

Factos assim estão-se repetindo todos os dias entre individuos das diversas classes sociaes, sem que aos olhos da publicidade mereçam a importancia de especial reparo—tam gasta está a sensibilidade nesta epocha de triste decadencia moral. Mas, passados entre personagens coroadas, elles revestem especial importancia e logram interessar a attenção das multidões, deixando em todos os espiritos a nota dum profunda impressão. Fazem-se criticas e discute-se o facto á luz de todas as circumstancias conhecidas. Os espiritos brandos, sempre dispostos por natureza a acalmar o rigor dos factos, concedem aos individuos certos attenuantes que, em boa justiça, nunca se lhes deveriam dar.

Mas no fundo de todos os conceitos, mesmo os mais benevolos, alguma coisa fica de notavel, positivo, profundamente cheio de verdade. O que fica, e que nada pode apagar, sãam os effeitos do descrédito que desprestigia essas familias reaes e as faz cambalear nos já pouco seguros solios em que ainda se sustentam.

Um escandalo destes provoca uma impressão que nunca mais se apaga, e a todos os momentos será lembrado para eterna vergonha daquelles que o praticaram.

Desta sorte os reis, sustentados apenas pela corrupção que alimentam, deixam tombar numa queda ingloria as instituições que symbolisam.

O descrédito é o maior dos males que podem abalar os homens ou as

instituições, e quando elle é motivado por factos desta natureza nada há que possa repór os idolos no logar donde foram derrubados. Até os espiritos mais atrazados, os que caminham na retaguarda, com os olhos postos no passado, e se alimentam de esperanças que já estão fora do seu tempo, sentem abalada a fé com que creem nos seus fetiches e veem esboroar-se cruelmente o velho edificio das suas crenças.

Se há heroes que combatem no meio de fileiras rotas e dispersas, ainda á custa dum grande valor podem tornar indeciso por algum tempo a resultado do combate em que andam empenhados. Mas, nesta lucha terrivel em que os reis pelejam desesperadamente pela sua conservacão, nem já podem apresentar a seu favor o forte argumento dum honestidade intrangivel, porque o mundo está assistindo todos os dias ao esfarrapamento da aureola de virtuosidade que noutros tempos os cingia e lhes consolidava os respeito das multidões.

Hoje já nada disso tem, que os compense de tantas perdas soffridas. E no caminho deste desmoronamento, depois de verem inteiramente destruido o edificio das suas grandezas chegar-lhes ha o dia em que ham-de liquidar completamente, para que fique bem patente e livre de obstaculos a estrada em que vai já triumphante a democracia.

E é tam grande o perigo que os mais gafos sentem a necessidade de esconder ou desculpar com as proprias fraquezas.

Emygdio Navarro referendo se, n'um artigo recente a estes escandalos attribuia-os a degenerescencia do puro sangue dos seus idolos e no rol de reis e rainhas ia mettendo a princeza de Chimay.

O Nôvidades engana-se. A princeza é do sangue mais burguez, é filha dum milionario americano, que quiz pagar-se o luxo dum genro principesco na Europa.

E' facto commum na America. Não ha casa commercial que não tenha o cathalogo dos aristocratas celibatarios á espera dum casamento rico, que lhes dê brilho ao braço desdourado.

E sabem-se os preços porque se vendem, os dotes ricos com que se compram os nomes que em tempos idos foram os mais respeitados.

Aquella, por quem navarro chora, deve o titulo a ter casado com um príncipe.

E' princeza, como o Navarro é grande do reino.

Sãam duas conquistas do constitucionalismo.

Sãam ambos a mesma pouca-vergonha.

O sr. Augusto de Oliveira Vasconcellos Hasse, que, como em tempo noticiamos, fóra collocado por prior em S. Martinho do Bispo, foi nomeado arcypréste de Sernache.

Vae ser posto a concurso o logar de escrivão da Ordem Terceira, cujo ordenado de 180.000.

O regulamento das faltas

Tem-se accentuado os inconvenientes do último regulamento das faltas, reconhecendo-se que o pequeno numero de faltas permitido pelo regulamento não é sufficiente para que a generalidade dos estudantes possa fazer os seus cursos com a nota de assiduidade.

Os cursos do segundo, terceiro, quarto e quinto anno juridico resolveam preterir-se por doze faltas, unico modo de fazer com que o actual regulamento não fosse prejudicar nas notas alguns condiscipulos que fossem obrigados a dar maior numero de faltas.

O numero de faltas permitido sem a nota de preterição é na verdade ridiculo, e o mais leve encommodo de saúde será o bastante para dar uma nota má ao alumno, sem que todavia o mesmo numero de faltas seja o sufficiente para o alumno ter conhecimento completo e perfeito do que lhe ensinarem.

Mais regular é o regimen dos outros estabelecimentos de ensino do país, que não sabemos por que motivo se não deva pôr tambem em pratica na Universidade.

E' verdade que o regulamento permite o levantar a nota da preterição, conferindo para isso poderes aos pro-

fessores e á congregação, quando o entenderem, mas é tam vago nesta parte que não ha alumno que saiba o caminho legal, que tem a seguir, para levantar a preterição.

Estes poderes conferidos aos professores, sem regulamentação especial, não nos parecem os melhores para favorecerem a manutenção da disciplina academica.

Melhor seria acabar de vés com o regulamento e aproveitar a occasião do mau resultado pratico, que está dando, para adoptar os das outras escolas, ou nenhum.

A frequencia de banco, como nota de aproveitamento, como symptoma certo de interesse pelo estudo é uma velharia academica condemnada pela historia da Universidade.

Tempo houve em que os estudantes eram obrigados a apresentar certificado de frequencia, abonado pelo testemunho de extranhos, ou de condiscipulos tidos em conta de applicados.

O que acontecia?

Os rapazes abonavam a frequencia uns dos outros.

Passou-se a mandar marcar as faltas na aula.

Os estudantes sabiam depois d'ellas marcadas.

Houve então uma ideia de genial: surprender os rapazes nas aulas, de improviso, e marcar faltas aos que não estivessem.

Os estudantes pozeram então os criados no pateo, e estes corriam a avisa-los, mal apparecia o bedel.

E' este episodio das faltas um dos incidentes mais cómicos da historia da Universidade.

Nada se lucra com este rigor. A falta da disciplina é fundamental, vem da falta de estudo.

Os estudantes dão provas incompletas, viciadas pelo defeito do grande valor dado á frequencia de banco como nota de aproveitamento; a prova das licções é insignificante nalgumas faculdades, em que o professor ouve o alumno apenas naquelles insignificantes minutos do anno, em que se conserva cuidadosamente afastado delle, sem por isso lucrar nem o progresso do ensino, nem o respeito da classe.

A não ser nas faculdades, em que por tradição ou pela necessidade de trabalhos praticos, o alumno está em relações mais intimas com o professor, aquelle passa a maior parte das véses sem ser avaliado justamente.

O que é necessario é ensinar, e tentar verificar se o alumno aprendeu.

O alumno deve frequentar a aula por necessidade do seu espirito, por não poder doutra forma, sem a guia superior dum espirito orientado, conseguir o maximo aproveitamento.

Como está organizado o ensino, o estudante que fosse mais applicado, ou que mais interesse tivesse em aprender muito e rapidamente, deveria no espaço da preleção e da aula estudar e ler.

Não necessita de ouvir o que, á noite, encontra escripto em casa, em licções officiaes lithographadas ou impressas.

Ir á aula é perder tempo para um estudante intelligente e com vontade de estudar; esse deveria aproveitar esse tempo para o estudo.

E' verdade que alguns aproveitam o tempo das preleções para lerem as licções do dia. Esses não sãam porem os mais estudiosos.

Quem tem o habito de ensinar, vê etri pouco tempo o que um alumno sabe, e o que elle vale, sem a necessidade de estar a olhar para elle um anno inteiro.

Os actos finais, de grande movimento scenico, e exhibição pretenciosa de altos dotes de casuista ou de sabio em communicacão directa com o Espirito paraceto, passaram de moda por inuteis. Ninguem crê nelles.

Applaudem-se por habito de boa educacão.

Desde que o alumno tem a licção do professor ou o texto do compendio, facilmente repara uma ou mais faltas de frequencia.

Parece porem que as licções para serem comprehendidas precisam de ser conversadas.

Porque não passadas, e com faltas de palavras, que a intelligencia do alumno supriria rapidamente, de modo a formar sentido certo?

Como poderia ver-se a argucia do mestre, dando textos que levassem a uma ideia erronea, para ver se o alumno se deixava ir pela toada, ou se tinha estudado?

Seria o triumpho do methodo Berlitz.

BRIC-À-BRAC

De como se prova que D. Miguel era dado ao estudo e amigo de saber

D. Miguel tem sido, muito tempo um incompreendido.

Passa por o tipo do fidalgo português, querido de mulheres, sem uma aventura amorosa demorada, adorando os toiros, sempre na convivência íntima dos serviços das cocheiras reaes que eram doidos por elle.

Como prova da legitimidade de D. Pedro cantam victoriosamente os liberaes os talentos musicaes deste virtuose da flauta.

E na pessoa real perde o seu character de troça trivial a velha designação de flautista.

O talento de D. Pedro IV, o seu amor ao estudo confirma-se no saber do filho, D. Pedro II do Brazil, que foi um typo curioso e ridiculo do rei sabio.

D. Miguel passa por não amar as letras e praticar erros de orthographia, que nem mesmo Salomão, apesar de ser um rei tam antigo, e anterior ás conquistas orthographicas de Candido de Figueiredo, seria capaz de praticar, se escrevesse o cantico dos canticos em portuguez.

Era, dizem os historiadores, avesso a letras e sciencias.

Não me parece provado.

Nos papeis do archivo da Bibliotheca da Universidade, encontrei eu um documento curioso em que João dos Reis Teixeira conta que seu irmão Domingos dos Reis Teixeira declarou á hora da morte que a caixa de mineralogia, que deixara á Universidade, o dr. Paulino de Nola, e desaparecera das colleções academicas, lhe fora levada por D. Miguel, quando o encontrara em Braga, em explorações geologicas, que lhe haviam sido encarregadas pelo ministro.

Calara-se então, diz o doutor, por effeito de causas que naquelle tempo elle não podia evitar.

Os justos respeito da força

Ora este facto mostra o amor do principe desherdado pela sciencia, como o desaparecimento da custodia dos Jerónimos e da cruz de D. Sancho I mostra o amor ás artes do ramo favorecido com a coroa de Portugal.

E é um desgosto que eu tenho não encontrar characteristics que accentuem a differença do principe absoluto e do principe liberal.

Se nem os erros de orthographia!

Numa carta de D. Miguel, que tenho nas minhas colleções, ha esbucado um idillio, que muito tempo me trouxe no encanto dum mysterio.

Ha palavras em cifra, que me intrigaram. Transcrevo-a textualmente.

Recebi a sua carta, e muito prazer me causou o saber que o A continua

a mostrar-se meu amigo e lhe fará os meus cumprimentos: sei a opposição que faz e o D ao negocio; mas não se lembrão elles que hum dia andem dar contas do mal que fazem a hum homem que não tem outra culpa senão a de ser firme em seus principios e a de não se deixar vencer do temor nem do interesse; paciencia; espero a resposta definitiva a perda não he de mas minha que perco uma pessoa tão estimavel pois seguramente a achará outro mais digno a todos os respeitos. A Freira da Trindade do Monte mandou-me dizer que deçe huma esmolla a huma pessoa que ella indicou a morada, e que mandace dizer 30 Miças ao Preciosissimo Sangue 6 em cada dia e que estes devião ser os dias 2.3.5.6.7. d'Outubro estouv com muita Fé

Roma 4 d'Outubro de 1846

Um dia encontrei a chave collada a outra carta que me veio ter á mão. Ella completa o sentido da carta.

- Duque de Modena Δ
Princeza □
Papa ▢
Duqueza de Modena ○
Imperador ⊙
Metternich ⊕
Rey de Sardenha ⊞
Dama da Princeza ⊞

Como é curioso ver cheio de superstição este principe, recorrendo ás orações duma freira, e ás missas ditas em dias cabalísticos!

Não pode D. Miguel negar que é portuguez: não passa domingo em que não venha ás pharmacias da cidade um homem ingenuo do campo pedindo pós de amor para dar á namorada.

E curioso tambem o erro orthographico que andem dar conta.

O principe queria com certeza escrever hadem que é tambem portuguezissimo.

Comp elle...

T. C.

EQUIDADE

Seguros contra fogo aos preços de 100.000 rs.
Predios 100.000
Mobiliario 120.000
Estabelecimentos 150.000

O correspondente em Coimbra, Joaquim Antonio Pedro.

Em casa do sr. Antonio Rodrigues Pinto.

A Associação dos Artistas recebeu o donativo de 100.000 réis do sr. Conde de Valença, que manifestou o desejo de que esta quantia entrasse no cofre destinado a soccorros pecuniarios, por ser aquelle em que mais se accentua o deficit.

Assim se resolveu fazer

de ser tirado muito tempo da sua solidão.

— Cá estou eu definitivamente Octavio de Saville, exclamou o conde, quando a velha senhora sahiu; a mãe delle reconhece-me e não adivinha uma alma estranha debaixo da pelle do filho; que prisaio extrayagante e para um espirito a alma de outro! E todavia duro renunciar a ser o conde Olaf Labinski, perder o brazão, a mulher, a fortuna, e ver-se reduzido a mesquinha condição burguesa. Oh! Mas heide rasgar esta pelle de Nessus que se agarra a mim e dá-lhe as titas ao seu primeiro possuidor. Se voltasse a casa! Não! Faria um escandalo inutil, e o guarda portão pôr-me ia na rua, porque já não tenho vigor neste robe de chambre doente; vejamos, procuremos; porque é necessario que eu conheça um pouco da vida deste Octavio de Saville que eu sou agora. E tentou abrir a carteira. A mola, tocada por acaso, cedeu, e o conde tirou dos repartimentos de coiro, a principio, muitos papeis particulares de um modo de escrever apertado, e fino, depois um quadrado de velino; sobre este quadrado mão pouco habil, mas fiel, tinha desenhado, com a memoria do coração e semelhança, que nem sempre sabem realzar os grandes artistas, um retrato a crayon da condessa Prascovia Labinka, que era impossivel não reconhecer ao primeiro lancear de olhos,

População

A população do concelho de Miranda do Corvo era em 31 de Dezembro de 1900 a seguinte:

Lamas, (Espírito Santo), 552 homens e 643 mulheres. — Miranda do Corvo, (O Salvador), 2.977 homens e 3.301 mulheres. — Rio de Vide, (S. Thiago), 616 homens e 736 mulheres. — Semide, (Nossa Senhora da Assumpção), 1.610 homens e 1.786 mulheres.

Total dos homens no concelho de Miranda do Corvo, 5.755. — Total das mulheres, 6.466.

Concelho de Montemor-o-Velho

Arzede, (Nossa Senhora do Pranto), 2.070 homens e 2.544 mulheres. — Carapinheira, (Santa Susana), 1.303 homens e 1.504 mulheres. — Gátões, (Nossa Senhora das Virtudes), 148 homens e 193 mulheres. — Licêa, (S. Miguel), 378 homens e 425 mulheres. — Meãs do Campo, (S. Sebastião), 615 homens e 718 mulheres. — Montemor-o-Velho, (Santa Maria e S. Martinho), 992 homens e 1.234 mulheres. — Pereiras, (Santo Estevão), 772 homens e 893 mulheres. — Revelles, (Nossa Senhora do O), 493 homens e 510 mulheres. — Santo Várão, (S. Martinho), 529 homens e 705 mulheres. — Seixo de Gátões, (S. João Baptista), 747 homens e 804 mulheres. — Tentugal, (Nossa Senhora da Assumpção), 800 homens e 1.055 mulheres. — Verrede, (Nossa Senhora da Conceição), 973 homens e 1.139 mulheres. — Villa Nova da Barca, (Nossa Senhora da Conceição), 207 homens e 209 mulheres.

Total dos homens no concelho de Montemor-o-Velho, 10.117. — Total das mulheres, 11.933.

Roubo

Na noite de quarta para quinta feira, foram roubadas na rua da Louça, aos srs. Fernando Antunes & Irmão, fazendas no valor aproximado de 80.000 réis.

Parece que os gatunos se serviram de chave falsa, para cometer o roubo.

ANNUNCIOS

AGRADECIMENTO

A Direcção da Associação das Creches vem manifestar o seu muito reconhecimento para com os proprietarios do Cinematographo pela sua prompta e generosa cedencia duma noite de espectáculo em beneficio daquella instituição: e bem assim agradecer a todo o publico que tam dignamente concorreu para o magnifico resultado obtido.

Receita 1472 bilhetes réis 1472.200

Despesa do Cinematographo 13.300

miudas..... 2.950

Liquido 128.950 18.250

O conde ficou estupefacto com aquella descoberta. A surpresa succedeu um movimento de ciúme furioso; como se encontrava o retrato da condessa na bolsa secreta daquelle rapaz desconhecido? D'onde lhe viera? Quem o tinha feito? Quem lho havia dado? Teria aquella Prascovia, tam religiosamente adorada, descido do seu céu d'amor até a uma intriga vulgar? Que zombaria infernal o havia encarnado, a elle, o marido, no corpo do amante daquella mulher, que até alli julgava tam pura? Ia ser agora o namorado, depois de haver sido o esposo! Sarcástica metamorfose, inversão de posição para dar em doído; podia enganar-se a elle mesmo, ser ao mesmo tempo Clitandre e Georges Dandin!

Todas estas ideias zumbiam tumultuosamente no seu cráneo; sentia a razão quasi a fugir-lhe, e fez, para readquirir um pouco de socego, um esforço supremo de vontade. Sem ouvir Jean, que o avizava de que o almoço estava na mesa, continuou, com uma trepidação nervosa, o exame da carteira misteriosa.

Os papeis formavam uma especie de jornal psychologico, abandonado, e recomçado em diversas épocas, eis alguns fragmentos devorados pelo conde com uma curiosidade anciosa.

Nunca ella me ha de amar, nunca nunca! Li nos seus olhos, tam doce, a phrase tam cruel que Dante não en-

EDITAL DE CITAÇÃO

Doutor Luis Porto Moretz Sohn de Castro, Juiz de Direito da segunda Vara da Comarca de São Paulo, Republica dos Estados Unidos do Brazil, etc.

Faz saber a todos quantos o presente edital com prazo de noventa dias virem, que tendo fallecido no Reino de Portugal o subdito portuguez Manoel dos Reis, succedeu este juizo á arrecadação dos seus bens situados nesta cidade, a requerimento do vice consulado de Portugal, na forma da Lei. Posteriormente compareceram perante este juizo, representados por procuradores, e afim de habilitarem-se como unicos herdeiros (irmãos): Antonio dos Reis, Piedade dos Reis de Carvalho, casada com Manoel Antonio e D. Helena dos Reis; (sobrinhos): Sarah, filha da finada D. Maria Joaquina; D. Maria da Piedade Fernandes dos Reis, D. Maria do Carmo e Manoel Fernandes dos Reis, filhos da finada D. Claudina dos Reis, irmã do finado Manoel dos Reis. Tendo-se procedido á justificação requerida pelos herdeiros acima, afim de provar serem os unicos do finado, depois de terminada, e antes de julgar a justificação, foi pelo sr. vice-consul de Portugal feito a este juizo o requerimento com este theor. Requerimento: Neste acto pelo vice consul de Portugal foi requerido o seguinte: que sendo o finado Manoel dos Reis, portuguez, e seu passamento ter-se verificado em Portugal, e seus herdeiros serem do mesmo Reino, a successão será regulada pelas Leis portuguezas, vigorando as brazileiras somente quanto á forma do processo; assim sendo, antes de se deferir a successão aos justificantes, que se verifique de modo inconcusso o seguinte: 1.º Que Manoel dos Reis se finou sem testamento; 2.º Que não deixou filho algum reconhecido, legitimado ou adoptado, que como tal possa ser havido pelas Leis portuguezas, porque sobre o assumpto vigora o estatuto pessoal; 3.º que os justificantes, no caso de não haver testamento nem ascendentes nem filhos reconhecidos ou adorados, são os unicos collateraes existentes. E para verificação desses requisitos necessarios á abertura da successão, se faz mister que corram editaes no Reino pelo prazo de noventa dias e tambem em Santos, de cujos editaes constára que os justificantes estão-se habilitando como unicos herdeiros do finado Manoel dos Reis e que esta justificação será julgada pelo juiz territorial, se outros não se apresentarem com melhor direito, salvo em todo caso os prejuizos de terceiros. Pelos motivos expostos o vice consulado em Santos, como tutor nato dos herdeiros ausentes incertos e possiveis requer para resalva de seus actos e garantia do juizo que se lhe defira o requerido, promptificando-se por conta do espolio a mandar fazer a publicação dos editaes no jornal official do Reino e em outro órgão de grande circulação em Lisboa, offerecendo opportunamente exemplares dos periódicos para serem juntos aos autos. Deferindo o requerimento supra mandei expedir o

presente e outros de igual theor para serem publicados pela imprensa e affixados nos logares publicos e do costume affim de que chegue ao conhecimento de todos os interessados na forma da Lei. Dado e passado nesta cidade de Santos, Estado de S. Paulo, aos 1 de dezembro de 1902.

Eu Atto Macuco Borges, escrivão o subscrevi.

Luis Porto Moretz Sohn de Castro.

Santos, 1 de dezembro de 1901.

Atto Macuco Borges.

Pagou emolumento do juizo art. 6.º n.º 2. Réis 12.000. Guia 127. Macuco.

Vice-consulado de Portugal em Santos

Zeferino Lourenço Martins, vice-consul de Portugal em Santos.

Certifico que a assignatura retró é propria e vedadeira de Atto Macuco Borges, terceiro Tabellião Publico nesta cidade, Vice-consulado Portugal em Santos, 2 de dezembro de 1902

Zeferino Lourenço Martins,

Vice-consul,

Pagou um mil e quinhento réis fortes, conforme o n.º 42 da tabella de emolumentos, esta quantia fica lançada no livro de receita sob o n.º 1919.

Vice consulado de Portugal em Santos, 2 de dezembro de 1902.

Z. Martins, vice-consul.

Reconheço a assignatura supra. Repartição do Expediente da Secretaria de Estado dos Negocios Estrangeiros, 27 de dezembro de 1902. Augusto Themudo.

Pagou 12180 réis de emolumentos e additionaes. Guia n.º 4764 de 1902. Archer.

Este documento deverá ser apresentado na Secretaria do Ministério dos Estrangeiros, em Lisboa, para completar sua legalização.

N.º 8.—Pagou de sello de verba a quantia de trezentos e vinte réis.

Lisboa, Receita Eventual, 27 de dezembro de 1902.

Pelo escrivão, Moraes Coelho,

O recebedor, C. M.

Associação Commercial de Coimbra

Por ordem do sr. Presidente sam os socios convidados a reunirem em assembleia geral no dia 25 do corrente pelas 6 horas da tarde, sendo a ordem da noite discutir e votar o parecer da Commissão d'exame de contas,

Coimbra, 20 de Janeiro de 1903.

O 1.º secretario.

Antonio Augusto Neves.

Na rua da Sophia n.º 167, ha para vender dois bilhares, um de pau preto, novo, outro de mogno usado, ha tambem algumas oleografias.

mavam uma cruz sobre aquelle fundo de brilhante alvura, e um espirito invisivel dizia baixinho a missa de defunctos do meu coração.

«Se alguma catastrophe inaudita pozesse sobre a minha cabeça a coroa dos imperadores e dos califas, se a terra abrisse para mim as suas veias de ouro, se as minas de diamantes da Gotconda e de Visapur me deixassem cavar nas suas terras brilhantes, se a lira de Byron soasse sob os meus dedos, se as obras mais perfectas da arte antiga e moderna me emprestassem as suas bellezas, se descobrisse um mundo novo, nem por isso eu teria avançado um passo!»

«Do que depende o destino! tinha vontade de ir a Constantinopla, não a teria encontrado, ficô em Florença, vejo-a, e morro d'amor por ella.»

«Eu matava-me; mas ella respira no ar, em que vivemos, e talvez os meus labios avidos aspiraram—ô felicidade inefavel!—um effluvio longinquo do seu bafo embalsamado; depois, haviam de marcar á minha alma culpada um planeta de exilio, e não teria a fortuna de me fazer amar por ella na outra vida.—Ficar ainda separados no outro mundo, ella no paraizo, eu no inferno; pensamento esmagador!»

(Continúa).

THEOPHILE GAUTIER

AVATAR

VII

Aquella nota augmentou a tristeza do Conde.—Jean tomava-o pelo amo, Alfred pelo amigo. Faltava-lhe a ultima prova. Abriu-se a porta; uma senhora, cujo bandô eram entremeados de fios de prata, e que se parecia, dum modo frisante com o retrato dependurado na parede, entrou no quarto, assentou-se sobre o divan e disse ao conde:

—Como vae tu, meu pobre Octavio? Jean disse-me que ontem tinhas entrado tarde, e num estado de fraqueza assustador; poupa-te, meu caro filho, porque sabes como eu te amo, apesar da pena, que me faz, essa tristeza implicavel, cujo segredo me não quiz este a confiar nunca.

—Não tenha medo, minha mãe; não tem gravidade; hoje sinto-me muito melhor.

A senhora de Saville, socegada, levantou-se e sahiu, não querendo encomodar o filho, que sabia não gostava

FABRICA DE TELHÕES E MANILHAS

Premiada na Exposição de Cerâmica Portuguesa, no Porto, em 1887, com diploma de merito e medalha de cobre na Exposição Districtal de Coimbra, de 1894

Esta fabrica a mais acreditada em Coimbra, em construção e solidez de telhões, manilhas para encanar agua, siphões para retretes, vasos para jardins e plátibandas, balaustres, tijolo para ladrilhos de fornos, tijolos grossos para construcções e para chaminés, tachos para cosinha á imitação dos de Lisboa, etc. — Todos estes artigos são de boa construcção e por

PREÇOS ECONOMICOS

♦ ♦ ♦ Pedro da Silva Pinho Coimbra ♦ ♦ ♦
29, Rua de João Cabreira, 31 — COIMBRA

INCANDESCENCIA



Mangas transportaveis PRIMAS, duzia . . . 1\$000 réis
Bico systema AUER e intensivos, cada de 300 a 400 „
Chaminés de Gena lisas e furadas „ „ 140 a 200 „
Apparelhos, candieiros e mangas para gazolina, acetylene e alcool.

Caboreto de calcão, gazolina, benzina e veloxina.

Enviam-se catalogos com os preços sobre pedidos

A. RIVIÈRE

RUA DE S. PAULO — 9, 1.

LISBOA

L. M. LILLY, Engenheiro

- Machinas** agricolas de toda a qualidade.
- Machinas** para fição e tecelagem para todos os tecidos.
- Machinas** para fazer soda-water, gazosas, gelo, etc.
- Machinas** para fazer papel continuo, cartão, etc.
- Machinas** para lavar, engommar e desinfectar roupa.
- Machinas** de vapor e de gaz, caldeiras e bombas.
- Machinas** de escrever, de systema YOST.
- Correias** de pêllo, de couro, de borracha, empanques, etc.
- Materias primas** de todas as qualidades.
- Installações, desenhos, montagens.**
- Facilitam-se pagamentos.**

REPRESENTANTE

JOÃO GOMES MOREIRA
COIMBRA

REMEDIOS DE AYER



Peitoral de Cereja de Ayer — O remedio mais seguro que ha para a cura da tosse, bronchite, asthma e tuberculose pulmonar, frasco, 1\$100 réis; meio frasco, 600 réis.

Vigor do Cabello de Ayer — Impede que o cabelo se torne branco e restaura ao cabelo grisalho a sua vitalidade e formosura.

Extracto composto de Salsaparrilha de Ayer — Para purificar o sangue, limpar o corpo e cura radical das escrófulas. — Frasco 1\$100 réis.

O remedio de Ayer contra sezões. — Febres intermitentes e biliosas.
Todos os remedios que ficam indicados são altamente concentrados de maneira que sem baratos porque um vidro dura muito tempo.

Pilulas cartharticas de Ayer. — O melhor purgativo suave inteiramente vegetal.

TÓNICO ORIENTAL — MARCA «CASSELS»
Exqnesita preparação para aformosear o cabelo
Estirpa todas as afecções do craneo, limpa e perfuma a cabeça

AGUA FLOBIDA — MARCA «CASSELS»
Perfume delicioso para o lenço, toucador e banho

SABONETE DE GLYCERINA — MARCA «CASSELS»
Muito grandes — Qualidade superior

A' venda em todas as drogarías e lojas de perfumarias

Nova Havaneza

Rua de Ferreira Borges n.º 176

Papelaria, Tabacaria, Perfumaria.
Carteiras, malas, caixas de charão,
e todos os objectos de escriptorio.

LUCA

Delicioso licor extra-fino
VINHOS

DA
Associação Vinicola da Bairrada

Grandes descontos aos revendedores

Unico deposito em Coimbra

CONFEITARIA TELLES

150, R. Ferreira Borges, 156

SILVA & FILHO

Fábrica manual de calçado e tamancos
e depósito de alpargatas

EXPORTAÇÃO

CASA

Aluga-se o 1.º andar da casa n.º 80 na rua da Moeda; tem commodos para uma familia regular, canalização para agua e todos os despejos.

Para tratar com sua dona, rua Sá da Bandeira, 55.

COSINHA POPULAR

Rua da Concordia, n.º 27, 29 e 31

Figueira da Foz

Esta antiga e acreditada casa situa-da num dos melhores locais da Figueira, Junto dos Casinos e a dois passos da praia de banhos, continúa recebendo hóspedes permanentes, por preços commodos.

Fornece almoços e jantares para fóra desde 300 réis.

O Proprietário,
José Maria Junior.

Alfaiataria Academica

AFFONSO DE BARROS

Acaba de chegar a esta casa o exímio tailleur Saturnino F. Grant, ex-gerente da Alfaiataria Amieiro, de Lisboa.

Rua Ferreira Borges
COIMBRA

«RESISTENCIA»

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha, no reino:

Anno 2\$700
Semestre 1\$350
Trimestre 680

Sem estampilha:

Anno 2\$400
Semestre 1\$200
Trimestre 600

Brazil e Africa, anno 3\$600 réis
Ilhas adjacentes, „ „ „ 3\$000 „

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis; para os senhores assignantes, desconto de 50%.

Communicados, 40 réis a linha.
Réclames, 60 „

Annunciam-se gratuitamente todas as publicações com cuja remessa este jornal sôr honrado.

Avulso 40 réis

AGUA DA CURIA (Mogofores — Anadia)

Sulfatada - Calcica

A unica analysada no paiz, semelhante á chamada agua de CONTREXÉVILLE, nos Vosges (França)

INDICAÇÕES

Para uso interno: — *Arthritismo, Gotta, Lithiase urica, Lithiase biliar, Engorgitamentos hepaticos, Catarrhos vesicaes, Catarrho uterino.*

Para uso externo: — *Em diferentes especies de dermatoses.*

As analyses chimica e microbiologica foram feitas pelo professor da Escola Brotero, o ex.º sr. Chales Lepierre.

A' venda em garrafas de litro — Preço 200 réis

Deposito em Coimbra — PHARMACIA DONATO

4, Rua Ferreira Borges, 9

José Marques Ladeira & Filho

Empreiteiros das Companhias de Iluminação a Gaz e Aguas

4 — Praça 8 de Maio — 4

COIMBRA

Canalisações para agua e gaz

Lustres, lyras, lanternas e candieiros para gaz, machinas de aquecer agua, a gaz para banhos, tubos de lona, borracha, latão e chumbo, lavatorios, urinoes retretes e bidets, torneiras de metal de todas as qualidades, cartão e corda de amianto, e borracha em folha.

PREÇOS ESPECIAES EM TUBOS DE FERRO

Fazem-se trabalhos fóra da cidade

PASTELARIA E CONFEITARIA TELLES

150 — Rua Ferreira Borges — 156

N'esta casa, regularmente montada no género das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos d'esta natureza.

Dóces de ovos dos mais finos paladares e delicados gostos, denominados *dóces sortidos*, para chá e *soirées*, em grande e bonita variedade que difficil se torna numerar-la.

Dóces de fructa de todas as qualidades, de que é costume fabricar-se, tanto em secco, como crystalizados, rivalisar com os estrangeiros.

Pastelaria em todos os generos e qualidades, o que ha de mais fino e saboroso, especializando os de folhado.

Fabricam-se com finos recheios e ovos em fio, peças grandes de primorosa phantasia, denominadas *Centros de mesa, Castellos, Jarrões, Lyras, Flores, Lampreias*, etc., etc., próprias para banquetes.

Pudings Gelados, de leite, deliciosos, laranja, chá café e de fructas diversas, vistosamente enfeitados.

Pão de ló pelo systema de Margaride, já bem conhecido nesta cidade, cuja superioridade é confirmada pelo largo consumo que tem.

Especialidade em vinhos generosos do Porto e Maceira, Moscatel, Colares, Champagne, Cognac Licores finos, etc. das melhores marcas nacionaes e estrangeiras.

Vinhos da Companhia Vinicola do Norte de Portugal.

Amendoas e confeitos de todas as qualidades, garantindo se-pureza dos assucares com que são fabricadas.

Conservas nacionaes e estrangeiras, chás verdes e pretos, passas, bombons de chocolate, Drops, queijo Flamengo, Gruyère, Prato, Roquefort e outros. Gelleia de mão de vacca.

Deposito dos productos da sua fabrica de bolachas e biscoitos na Couraça de Lisboa, 32.

COLLEGIO LYCEU FIGUEIRENSE

Instituto particular de educação e ensino

Director, o professor da Unversidade

José Luiz Mendes Pinheiro

Rua da Fonte, 58

Os estudos deste collegio comprehendem:

A instrução primaria, habilitando para o exame de admissão aos lycées.

A instrução secundaria, segundo o plano actualmente em vigor nos lycées officiaes.

Aulas de gymnastica, musica e pintura.

Admite alumnos internos, semi-internos e externos.

A matricula continua aberta na secretaria do collegio todos os dias uteis.

O regulamento, ou quaesquer esclarecimentos, podem ser pedidas ao director, na sede do collegio, ou na Quinta do Paúl, a Praia da Fonte.

Consultorio dentario

COIMBRA

Rua Ferreira Borges

Herculano Carvalho

Medico pela Universidade de Coimbra

Automoveis

em segunda mão

(Em perfeito estado de conservação)

Um «Benz», de 7 logares.

Uma «Vitorette Richard», 3 ou 4 logares.

Empreza Automobilista

Portugueza

COIMBRA

RESISTENCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS FEIRAS

Officina typographica

12 - RUA DA MOEDA - 14

Editor
MANUEL D'OLIVEIRA AMARAL

Redacção e administração, ARCO D'ALMEDINA, 6, 2.º andar

N.º 770

COIMBRA — Quinta-feira, 29 de Janeiro de 1903

8.º ANNO

A questão da Imprensa

A questão da Imprensa tem sido tratada nas camaras, sendo ultimamente notado o discurso do sr. Dantas Baracho, pelas revelações, que fez, e pelo grão de indignação, que revestiu contra o revoltante procedimento de auctoridade.

E' tanto mais para notar o procedimento do sr. Dantas Baracho, quanto é certo ter sido ultimamente muito instado para se não manifestar tam ostensivamente, dizendo-se até ter havido intimações inconvenientes da parte dos seus superiores hierarchicos, que determinaram o sr. Dantas Baracho a querer pedir a demissão do logar de official superior, que occupa no exercito portuguez.

Diz-se, até que foi a instancias de El-rei, que o sr. Dantas Baracho retirára o pedido de demissão que havia feito.

Isto serve para aquilatar o valor das declarações e ataque do sr. Dantas Baracho ao governo sobre a lei de imprensa.

Mas ha uma declaração a que, só o sr. Dantas Baracho, pelas suas relações estreitas com todos os governos pode dar verdadeiro valor.

O sr. Baracho fez notar que para proceder ás apprehensões e supressões se teve de dizer que ellas eram mandadas por ordem superior.

Não andou melhor o governo, do que qualquer policia.

Para justificar actos reprehensíveis arvora-se o classico — sam ordens!

Assim descemos a um regimen politico de espionagem.

Assim arvoramos um governo de quadrilheiros.

Contra a Imprensa, o supremo mal das instituições decrepitas, vae todo o odio, o resto da força dos governantes.

E contra os delictos da Imprensa ha, confirmou-o o sr. Dantas Baracho, quatro leis para punir os delinquentes.

Este exaggero de repressão indica a marcha que tem feito as ideias democraticas, de modo a serem consideradas hoje, como um perigo serio para o regimen constituido.

A Imprensa democratica, e em geral todo o jornalismo portuguez usou sempre da maxima liberdade da lingoagem e de opiniões, sem que da parte dos altos poderes do estado houvesse intervenção, para a moderar ou suspender.

A Imprensa democratica era considerada como uma instituição necessaria para animar o tardo movimento da politica portuguesa.

Attribue-se até a um dos estadistas que mais perniciosos foram ao paiz, a Fontes Pereira de Mello, uma phrase de espirito que ficou marcando o reinado passado.

A representação das ideias republicanas, dissera este jornalista, *pram uma necessidade para ani-*

mação das camaras e do seu movimento de discussão.

Nos parlamentos estrangeiros louvava-se a altitude dos nossos governos, e era apresentada, como a mais liberal, a unica capaz, de levar a uma era de progresso, ordem e liberdade.

Sam conhecidas as palavras de Wirchow o eminente anatomo-pathologista, uma das glorias scientificas do seu pais, um dos mais ardentés patriotas allemães.

A sua voz levantou-se erguendo bem alto o nome portuguez, e louvando o são regimen de liberdade de imprensa, que podera ver e estudar.

Não era o amor de liberdade, que fazia parar então o furor monarchico.

A Imprensa era considerada inoffensiva.

Pouca gente sabia ler, o perigo estava longe.

Hoje porem a lucta de oppressão augmenta porque o perigo é cada vés maior para as instituições.

A cada momento se divulgam escandalos que os governos da corrupção não podem abafar.

Restava-lhes o castigo exemplar dos criminosos; mas esses tem de ficar impunes; porque a segredos sam communs.

Ajudam-se, e encobrem-se uns aos outros, como os bandidos da mesma quadrilha.

Mas nada hade estorvar o advento de ideias novas, que se presentem perto.

A repressão é o signal seguro do seu triumpho.

31 de Janeiro

Na comemoração que se realisa no proximo dia 31 do corrente, no cemiterio do Prado do Repouso, no Porto, honrando os mortos na gloriosa jornada de Janeiro, — a *Resistencia* faz se representar pelo sr. dr. Paulo Falcão, illustre caudilho republicano.

O sr. Augusto Fuschini foi demittido do logar que occupava na Companhia Real dos Caminhos de Ferro, por imposição do ministro da França.

O Hintze permanece em silencio...

Linha telephonica

No domingo foi, com espanto geral arreada a linha telephonica, que ligava o estabelecimento do importante industrial desta cidade, e nosso prezado amigo, sr. Manoel José Telles.

Não se comprehende bem a urgencia de mandar arrancar a rede telephonica, a um domingo, constituindo, o facto um vexame para quem goza de tam merecidos creditos de honradez e probidade no meio commercial de Coimbra.

Torna-se tanto mais reparado o facto por se ter dado, sem se esperar por o fim do mes, occasião, em que terminava o prazo marcado para se habilitarem com licença da repartição competente.

O sr. Manoel José Telles enviára para Lisboa os documentos, que constituem o processo para pedir licença no dia 5 do mes corrente, sendo por isso mais razoavel esperar pela decisão dos documentos do que recorrer a esta medida violenta que foi vexar o nosso amigo, sem necessidade ou conveniencia do serviço publico.

O CONFLICTO ENTRE AS ACADEMIAS COIMBRA—PORTO

As reuniões da Academia. — A Tuna não vae ao Porto. — A intervenção da reitoria. — Carta de Arthur Leitão.

Tem prendido todas as attentões e dado ensejo a commentarios os mais variados, o conflicto entre as academias do Porto e Coimbra.

A questão, que a principio quasi unanimemente se julgou importaria tão somente á Tuna e que por ella exclusivamente seria derimida, breve se generalisou, e ao lado da Tuna, cobrindo-a com a sua responsabilidade, appareceu a Academia de Coimbra.

Em resposta á comunicação da visita queencionava realizar nos dias 1 e 2 do proximo mez, a Tuna recebeu dos estudantes da Escola-Médica do Porto um officio contendo as moções dos srs. Teixeira Bastos e Santos Silva, approvadas em assembleia geral, e de onde transparecia uma pronunciada frieza, senão declarada hostilidade.

Eis o *causus belli* da questão que factobateu em duas azar de na ultima d'ellas os academicos srs. Arthur Leitão, Antonio Pires e Alberto Costa, insistirem por que o conflicto se devia circumscrever á Tuna, a grande maioria entendeu que com esta instituição se devia solidarisar a academia para um eloquenté e vibrante desagravo.

Afinal o conflicto liquidou-se pela denegação da auctorisação official do sr. Reitor da Universidade para a sahida da Academia, e liquidou-se por forma a deixar pouco satisfeitos os que neste movimento impensado se collocaram ao lado da Tuna.

Resolvida a ida ao Porto, por uma quasi inteira unanimidade, era natural que uma vez aberta a inscripção ella rapidamente attingisse a muito mais do que o numero de quinhentos, indispensavel para a viagem; mas o que se viu, com justificada estranheza, foi que essa inscripção muito morosamente se fez, obtendo-se com grandes esforços duzentos e cincoenta nomes.

Porque os jornaes diarios pormenorizadamente tenham narrado os successos occorridos, nada interessa aos leitores da *Resistencia* um relato enfadonho, por sobejamente conhecido; para fechar esta local, inserimos a seguir uma carta do nosso prezado collega, sr. Arthur Leitão:

Meus caros collegas!

Peço lhes publiquem em o nosso jornal, conjunctamente com o ligeiro e sereno commentario que lhes addiciono, as copias, inclusas, de duas cartas, trocadas entre mim e o sr. Santos Monteiro, a proposito duma baforada de oratoria deste academico, em que pretendeu gratuitamente contestar a legitimidade da minha opinião sobre o estafado thema *Solidariedade academica*, por isso que para a minha obscuridade, ella não fóra já de toda inu-

til em certo momento critico da minha vida — affirmara o comico tribuno, strenuo caudilho dos velhos brios grotescos e quixotescos da academia sobrana.

Mas, vamos ás cartas:

Ex.º Sr.

Sendo informado de que v. ex.º, usando da palavra na assembleia geral, realisada no *Gymnasio Academico*, em a noite de hoje, citára o meu nome para affirmar uma vaga insinuação, que infelizmente as condições da sala, absolutamente, me impediram de ouvir, julgo dever-lhe a fineza de elucidar-me minuciosamente sobre este ponto: quando, em que tempo, e porque motivo o meu humilde nome fóra coberto pela solidariedade academica.

v. ex.º de que peço accuça para fazer o uso que julgar conveniente.

Subscrevo-me de v. ex.º com admiração e respeito.

C. de v. ex.º, 26-1-1903.
Santa Thereza, 15

Arthur Leitão.

O sr. Santos Monteiro respondeu:

Ex.º Sr.

Extranho o tratamento como se me dirige, que não se coaduna com as relações que temos entretido até hoje; como porém v. ex.º o emprega, de si depende o elle subsistir ou não.

Em resposta á carta de v. ex.º cumpre-me comunicar-lhe que ripostando a uma allusão por v. ex.º feita e que eu julgo injusta, fiz uma vaga e ligeira insinuação, em que pretendi lembrar que em alguma vez a solidariedade academica o tinha acompanhado.

Refiro-me a uma manifestação havida em 1892 na estação velha, em que apesar de ser geralmente reprovado o conflicto havido, a Academia não protestou contra elle.

Pode v. ex.º fazer desta carta o uso que julgar conveniente

Subscrevo-me de v. ex.º com muita consideração e admiração.

Coimbra, casa de v. ex.º r. da Trindade, 5.

26-1-903.

João dos Santos Monteiro.

Com a sua tola e pretenciosa affirmação, julgava o sr. Santos Monteiro poder invalidar a accusação, sincera e franca, serena e firme, que eu fizera á Academia, — ao ouvir invocar, proclamando-a, a solidariedade Academica, afim de cobrir a indignidade e a trapaça dum grupo musical, vasio de ideias e de corações, — de ter abandonado, numa abalada foliona, um companheiro varado por uma bala homicida, numa viella da alta, e de ter deixado expulsar, sem um protesto altivo, dois estudantes que expiaram os vintes dias de férias, que a academia gosou, e que para ella representam a unica lembrança humoristica da sinceridade dos seus protestos contra o convenio.

E' triste, na verdade, tanta protecção ao grupo musical, a quem ainda ontem quizeram arrancar a capa e a batina, e que indignamente pretendia ludibriar os estudantes do Porto, a preparar aclamações e festejos, com estas palavras indecorosas *«fazer uma visita á nobre Academia do Porto, á qual a prendem laços de estreita solidariedade, e da qual tem recebido nas criticas mais captivantes provas de estima e cortezia. Espera assim que cada vés mais esses laços de confraternidade, pois affeita sempre a acompanhar as mais rapidas conquistas da evolução, sente que só as ideias criam partidos ou agrupam elementos, e não as exterioridades banaes, deleitosas á vista, mas pouco gratas ao coração.»*

E' triste, na verdade, que estas palavras sejam firmadas pelo sr. José Eugenio Ferreira, que ainda ha dias reconhecia que a Tuna era uma instituição miseravel, que por isso a combatera até conquistar a presidência, sob cujos auspicios tudo ia ser refundido e moralizado, e, hoje, tunante pombalino não tivesse duvida em officiar aos estudantes do Porto de que a Tuna *estava affeita sempre a acompanhar as mais rapidas conquistas da evolução.*

E' triste, na verdade, que a decadencia intellectual e moral desta geração, desse azas aos srs. Ferreiras, Monteiros e outras mediocridades balofas, duma vaidade insaciavel e injustificavel, que não só lhes permittem tripudiar sobre os escombros de tradições gloriosas e honradas, mas tambem os auctorizam a arrancar, num vôo fraudulento e arteiro, votações inconscientes a *ingenuos sem decôr.*

E' triste, na verdade, que uma Academia, que tem uma historia com paginas brilhantes e unicas, cahisse nesta degradante geração, que ainda nos momentos de supostas e ficticias victorias vive a vida artificial das coisas ephemeras e vans.

E o que sobre tudo entristece, é ver que na sua queda ingloria a Academia de Coimbra tem a orientala, amparando-a, imberbes fedelhos, inconscientes e estupidos, velhacamente estupidos, estupidamente manhosos.

E assim, todos aquelles que assistiram ao debandar duma gloriosa geração de rebeldes, sentem a impressão de quem accorda, estremunhado e mutilado, num campo de batalha sangrento, onde existem só cadaveres, onde ha apenas destroços.

Estes periodos em italico sam extrahidos do officio, enviado pelo sr. José Eugenio Ferreira, presidente da Tuna, á escola medica do Porto, officio por sua excellencia assignado e datado em 14 de janeiro de 1903. E' unicamente espantoso!!!

Na verdade, o ministro do reino, José Dias Ferreira, mandando em 1892 encerrar as portas da Associação Académica, betumava as juntas do tumulto onde se acolta a velha tradição, intelligente e candida, da Academia de Coimbra.

A desprezível e impudica geração de bandalhos, que hoje p'rahi arrasta uma vida ingrata de torpes miserias; sem alma e sem espirito, sem altivez e sem talento, — um ideal unico a determina, na baixeza pôdre dos seus sentimentos ruins: o Terreiro do Paço.

E' para lá que caminha, manietada e submissa, olhando avida e receiosa a larga fatia do orçamento, com que ministros concussionarios e ladrões devem de galardoar-lhe alguns annos de capachismo ignominioso, infame!

Para lá caminham sem um rebate de coração, sem um estremecimento de dignidade.

Tudo esterco!...

Todavia, para a Academia do Porto fallavam nos seus ideaes avançados, como nos centros commerciaes gritam pela emancipação dos caixeiros.

Mas tiveram a recompensa: a tra pacieiros desta especie dá-se-lhes com as portas na cara.

Era isto o que a academia devia de ter comprehendido. Mas eu não estou disposto, alumno da Universidade a quatro meses de praso, a perder o meu tempo a desmascarar especuladores, porque é sempre o diabo metter-se a gente com os directores de musicas, de irmandades ou de confrarias, sempre ardentemente desejadas e a custo abandonadas pelos devotos que as conquistam.

Lá se avenham...

Voltemos ao sr. Santos Monteiro de quem me ia esquecendo, e que completamente olvidaria se a sua resposta fosse honesta, correctea, leal, confessando que a sua referencia a minha obscura personalidade fóra apenas um truc grosseiro de especulador banal, que usa de tudo a armar a gloriola estúpida duma ovação de cretinos. Sim, deixaria triumphar o asno!

E, contentar-me-hia em estampar-lhe a vergonhosa resposta á minha carta, sem uma unica palavra de commentario, pois é ella sobejamente elucidativa convenientemente que devo dar-lhe, — se p'ventura o sr. Santos Monteiro não tivesse dardejado a sua mentiroza obscena perante uma maioria ingenua e saloia de profundos onagros, de que este infamado orador é a encarnação viva e legitima.

Para elucidar os pequenos que ullaram na assembleia geral, em que o declamador Santos Monteiro, gato pingado de frivolos e faceis ovações de assembleias irritadas e desorientadas, envergára o inoffensivo balandrau da solidariedade academica, ao tanger o sino grande das trindades — obrigue-mo lo a deitar sobre o passado o seu olhar de myope:]

Foi em 18 de Novembro de 1891 que a realza, passava á estação velha, no seu passeio triumphal, após a revolução de Janeiro.

Nunca, como então, foi tão profunda a scisão na academia entre os estudantes republicanos e os monarchicos. Fomos todos á estação: os monarchicos para beijar a mão do seu rei; os republicanos para saudar os vencidos daquelle generosa madrugada.

A manifestação saiu-lhes forçada, e ahí manda a academia monarchica, caminho do Porto, uma commissão entregar ao rei uma mensagem congratulatoria. No Porto, a academia que voltára ás castas ao monarcha, não podendo esquecer que a sua viagem, sem o indulto prévio, era uma affronta ao seu brio visto que acompanhara, e seus expiavam no exilio uns e no presidio outros a sua dedicacão pela Patria, corre á batata os estudantes de Coimbra e escarra-lhes nas capas. Elles ficaram-se mudos e quados, não tendo sequer um murro ou uma bengalada de desagravo. Ouviram tudo e mandaram depois um protesto, largamente assignado, com a maioria da tripula, contra a escarria que os alvejára, e que o rei lhes limpára com os tacões das botas, prometendo-lhes emprego.

Abalaram para o Porto os bilhetes, deixando na cadeia os estudantes Fernando de Sousa, Francisco Gouveiro e Fernando Brederode.

Quanto a mim, por motivo destes acontecimentos, fui expulso da Universidade em 12 de janeiro de 1892, e os meus dezasseis annos aguentaram-se

perfeitamente com as responsabilidades da condemnacão, justa ou injusta, mas a meu ver injusta e iniqua, com que me brindára o conselho dos Decanos. Contudo, pela importância que dou ao facto de que fui vilmente arguido, á condemnacão alcançada e aos despreziveis que m'a telembram, deixo a classificacão do caso ao arbitrio do bestunto do sr. Santos Monteiro.

A academia nada pedi, nem tinha a pedir; esta por sua vés nada fez, nem tinha a fazer. O fóro académico abriu as fauces e expulsou-me; eu de pendurei a batina e puz um chapéo de coco, e a academia assistiu á mutacão, na serenidade da sua vida habitual, pacovia, lórpa, indifferente ou canalha. Mas o pateta do sr. Santos Monteiro chama a isto solidariedade!

E' forte, palavra d'honra, nunca o julguei tão fundamental.

Mas não sejam palavras minhas que definam a solidariedade académica desse anno terrivel de 1892. Dêem-me vocês, meus amigos, licença para que eu transcreva dum folheto de António José d'Almeida — As manifestações académicas do dia 18 — estes períodos profundos de verdade e justiça, que tem a auctoridade do seu nome austero e honrado e a clareza dum depoimento da época, referido aos acontecimentos citados:

«Impossível me seria passar adiante sem uma referencia ainda que pouco funda aos monarchicos académicos, que, numa comprehensão politica depravada ou inconsciente, esqueceram formalidades e principios que nós já mais desprezamos.»

«E são elles que pela voz do chalreador pateta das Novidades enviam, de escantilhão, doestos aos republicanos, que, já fóra dos laços fraternaes que elles despedaçaram, mais não podem levar a publico além do desprezo por quem ao lado da policia collaborou na perseguição desfechada contra nós, que nunca já mais deixámos de para com todos mostrar bem alto cava lheirismo e pundonor!»

«Dolorosamente faço estas ligeiras observações por que, na solemnidade do momento, só melancolia me invade ao sentir dentro de mim alguma coisa aniquilada e morta. Ao ver a laceracão ajudar a manter, assiste-me a pezarosa commoção de quem olha um cemitério, em que jazem afeições queridas e está sepultado um pedço da própria alma. Assim o queremos, assim o tenham. A cada fogacho que de lá fuzile, farei tropejar sem clemencia toda a metralha da minha indignacão.»

«De resto continuem fazendo cauda ao commissário de policia.»

E a isto se reduz a solidariedade tão apregoada pelo sr. Santos Monteiro!!...

Taxo, portanto, de pulha, este classificado camélo!...

Coimbra, 29 de janeiro de 1903.

Vosso correligionario e camarada grato, Arthur Leitão.

O Caso 3

No dia 31 do corrente deve realisar-se no tribunal judicial desta comarca o julgamento de Manuel d'Andrade, ex-cabo 3 da policia civil, que, por occasião das manifestações contra o convenio, feu covardemente com um tiro de revolver o estudante da faculdade de Direito, sr. Vasco Quevedo.

E' accusado do crime de homicidio voluntario frustrado.

No entretanto, o principal responsavel, o famoso commissario de policia, Pedro Ferrão, continúa recebendo farto ordenado, sem nada fazer, pelos cofres da policia de Lisboa, e requereu ha dias, o lugar de digno par do reino, a que se julga com direito por hereditarieidade.

Justiça da nossa terra.

José de Barros

Partiu para a Figueira da Foz o nosso amigo José Carlos de Barros, que veiu a esta cidade como representante dos «Ateliers» de Construction d'Alkon» de Zurick.

Demorou-se em Coimbra a estudar a illuminacão e tracção electrica,

José Falcão

Justamente merecida a homenagem que os republicanos de Coimbra acabam de prestar á saudosissima memoria do inolvidavel chefe da Democracia Portuguesa, o grande, o immortal José Falcão, como culto devotado ao Mestre, como incentivo de lucta na grandiosa cruzada em prol da Republica.

José Falcão foi a alma da Democracia, o astro fulgurantissimo da aurora da Liberdade, o patriarca da resistencia republicana no norte do país. A sua acção grangeou-lhe a sympathia do povo, o amor dos seus correligionarios e o respeito dos adversarios.

A sua alma foi a chrysalida aberta a haurir os preciosos e fecundantes raios do sol da Republica, avigorando o sentimento da dignidade nacional, encendrando no culto austero da gloria Patria o coração ardente do nosso bom povo portuguez. Foi o chefe querido d'um poderoso e aguerrido partido, como na vida privada foi o chefe amantissimo d'uma familia estremecida. Cidadão prestante e laborioso, o seu talento robustissimo, o seu espirito de luz foi a magica constellação que inscreveu nos infindos horizontes da intellectualidade portugueza, em caracteres do mais lidimo ouro, o nome honrado d'uma patria, a gloria d'um paiz e o orgulho d'um povo. D'elle se pode dizer o que os Romanos disseram de Cicero... Grande foi até nos proprios erros.

Vibra intenso na alma portugueza o brado de protesto contra o lento ruir d'uma nacionalidade outr'ora gloriosa; vae batida pelos vendavaes da reacção e do despotismo a nau desmantellada do Estado nos mare-magnans do infortunio. Extincto parece o sentimento da virtude civica que outr'ora inspirou e fecundou exuberantemente a acção altamente patriótica dos Passos Manuel, dos José Esteves, dos Cesar de Vasconcellos, dos Sá da Bandeira e de tantos outros prestigiosos vultos do constitucionalismo portuguez; mas a hora da expiacão ha-de inexoravelmente chegar para um regimen que se estriba na corrupção social, na devassidão dos costumes, no asphacelar methodico, mas seguro do espirito nacional, obsecado pelo predomínio do jesuitismo, e atormentado pela exhibição d'uma opistoria dos povos. A evoluçao da sociedade portugueza marcha o apogeu na escala ascendente da corrupção e do despotismo, e este apogeu é o prenuncio da Lucta.

E n'esta lucta a travar pela redempção d'uma Patria; n'esta lucta, que é a salutar cruzada de todas as forças da Democracia em prol do estandarte sacrosanto da Republica, hasteado bem alto nas cerradas hostes dos sectarios do Livre-Pensamento contra a tradiçao semi-barbara do clericalismo, do monarchismo e até contra a contemporanea corrente do hodierno feudalismo burguez, é mister que cada soldado da Liberdade se inspire no austero e sublime exemplo de José Falcão; se empregue da luz d'aquella alma.

O culto saudoso dos nossos mortos é incentivo para a alma popular se inspirar na vida austera d'esses cidadãos, que á causa da Patria e da Democracia devotaram o acrisolado amor da sua sacrosanta dedicacão.

E nenhum excedeu em dedicacão o inolvidavel chefe do aguerrido republicanismo do norte. Em volta da bandeira, por elle tão galhardamente hasteada, se agruparam todos os elementos revolucionarios, congregaram-se as velhas energias da alma nacional, cerraram fileiras todos os soldados devotados da Republica.

O destino não permittiu que o nobre caudillo da Republica realizasse as suas mais caras e sublimes aspirações; mas homens como José Falcão triumpham até do fundo da campa, aguerrindo e disciplinando em torno do seu glorioso e immaculado nome, as hostes patrióticas dos que juraram redimir uma Patria sobre os fumegantes escombros d'uma sociedade radicalmente apodrecida.

Faenda Junior.

Dr. Angelo Fonseca

Da Prostituição em Portugal

1 vol. 18000

24 venda nas livrarias.

BRIC-Á-BRAC

Contavam os velhos que a voz dos sinos tinha força de convencer homens.

Da campainha de S. Francisco Xavier se conta na India que levava atrás delle os mais infieis.

Não havia cão de herege, que, ao ouvir a campainha, não ficasse inquieto, agitado, movendo se sem saber porque, e não acabasse por dobrar a cabeça e pôr-se a andar atrás della até á igreja.

Os sinos passavam por fallar a verdade; mas igrejas estam em altas torres para serem vistos de longe e atirarem para vales distantes a sua voz a annunciar a hora da oração, ou da vida ou da morte.

Ha quem diga até que os sinos eram indiscretos e que, muitas vezes, em lugar de palavras de oração, contavam sem queter o que ia nos conventos, e por elles se vinha a saber o que por lá se passava.

Em Coimbra, contavam-me antigamente que os sinos até conversavam, e se respondiam uns aos outros.

No Bussaco, a cada hora de oração tocavam os sinos das ermidas todas dispersas pela mata, e, contam chronicas, que o Diabo tentara por vezes impedir que alguns frades juntassem a voz do pequeno sino das suas ermidas desertas á dos outros que em cada hora chamavam num coro baixo, com medo do vento e da chuva, á oração.

Em Coimbra os sinos eram de menos devoção, e deviam fazer tirar muito o proprio Diabo.

Quando eu cheguei a Coimbra, explicou-me um dia um velho a voz dos sinos desta terra.

Era ao pôr do sol. Vinhamos descendo do Penedo da Saudade para o jardim.

Pela porta da igreja de Santa-Theozia sumiam-se calladas mulheres de idade, com o ar remediado, que dá a limpeza devota, e deviam fazer tirar muito o proprio Diabo.

Alguns estudantes passeavam no adro.

De dentro vinha o canto rezado das freiras, aspero e delgado.

O sino pôz-se a dobrar, contando as sillabas.

—Pe...ni...tencia... pe...ni...tencia!

Assim o ouvi, mal mo disse o velho, com quem ia, e que andando e sorrindo repetia imitando a voz do sino pe...ni...tencia, pe...ni...tencia!

Quando chegamos ao fundo da lazeira, fez-me o meu companheiro notar a voz doutro sino, que vinha de longe, do convento de Santa Clara, que brilhava alegre na atmosphera dourada do poente.

Puz-me a ouvir o sino, e elle a ensinar-mo a entender.

O som era mais grave, mas duma gravidade de ironia e dizia muito claramente.

—Tan...ta não! Tan...ta não!

Eu ria-me, quando elle me chamou a attenção para o sino de Sant'Anna, que se ouvia então e me disse:

—Veja o que diz esse agora!

—Eu sei lá!

—E' bem simples: nem tanta, nem tam pouca!

E era verdade. O sino de Sant'Anna, dizia num som delgado, com voz de naris:

—Nem...tan...ta...nem...tam...pouca! Nem...tan...tan...nem...tam...pouca!...

Assim fiquei eu sabendo que quando, ás horas de oração o sino de Santa Theozia dizia:

—Penitencia, penitencia!...

O de Santa Clara lhe respondia.

—Tanta não! tanta não!

E' o de Sant'Anna fechava conceituosamente o côro, repetindo:

—Nem tanta! nem tam pouca.

E assim fazia eu idéia, que devia ser a vida destes conventos.

Um dia tirou-me esta illusão o manuscrito seguinte da Bibliotheca da Universidade:

Estatutos e Ordenações feitas ás Madres discretas, e mais Religiozas do Mostro de Sancta Anna de Coimbra sobre o bom governo, e trato dos Amantes

Por q' na viza passada q' fes osr Bispo Conde se mandara resgar os antigos estatutos desta Caza por cuja falta tem padecido grandes desrim, e nã

perdido muito deo nosso antigo brio, assi porq' a vista dos apertos desua Senhoria acodem poucos Amantes, e por maos exemplos espera q' os roquem, como por q' as madres modernas com medo deserem culpadas procedem no trato sem consultarem as discretas, e Anciãs p' as intruirem (sic) no q' devem fazer; dezejando nós reduzir tudo á antiga observancia eprover nos cazos futuros: Primeira mente

1 Ordenamos, e Mandamos q' toda aReligioza aquem se não offerecer Amante possa encomendrar aM'fr., ou a outra qualquer molher do Pateo, q' do cazo ouver de conhecer, q'he busque cuidados, sem por isso emcorrer em mênos cabo de sua pessoa.

2 Ordenamos q'p' o aceitar não repare emidade, calidade, nem peso, sea embora melhor de quatorse annos, diminutivo de membros, iunto á decrepita estudante de Verdemilho, ou outras Sevândias semelhantes.

3 Ordenamos q' avendo Concurso, e algu ouver deser preferido seio oq' tiver menos partes boas aq' se pegue, porq' aestas atenças pode falar nos primores, e meterselhe em Cabeça poderá ser admitido entrando asco.

4 Ordenamos q' dos assima ditos dado cazo q' empatem nesta qualidade, seja preferido oq' escrever mais cartas, e tambem oq' as mandar melhores, e estas serã as mais compridas, e que trouverem mais trocados, e relativos que bem equie mal.

5 Ordenamos q' do mais simplex sefaça sempre m' cazo, porq' boia Romanças sefazem de encomenda, muzicas se dão por d' alemdeq' cadahua e Outra couza não rezuara, q'he melhor Asno q' leve, q' Cavaloz q' derrube.

6 Ordenamos q'app' a segunda Carta q' obem aventurado lhe escrever sefaça muito grave, não dando reposta algua.

7 Ordenamos que a terceira lhe responda dizendo não esta em tempo de aceitar cuidados, assi pellos apertos desta caza, como por outros inconvenientes, eassi q'Sua ill. se não cançe em apretender mais, por q'he fã impossível.

8 Ordenamos q' na 2ª reposta lhe mande dizer q' ella he m' fea, e não presta p' Amores, e só nisso lhe damos licença q' fale verdade, e q' avontade q' elle tem delhefazer m' theparaz Sollicitandolhe gostos, servindolhe deboa terceira p' outra Sra q' nesta não faltará q'ella por ver os poucos q' tem naõ Sofre aquelles emganos.

9 Ordenamos q' naseguinte lhediga q' se ouvera de ter cuidados fora com elle, mas que sabe q' os homes não guardão fé, e não pello elle ten experimentado, mas pello q' ouve dizer aoutras freiras.

10 Ordenamos q' Sendo opeccador tão obstinado que senão emfade destas impertinencias, etornar a escrever outras, lhe responda q' he não pode negar o agradecimento, estrabuxando daqui para ali, em todo odircurso da Carta; e acabará com dizer cuja pessoa oceo meguarda.

11 Ordenamos que naseguinte lhe diga q' ia que ia que aquillo ha deser, que seia com todo osegredo não sefiando de venhũ Amigo porq' poderão ter mil liberdades, e o não Saberão Seos parentes q' são m' Ciozos e devenhũ modo quer q' ella tenha amizade.

12 Ordenamos q' depois disto assim feito o convide para ap' pregação encomendandolhe venha a horas q' to me blugar dopé do pulpito, p' sestar vado cõ menos escandalo, e dali se vá aCela a fazer hu escrito emq' diga q' elle não tirou os olhos nunqua de outra freira, e o não pusera n'ella, e isto não passará de queixa.

13 Ordenamos q' o mandepor alguas vezes a portado pateo q' cõ duas outras amigas se esteia rindo dajanella da simplicidade cõ q' opobrezidho all está aturado.

E assim continúa o interessante manuscrito, que bem mostra que as freiras de Sant'Anna, a proposito de necessidade de penitencia, não poderiam com muita razão gritar as de Santa Clara nem tanta, nem tam pouca.

O então ia pelo convento de Santa Clara um grande desaforo.

Devem menur os sinos.

E' manha velha nos sinos de Coimbra.

Dos da Universidade, tam austeros: canta João de Deus.

Toca o capello, vou velo

E vejo de varia cor

Não doutores de capello

Mas capellos de doutor.

Esses tambem a mim me enganaram!

FERROS CURTOS

Delicieux licor extra n.º 1
E's um burro, meu Cunha, e tenho pena!

E's um burro, meu Cunha, que a serena
Vida, que tinhas lá nos teus torrões,

E's um burro, meu Cunha, um pobre burro,
Nostalgico dos pastos vicinantes,

Volta a Villa do Conde e bem expedito
Não mais ornais por cá aos estudantes...

CARTAS DA PROVINCIA

Reina o maior entusiasmo entre
todos os socios do Gremio, pela sua
inauguração, que como se sabe se reali-

Assim abre um artigo de ontem,
do nosso confrade portuense, o Pri-

A policia de Lisboa deu-nos hontem
o goso surpreendente de aqui-

Assim abre um artigo de ontem,
do nosso confrade portuense, o Pri-

A policia de Lisboa deu-nos hontem
o goso surpreendente de aqui-

Assim abre um artigo de ontem,
do nosso confrade portuense, o Pri-

A policia de Lisboa deu-nos hontem
o goso surpreendente de aqui-

Assim abre um artigo de ontem,
do nosso confrade portuense, o Pri-

A policia de Lisboa deu-nos hontem
o goso surpreendente de aqui-

Assim abre um artigo de ontem,
do nosso confrade portuense, o Pri-

Folhetim da "RESISTENCIA,"

THEOPHILE GAUTIER

AVATAR

Para que havia eu de amar a
única mulher, que me não pôde amar!

na a Lisboa. O rapaz aceitou. Mas
alli, em vez de fortuna, encontrou a
mais negra miseria. Faminto e sem

Ha, então, uma pobre mulher do
povo que o chora, lhe dá pão, e o ves-

Mas ella é quasi tão desgraçada
como elle, a sua esmola bem dita é exi-

Fez-se isto com um pobre rapaz
de 14 annos.

Na Estrella não houve hesitação
em se ordenar aquella monstruosidade.

A Resistencia publicará no numero
seguinte, acerca das desidencias aca-

População

A população do concelho de Oli-
veira do Hospital era em 31 de De-

Aldeia das Dez, (S. Bartholomeu),
772 homens e 855 mulheres.

Aldeia das Varzeas, (Santo André),
394 homens e 419 mulheres.

Aldeia da Conceição, 668 homens e
800 mulheres.

Aldeia da Esperança, 268 homens e
383 mulheres.

Aldeia da Beira, (S. João Baptista),
327 homens e 515 mulheres.

Aldeia da Moura, (S. Pedro), 479 ho-
mens e 658 mulheres.

Aldeia da Moura, (S. Pedro), 479 ho-
mens e 658 mulheres.

Aldeia da Moura, (S. Pedro), 479 ho-
mens e 658 mulheres.

Aldeia da Moura, (S. Pedro), 479 ho-
mens e 658 mulheres.

Aldeia da Moura, (S. Pedro), 479 ho-
mens e 658 mulheres.

Aldeia da Moura, (S. Pedro), 479 ho-
mens e 658 mulheres.

Aldeia da Moura, (S. Pedro), 479 ho-
mens e 658 mulheres.

Nogueira de Cravo, (Nossa Senhora
da Esperança), 914 homens e 1.083
mulheres.

Aldeia da Moura, (S. Pedro), 479 ho-
mens e 658 mulheres.

Aldeia da Moura, (S. Pedro), 479 ho-
mens e 658 mulheres.

Aldeia da Moura, (S. Pedro), 479 ho-
mens e 658 mulheres.

Aldeia da Moura, (S. Pedro), 479 ho-
mens e 658 mulheres.

Aldeia da Moura, (S. Pedro), 479 ho-
mens e 658 mulheres.

PUBLICAÇÕES

Moda Universal. — Mal começa o
anno e eis que de novo temos o pra-

Moda Universal continua sendo
por quarenta reis a melhor publicação

Moda Universal assigna-se nos
escritorios da Agencia Nacional, rua

Moda Universal assigna-se nos
escritorios da Agencia Nacional, rua

Moda Universal assigna-se nos
escritorios da Agencia Nacional, rua

Moda Universal assigna-se nos
escritorios da Agencia Nacional, rua

Moda Universal assigna-se nos
escritorios da Agencia Nacional, rua

Moda Universal assigna-se nos
escritorios da Agencia Nacional, rua

Moda Universal assigna-se nos
escritorios da Agencia Nacional, rua

Moda Universal assigna-se nos
escritorios da Agencia Nacional, rua

Moda Universal assigna-se nos
escritorios da Agencia Nacional, rua

Moda Universal assigna-se nos
escritorios da Agencia Nacional, rua

Moda Universal assigna-se nos
escritorios da Agencia Nacional, rua

de S. Mamede, 111, (no Largo do
Caldas), Lisboa, acaba de editar as

Passatempo. — Acabamos de rece-
ber o n.º 50 do Passatempo, a interes-

Eis o sumario d'este numero:
Chronica. Alfredo Gallis — Os an-

No mesmo numero vem annuncia-
do o concurso photographico, com dois

Agradecemos a offerta do novo nu-
mero d'esta publicação, uma das mais

Agradecemos a offerta do novo nu-
mero d'esta publicação, uma das mais

EQUIDADE

Segu os contra fogo aos preços de:
Predios 100

O correspondente em Coimbra,
Joaquim Antonio Pedro.

ANNUNCIOS

Liquidação de objectos

Uma comoda, uma arca, uma meza
de pau preto, duas comodas de mogno

Largo de S. João n.º 6 1.º andar

O proprietario,
João Faras.

O proprietario,
João Faras.

O proprietario,
João Faras.

O proprietario,
João Faras.

O proprietario,
João Faras.

O proprietario,
João Faras.

O proprietario,
João Faras.

O proprietario,
João Faras.

O proprietario,
João Faras.

O proprietario,
João Faras.

O proprietario,
João Faras.

O proprietario,
João Faras.

O proprietario,
João Faras.

O proprietario,
João Faras.

O proprietario,
João Faras.

O proprietario,
João Faras.

O proprietario,
João Faras.

Associação Commercial de Coimbra

Por ordem do sr. Presidente sam
os socios convidados a reunirem em

Coimbra, 20 de Janeiro de 1903.

Senhora, sabendo tudo que é dado
a uma verdadeira dona de casa, espe-

Offerece os seus serviços na rua do
Correio, n.º 11, indo tambem a casa

Na rua da Sophia n.º 167, ha para
vender dois bilhares, um de pau preto,

SALÃO DA MODA

90 — Rua Ferreira Borges — 94

Artigos de muita novidade por pre-
ços sem eguaes.

Atelier de vestidos e chapéos.

Na rua da Sophia n.º 167, ha para
vender dois bilhares, um de pau preto,

ANNUNCIO

Adriano da Fonseca e Albino d'Al-
meida, proprietarios de Villa Franca,

Por isso e nos termos do § 2.º do
art.º 6.º do Decreto de 21 de outubro

Por isso e nos termos do § 2.º do
art.º 6.º do Decreto de 21 de outubro

Por isso e nos termos do § 2.º do
art.º 6.º do Decreto de 21 de outubro

Por isso e nos termos do § 2.º do
art.º 6.º do Decreto de 21 de outubro

Rewolvers

Saint Etienne

Manufacture Française de Armes e Cycles

Com ballas blindadas de aço e de
pólvora branca sem fumo, muito porta-

João Gomes Moreira

Rua Ferreira Borges COIMBRA

vem a minha casa. Terá causado essa
fadiga, algum excesso de estudo ou de

— Mas eu tenho a certeza de ser o
conde Olaf de Labinski, e, desde ontem

— E' precisamente o que eu dizia,
respondeu o doutor, o sr. é Octavio

— E' precisamente o que eu dizia,
respondeu o doutor, o sr. é Octavio

— E' precisamente o que eu dizia,
respondeu o doutor, o sr. é Octavio

— E' precisamente o que eu dizia,
respondeu o doutor, o sr. é Octavio

— E' precisamente o que eu dizia,
respondeu o doutor, o sr. é Octavio

— E' precisamente o que eu dizia,
respondeu o doutor, o sr. é Octavio

— E' precisamente o que eu dizia,
respondeu o doutor, o sr. é Octavio

— E' precisamente o que eu dizia,
respondeu o doutor, o sr. é Octavio

— E' precisamente o que eu dizia,
respondeu o doutor, o sr. é Octavio

Automoveis

em segunda mão

(Em perfeito estado de conservação)

Um "Benz.", de 7 logares.

Uma "Vitoirete Richard.", 3 ou 4 logares.

Empreza Automobilista

Portuguesa

COIMBRA

Consultorio dentario

COIMBRA

Rua Ferreira-Borges

Herculano Carvalho

Medico pela Universidade de Coimbra

COLLEGIO LYCEU FIGUEIRENSE

Instituto particular de educação e ensino

Director, o professor da Universidade

José Luiz Mendes Pinheiro

Rua da Fonte, 58

Os estudos deste collegio comprehendem:

A instrução primaria, habilitando para o exame de admissão aos lyceus.

A instrução secundaria, segundo o plano actualmente em vigor nos lyceus officiaes.

Aulas de gymnastica, musica e pintura.

Admitte alumnos internos, semi-internos e externos.

A matricula continua aberta na secretaria do collegio todos os dias uteis.

O regulamento, ou quaesquer esclarecimentos, podem ser pedidas ao director, na sede do collegio, ou na Quinta do Paúl, á Praia da Fonte.



REMEDIOS DE AYER

Peitoral de Cereja de Ayer—O remedio mais seguro que ha para a cura da tosse, bronchite, asthma e tuberculose pulmonar, frasco, 1000 réis; meio frasco, 600 réis.

Vigor do Cabello de Ayer—Impede que o cabelo se torne branco e restaura ao cabelo grisalho a sua vitalidade e formosura.

Extracto composto de Salsaparrilha de Ayer—Para purificar o sangue, limpar o corpo e cura radical das escrófulas.—Frasco 1000 réis.

O remedio de Ayer contra sezões.—Febres intermitentes e biliosas.

Todos os remedios que ficam indicados são altamente concentrados de maneira que saem baratos porque um vidro dura muito tempo.

Pilulas catharticas de Ayer.—O melhor purgativo suave inteiramente vegetal.

TÓNICO ORIENTAL—MARCA CASSELS.
Exquisita preparação para aformosear o cabelo

Estirpa todas as afecções do craneo, limpa e perfuma a cabeça

ÁGUA FLORIDA—MARCA CASSELS.
Perfume delicioso para o lenço, toucador e banho

SABONETE DE GLYCERINA—MARCA CASSELS.

Muito grandes—Qualidade superior

A' venda em todas as drogarías e lojas de perfumarias

LUCA

Delicioso licor extra-fino

VINHOS

Associação Vinicola da Bairrada

Grandes descontos aos revendedores

Unico deposito em Coimbra

CONFEITARIA TELLES

150, R. Ferreira Borges, 156

Alfaiataria Academica

AFFONSO DE BARROS

Acaba de chegar a esta casa o eximio tailleur Saturnino F. Grant, ex-gente da Alfaiataria Amieiro, de Lisboa.

Rua Ferreira Borges

COIMBRA

SILVA & FILHO

Alfaiataria

Fabrica manual de calçado e tamancos e deposito de alpargetas

EXPORTAÇÃO

CASA

Aluga-se o 1.º andar da casa n.º 80 na rua da Modda; tem commodos para uma familia regular, canalização para agua e todos os despejos.

Para tratar com sua dona, rua Sá da Bandeira, 55.

COSINHA POPULAR

Rua da Concordia, n.º 27, 29 e 31

Figueira da Foz

Esta antiga e acreditada casa situa-se num dos melhores locais da Figueira, Junto dos Casinos e a dois passos da praia de banhos, continua recebendo hospedes permanentes, por preços commodos.

Fornece almoços e jantares para fora desde 300 réis.

O Proprietário,

José Maria Junior.

Nova Havaneza

Rua de Ferreira Borges n.º 176

Papelaria, Tabacaria, Perfumaria.

Carteiras, malas, caixas de charão, e todos os objectos de escriptorio.

"RESISTENCIA,"

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha, no reino:

Anno	700
Semestre	350
Trimestre	680

Sem estampilha:

Anno	3400
Semestre	1700
Trimestre	600

Brazil e Africa, anno... 3000 o réis
Ilhas adjacentes, > ... 3000 o

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetição, 10 réis; para os senhores assignantes, desconto de 50 %.

Communicados, 40 réis a linha.

Réclames, 60

Annunciam-se gratuitamente todas as publicações com cuja remessa este jornal for honrado.

Avulso 40 réis

PASTELARIA E CONFEITARIA TELLES

150—Rua Ferreira Borges—156

N'esta casa, regularmente montada no género das de Lisboa e Porto, encontra-se a venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos d'esta natureza.

Doces de ovos dos mais finos paladares e delicados gostos, denominados *doces sortidos*, para chá e *soirées*, em grande e bonita variedade que difficil se torna enumerar-la.

Doces de fructa de todas as qualidades, de que é costume fabricar-se, tanto em secco, como crystalizados, rivalisar com os estrangeiros.

Pastelaria em todos os generos e qualidades, o que ha de mais fino e saboroso, especializando os de folhado.

Fabricam-se com finos recheios e ovos em fio, peças grandes de primorosa phantasia, denominadas *Centros de mesa, Castellos, Jarrões, Lyras, Flores, Lampreias*, etc., etc., próprias para banquetes.

Pudings Gelados, de leite, deliciosos, laranja, chá café e de fructas diversas, vistosamente enfeitados.

Pão de ló pelo systema de Margaride, já bem conhecido nesta cidade, cuja superioridade é confirmada pelo largo consumo que tem.

Especialidade em vinhos generosos do Porto e Macira, Moscatel, Collares, Champagne, Cognacs Licores finos, etc. das melhores marcas nacionaes e estrangeiras.

Vinhos da Companhia Vinicola do Norte de Portugal.

Amendoas e confeitos de todas as qualidades, garantindo se pureza dos assucares com que sam fabricadas.

Conservas nacionaes e estrangeiras, chás verdes e pretos, passas, bombons de chocolate, Drops, queijo Flamengo, Gruyère, Prato, Roquefort e outros. Geleia de mão de vacca.

Deposito dos productos da sua fabrica de bolachas e biscoitos na Couraça de Lisboa, 32.

José Marques Ladeira & Filho

Empreiteiros das Companhias de Illuminação a Gaz e Aguas

4—Praça 8 de Maio—4

COIMBRA

Canalisações para agua e gaz

Lustres, lyras, lanternas e candieiros para gaz, machinas de aquecer agua a gaz para banhos, tubos de lona, borracha, latão e chumbo, lavatorios, urinoes retretes e bidets, torneiras de metal de todas as qualidades, cartão e corda de amianto, e borraça em folha.

PREÇOS ESPECIAES EM TUBOS DE FERRO

Fazem-se trabalhos fora da cidade

ÁGUA DA CURIA (Mogofores—Anadia)

Sulfatada—Calcica

A unica analysada no paiz, similhante á afamada agua de CONTREXÉVILLE, nos Vosges (França)

INDICAÇÕES

Para uso interno:—*Arthritismo, Gotta, Lithiase urica, Lithiase biliar, Engorgitamentos hepaticos, Catarrhos vesicaes, Catarrho uterino.*

Para uso externo:—*Em diferentes especíes de dermatoses.*

As analyses chimica e microbiologica foram feitas pelo professor da Escola Brotero, o ex.º sr. Charles Lepierre.

A' venda em garrafas de litro—Preço 200 réis

Deposito em Coimbra—PHARMACIA DONATO

4, Rua Ferreira Borges, 6

L. M. LILLY, Engenheiro

Machinas agricolas de toda a qualidade.

Machinas para fição e tecelagem para todos os tecidos.

Machinas para fazer soda-water, gazosas, gelo, etc.

Machinas para fazer papel continuo, cartão, etc.

Machinas para lavar, engommar e desinfectar roupa.

Machinas de vapor e de gaz, caldeiras e bombas.

Machinas de escrever, de systema YOST.

Correias de pello, de couro, de borracha, empanques, etc.

Materias primas de todas as qualidades.

Installações, desenhos, montagens.

Facilitam-se pagamentos.

REPRESENTANTE

JOÃO GOMES MOREIRA

COIMBRA

INCANDESCENCIA



Mangas transportaveis PRIMAS, duzia . . . 18000 réis

Bico systema AUER e intensivos, cada de 300 a 400 "

Chaminés de Gena lisas e furadas " " 140 a 200 "

Apparelhos, candieiros e mangas para gazolina, acetylene e alcool.

Caboreto de calcio, gazolina, benzina e veloxina.

Enviam-se catalogos com os preços sobre pedidos

A. RIVIÈRE

RUA DE S. PAULO—9, 1.

LISBOA

FABRICA DE TELHÕES E MANILHAS

Premiada na Exposição de Ceramica Portuguesa, no Porto, em 1892, com diploma de merito; e medalha de cobre na Exposição Districtal de Coimbra, de 1894

Esta fabrica a mais acreditada em Coimbra, em construcção e solidez de telhões, manilhas para encanar agua, siphões para retretes, vasos para jardins e platibandas; balaustras, tijolo para ladrilhos de fornos, tijolos grossos para construcções e para chaminés, tachos para cosinha á imitação dos de Lisboa, etc.—Todos estes artigos são de boa construcção e por

PREÇOS ECONOMICOS

Pedro da Silva Pinho Coimbra

29, Rua de João Cabreira, 31—COIMBRA

RESISTENCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS FEIRAS

Editor

MANUEL D'OLIVEIRA AMARAL

Redacção e administração, ARCO D'ALMEDINA, 6, 2.º andar

Officina typographica

12 - RUA DA MOEDA - 14

N.º 771

COIMBRA — Domingo, 1 de Fevereiro de 1903

8.º ANNO

1891 * 31 de Janeiro * 1903

AO COMBATE!

O dia 31 de janeiro de 1891 avoreceu ridendo de promessas e fervoroso de esperanças. Pelo país inteiro correu um grito de entusiasmo vibrante e ardente, presentindo-se que aquelle dia marcava uma nova era de resurgimento nacional. Um frémito sagrado agitava as almas num *sursum corda* sublime, echoado por milhares de vozes que entoavam o canticó patriótico da revivescencia da Pátria. Pelas cidades, pelas aldeias, pelos campos, trocavam-se saudações alegres todos os portugueses; todos, que já nem havia monárchicos que não sacudissem de si as responsabilidades tremendas, que pesavam sobre o regimen como uma mortalha de chumbo. Dávam-se uns aos outros os parabens; os monárchicos abraçavam os republicanos, fraternizando e afirmando — até que emfim!

E entretanto, naquella madrugada funesta, que amanheceu radiosa numa hossana de glória, a Traição, a tiros de espingarda, fuzilou, nas ruas do Porto, que a artilharia varejava, em corpos novos d'heróes a Alma da nação...

E ainda resoava por toda a parte o clamor vivo do ardor mais santo, todo vibrante de esperanças e de nobres commoções, quando correu, na rapidez dum relampago, a nova de que a Traição vencêra! Foi um tremendo baquear de espiritos, uma tristissima derrocada d'illusões, que ruíram ao fragor da metralha assassina da Desordem...

Os precedentes da gloriósa revolta determináram aquelle generoso movimento, de vindicta e salvação, como os dados mathemáticos dum problêma conduzem a uma solução fatal.

Imperava uma oligarchia impudente, que trazia a saque os cofres publicos e arrastava pela lama o crédito e a honra da nação; escândalos de toda a ordem punham a nú, dia a dia, a gangrena que corroia os poderes publicos; caminhava-se para o abysmo insondavel das mais vergonhosas misérias, em que se afundava, de roldão com o cynismo dos governantes, a Alma limpida da Pátria.

A revolução impunha-se na ordem dos factos como já estava feita no mundo das consciências. Todos, e até dos mais altos, com ella confraternisáram; mas sómente todos aquelles para quem o futuro nacional era alguma coisa de mais alto, de mais nobre e puro, do que os interesses inconfessaveis dos partidos dominantes.

Mas venceram, pela fatalidade das circumstâncias e pela felonía de muitos, os principios odiosos da anarchia e da desordem; continuou triumphando o vicio e o crime na atmospherá que se procurava tornar pura e sadia.

Doze annos têm passado sobre essa jornada gloriosa, em que on-

das de rubro sangue generoso salpicaram os degraus do throno em que se alcandora a realeza, e mancharam as rútilas fardas dos aulicos da monarchia.

Doze annos vam volvidos, e cada vez mais se tem afundado e cavado a ruína da nação, que hoje se encontra, manietada, entregue ao delirio louco das grandêzas, que a sacrificá ás orgias do poder. Mil vêzes peor do que entám, não ha já vislumbres de pudor nas regiões dos governos, não ha já decôro que, ao menos, sirva de colorir as múltiplices acções vergonhosas que a pouco e pouco vam entregando ao estrangeiro pedaços da própria pátria.

Somos uma nação de servos, e explora-a uma alcateia de senhores.

Mas deverêmos, nós, soltar lamentos sobre o passado, na vã declamação de illusões perdidas?

Será isto o que nos pede e de nós exige o sangue, que correu, dos nossos heróes metralhados? Será isto o que devemos á nossa consciéncia?...

Republicanos de Portugal, os únicos que concretizaes em vossas almas as aspirações desta nação a morrer; levantai bem alto um novo brado, que congregue em volta da mesma bandeira todos os homens sãos do país! Erguei e agitate bem alto essa bandeira, que symbolisa uma nação generosa, e vamos todos, numa formidavel abalada guerreira, á conquista da Alma da nação, que negreiros nos levam e arrebatam!

Libertemo-la; e commemoremos assim a data sempre rediviva, que foi uma jornada de lagrimas, podendo ter sido uma epopeia de luz!

F. FERNANDES COSTA.

DECADENCIA...

Em toda a lucta ha vencidos. E é de inexoravel destino, que cada passo que a humanidade avança na reivindicção dos seus direitos sociaes fique marcado com uma pegada de sangue.

Da jornada, como se dizia na tragedia antiga, de 31 de janeiro um facto unico destaca que me horrorisa d'espanto e de nôjo, porque me representa a politica portugêsa em toda a nudez, de ventre rasgado e visceras ao léo, para quem quizer ver os estragos da syphilis e da gangrêna que a mina!...

A forma excepcional do processo e do julgamento dos vencidos radicou em mim esta persuasão solemne:

Se hoje em Portugal não é possível resuscitar as atrocidades das antigas alçadas e os patibulos ao serviço do velho despotismo, não é com certeza por falta de famulos para juizes, nem de miseraveis para algozes!...

A. GONÇALVES.

Hymno d'algum dia

Ao DEGREDADO ABILIO DE JESUS

O galo canta, o galo canta...
Rompe a manhã... vibra um clarim...
Justiça eterna! aurora santa,
Teu disco doiro se alevanta
Ao longe... Emfim!

Canta a calhandra ao pé do arado...
Canta tambem, vilão ruim!
Já ninguem compra com teu gado
Mantos d'arminho ou de brocado...
Emfim! Emfim!

Já da Miséria, ó roto aldeão,
Não faz a Infamia o seu festim...
Já com teu vinho e com teu pão
Não dizem missa ao Deus Milhão
Judeus... Emfim!

Soldado, enrama a tua espada
De mirto e loiro e d'alecrim;
Eil a de pé, transfigurada,
Radiante e ovante a Pátria amada...
Emfim! Emfim!

Já teu pendão não vêes de rastros,
Não, marinheiro! Olha-o assim:
Palpita épico nos mastros...
Tem c'roa nova: um aro d'astros...
Emfim! Emfim!

O galo canta, o galo canta...
Rompe a manhã, vibra um clarim...
Justiça eterna! aurora santa,
Teu disco doiro se alevanta
Ao longe!... Emfim!

E tu, cantor cruel d'outr'ora,
Cultiva, obscuro, o teu jardim...
Olhos no azul, fronte na aurora,
Sonha, contempla, ajoelha, adora...
Em paz... Emfim!

Os que morreram

Morreram bem...

Elles iam a gritar em pleno triumpho numa manhã de sol muito alegre. Aquellas lindas mulheres, que ha no Porto, sorriam mais uma vês a um triumpho novo; das janellas caíam as flôres e os sorrisos, e alvejavam os lenços nas mãos brancas daquellas lindas mulheres que ha Porto.
Iam muito alegres, a gritar, em pleno triumpho por uma manhã de sol...

Dum muro cinzento de granito cho-veram as ballas, e elles caíram, como se lhes faltasse alguma coisa... O que não souberam.

Faltára-lhes a força, como se lhes fôra a voz, cançados de gritar...
E caíram no chão, muito alegres, a bocca aberta num último grito de triumpho, os dentes brancos, a rir...
Alguem, que ainda ouviu as descargas julgou que passavam irmãos d'armas, quiz-se levantar para gritar, e caiu alegre, sonhando um triumpho novo.

Morreram contentes, sem saber que morriam, os queridos mortos...

Eram muito novos, e as mães, quando os souberam mortos, vieram a dar lhes sepultura.

E ao ellas passarem, todos se descobriam, e os próprios inimigos baixaram os olhos pr'as não vêr...

E deixáram nos enterrar!...
Eu queria que os seus corpos ficassem insepultos, como os dos martires, entre os gritos e as execrações dos inimigos...

Eu queria vê-los crucificados em loureiros.
Do alto desceriam as aguias a despedaçar os seus corpos ainda quentes, sumir-se-iam com elles no céu azul, e a gente pensaria nelles, quando visse, lá em cima, pairar socegradamente suas irmãs as aguias...

Para que sepultar os seus corpos na terra.
Julgaes que delles vam nascer flôres, esperaes vêr romper os cravos?...
Julgaes que sobre a terra árida vae crescer a ceára, e que, mais tarde, haveis de vêr voar sobre a ceára madura numa papoula vermelha alguma gôta do sangue que nos roubáram?...

A terra não quer os corpos dos heróes.

Pois não sabeis que ainda hoje na Grécia, país de heróes antigos, ao revolver a terra, se encontram os guerreiros, como se fossem sepultados d'ontem, muito hirtos nas suas armaduras, a mão na espada, o braço descancado sobre o escudo d'oiro fino em que um artista escreveu a história das suas guerras, o nome das batalhas que ganháram?...

Em sitios em que se não encontra nem signal das grandes cidades que lá houve...

A' terra!...
Pois não vos ensináram vossas mães que a terra poupa os santos; que na sua sepultura não nascem os lyrios e as rosas?...

Quando morre um santo, a terra envolve o todo, afasta para longe as flôres e puxa sobre a sua sepultura o manto azul do céu.

E aquella terra em que se não criam flôres, cheia como um canteiro em plena primavera, quando o sol vae alto!...

Se se abre a terra, os santos lá estão inteiros, muito pallidos, postas

Guerra Junqueiro.

em oração as mãos, brancas de jasmim, como quando foram enterrados, só mais velhinhos...

A terra guardou sempre, sem lhes tocar, os corpos dos que no mundo morreram por uma ideia santa...

Para que marcar a sepultura? Para que ensinar-lhes, a elles, aos outros, o sitio em que estão os mortos queridos?...

Pois não sabeis que nunca respeitaram a sepultura dos Heróis as hyenas e os cães?...

A terra... Pois não sabeis que o Christo?...

Quando o Christo morreu, abriram-lhe a sepultura n'uma rocha. Por alli nunca passára senão agua crystallina, que deixára nos musgos verdes que a cobriam as impurezas da terra...

O seu corpo foi lavado em lagrimas, que choravam os olhos amorosos das mulheres, foi enxuto pelos cabellos de seda das judias, unguido dos perfumes mais raros, envolto em linhos novos, córdos do sol, brancos, como a neve mais pura das serras altas por onde nunca andaram homens...

Sua mãe deitou o no sepulchro devagarinho, com o cuidado com que as mães deitam no berço os filhos... Ao sellarem sobre a campa a pedra, a mãe, olhando ainda, disse que voltaria a vê-lo...

E não o encontrou quando voltou...

Não podia ficar o Christo na terra em que apodrecem os ladrões!...

T. C.

Derrotados?

Não. Os patriotas que tentaram realizar a Republica não soffreram uma derrota. A ideia que defendiam tem ella o futuro.

E' verdade que os revolucionarios do 31 de Janeiro não viram bem coroados a aventura em que se lançaram, levados do santo enthusiasmo que fascina todos aquelles que entram no combate por uma ideia com a coragem de verdadeiros paladinos.

As espadas com que procuravam defender uma patria que se via empocalhada e deshonrada vilmente por homens que a serviram como inimigos e não como filhos viraram-se nas proprias mãos dos que as manejavam e, por um mau successo, converteram em victimas aquelles que deviam ser vencedores. Não conseguiram realizar um ideal que daria a este povo, esmagado por um regimen de violenta oppressão, as garantias de progresso que lhe são necessarias para se refazer das perdas que tem soffrido n'este periodo de crápula, que a monarchia vem alimentando, e restaurar a posição que devia manter pelos dominios que ainda possui.

Mas porque o mau successo trahiu um dia um punhado de valentes, que sahiram para a rua empunhando uma bandeira que era o symbolo d'uma nova ideia, não tornará mais essa bandeira a ser de novo hasteada e a servir de norte a um povo que, n'um impeto de resurgimento queira emancipar-se da deprimente tutela, em que durante uma longa noite de misérias tem jazido, para iniciar uma nova vida de liberdade?

Ficará no perpetuo esquecimento, sem garantias de realisação positiva, como um ideal que está fora do seu tempo, a ideia que os revolucionarios do Porto symbolisavam?

Não, assim o cremos. Os homens passam, mas as ideias que elles em vida defenderem, n'uma evangelização que muitas vezes lhes custou o elevado sacrificio de tudo quanto lhes era mais caro, essas, ficam e permanecem como patrimonio herdado pelas gerações que hão-de vir.

Nunca se implantaram ideias novas que pelo seu genio rasgadamente revolucionario se venham pôr em forte opposição com um passado profundamente arraigado na consciencia collectiva, sem um largo dispendio de energias que, ordinariamente, custa o caro tributo de muitas dôres soffridas. E a ideia republicana, em Portugal, conta já uma contribuição de sangue.

Estamos demasiadamente acostumados a assistir na historia a luctas travadas n'um alto intuito de progresso por paladinos que nunca chegarem a

assistir ao dia do triumpho das suas ideias. E' esta a triste condemnação de todos os revolucionarios. Mas não é de balde que esses heroicos luctadores sacrificam a vida pela causa a que inteiramente se devotaram. O sangue que verteram vae regar a terra que lhes foi hostil e preparar pela fecundação uma abundante colheita d'almas.

Morreram? Embora! Mas venceram.

Por isso é que eu dizia que os grandes patriotas, que no Porto fizeram estalar uma revolta, levados pela alta ideia de fundarem a Republica portugueza, não soffreram a derrota das cousas que ficam perdidas.

A monarchia venceu, mas não definitivamente.

Foi uma victoria ephemera que, por isso, não a engrandeceu. Apenas conseguia demorar por mais algum tempo o violento deboche em que se vêm refocillando todos os bens apaniguados, n'um egoismo sordido, profundamente ruinoso para o país.

A par d'este desabar d'um regimen que vae perdendo os ultimos restos de vitalidade, a ideia republicana vae recrutando os seus proselytos, conquistando consciencias, chamando a si todos aquelles que não cabem no ambito estreitamente apertado d'um passado que já não logra impôr-se ao espirito moderno, por estreitamento atrazado e incompativel com as tendencias que actualmente avassalam as consciencias.

Não ha que duvidar: o futuro é da Republica.

Para a realizarmos, o que urge é dar vida aos nossos esforços e entrar n'uma nova phase de actividade, que seja pelas suas rasgadas affirmações um contraste com o abatimento e a desorientação em que temos vivido n'estes ultimos tempos. Respondam todos unanimemente aos apellos que ultimamente se teem levantado na imprensa republicana e prepare-se definitivamente o combate que tem de decidir a favor da nossa causa.

A. de Carvalho.

MALHEIROS e LEITÃO

Acabo de receber agora do Brazil, dentro dum envelope aberto, um cartão Bristol, no qual leio, em letras impressas a ouro, os seguintes dizeres: *Augusto Rodolfo da Costa Malheiro e Rita Moraes da Costa Malheiro participam o seu casamento.*

Um grande numero de jovens leitores não saberam talvez já hoje quem é a pessoa a quem corresponde este nome: Augusto Rodolfo da Costa Malheiro.

Pois é simples. Esse comprido Augusto Rodolfo da Costa Malheiro é o alferes Malheiro, *tout court*, como ficou sendo conhecido depois da revolta do Porto um joven official de caçadores que, apenas saído da escola de Mafra, caía de improvisos nos azares da sedição, que não lhe havia de dar a victoria.

Passaram se doze annos. A revolta do Porto, mesmo para a imaginação daquelles que se encontraram levados na aza desse grande pé de vento, apparece já como o primeiro e remoto capitulo de um já muito longo romance e aqui está porque eu, ao receber hoje do Brazil essa noticia de boda, tive a impressão de que era emfim ao ultimo capitulo que chegava e que, com esse casamento, se encerrava a contento de todos, como nas novellas de Dumas pai, est'outra novella em que tantos de nós tivemos uma capa, uma espada e alguma coisa a dizer.

Certo é que o tempo, a dispersão, e o esquecimento dissolvem de tal maneira os factos, que elles perdem por fim a sua mesma significação e ficam sendo um grande numero de coisas ao mesmo tempo, ao sabor da nossa fantasia.

O casamento do alferes Malheiro apparece-me com um successo novellesco. Se eu proprio muitas vezes me surpreendo a pensar se os nossos exilios e os nossos destellos, os carceres onde passamos horas de melancolia, as amuradas dos barcos que nos levaram para longe, e as nossas fugas, os nossos homizios, os nossos esconderijos não teriam sido episodios de novella!

Se a nossa sociedade não soffreu nenhuma das perturbações que tentamos provocar com o alarido dos nossos protestos e das nossas incitações, se o incendio que procuramos atear não queimou afinal senão os nossos dedos, se após tantos riscos, vivemos e temos prospera saude, se do sangue que derramamos não ha mancha, nem das

nossas feridas cicatrizes, se os nossos nomes, saídos do olvido, para o olvido voltaram, e estamos intactos no mundo intacto, quem nos impede de pensar que sonhamos?

O capitão Leitão dá-me o prazer de frequentar a minha casa.

Pois bem! Quando vejo entrar esse homem pela porta dentro, não posso escapar á apprehensão de que elle é um personagem de romance, porque não ha visivelmente razão para que, tendo sido capitão em 1890, não seja coronel, ou tenente coronel em 1903, a não se demonstrar um cataclismo social que não se produziu, e quando lhe aperto a mão e me despeço delle, a minha impressão é a de que elle vae recolher ao seu quartel, que é talvez caçadores 2 e que fica aqui perto.

Quando, no dia seguinte, me volta capitão, não o comprehendo bem senão depois de uma demorada e penosa reflexão.

E' que, como eu disse, o tempo, a dispersão, mas sobretudo o esquecimento, dissolvem. Uma nevoa, cada vez mais densa, vae, dia a dia, envolvendo o passado. Por fim, uma luz que deslumbrou é apenas uma estrella distante que se apaga.

Quem? Quem se lembra?

Emfim, o alferes Malheiro casou. E' um fim. Começou muito novo. Tem ainda diante de si uma longa estrada a percorrer, antes que chegue á idade em que o homem se declara vencido.

Mas este pobre official, este pobre capitão d'outra, que já não era moço na idade da sua grande aventura, e começa a estar velho! Para este, é a vida destruida.

Fatal destino o dos revolucionarios, que, mesmo quando vencem, sãm vencidos!

Vencidos, subterra-os o esquecimento. Vencedores, excommunga os a injustiça e a ingratião.

Foi a sorte de Blanqui, que não venceu nunca, nem mesmo quando pareceu ter vencido.

Blanqui é a encarnação do espirito revolucionario, sempre derrotado. Quando pareceu elle vencer? Em 1848, depois das perseguições da monarchia liberal e das provações cruéis do Monte Saint Michel, onde jazeu prisioneiro longo numero d'annos. Pois bem! No dia do seu triumpho, Blanqui recebia o maior golpe da sua vida e a revolução, que elle servia, manchava o de deslealdade e traição. Em 1848, sob a republica do generoso Larmarine, Blanqui era accusado de ser um espião de policia.

A sua nova victoria desenha-se depois, em 1871, e em seguida a vinte annos de prisão consecutiva nos presidios de Belle-le-sru-Mer e nos carceres de Santa Pelagia. A republica não é já, como por esse tempo dizia Castellar, esse «enphemero meteor» que apparece e desaparece dos horisontes europeus. E' uma estrella e fixa-se no ceu dos idealistas e no firmamento da politica.

E' a hora de Blanqui? Não! Blanqui nunca teve a sua hora.

Proclamada a republica do sr. Thiers, Blanqui regressa ao carcere, velho, decrepito, inferno, e dez anneos se passaram na vigencia dos principios que o indomavel revolucionario constantemente vinha reivindicando desde as barricadas de 30, sem que elle abandonasse o carcere! A Republica manteve sob prisão o seu velho defensor, dez annos consecutivos.

Grande mancha foi esta para a Republica franceza, mas não menor a gnal foi tambem do sistematico fracasso do espirito revolucionario, que a mesma revolução trata como inimigo.

Os revolucionarios tem os seus dias contados. A sua vida chama-se — derrota. Os seus triumphos são incendios em que elles proprios se queimam e que logo se apagam.

Aquelle que alguma vez sonhou o Estado da sua phantasia não o realizou nunca. O que ambicionou o poder, nunca o teve senão transitoriamente, para cair d'elle com estrondo.

De resto, se os revolucionarios foram sempre os precursors do progresso, os fundadores das situações progressistas foram sempre os seus inimigos. Assim, na sua grande fala aos parlamentares da republica de 73, Castellar o consignava n'um dos mais bellos rasgos oratorios da sua vida de tribuno.

O judeu S. Paulo fundou o Cristianismo; o monarchista Washingtons fez os Estados-Unidos; o monarchico Rivadaria creou a confederação republicana da America do Sul. Rousseau não fez a Revolução, como nenhum

propheta executou as reformas que pregou, como o mesmo Moysés não entrou na Terra Promettida.

Os que concebem as grandes ideias não são os mesmos que as applicam.

Quem inventou o estandarte da autonomia hungara? O republicano Kosuth. Quem a realizou? O conservador Deak. Quem pregou a emancipação dos servos russos? Dois republicanos: Rylef e Herten. Quem a realizou? O imperador Alexandre. Quem foi o paladino da unidade italiana? Mazzini. Quem a fez? O conservador Cavour. Quem iniciou a unidade allemã? Os republicanos de Francfort. Quem a levou a cabo? Um cesarista: Bismarck. Finalmente, quem despertou a ideia republicana em França? Blanqui, entre muitos outros. Quem consolidou a Republica? Um conservador: Thiers.

E' o espirito revolucionario condemnado a não conhecer nunca as glorias do triumpho.

A' ideia Revolução liga-se a ideia — infortunio.

No tão eloquente drama de Ibsen — «Um inimigo do povo», Madme Stochman diz a seu marido que volta a anda apedrejado pela populaça — que não comprehendeu as suas ideias de justiça — e com as suas calças rasgadas:

O homem verdadeiramente prudente nunca deve vestir umas calças novas quando sai para rua afim de defender a liberdade e a justiça.

Este excellente e querido capitão Leitão não viu apenas as suas calças, mas toda a sua existencia dilacerada. A revolução rasgou o todo, por fóra e por dentro, e deu-lhe o destino fatal aos revolucionarios: o esquecimento e a injustiça.

Passados doze annos sobre o acto de insubmissão que o condemnou ao voluntariado do sacrificio, elle perde-se de tal maneira nas brumas do passado, que a mim proprio, que o vejo todos dias, se me affigura não o conhecer.

Não pertence á vida. Pertence ao romance, e a um romance que está lido.

JOÃO CHAGAS.

Coisas vistas e ouvidas

Eu já tinha percebido que elles traziam um segredo grande e andavam com vontade que lho eu perguntasse para o dizerem só a mim.

Fingia que os não percebia, ria-me.

Um dia encontrei o João de Menezes aos Arcos do Jardim.

Fui ao cavaco com elle, teimei que viesse comigo para a baixa, ao que elle respondeu que não podia; porque tinha que ir para a instrução militar, e olhou para mim a vêr se eu estava no segredo.

Tomei o ar de quem sabia tudo. Elle então disse-me que tinham espingardas e que vinha um sargento do 23 ensiná-lo.

E, ás objeções que eu lhe fazia a rir, inflâmava-se para dizer que eram armas verdadeiras, das boas, das que tinha o regimento, e que elle estava quasi prompto da instrução.

Eu sorria, e não podia deixar de admirar aquelle rapaz, que eu conhecia tão fraco e tão doente, e a quem aquelle enthusiasmo sagrado transformava dando-lhe o ar dum homem forte e corajoso.

Tinham me tantas vêses contado coisas assim, com aquelle mysterio e a certeza de um triumpho que eu já lhes não dava crédito; mas fingia acreditar, porque gostava de os vêr sempre no mesmo enthusiasmo, sempre crentes. Limitava-me apenas a pedir-lhes que guardassem segredo, que o não dissessem a ninguém; porque podiam deitar tudo a perder...

E não me faltava na verdade medo de que elles se compromettessem, na coragem dos inexperientes sem vantagem para ninguém.

Parecia-me que elles andavam a viver um romance de cavallaria, cujos episodios iam creando dia a dia.

Pouco tempo depois, um amigo meu contou-me que tinha sido convidado para uma reunião para os lados do theatro de D. Luis.

Fôra. O aspecto da rua traía uma conspiração, e seria necessária a imbecillidade lórpa da policia portugueza, para não desconfiar daquelles vultos, romanticamente embuçados, sumindo-se todos pela porta aberta da mesma casa.

E commentava o meu amigo, que para se não poder enganar nem mesmo uma menina com prática de romances, não faltava um episodio caracteristico,

até empanavam o brilho da lua grossas nuvens, que corriam á pressa pelo céo, a fugir do vento que uivava frio e gelado.

Entrou com os outros. Dentro reinava o enthusiasmo mais delirante. A revolução ia fazer-se, o resultado era seguro.

A's suas duvidas, que todos extranhavam, respondiam com o enthusiasmo que se via bem sincero.

E contava-me o meu amigo que passára aquella noite, em claro, sem poder dormir, a chupar cigarros.

No dia immediato num jornal de Coimbra saía um artigo, em que se respondia indirectamente ás suas duvidas e se extranhava que fizesse perder a coragem aos outros, quem devia ser o primeiro a animar enthusiasmos.

Via os a gente trabalhar, andar naquella enthusiasmo generoso e gostava de os vêr, sem poder acreditar que tam cedo fossem postos a tam dura prova.

Um dia subia eu a rua de *Entre-Collégios*, quando senti que alguém que vinha atrás de mim, precipitava o passo para me alcançar.

Não me voltei. Quando chegou perto, poz-me a mão no hombro e chamou-me pelo nome, comprimentando-me.

Era o João de Menezes.

Vinha, disse-me elle, muito depressa, para jantar; porque tinha rebentado a revolução no Porto e elle tinha de ir com outros cortar a linha telegraphica e destruir a linha ferrea.

Não acreditei.

A' noite, no theatro, não se fallava noutra cousa.

Com grande espanto meu, vi que homens, até então os mais intransigentes monarchicos, diziam sem pejo deante de mim que a revolução tinha sido o fecho necessário e legitimo dos desvarios dos governos da capital, e terminavam por afirmar que sempre haviam sido republicanos, e que em Portugal não havia ninguem que o não fosse.

E olhavam para mim a vêr se eu confirmava o dito, com ares de quem me desafiava a contradizel-os.

Eu andava espantado sem perceber. No dia immediato, contava-me o José Falcão que fôra procurado pela manhã por um professor da Universidade, que lhe affirmára a sua fé republicana, e ficára para vir á tarde para fallar mais devagar.

Não fôra. Perdera o dr. José Falcão o tempo a esperar-o.

Tinham chegado cartas e jornaes, e soubêra o biltre que a revolução gorára. Viêra a tomar logar, para as primeiras nomeações da Republica.

Outro professor, e dos mais graduados, corrêra na manhã do mesmo dia para um de nós, muito amavel contra o seu costume, os braços arquearem num abraço, as mãos estendidas, o olhar malicioso illuminando a face vermelha de alegria, dizendo que tinhamos feito muito bem, que a revolução se impunha, que nem nós sabiamos as grandes pouca-vergonhas que iam pela administração publica, que haviamos de ficar admirados se elle nos constasse metade das patifarias que se tinha visto obrigado a presenciar para não ir contra amigos que os outros respeitavam; agora felizmente estava tudo acabado...

E terminou perguntando nos numa recriminação doce, porque não tinhamos feito mais cedo a revolução.

A' tarde, encontrámo-lo, e, mal nos avistou a distancia, coseu-se com um muro, e foi dar uma volta para não nos passar ao pé.

Boa alma!

Correram os dias.

O Maia levava-me para o campo a passear, sempre a ouvir-me com o cuidado que elle põe em não me fallar nunca no que me traz triste.

O campo parecia-me mais alegre, da alegria que a gente encontra ao sol, quando sae pela primeira vêz dum quarto de lucto.

Nos comboios, que passavam por nós, viam-se os rostos desasocegados dos soldados, na apprehensão duma guerra proxima.

Corriam os wagons cheios de cavallos olhando tristemente para o campo tam largo, tam verde já.

Fallavamos baixos, como convalescentes duma doença grande.

E foi num dia desses, que eu ouvi dizer gravemente a um homem douto que a revolução tinha sido precipitada, que o país não estava preparado, que se fosse a cabo teria sido a nossa ruina.

Fôra este mesmo, que dia antes me dissera que a revolução era o remate forçado da corrupção dos governos monarchicos...

OS ESTUDANTES REPUBLICANOS DE COIMBRA E O 31 DE JANEIRO

Notas dum revoltado.

Formámos, em Coimbra, um grupo revolucionario, autonomo e de vida bastante isolada, no meio do partido, mas não constituímos, propriamente, uma escola politica. Tivemos caracteristicos os processos de organização e de propaganda, foi bem nosso o cunho de indisciplina barbara que mantivemos, mas pouco mais. Não defendemos ideias novas, ou titubantes ainda. Proclamámos a velha ideia bem desenhada e definida, que se chama a Republica.

A pequena hoste, que o desalento já mais fundiu, parecia uma haste cortada da Tavola-Redonda e plantada no terreno árido d'um seculo egoista. Haste um pouco mirrada, porque o sólo era barbaço, mas desabrochando candidamente num lyrio rubro.

Romanticos e mysticos, parecia que vinhamos d'uma noite de pesadelo, á procura d'um ceu risonho de chimera. Dir-se-hia que eramos fiéis do templo de Galaaz, perdidos no meio da astucia d'um seculo incerto,—sem a longa espada brunida, sem a armadura reluzente, mas no cerebro o mesmo retalho de sonho e no peito o mesmo fogo indomito.

Sim! esse mesmo fogo que tem alastrado na Historia, ás vezes toldado pelo fumo, ás vezes desnordeado pelo vento, a que o destino das coisas tem ás vezes mudado a cor, como se fosse uma pyrotechnia de magia num arraial tragico,—mas sempre a mesma chama divina que deu alma ás velhas trovas, que deu fé, em Aljubarrota, á bandeira dos namorados, que pôz as estrophes d'um canto novo nos labios generosos dos visionarios de 20, que teve um lampejo,—lampejo derradeiro? —na espada do alferes Malheiro.

Idealistas, com aspirações de alma communs, unidos na mesma espira nevrotica de sonho fugidio e lucilante, pôde dizer-se que a vida de revolta vivida na promiscuidade dos mesmos impetos decidiu em nós muito temperamento titubante e formou muito caracter em todas as suas peças.

D'ahi veio a tenacidade de resolução que, em todos os actos da vida, muitos ficaram manifestando, quer pela indisciplina barbara, quer pela lealdade romantica de cavalleiros altivos...

Nunca o braço se erguia para dar um golpe, sem a outra mão desabotoar a camisa, desnudando o peito ao ferro do inimigo. (1) E a independencia de caracter foi sempre tão grande que alguns parecia a rubrica morbida de organismos degenerados. A bella flor ideal, que dentro de nós medrava, queria-se autonoma; sem o orvalho da piedade, da clemencia ou da protecção dos outros. Que vivesse só por si, e se não podesse, que seccasse. Deixa lo. Feita pó, ainda voaria pelo ar,—ultima aza de sonho, viagem de atomos, restos ultimos da grande chimera...

Historiando.

Alves da Veiga, dias antes da revolta, tinha passado em Coimbra, com direcção a Lisboa. Foram alguns estudantes fallar-lhe á estação velha, e elle prometteu entrar em Coimbra, á volta. Assim foi.

Eram já vespuras da revolução, que saíu, como se sabe, precipitadamente, na madrugada de 31 de janeiro. Andavam circulando, vagos e confusos, boatos de sedição e em Coimbra os espiritos estavam bastante aquecidos.

Conferenciaram com elle, numa casa da rua da Trindade, alguns estudantes, entre os quaes Silvestre Falcão, Lomelino de Freitas e Fernando de Sousa. Alves da Veiga mostrava-se muito esperançado num movimento breve e dizia que em Lisboa, donde vinha, as coisas estavam bem. Conspirára lá com varios officiaes e trazia noticias animadoras da visita que, uma noite, fizera a um regimento. O país estava salpicado de elementos revolucionarios, a tensão dos espiritos era grande, e, se alguma coisa imprevisita não viesse perturbar a marcha dos

acontecimentos, a revolução estalaria, num praso curto, dizia.

Deixou uma cifra para a communição revolucionaria entre Coimbra e Porto, e pediu, com interesse, a collaboração revolucionaria da mocidade academica.

Depois, foi fallar com José Falcão, que, ainda nessa epocha, estava isolado, fazendo propagandas, mas alheio a machinações revolucionarias. Não era canção, nem desalento. Era aborrecimento. O grande caudilho tinha-se deitado á beira da estrada, por onde avança a legião dos revoltados, á espera que passasse alguma phalange que levasse, nos seus cantos de guerra, uma estrophe heroica. Essa phalange tinha surgido, pelo ultimatum, impetuosa, quasi delirante. Passou-lhe ao pé e acclamou-o; mas José Falcão deixou-se ficar. A sua estatura era grande de mais para se pôr a pé, dum pulo, para se erguer dum salto. Era preciso que algum Deus lhe estendesse a mão do Olympo, auxiliando-o. Esse Deus appareceu, realmente—o Deus que vela pela sorte tragica dos vencidos, e que estendeu o seu manto de piedade e pureza sobre as victimas do 31 de janeiro.

Antes da revolta, porém, José Falcão estava alheio a todos os movimentos de conspiração. Fazia doutrina, somente, sendo, por essa epocha ainda, um templario, a passear, agitado, na solidão da sua nave. Só mais tarde é que afivelou a armadura de guerreiro épico, com que baixou á sepultura.

Não sei bem o que se passou entre José Falcão e Alves da Veiga, mas o que é fóra de duvida é que Alves da Veiga não conseguiu comunicar o seu entusiasmo ao glorioso revolucionario, que, conhecedor, como ninguém, dos homens e das coisas, tinha conseguido, em largos annos de meditação, imprimir aos seus raciocínios um alcance quasi prophético.

Fallaram durante uma hora, e parece que José Falcão radicou a sua opinião pessimista na falta de harmonia entre as forças do norte e as do sul; na ausencia dum homem de prestigio, que assumisse o commando da revolução; na falta de dinheiro, preciso para occorrer ás contingências duma guerra civil; e nas poucas probabilidades de triumpho, que tinha essa revolta, destinada a explodir, em fogachos isolados, por varios quartéis alé, sem unidade talvês, talvês sem cohesão para juntar todas as chammas numa lavareda unica.

Alguns dias depois, ouvi dizer a José Falcão:—«Imagine se, nem um pataco, talvês, em cofre! De maneira que, a estabelecer-se uma scisão entre o norte e o sul, hypothese mais do que provavel, as forças republicanas, ao mobilisarem se sobre o sul, tinham de lançar uma contribuição de guerra ás povoações que atravessassem, o que, desde logo, faria arrefecer o entusiasmo pela causa dos revoltosos».

A attitudé de José Falcão, perante a revolta, foi, pois, e pelo menos, de desanimo absoluto e de duvida, e talvês o tivesse sido, se é que o não foi, de reprovação formal, se elle, conhecedor da engrenagem conspiradora até ás suas peças mais miúdas, lhe tivesse podido medir melhor o alcance. Não sei.

Mas o que sei, todavia, é que José Falcão não impulsionou o movimento, temendo contribuir para um desastre, nem o approvou, receiando dar o prestigio do seu nome ás responsabilidades dum lance irreflectido.

Assim como sei que José Falcão, espirito extraordinario de abnegação e lealdade, desde o momento que a revolução sahisse para a rua, logo seria com ella. Não lhe soffria o animo estoico e cavalheiroso que os soldados da sua bandeira batalhassem no meio das ruas, e elle ficasse, no seu isolamento, alheio á sorte dos companheiros de armas.

O politico separava as suas responsabilidades das daquelles que instigaram o movimento; mas o homem de coração, na hora do combate, apparecia, para morrer ou triumphar com elles.

Nós, os estudantes, impetuosos e

moços, iam mais longe, mas nem por isso alimentavamos uma confiança cega. O nosso temperamento estuante e juvenil tambem temia um desastre; somente nos faltava a decisão fria para integrar as condições de exito nas contingências da lucta.

Todavia a nossa attitudé, nos dias que precederam a decisão tomada, nas vespuras do 31 de janeiro, não foi tão incondicional como isso.

Um dia, dezoito ou vinte dias antes da revolução, fui convidado, por um cavalheiro de Coimbra, para uma conferencia, numa casa da rua do Norte, em casa d'aquelle saudoso João Peixoto, o leal e honrado companheiro a estas horas, já, tão moço, descansando no cemiterio, á sombra d'um renque de buxo!...

Fui. Estavamos, além do cavalheiro referido, sete ou oito estudantes.

Aquelle tirou do seu bolso um grosso masso de cartas e leu periodos extensos de cada uma d'ellas. Tinham todas data recente e eram assignadas por sargentos. Eram communições revolucionarias; dando conta do bracejar da revolta por alguns corpos do norte e tambem do sul de Portugal. Quasi todas traziam, nas affirmações de quem as assignava, a expressão categorica das tendencias sediciosas da totalidade, ou, pelo menos, da maioria dos sargentos dos corpos respectivos.

Nalgumas, havia phrases sonoras, de grande sabor romantico: «amigo! a patria reclama o nosso sangue; a patria será servida»—«Camarada! pelas communições que aqui temos, o paiz é um vulcão». Outras terminavam por uma invocação á *Marselheza* «que dirá por essas ruas o que nos vae no coração e nós não sabemos dizer». Etc.

O que se via, pelo tom singello e ardente d'aquellas cartas, e pelas adhesões que la se garantiam, é que a revolução ululava ao longe, ainda nas vibrações surdas de quem procura encobrir-se, mas denunciando já, em cada trejeito, a paixão que o animava. Positivamente, não ia fóra do bom senso aquelle sargento que dizia ser o paiz um vulcão...

O cidadão promotor da conferencia, (C.) após a leitura das cartas, estendeu-nos las para lermos, por delicadeza. Agradecemos, mas não era preciso.

Perguntei então:

—Em primeiro lugar. Não vejo aqui alguns dos estudantes mais em evidencia no grupo republicano, e que, pela sua intelligencia e pela sua energia, se tornam imprescindiveis. São, além d'isso, os homeus de mais prestigio e sympathia na academia, e, portanto, a sua collaboração é indispensavel. A seriedade dos presentes, que conheço de velha data, garante-me o proposito leal das suas intenções, mas peço que me esclareçam.

Esclareceram-me, e, sobre todos, o estudante Malva do Valle, que tinha sido o intermediario para aquella conferencia.

—Na verdade, disse M. do Valle, faltam aqui esses academicos, e nós somos os primeiros a reconhecer o seu alto valor. Mas esses nossos collegas depositam todas as suas esperanças no novo directorio, a cuja eleição demos o maximo impulso, e temem que o movimento planeado no Porto seja, apenas, um impeto mal contido, e peor dirigido, d'uma indisciplina de caserna.

Todavia julgo o contrario; e conhecedor por informações do cidadão que promoveu esta conferencia de que o movimento é inevitavel, lembrei-lhe que o convidassem e aos restantes academicos presentes para receberem os esclarecimentos que lhes estão sendo dados, e, para, depois de tudo ser pesado friamente, fazerem ver a esses nossos camaradas que não devem trepidar em dar a sua adhesão, porque o movimento é fatal e todas as boas-vontades se devem unir para o tornar viavel.

O cidadão C. confirmou e encareceu o valor dos elementos que havia.

—Os regimentos do Porto, explicou, estão minados; o de Coimbra, conhecem os senhores-a sua attitudé; pelo paiz alé, a sedição entrou em quasi todos os quartéis, e, pelo que diz respeito aos elementos civis, que

entraram na conspiração, sabem vv. bem o seu numero approximado e o seu valor moral.

Tomei então, a palavra e resumi as minhas impressões.

—Aquelles que temem que o movimento projectado seja uma incontinencia d'armas sahida com ruido, mas sem cohesão, dos quartéis, temem com justa razão. Não sou d'aquelles que olham com repugnancia uma revolta feita por sargentos; mas pertenco ao numero dos que receiam as *sargentadas*. Eu me explico. Uma revolução, se tem de ser militar, o que é sempre perigoso, tanto se me dá que seja feita por sargentos, como por officiaes. Em qualquer das hypotheses, ha inconveniencias que se compensam. Os officiaes dão á revolta mais unidade e mais prestigio, mas, em compensação, a sua espada pôde perverter la com mais facilidade. Os sargentos, sem a força moral que vem das divisas, nem a *pose* cstenensiva que resalta da investidura, poderão dar um golpe incoherente e tumultuoso, mas que não será regulado pela ambição pessoal, nem feito adrede para levantar, nos escudos da revolução, algum heroe, meio tyranno, meio pelintra.

Uma revolta de officiaes, em resumo, será mais capaz de triumpho; mas uma revolta de sargentos será mais capaz de abnegação. O caso está em que haja gente de pulso e de criterio que dê o molde para a obra que os sargentos hão de talhar com o gume dos seus sabres.

No caso sujeito, acredito plenamente na sinceridade da revolta dos sargentos. Elles bem sabem que nenhum interesse lhes advirá do feito d'armas que vão praticar, e, todavia, mostram-se decididos para a defeza da patria.

Além d'isso, alguns officiaes, ainda que não muitos, entram na conspiração, e o facto de elles se lançarem na revolta, assim isolados, prova a honestidade do seu proposito.

Mas o que temo, é que o elemento civil que, superiormente dirige a revolta, não seja sufficientemente forte para dominar a agitação, se ella se prolongar, dementando se; e que a nação appareça retalhada pela guerra civil.

E' a minha primeira duvida.

Depois, ha a considerar que o norte e o sul estão separados. A revolta estala no Porto, mas fraca será a sua repercussão em Lisboa. Ahi temos nós com probabilidade, a serie de feitos tragicos que costumam caracterizar as chacinhas fratricidas.

Eis a minha segunda duvida.

Por ultimo temos a notar que demos, aqui, em Coimbra, toda a força ao novo directorio, (1) favorecendo-lhe a eleição, pelo manifesto que publicamos. (2) O directorio trabalha para uma revolução, que procura fazer harmonica e invensivel, e que sahirá para a rua com todas as probabilidades de exito.

De fóra que nós, indo agora na corrente revolucionaria que o Porto quer lançar, arriscamos nos a correr um desastre, enfraquecendo, além d'isso, a outra corrente que o directorio procura estabelecer.

Eis a minha terceira duvida.

Em face de tudo isto, pois, a minha attitudé é a mesma do S. Falcão, do F. Vieira, do A. Barreto, etc. E' uma attitudé de mera expectativa. Nem digo que sim, nem que não: Devo dizer-lhes, porém, que seguirei, sem trepidar um segundo, a sorte das armas insurrectas, se o lance revolucionario se executa; e, mais do que isso, se me convencer de que o movimento é inevitavel, dar-lhe-hei todo o auxilio do meu impulso.

Mas, por agora, entendo que devemos esperar os acontecimentos.

Estas minhas palavras motivaram uma discussão quente, mas por fim assentamos nisto: deixar ver no que as coisas davam...

Trago estes factos, não para chamar a mim as honras d'uma attitudé, sem duvida sensata, mas positivamente valente, que, de resto, já estava delineada por outros, mas para mostrar

(1) O directorio Christo-Arriaga, que succedeu ao directorio Elias Garcia.

(2) O manifesto academico dos 122, publicado em novembro de 1890.

que não andamos, á doida, em revolta pelo prazer de guerrear.

Passados dias, Alves da Veiga vinha a Coimbra, e davam-se os acontecimentos que deixo referidos lá para traz. Desde então, reconhecendo que a revolução era fatal, todos, á uma, deliberámos secunda la, correndo o risco das armas. Para isso trabalhámos com todo o entusiasmo da nossa mocidade e a mais alta vibração dos nossos nervos.

Nunca calculámos que a revolução viesse tão depressa, mas, prevenindo todas as hypotheses, pozemo-nos em campo.

Continuámos os exercícos com a espingarda Kropatschek, e unimos mais, fortificando-a, a nossa organização secreta.

Havia dez ou doze dias, tinhamos tido uma grande reunião, junto á Penitenciaria, á meia noite. Juntámo-nos sessenta e tantos. A nossa organização estava feita em grupos, com subsecções, o que dispensava os grandes agrupamentos. Mas, daquella vez, reunimos quasi todos, em massa, para trocar impressões, por luxo guerreiro...

Podémos ver, todos, entam, que a nossa phalange estava unida e decidida.

Por esse lado, pois, não havia muito que fazer. O regimento de infantaria 23 vinha para a rua, sem uma sombra de duvida. As nossas relações com alguns sargentos eram solidas e cordaes; conheciamos bem a topographia do quartel e alguns de nós tinham, um dia, entrado no covento de Sant'Anna, onde está o paiol, de noite, saltando pelos muros, a estudar terreno.

Estavamos inteirados...

Só nos faltavam armas, mas essas viriam do quartel, na noite da revolução; e, como sabiamos manejar a Kropatschek, a difficuldade estava resolvida.

Assim se passaram alguns dias, numa anciedade...

No dia 30 de janeiro, á tarde, no comboio do norte, sem ninguém o esperar, chegou a Coimbra um emissario de Alves da Veiga, com uma carta para Silvestre Falcão. Era a noticia de que a revolução sahiria na noite que ia seguir. Pedia para estarmos a postos, e recommendava que só sahíssemos em armas, quando chegasse um telegramma seu, com a formula combinada. Recommendava isto, dizia, para evitar impulsos temerarios (1).

Foi passado aviso, e ás 10 horas da noite, na casa onde moravam Silvestre Falcão, Augusto Barreto, Guilherme Franqueira e Fernando Brederode, aos Arcos do Jardim, estavam reunidos setenta e tantos rapazes.

A primeira coisa que se fez foi nomear um directorio, que ficou, pela opinião unanime dos presentes, constituído por Silvestre Falcão, Pires de Carvalho, Augusto Barreto, Barbosa d'Andrade e o auctor destas linhas. Depois, foi-se alugar o telegrapho, que ficou por nossa conta, até de manhã.

Como estavamos combinados, para uma acção commum, com os republicanos de Coimbra, participamos-lhes o que se passava. Dois delles, Rodrigues da Silva e Pedro Cardoso, foram aos Arcos do Jardim, e assentou-se, lá, no seguinte: como o telegramma vinha dirigido a Silvestre Falcão, mal elle se recebesse na Alta, logo se passaria aviso para a Baixa. Depois, lá se uniriam a nós sahindo quando, pelas ruas, em direcção ao quartel, se ouvisse o alarido da nossa marcha. Havia, antes disso, alguma coisa que fazer, mas só estudantes o podiam executar, porque só elles estavam, para esse fim, em combinação com os sargentos.

Assim se deliberou.

Eu e outro academico fomos á Baixa fallar com um sargento, que, informado ao escurecer do que havia, ficou

(1) Conheciamos pouco a letra de Alves da Veiga e a carta, por ser escripta á pressa, certamente, parecia um pouco deformada. Chegámos a desconfiar duma traição. Dissemos ao emissario que tinha de ficar em refens, até que chegasse o telegramma promettilo. Uma crancieca. Quem falsifica uma carta tambem falsifica um telegramma. Tratámos muito bem o homem, e, mais tarde, quando chegou R. S. demos-lhe liberdade. O prisioneiro, que tinha jantado bem e dormido melhor, foi-se embora, achando graça a tudo aquillo.

(1) Chegavamos a proclamar principios de lealdade morbida e doentia. Barbosa d'Andrade, que é um rapaz de espirito, disse um dia: Nos' ainda passamos á historia com este titulo honorifico: *tripulantes do brigue Leal-pade*.

em dizer, lá para o meio da noite, se surgia algum contra-tempo que prejudicasse o plano concebido.

Eram 11 horas, ou perto d'isso. Chegámos ao pé do quartel, e a rua da Sophia estava quasi deserta. A sentinella, dentro da sua guarita, fugia á aragem cortante da noite. Mais além, um policia, de cachimbo nos dentes, passeava indolente, com as mãos nos bolsos, e, lá para o fim da fachada do quartel, a porta semi-aberta d'uma tascinha deixava sair um clarão e um leve rumor de vozes.

E' boa! Em nenhuma das janellas apparecia signal de que algum esperasse. Mas, de repente, vimos um clarão baço e vacillante atravessar de chapinha numa vidraça.

— Pist! ó...
Uma cabeça á janella:
— Quem é?
— Tudo bem?
— Tudo!
— Entã o combinado?
— O combinado...

Voltámos aos Arcos do Jardim, e o directorio reuniu no quarto do Silvestre, a deliberar.

Fóra, nos quartos dos outros habitantes da casa, ia um ardente rumor de vozes.

Eram setenta e tantos rapazes, em cavaco, sem preocupações, tomando aquillo por uma assembleia geral da academia, conspirando ás claras.

Informei do que tinha dito o sargento, d'uma janella do quartel, minutos antes, e o directorio pôz a questão em termos breves.

A revolução fazia-se concordámos, com uma simplicidade notavel. Os officiaes não desconfiavam de nada e dormiam, como de costume, em suas casas, espalhados pela cidade. Quando muito, um ou dois ficariam no quartel, mas esses, quando acordassem, tinham de se resignar a esperar, numa abstenção forçada, o destino das coisas.

A revolução, pois, era dum exito seguro. Limitar-se-hia a um passeio militar, acompanhado a vivas e saudado a palmas. Se o regimento era por nós, que temer? A guarda fiscal? Mas essa estava muito minada, e havia, lá dentro, quem se entendesse com os sargentos do 23. De resto, se sahisse contra nós, um ligeiro combate liquidaria a questão. Quanto á policia e ao commissario nem fallar nisso... Se se fizessem finos, teriam o incommodo de entrar para a esquadra, ás coronhadas.

Restava traçar o plano e assegurar meios d'ordem. Mais nada.

O plano era simples e impunha-se. Mal chegasse o telegramma de Alves da Veiga, iriam doze ou quinze, á parte posterior do quartel, descendo a ladeira do Pio. Lá receberiam armas e munições, que viriam entregar. E, em seguida, todos, de espingarda ás costas e cartuchos nos bolsos, atravessaríamos a cidade, descendo por Quebra Costas, seguindo pela Calçada e Visconde da Luz, até ao quartel. Ahí, uma manifestação ao regimento, que, á voz dos sargentos revoltados, viria para a rua, em sedição. Depois, seria o que Deus quizesse...

Quando o movimento se tivesse affirmado, sem duvidas, iriamos, com os republicanos de Coimbra, depôr tudo nas mãos de José Falcão.

O grande democrata, tendo conhecimento, horas antes, de tudo por Silvestre Falcão e João de Menezes, havia, espontaneamente, posto o seu esforço ao serviço da republica, apesar de prever um terrivel desastre. Tal era a sua alma leal.

Mais tarde, disse-se que havia pessoas ingitadas para governador civil, commissario de policia, etc. Falsissimo. José Falcão é que, depois, tinha de fazer tudo.

Quanto a assegurar meios de ordem, após o triumpho, seria facil, porque a honestidade dos revolucionarios era d'isso garantia absoluta. Em todo o caso, não ignoravamos que o banditismo aproveitava os momentos de confusão, para manchar uma causa, e ficou assente que poríamos em campo toda a nossa actividade, para evitar, o mais possivel, qualquer desmando.

Assim deliberou o directorio. Quando sahimos do quarto, onde se effectou a reunião, um estudante, de cujo nome agora me não recordo, lembrou que, dado o caso de se não tomar uma medida preventiva o exito da revolução era deverás duvidoso.

— O regimento, dizia, está conhecido, mas pôde voltar-se. Os officiaes dormem espalhados pela cidade, e alguns, perto do quartel. E' natural que, acordando com o estrepito insurreccional, venham para a rua, tentando do-

minar os soldados. Sabe-se o prestigio dos officiaes sobre a massa anonyma da soldadesca, a face das coisas pôde mudar-se, e nós sermos fuzilados por aquelles com cuja camaradagem contámos.

Para resolver este inconveniente, lembrava o academico referido a seguinte solução: Irem dois ou tres estudantes para a porta de cada official, pelo menos dos mais conhecidos como valentes e de patente mais elevada, embargando lhes, muito serenamente, o passo, se quizessem sahir. Depois de as coisas aquecerem, deixavam-se em paz. Os restantes estudantes iriam para a frente do quartel, a incitar o regimento.

Estas palavras clararam. Para aquillo se dar era preciso que esses officiaes fossem destemidos, mas podia dar-se, porque nós sabiamos dalguns que eram valentes.

Silvestre Falcão, porém, refutou, desde logo. 'Achava o plano sensato, mas parecia-lhe perigoso.

— Nós vamos, argumentava, impedir a sahida desses officiaes. Mas algum mais impetuoso e violento pôde, muito bem, tomar o expediente de puxar pelo revolver e defacha-lo sobre o grupo que lhe rondar a porta, para lhe impedir a sahida. Nós temos de lhe responder a tiro, de revolver tambem, e ahí apparece um assassinato ou uma serie de assassinatos a manchar a revolução.

O melhor, pois, é caminhar temerariamente, lançando o exito da empreza aos azares da guerra.

Concordámos em toda a linha, saboreando o requinte sentimental daquelle attitude...

Era o velho habito de correr aventuras na nossa linda galera romantica. Como não fomos ao fundo, é que eu não sei...

Reunimos na sala do jantar, todos os que cabiam lá dentro, e os restantes fóra nos corredores e quartos proximos.

Tomou a palavra Augusto Barreto. Discurso breve e sem pose, a que elle imprimiu, e desde o principio, se bem me recordo, o cunho romantico das fallas revolucionarias: — cidadãos!

Expoz, com minudencia de traços, o plano concebido, e, depois, num rapido movimento oratorio, fez um appello ao brio de todos, para o triumpho da empreza.

— Se não temesse, terminou, chorar a coragem de quem me ouve, daria de conselho que, para a nossa audacia ser mais impetuosa, partissemos da hypothese que todos lá ficavamos, atravessados pelas baionetas, ou pelas ballas. A coragem só é grande e verdadeiramente destemida, quando, animada pelo estoicismo, se não preoccupa com a vida.

Houve um momento de silencio, em que os animos passados mergulharam na contemplação mystica do ideal, tantas vezes sonhado. Dir-se-hia que algum deus invisivel tinha vindo entornar, sobre as nossas cabeças, o vaso immaculado, em que uma generosa chimera soffrêra a fermentação heroica do sacrificio.

Todas as frentes estavam pallidas. Não tremia um unico labio, bem serenos estavam os rostos; mas quem fosse palpar aquelles corações, veria como elles batiam agitados, como se á pressa quizessem mandar o sangue pelo corpo além, como receio de que as balas, ao atravessarem-nos não encontrassem sangue bastante para verter, em holocausto á divina ideia, que ia, affim, ser materializada num triumpho ou num desastre.

Sim, ia, affim, ter logar o nosso noivado com a patria.

Estranhas nupcias essas, em que a patria avançava para nós, estremunhada e pallida, como se viesse dum tumulo, na frente uma corôa de espinhos, em logar da corôa de flores de laranjeira, desgrenhada e convulsa, como as virgens medievae, nas contorsões do hysterismo, e no olhar o traço heroico que devia ter animado o olhar desse moço rei, que, um dia, em Africa, lhe abriu, na areia em brazas, o tumulo épico!

Estranhas nupcias essas, em que nós caminhavamos para a noiva ideal, agitados e delirantes, os labios em fogo para o grande beijo casto, os olhos em chamma para o olhar meigo profundo, que bebe a alma de quem fita, na communhão da mesma alegria, ou da mesma dôr!

(1) Não tenho bem a certeza. Creio, todavia, que foi Silvestre Falcão.

Estranhas nupcias essas, que iam ter—quem sabe?...—o seu leito de noivado, no sólo vencido!...

Em breve, porém, passou este momento recolhido e silencioso. Decorridos alguns segundos, conversava-se com ruido, com se aquella reunião de rapazes, alguns ainda imberbes, fosse um acampamento de homens d'armas, de ha muito habituados a jogarem a vida no taboleiro da guerra.

— Mas, então, a que horas sahimos?
— Quando chegar o telegramma.
— E quando virá elle?
— Lá só para a madrugada, talvez...

Passados minutos, chegou do Porto um emissario, R. S., com uma carta de Basilio Telles.

Essa carta, escripta em estylo sereno, rompia pela phrase triumphal: *alea jacta est!*

Appellava para o nosso patriotismo e revelava, em cada linha, a mão austera que a escrevera.

Em nada destruiu as recommendações de Alves da Veiga, para esperarmos indicações telegraphicas, e sellava mais uma vez, e com força, a sympathia que nos unia a Basilio Telles, o sympathico moço, que a um caracter de aço reúne um talento raro.

Esperámos e desesperámos. Pela madrugada fóra, uns dormiam, repousando os nervos cansados; outros cavaqueavam.

Da estação telegraphica não vinha noticia e era manhã clara, sem o telegramma chegar.

E como havia elle de chegar, se o telegrapho do Porto, a essa hora, estava nas mãos da monarchia...

Debandámos.

Quando, em casa de Silvestre Falcão, apenas restavam alguns, desalentados, adquiriu-se a convicção plena de que a revolução se debatia nas ruas do Porto. Mas era tarde já, para sahir. Estava tudo disperso, e, depois, quem sabe?, talvez fosse uma loucura tentar a revolta, aquellas horas. Naturalmente, racionámos, a revolução agonizava, ao nascer, e nós iam os augmentar o desastre, cavando mais o abysmo.

Mas o que é certo é que, se estivessemos todos, provocaríamos, ainda, o combate, já difficil á essa hora da manhã clara, em que as ruas se começavam a povoar e em que, no quartel, seria impossivel uma sublevação em fóra.

Sahimos, os poucos que estiveram até este momento.

As arvores do Jardim ramalhavam num susurro brando, batidas pelo vento fresco da manhã.

De noite tinha chovido, e, no céu escuro, esfarrapavam-se nuvens, numa indolencia desfeita...

Pires de Carvalho e eu fomos para a Museu, onde eram as nossas aulas. Como era cedo e tinhamos de esperar, encostámo-nos ao paredão, ao fundo do largo—olhando para as bandas do Porto, a interrogar o espaço.

Soprava uma aragem fina, que excitava os nossos corpos lassos e arrancava, aos galhos seccos das arvores, notas miudas e desoladas; a cidade, envolta n'um ligeiro manto de nevoa, soltava o rumor bocejante d'um corpo preguiçoso, que accorda; o rio, enraivado, revoltava-se, n'uma cascata, lá ao longe, no Choupal; e, no céu amplo, no céu em concha, nuvens, pesadas como esquadões, pareciam avançar, na indifferença da disciplina, para as contingencias d'um assalto.

— O que terá havido, lá, pelo Porto?...

— O que terá havido, santo Deus?...

De repente, das bandas do quartel, sahio um toque de clarim, que poz em alarme o nosso ser. Era um toque banal e sem brio, que parecia soprado, por um peito cansado, num clarim partido. Dir-se-hia o canto dum gallo estremunhado, com bater de azas, na solidão duma charneca.

— O que será?

O que havia de ser... um desses toques, sem expressão e sem alma, que regulam a dinamica dos quartéis...

Os nossos olhos voltavam-se para o Porto, a ver se, no farrapo do céu que o cobria, apparecia um reverberio de fogo, e os nossos ouvidos bebiã as vibrações do espaço, procurando, n'alguma dellas, um rumor da insurreição, que estava batalhando nas ruas.

Era um estado doentio das nossas almas, com as allucinações dos organismos cansados.

(1) Inda hoje se não pôde dizer quaes as razões por que tal convicção se apoderou do espirito.

— O que terá havido lá, pelo Porto?...

— O que terá havido, santo Deus?...

O dia seguinte passou-se numa commoção anciosa.

Silvestre Falcão e eu fomos a casa de José Falcão, dizer-lhe o que havia. Contámos-lhe tudo.

Era a primeira vez que eu lhe fallava, e, apesar de o saber de saude precaria achei que o seu corpo estava quebrado de mais. José Falcão tinha estado a pé, toda a noite, e, doente como era, sobreviera-lhe o canção. A alma, porém, estava fresca e vigorosa, e, através do brilho morbido, do brilho de noite perdida do seu olhar, fuzilava alguma coisa estranha, que nunca mais lhe vi.

Dissemos-lhe que a revolução tinha positivamente sahido, e, manifestámos o proposito de secundar o movimento, com energia, se elle triumphasse no Porto. Se fosse vencido, seria já tarde... Em todo o caso, os acontecimentos diriam...

José Falcão concordou, e incitou-nos com enthusiasmo, a dar aos revolucionarios a solidariedade da lucha.

— Mas cautella! dizia, olhem esses enfurecidos, que costumam apparecer, á ultima hora para assassinar e roubar.

— Descance v. ex.^a. Faremos tudo para impedir que algum assassine ou que algum roube. Seremos complacentes e seremos energeticos. De fóra nenhuma faremos chacina, mas tambem não faremos idyllo...

E, em verdade, assim seria. Referindo-se Arnaldo Bogte, passados dias, á pureza d'intenções que nos animava, disse-me: Afinal consolemo-nos; fomos vencidos de facto, mas triumphámos de direito, porque quando, se é honesto como nós, a derrota não é tão amarga que nella não haja um pouco de triumpho...

Ao meio-dia, era rota, em Coimbra, a noticia da revolução; mas ninguem sabia o seu resultado.

As duas horas da tarde, fomos á estação, á passagem do comboio do norte, e alguns passageiros informaram-nos, com profusão de palavras, chegando nós á convicção de que a revolução tinha sido batida.

As nossas communições com o regimento achavam-se interceptadas e os officiaes estavam a postos no quartel.

Ao escurecer, reunimos numa casa do becco das Esteirinhas, onde moravam João de Freitas, Germano Martins e Victor de Deus; o directorio e alguns estudantes mais. Os restantes foram para o Pio, affim de estarem a postos para qualquer revolução, embora pouco provavel, e, sobre tudo, affim de evitar ajuntamentos, fóra da cidade. Foi mais um subterfugio do que uma estrategia!

Estavamos desanimados; mas, no fundo do nosso desespero, luzia ainda uma esperanza: — Quem sabe?...

Esperava-se, com anciedade, a chegada do comboio, que, do Porto, passava em Coimbra, ás sete e tal horas da noite. Podia ser que viesse algum, com noticias...

Não nos enganámos. Basilio Telles veio e foi ter connosco á casa em que estavamos.

Rodeamo-lo effusivamente.

— Entã que ha?

— Tudo perdido, soppinho eu. A revolução, a estas horas, deve estar esmagada, e os revoltosos, que fizeram da camara uma cidadella, terã tentado a fuga...

— E entã?

— Vinha ver se era possivel organizar, aqui, uma legião audaz, que cahisse sobre o Porto. Talvez tudo se salvasse ainda...

Aquella bella alma continuava com esperanças...

— E' impossivel, dissémos-lhe. Nós, os estudantes, pelo menos, iamos, com prazer. Dos republicanos de Coimbra, nos acompanhariam, tambem alguns. Iamos daqui á Pampilhosa, a pé, e, lá, com as armas á cara conseguiríamos entrada no primeiro comboio, se no-la não quizessem dar de outra fóra. Mas para isso era preciso haver armas, e nós não as temos. Deviamos receber-las, hontem, do quartel, mas não as fomos buscar. A culpa foi de quem fez depender a nossa sahida de uma ordem telegraphica. Se nos tivessem dito: «A revolução é em tal dia e a tal hora», teriamos a republica em Coimbra, a estas horas, e poderiamos marchar sobre o Porto. Assim não pôde ser.

(1) O commissario de policia, Pedro Ferrão, gabou-se, mais tarde, de ter descoberto a reunião no Pio, e de salvar a monarchia, impedindo uma bernarda, no 31, á noite, em frente do quartel.
Basilios do iracundo bacharel em leis...

Demais, ha uma hora que um sargento, no quartel, fez estardalhaço, dando vivas á republica. Isto mais prejudicou as coisas, lá dentro, e os soldados, que, hontem, sahiriam, á voz de alguns sargentos, estão hoje contidos, dentro da ordem e da carta, pelas divisas dos officiaes.

Em todo o caso, discutamos, a ver...

Discuti-se, apresentaram-se alvitre.

Lembrou um, Augusto Barreto, se se bem me recordo, que fossemos, ás doidas, ás cegas, para a frente do quartel, incitar o regimento. Mas este alvitre foi rejeitado, porque era uma temeridade sem equal. Outros opinaram cousas varias. Tudo, porém, foi considerado inaceitavel.

Deliberou-se, por ultimo, que se lançasse uma proclamação, pelas ruas, incitando á insurreição!...

Era a vontade de fazer alguma coisa, espaçando a brutal desillusão da derrota.

Não encontrámos typographia que a quizesse imprimir e tambem, valha a verdade, não nos importámos, muito com isso.

Comprehendimos bem que tudo o que fizéssemos era apenas o prolongamento da agonia.

Basilio Telles sahio no dia seguinte, de manhã, para o Porto. Foi acompanhado por João de Freitas, até Gaya. Lá sahio e nunca mais soubemos delle a não ser do exilio.

Elle foi e nós ficámos, conhecendo pela primeira vez na vida, o travo da hora tragica dos vencidos...

ANTÓNIO JOSÉ D'ALMEIDA.

A REVOLUÇÃO DO PORTO

Por fórmulas diversas e actos diferentes, expondo argumentos de ordem scientifica ou evocando a sagrada razão da defeza dos interesses materiaes e moraes da Nação, tem sido cabalmente justificado o movimento do 31 de Janeiro, loucura extranha e épica a destacar brilhante no pôdre viver da nossa terra e do nosso tempo.

No entretanto, quer essa gloriôsa jornada,—tã calorosamente saudada, por um povo inteiro, nos seus homens e aspirações, ao primeiro abalo de triumpho, quão acremente censurada na derrota, posta a fumegar a gamella onde a monarchia distribue a ração aos seus servidores,—representasse uma heroica e extrema tentativa de salvação pública, quer fosse apenas o lance romantico para a substituição dum regimen usurpador da dignidade humana; por uma fórmula nova de direito politico,—a revolução do Porto encontra a sua justificação cabal, honrada, gloriôsa e altiva na história desgraçada, vergonhosissima, da vida sordida de trações, assaltos e roubos do regimen constitucional nos últimos doze annos.

E' preciso não esquecer que a revolução do Porto, quaesquer que fossem os impulsos de generosidade que a determinaram, prestou ao País, num salutar exemplo, este inolvidavel e relevante serviço: — desmascarou um regimen de ficções e de mentiras.

Desfivelou a mascara hypocrita aos lacaios, que desrespeitando tudo, proclamaram lei o arbitrio, e revelou-nos em toda a sua nudez a grandeza do poder pessoal do Rei, unico nesta miseravel terra de vendidos.

O poder pessoal dum rei de quem Junqueiro disse: Pobre D. Carlos!

Que havia de elle dar, — mediocridade palurdia, já aos vinte e cinco annos atascado no cebo dynástico, nas banhas brigantinas! Alma? Bem alma, não; quasi pequena differença: lama. Uma inversão de duas lettras, ligeiro lapso, cuja emenda é esta:

Viva a Republica!

ARTHUR LEITÃO

RESISTENCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS FEIRAS

Editor

MANUEL D'OLIVEIRA AMARAL

Redacção e administração, ARCO D'ALMEDINA, 6, 2.º andar

Officina typográfica

12 - RUA DA MOEDA - 14

N.º 772

COIMBRA — Quinta-feira, 5 de Fevereiro de 1903

8.º ANNO

Contra a reacção

Successos occorridos no Porto dão a nota flagrante do triumpho do clericalismo, apoiado pelas autoridades na sua obra de insólita provocação e de nefasto predomínio.

Confirmam-se as nossas previsões de sempre: a reacção, suppostamente batida numa escaramuça sobretudo espectacular, volta a campar dominadora, com o arrego provocante de quem nada teme.

Após esse clamor de guerra que sacudiu o país, de norte a sul, numa desordenada convulsão; volvido esse periodo agitado que, se trouxe a publico affirmações duma alta sinceridade, deu também ansas ás exhibições hipocritas e quixotescas dum liberalismo furtacões, medroso e beato, a reacção açacalou as suas armas e preparou a vindicta.

E é já no Porto — tamanha a confiança na sua força! — nessa cidade que tantas vezes invoca, com legitima ufania, as suas tradições de hostilidade ardente á corja dos roupêtas, que essa vindicta se affirmou, disfarçada e rancorosa, sob a protecção insultante das autoridades e com o acquiescente silencio dos elementos liberaes.

Sempre clamámos que a guerra ao clericalismo se não fazia com o jogo facil dos logares communs inflamados, em assembleias de pacatissimos e virtuosos burguezes: nem com as tiradas sonoras dos jornaes, destacando em letras gordas: nem com representações conspicuas e commissões de apurados cavalheiros, praticando o liberalismo como é uso praticarem a caridade — por *chic*: que a sua lucta, de momento declarada, finalisaria sem ter obtido exito perduravel, se acaso não definisse o propósito duma campanha larga, intelligente, tenacissima, buscando numa educação ampla e livre o exterminio da influencia clerical.

Volvidos tempos, extinto o rumor dessa lucta, aquilato o valor dêsse protesto, ahí temos de novo a corja reaccionária a lançar-nos a luva, impudente e audaz, cascalhando risadas desdenhosas sobre a nossa evidente derrota, tranquilamente acoitada até celebrada na caverna dos leões onde, pensava-se, jámais lhes seria possível fazer ninho!...

E não só lá, que por toda a parte ella se espalha, á vontade, sem resistencias de qualquer natureza, na presurosa recolta de adhesões á santa causa da Igreja, de que ella é, a corja, o exercito escolhido...

Encarou-se mal o problema: por isso o movimento falhou. Mal dirigido, com os poucos sinceros, muitos especuladores a engrossar a grita, a desvirtuar os acontecimentos, a obstruir o caminho, era de facil previsão o desastre a que derivou.

A breve trecho, os liberaes que constituíam as ligas, as juntas, as

uniões, esses varios nucleos emfim que, pelo país fóra, se dispenderam em sessões solemnes e luminárias nas datas faustosas da *epopeia* liberal, tinham que desarmar, forçados pela sua adscrição a um regimen que evidentemente acamaradava com os roupêtas.

E desarmaram, e foram para casa penitenciar-se d'aquella imprudência de se metterem em fôfas com a gente difecta de Roma, que só para se darem ares fingiam odiar.

O aspecto politico da questão, de que se queria, a toda a força, abstrair, resaltava impositivo, mais uma vez, accentuando-se a necessidade ineluctavel de alargar o protesto, combatendo poderes que nos appareciam, história em fóra, secularmente abraçados.

Por força desse abraço de protecção estreita, o movimento anti-jesuítico, tal como surgiu, devia baquear.

E baqueou.

Quando appareceram os rapazes da academia do Porto com o seu programma das *escolas livres* e de toda uma larga propaganda de superior orientação, viram-se abandonados, traidos, suspeitados nas suas alevantadas intenções, lorpamente injuriados por graúdos crentinos e alentados velhacos.

Os resultados dessa campanha, que elles quizeram tomar como favorecedor ponto de partida para uma mais larga obra de libertação intellectual e moral, ahí estão tristemente affirmados na fórmula por que a corja reaccionária nos desafia e insulta.

Para estes successos chamámos a attenção de todos os sinceros liberaes portuguezes, incitando-os a uma propaganda vigorosa e tenaz, por todas as fórmãs, em todos os momentos, escapando ás representações das autoridades aliadas da reacção, resistindo á guerra surda, odienta, que quem quer lhes intente.

Outros protestos serão improficuos. Pedir aos governos que façam respeitar as leis cujo desprezo elles fomentam e cujo ambito elles audaciosamente reduzem — é evidentemente uma loucura.

De resto, o regimen e a reacção devem-se serviços preciosos.

E não se trahem assim amigos velhos...

Miudezas

Afirmam jornaes que o sr. Mattoso dos Santos realisou um supprimento de 500:000 libras em condições onerosas com a Companhia dos Tabacos, compromettendo se a renovar com ella o contracto.

Ora fazem favor de nos não accordar com taes ninharias, sim?

O Pó-pó regenerador...

Fez exame de instrucção primaria, no dia 22 do passado Janeiro, o sr. Antonio José Vieira, por *alcunha* o Pó-pó regenerador.

Veio para isso uma portaria especial, que o promove também, em vista das suas provas, a *tiro livre*, distincção merecida, pois que o Pó-pó progressista não tem exame elemental.

A instrucção está com o governo...

Manifestação academica

31 DE JANEIRO

Os estudantes da Escola Medica do Porto, commemorando a data da revolução republicana de Janeiro, depuzeram no monumento aos vencidos uma palma com esta legenda:

Sangue de vencidos — semente de luz — germinal

Nobilissima e consoladora affirmação a d'estes rapazes que não esquecem os que n'uma madrugada heroica se bateram por um ideal de liberdade e de justiça, e que trazem ainda á algida serenidade d'esta hora de agonia degradante o calor dos seus protestos vehementes e o divino fulgor das suas candidas esperanças!

Quantas vezes, na desesperação em que as nossas almas laceradas se estorcem, temos olhado com ansiedade febril a mocidade das escolas, como a prescrotar se para alguma valorosa, redemptora lucta, ella se arma. E tão habituados estamos a ver que tudo de banda e tudo se subverte na mesma indiferença e na mesma cobardia, que uma manifestação assim, de almas novas pulsando na ancia d'um grande ideal, deixa no nosso espirito esmorecimento novos alentos.

Sangue de vencidos — semente de luz — germinal

Sim, hade germinar, se todos vós, meus bellos luctadores, de alma enflorada de radiosas esperanças e espirito ardendo na febre d'um grande ideal, vos lançardes denodadamente na obra da vindicta jusceira...

O' mocidade, ó louca heroína,
Pega na espada, arma a clavina...

Deve realizar se brevemente o *sarau* promovido pela Associação Academica em beneficio do seu cofre.

São representadas duas comédias originaes dos srs. Gomes da Silva e Isidro Aranha.

O Contracto Williams

Enfeixados n'um pequeno folheto, a redacção do *Diario Illustrado* distribuiu os artigos que publicára sobre a celebre negociata Williams, e que pela sua documentação preciosa e brilhante relevo constituiriam inegavelmente um valoroso ataque a essa provadissima tração.

Mais de uma vez, versando o assumpto então em fóca, nos referimos com o louvor merecido aos artigos do *Illustrado*, e hoje só nos resta agradecer a gentileza da apreciabilissima offerta.

Regressou de Lisboa, onde fóra tratar de negócios forenses, o sr. dr. Manuel Dias da Silva, presidente da câmara municipal de Coimbra.

D. Pepe de Miranda

El caballero D. Pepe de Miranda, recentemente nomeado director da Penitenciaria, va reunir em volume a sua serie de conferencias sobre *sociologia criminal*, feitas na delegação belga da *Liga da Paz*, em Sernache.

Com esta publicação presta o sr. D. Pepe não só um elevado serviço á sciencia, concorrendo com as suas luzes para a resolução do grave problema da pena, mas também quebra os dentes á calumnia, sempre prompta a abocanhar o valor das mais altas intellectualidades.

Muito bem.

Foi prorogado até ao fim do corrente mês o prazo para a cobrança das contribuições directas do estado.

Ficou assim justamente deferido o pedido da Associação Commercial desta cidade.

CONFLICTO ACADEMICO

Meus caros collegas:

Dêem-me licença mais uma vez para que na *Resistencia*, e subordinando-os á epigraphe da minha carta anterior, eu opponha — unicamente a titulo de emenda e sem commentarios azedos, — alguns reparos que inutilizam a declaração gaiata do sr. João dos Santos Monteiro, tardiamente publicada no *Diario*, de Lisboa, de terça-feira, 3 do corrente.

Se eu fosse um homem vaidoso, devia hoje sentir a commoção extranha de todos os que triumpham, pois que a desastrada declaração do imbecil sr. Santos Monteiro é a mais alta e a mais estrondosa confirmação das claras e categoricas affirmações do meu anterior artigo.

Comtudo, não me commove a sensação da victoria, alcançada sobre um adversário miseravel e insensato, que eu não podia recer e a quem, desfolhado o *bouquet* do logar commum da sua avariada rethorica, deixei vasia a panoplia para um combate honesto e leal.

E, agora, começo, liquidado o pandego tribuno, a experimentar já o sorriso triste duma enorme e amarga compaixão!

E' que sobremaneira me perturba, penalisando-me, a má fé, a deslealdade e a infamia. — trio canalha em que o sr. Santos Monteiro assenta a miseria da sua defeza de barbeiro, — arma vil que elle apesar de tudo brande como desorientado campeão.

E' um mau official...

Covarde e tolo, lidando em torneios de gente moça, sempre leaes ainda que crueis; covarde e torpe, batalhando na idade em que se traz sempre o peito descoberto aos contrários, para que o coração seja o primeiro a receber em cheio o choque violento de toda a metralha inimiga, — o sr. Santos Monteiro com a sua ridicula declaração atascou se no lodaçal onde impiedosamente o atirei.

O sr. Santos Monteiro não tendo consideração alguma, porque é um pulha, pela dignidade alheia, não me admira que com outros colaboradores puzesse em almoeida o nome e a honra da Academia de Coimbra, tudo esquecendo e sacrificando ao descuidado minuto d'uma aclamação fugaz, cujo ecco fosse repercutir-se na urna de Vallongo.

E, se destituído de senso moral, este aventureiro loquoz não respeitou o brio da collectividade a que pertence, heí de espantar-me por que trocou, como era de esperar do seu *cavalheirismo*, o combate sereno e ativo pela commoda e canalha retirada, por onde se escapam todos os malandrins sem defeza, todos os incapazes moraes e intellectuaes?

Não. Assim, procedem todos os que, impossibilitados de esmagarem as accusações justas e activas dos adversários, são absolutamente covardes para abafar discussões com a solução violenta do conflicto nas ruas.

O sr. Santos Monteiro nos seus recontros prefere *riscar* com uma navalha — velhos hábitos de capoeira, a empunhar uma espada!

Mas o golpe falhou e a sua declaração, tardiamente publicada, nunca é demais repeti-lo! — é o poste deshonroso onde vou amarra-lo, expondo o á execução de todos: — para que todos lhe escarrem? não. Pelo contrario, para que todos tenham piedade por esse desgraçado que moralmente falliu!

Mas eu vou resumir aos limites do indispensavel a extensão dos laços que devem prende-lo á famosa amarra da sua declaração, publicada surretamente na 3.ª pagina do *Diario*, logo a seguir a um reclame de *bailes carna-*

valescos. Na verdade, o sr. Santos Monteiro é um typo de carnaval e eu perco positivamente o meu tempo ao esfrangar-lhe o infeliz arrasado justificativo da sua miseravel attitude nesta contenda, e em que elle declara lançar-me ao desprezo por convenientemente classificado pela opinião publica. Do contrario, viria terçar armas comigo na imprensa ou noutro qualquer campo, porque a outro que não fosse eu, era até capaz de enviar dois amigos.

Tudo isto elle nos vem dizer depois de lhe termos chamado pulha, e em seguida a uma laboriosa e longa gestação de 96 horas, pelo menos. Por fim, desembuchou...

Foi tarde, realmente, e o sr. Santos Monteiro foi o primeiro a reconhecer que vinha fóra do tempo, pois que apesar do proloquio *mais vale tarde do que nunca*, antedatou a sua carta. Fez somente isto, que é um symptoma revelador: o numero da *Resistencia* em que veio publicado o meu primeiro artigo é o correspondente a quinta-feira, 29 de janeiro, que, como todos sabem, sahio na sexta-feira, 30, ás quatro horas e meia da tarde.

Só depois d'esta hora começaram a ser distribuidos e vendidos os primeiros exemplares, mas o pobre idiota que queria enganar o publico, como é seu costume, mostrando-se expedito em tomar deliberações, precipitou-se e estendeu-se: correu á cabeça do jornal e enganou-se. A sua declaração appareceu com a data de 29... tendo a *Resistencia* saído em 30!...

Demais, não se podia comprehender a demora na publicação por parte do jornal, attendendo ao delicado do assumpto... Pobre diabo!

E, assim, ficámos ignorando o dia exacto em que o seu espirito fecundante arrancou das profundezas do seu cérebro aquelle precioso documento, que elle agora é capaz de vir declarar apocrypho...

Tal é a comprehensão que dos principios de honra tem toda a garotada de cujo côro Santos Monteiro é o corypheu!...

Affirma o sr. Santos Monteiro que eu pertenco ao numero dos individuos a quem a opinião publica *classificou convenientemente*. E' esta uma das suas *vagas e ligeiras insinuações* que cada um pôde tomar no sentido que preferir. Por mim, accetto-a com orgulho, pois que a minha vida tem sido tão ruidosamente activa e tão intransigentemente honrada para que eu possa temer uma classificação menos justa de banda da opinião sensata. E tal é a convicção de que posso de cabeça erguida aguardar a classificação da opinião publica, que abro com segurança as janellas rasgadas da minha conducta para que todos possam de-vassar, á vontade, a lucta inquebrantavel em que me tenho mantido apesar de todas as difficuldades, levantadas contra mim, num assédio tenaz em que tenho tido por unica defeza o anteparo da minha pobreza, e da minha humildade. Apesar disso tenho vencido. Mas tenho vencido porque sou convicto; mas tenho vencido porque sou sincero. O sr. Santos Monteiro, que, jámais ha de sentir, ainda que viva um seculo, o que são convicções e o que é sinceridade, sabe-o bem...

Mas ainda que assim não fosse, ainda que eu encarnasse, symbolisando-os, todos os despreziveis pandilhas de que o sr. Santos Monteiro, o pulha, quer fallar, era elle o unico homem impedido de vir lançar-me em rosto esse conjunto de más qualidades, por isso que em 26 de janeiro, respondendo a uma carta minha, que era um desafio, preciso, frio e categorico, affirmava humildemente naquella burlesca gram-

mática luso-brazileira de cuja cultura em Portugal elle tem o exclusivo:

Extranho o tractamento como se me dirige, que não se coaduna com as relações que temos em retido até hoje; como porém v. ex.^a o emprega, de si depende o elle subsistir ou não.

Póde v. ex.^a fazer desta carta o uso que julgar conveniente. Subscreevo-me de v. ex.^a com consideração e admiração.

João dos Santos Monteiro.

Todos os leitores se lembram dessa curiosa carta, publicada no penúltimo número, que fica a attestar a insensatez deste cretino e a segura lo e man te-lo como a grilheta dum forçado.

Deixava-me nella a responsabilidade dum rompimento de relações, subscreevia-se, considerando-me e admirando-me, e vem depois para o *Diário* declarar que me despreza!...

Está certo.

Póde, pois, a opinião pública, que convenientemente me classificou, collo car o sr. Santos Monteiro na série dos *caracteres illibados*, onde fulgura, offuscante em seu medalhão bronzado, a véra-effigie do padre *Pinguinhas!*...

Quanto á hespanholada de enviar dois amigos, a outro que não fosse eu, todos nós, os que o conhecemos, fazemos a justiça de acreditar que o sr. Santos Monteiro é incapaz de enviar, seja qual for o motivo, dois amigos a outrem para a hypothese de se bater.

E muito menos a mim, porque, no caso presente, precisava o sr. Santos Monteiro descobrir duas creaturas honestas, que o cobrissem com a sua responsabilidade, até ao sacrificio de se bater por elle, porquanto um homem honesto não desce a bater-se com um pulha. E eu assim o classifiquei sr. Santos Monteiro, e agora lh'o repito com prazer, se porventura já se não recorda. Vê, pois, que estava impossibilitado de me bater consigo, o que não quer dizer que estivesse absolutamente impedido de lhe corrigir os desmandos de garoto, se porventura houvesse alguém de mediana honestidade que me garantisse existir na sua face vil de varioloso uma extensão sufficientemente lisa, sufficientemente limpa, onde lhe podesse assentar a pita dum chicote.

Vosso correligionário e camarada grato,

Arthur Leitão.

Foi julgado em audiência geral, no dia 31 do mês findo, o ex cabo 3 da policia civil Manuel d'Andrade, que por occasião dos acontecimentos do convénio prostou com uma bala o académico sr. Vasco Quevedo.

Assumi a defeza do sr. dr. Sousa Bastos, sendo o accusado condemnado na pena de 18 meses de prisão correcional e a 1 anno de multa a 100 réis por dia.

O tribunal esteve sempre *au grand complet*, destacando a affluencia de académicos.

A CENSURA

O grande poeta Guerra Junqueiro enviou ao nosso distincto collega *da Voiz Publica*, no dia 31 do mês findo o seguinte telegramma:

Saúdo fervidamente os homens obscuros que em 31 de Janeiro se deixaram matar pelo bem e pela verdade, e lembro ao partido republicano o duplo dever da acção e união, constituindo uma nobre familia moral, um baluarte de luz e de vida heroica, dentro da porcaria abjecta do existente. Não realizar esse dever é cometer um crime.

Pois a censura sustou este telegramma, por o reputar nocivo á ordem, á segurança publica, aos interesses do estado, que para taes casos legisla a disposição regulamentar em que os censores parvojas o deram por incurso!

O facto dispensa commentarios. O existente, mau grado os seus arremedos de força e tranquillidade, afirma assim que se arreceia da menor affirmacão que possa soerguer as consciencias num impulso de fé a illuminar as ao clarão d'uma esperança renascente.

Os corregedores continuam a florescer por esse paiz fóra numa audacia pasmosa. Todos se disputam a gloria de exterminar a hydra, que julgam descortinar no mais inoffensivo incidente.

E que fundamental estupidez, a de todos elles!

Partido republicano

A situação miseravel a que a monarchia nos arrastou, deffrontando-se como irremediavelmente fatal aos olhos de muitos, creou essa enorme massa de indifferentes a quem a suspeita de que todos os partidos seguem a mesma rota, arredou por completo das luctas politicas.

Que todos são o mesmos, diz-se, e ainda aos mais bem intencionados e movidos do mais alto desinteresse a desconfiança atinge, n'esta hora desoladora em que os ultimos liames de solidariedade se quebram e morrem n'um contristivo e ingrato isolamento os protestos dos derradeiros combatentes.

No dobar apersado dos annos a monarchia alienou de si o apoio e a confiança de todos os sinceros e de todos os honestos: ficou-lhe a malta compacta dos preveros sem brios nem coração, sem ideaes nem sentimentos, homens rijos para a defeza desesperada, a todo o transe, cainçada feroz que havia de saber resalvar a gamela.

A vida do regimen, entremetida de corrupções e infamias, de ignominias e miserias, posta ao leo pela insubmissão andaz de uma phalange de heroicos guerrilheiros, provocou no espirito publico uma logica repulsa e preparou protestos vehementes e fecundos.

Mas depois, depois...

Nós, os republicanos, paramos no caminho.

Não soubemos aproveitar o ensejo feliz de accentuar mais e mais o divorcio declarado entre a monarchia e o pais.

Apagado o divino fulgor que illuminou de esperanças os horizontes pesados da Patria nessa heroica madrugada de janeiro, amortecido o desejo quente de vingança que durante tempo nos erguera, num alto impulso de fé, breve nos juntamos e confundimos com a massa, cada vez maior, dos indifferentes, dos desalentados, dos cúmplices.

Foi entam que a monarchia inaugurou a sua obra de defeza á *outrance*, reprimindo todas as manifestações hostis ao seu dominio, perseguindo todos os que guarneciam os reductos contrarios, assaltando todas as liberdades e calcando todos os direitos.

Encontrou-nos desunidos, espalhados, abatidos a sortida cega, odienta, dos janisarios do Terreiro do Paço.

O pouco que nos restava do patrimonio de regalias liberaes conquistado em pugnas ardentes, levou-nos a canilha na sua facil arremetida.

Na situação presente temos, pois, a nossa quota de responsabilidade, que crescentemente se avolumará se não nos resolvermos, urgente e energicamente, a tomar o nosso lugar na politica portuguesa.

Precisamos remover o immenso desalento, a tenebrosa ignorancia, o dissolvente egoismo que se insinuou em todas as classes, que ganhou todos os espiritos, ainda aquellos onde deviam ter guardada todos os bellos e altos ideaes e onde deviam fulgorejar todos os candidos e nobres entusiasmos.

Porque nem só os velhos estão frios, regelados num desconfortador septicismo, os olhos fechados para o enganoso clarão das esperanças; nem só os egoistas e os indifferentes, exercitados na longa experiencia do seu viver abandonado, desdenham os nossos protestos e das nossas queixas: é toda essa mocidade que pr'bi se arrasta, mollemente, nas escolas, affirmando já a sua descrença, a sua ambigão, o seu estreito ideal, que nos aterra em vez de nos animar, que nos enche de sinistras duvidas em vez de nos enflorar a alma de carinhosas esperanças.

Para uma obra de geral levantamento, para uma tentativa de revolução profundissima, é que nós chamamos os republicanos portugueses.

Que se unam, que se organisem, que se disciplinem para mudarem a face a esta sociedade corrupta, immoral, pódre, para levantarem denodadamente este povo de abjectos escravos, eis o que temos pedido aos republicanos portugueses, na confiante certeza de que o seu apostolado havia de ganhar depressa todos os espiritos e todos os corações, reacendendo entusiasmos apagados, revigorando crenças amortecidas, enrijando luctadores combalidos por desilucões cruéis.

E porque um congresso se nos affigure o melhor meio de congregando todos os elementos, iniciarmos essa obra grandiosa, advogamos calorosa mente a sua reunião, e perante as

forças directoras insistimos no nosso alvitre.

Se outro ha melhor, se caminho mais certo e liso que o que temos esportado, existe, não seremos nós que por elle deixaremos de enversar, disciplinadamente, tendo sempre o mesmo fito, demandando sempre o mesmo objectivo.

Contrista-nos extranhamente esta desgraçada situação em que nos encontramos. Desespera-nos a immobildade a que nos foram, agulhoas nos a ancia d'uma lucta ardente em que nos possamos bater com alma.

Vemos tudo a debandar. Os que vem chegando, trazem já todos os vicios, todas as grosselras paixões, todos os torpes sentimentos desta descrepita geração de malandros.

Aproveitemos os elementos sãos, que ainda os ha, de rija tempera, e á gente moça que afflora para a vida inspiremos o culto de todos os grandes principios.

Façamos homens e ressuscitemos para uma vida de lucta os que d'ella fugiram accusados pela força ineluctavel dos desenganos.

Aos republicanos portugueses, aos que são de hontem, da antiga peleja brilhantes, como aos que mais tarde vieram, cheios tambem de juvenil ardor, cumpre abrir o combate e mandar-nos, prestando mais uma vez culto ás generosas aspirações do seu espirito e do seu coração.

Reuna-se o congresso. Seja elle como que uma declaração de guerra, saia d'elle a voz de commando.

Aqui estamos para luctar, e comnosco estão muitos, muitos, a quem desespera esta aegradante passividade.

O nosso illustre collega *Vanguarda* tem ultimamente publicado sobre o partido republicano excellentes artigos, em que a ideia de sua reorganização calorosamente se advoga. A *Vanguarda* acompanha-nos assim, brilhantemente, na nossa campanha, o que sobremaneira nos honra, pela auctoridade que incontestavelmente tem a sua nobre e leal adhesão.

São do seu ultimo artigo estas palavras:

«Urge a reorganização do partido republicano, ou antes, façamos uma revisão de forças que deveremos distribuir convenientemente com a respectiva nota dos encargos e dos sacrificios.

Se para isso é necessario um congresso, vamos ao congresso, dispostos todos a um verdadeiro trabalho de patriotismo e abnegação.

Neste ponto estamos de accordo com a *Resistencia* e com outros orgãos da opinião republicana que no mesmo sentido se tem manifestado.

E não dilatemos resoluções por largos dias.

Façamos o que os interesses partidarios nos aconselham. Reunamos para sancionar com o nosso voto o que está em nosso pensar; para jurarmos, n'um abraço, fidelidade á Republica, e regressemos com a esperança de que a patria confiará no nosso trabalho.»

Sim! Reuna-se o congresso, accorramos todos, todos, a dar publico testemunho da nossa fé, e teremos cumprido um grande, um nobilissimo dever.

Do *Democrata*, do Funchal:

«O anhelho de todo o povo honesto é que antes que os corvos do regimen grasnem a última nénia ao pais moribundo, resurja cheio de vida o partido republicano do tumulo que lhe cavou a monarchia, ora com acintosas e illegaes perseguições, ora com perigosas blandicias e favores.

Mostre que um ephemero insuccesso não lhe abateu a altiva hombridade de preparar o grande dia em que o povo hade pedir contas a todos os responsaveis da decadencia da nação.»

Apezar da *Justiça*, semanário académico, continuar a denunciar ao sr. commissario de policia innumeradas irregularidades e factos graves em que estão implicados chefes, cabos e guardas da policia civil, não nos consta que até hoje se tenham ordenado quaesquer diligencias tendentes a verificar o que de certo possa haver em taes accusações.

Pois já era tempo, sr. Pinto da Rocha,

Pelas letras

Eugenio de Castro — Poesias escolhidas — Livraria Aillaud & C.^a — Paris — Lisboa — 1902.

Theophilo Braga — Quarenta annos de vida litteraria — Typographia Lusitana — Editora Arthur Brandão — Lisboa — 1903.

M. Teixeira Gomes — Cartas sem moral nenhuma — Tavares Cardoso & Irmão — Lisboa — 1903.

Eugenio de Castro, o correctissimo poeta cujo nome marca qualquer coisa de feito contra a rotina, algo de novo e por vezes até de insubordinado a dentro de seu tempo, com a sua forma inovadora que deu azo a essa barulheira dos *nephibatas* que para ali se debateu, se trocou e se foi sem mais, publicou num volume de optimo aspecto e melhor papel, a collecção de suas poesias escolhidas.

Devemos confessar que nos desagrada esse processo de um auctor desatar a rouçar sua seara, com o despreendimento com que é facil desprezar as coisas alheias. Demais o auctor hade ser sempre o peor critico de sua obra e portanto o menos habilitado para a recolta do bom que nella haja. E' doloroso vêr, ou que o artista sentiu tão pouco o que fez, que consente em esquecer grande parte, ou que então é tão desorgulhosamente suspeito do seu valor, que permite, de olhos abertos, que nella se talhem fundos golpes que dilacerando-a, prejudicam na tanto.

E como é possivel separar trechos de obras legitimas, que se o são, devem ser unas e completas, e como tal inseparaveis e inescolhíveis em suas parcelas mais lindas?

Eugenio de Castro, como novo que é, como creador que deve ser, faria melhor se no periodo C da sua vida litteraria (segundo a divisão chronologica do sr. Silva Gayer), considerando algumas suas obras passadas, como realmente o são, intruncaveis, nos des se alguma coisa de mais novo e de mais fresco, que umas poesias escolhidas.

O livro abre por um retrato do auctor que é deveras uma desgraçada lembrança numa obra de poeta. Figura alli, o estheta da *Hermaphrodita* na sua farda de moço fidalgo, com o academico collar ao pescoço, sentado num cadeirão bruto, de lado e desviado para mostrar quasi integro um rico contador sobre que ha jarras e chinesices e um cofresinho tambem. Sobre este fundo de bric-à-brac destaca o poeta, que se gurando numa das mãos, apoiado na perna, o seu chapeu armado, pouso o cotovello direito num dos braços da archiepiscopal e solidissima cadeira e enconstando á mão o rosto, indica com um dedo estendido a raiz do cabelo, e scisma na attitude forçada de quem medita mysterios ante uma objectiva, encolhendo os pés e torcendo uma perna para que resvalando elles para um punheiro plano mais evidente, não resultasse um poeta com pés de lavrador. E' um retrato imponente e estudadissimo á laia d'aquelles que nossos avós escolham, quando offereciam suas effigies venerandas, para a galeria bem-feitora de capitulares salões em confrarias queridas.

Segue-se um prefacio do sr. Manuel da Silva Gayer em que depois de se estudarem as *actividades interiores* do poeta e de o explicar de dentro para fóra se passa á contraprova *vendendo de fóra para dentro*.

Vem emfim alguns bellos trechos do legitimo poeta, alguns desalmadamente distraihidos das obras a que pertencem e intermeados de traduções internacionaes.

Eugenio de Castro é incontestavelmente um poeta e sobretudo um grandissimo estheta, admiravel colorista, sabio de formas e rico de imagens e de tons, por isso custa nos que elle assentisse, que fosse elle até, creio eu, o organisador d'esta sua selecta, que não serve para os artistas, porque a nenhum bastará o pouco que alli ha para conhecer bem o poeta e é pessimo para publico, porque tem o defeito de o affastar do conhecimento integral da sua obra, visto que mais rapida e economicamente pode relancé-la d'alli. E isto é bem pouco pois pensamos que não quiz com esta selecção, Eugenio de Castro, engeitar todo o resto.

Neste livro ha apenas tres ineditos: dois sonetos: *Extase* e *O Teu Nome* é uma outra poesia: *De longe*.

Ousamos portanto esperar que breve uma obra sua, verdadeira e sentida, nos venha afirmar que acertámos ao

julgarmos perfeitamente dispensavel a publicação das poesias escolhidas.

Theophilo Braga, dobrando o titulo de um livro do sr. Alberto Pimentel (*Vinte annos de vida litteraria*) deunos os seus *Quarenta annos de vida litteraria*, que desde já prevenimos são apenas quarenta annos de correspondencia recebida pelo incansavel escriptor. Num prologo *Autobiographia mental de um pensador isolado*, faz elle a sua biographia litteraria e a synthese da sua obra, terminando com o *Plano das obras completas inventario systematico do seu colossal labor que 100 volumes não comportam.*

Logo apoz, Theophilo Braga despejou em 244 paginas o gavetão das cartas — é uma enfadonha agglomeracão, que um indice alphabetico, verdade seja, facilita; ha alli de tudo, cartas laudatorias, criticas, de parabens, de pasames, de apresentacão, congratulações, consultas, perguntas, respostas, agradecimentos etc., etc. Entre isto alguns documentos valiosos como as cartas de Eça, Oliveira Martins, Anthero, Herculanio e outros. E o volume termina por um carta de Emilio Castellar em que se pede *tributo al genio de uma mulher extraordinaria* — a Princeza Rattazzi.

Finalmente temos de occuparmos das *Cartas sem moral nenhuma* de Teixeira Gomes. Ora ahi está um auctor que nos era desconhecido, pois não lemos o seu *Inventario de Junho*, e um livro que nos veio revelar alguma coisa de muito bom em seu genero. As *Cartas sem moral nenhuma* são verdadeiras cartas escriptas a um amigo, pedaços de prosa leve, franca, mas sumamente artistica. O auctor que nos contam um viajante imparavel, é um impressionista de primeira plana, um typo perfeitamente moderno, essencialmente cosmopolita, um cidadão do mundo com uma prosa muito sua, um estylo originalissimo e uma preciosa faculdade de comunicar vida ao dito e sabendo exquisitamente descrever o que viu. Estas suas doze cartas escriptas de Sevilha, de Cadiz, de bordo do Montserrat, de Santa Cruz de Tenerife e do Funchal encerram admiraveis bocados; a descripção da cathedral de Sevilha, por exemplo é um bello trecho de critica artistica. As cartas de Funchal são deliciosas de pittoresco, de imprevisito, de humor. Para elle a hora da partida é talvez na existencia o maio delicioso, exquisito momento, onde tudo é alacridade, gozo, esperança... e ei-lo correndo mundo, á ventura, prompto a sentir bem tudo o que sentivel seja. As vezes foge para a graça e tem graça, vae para o amor e sabe amar, outras, levada pelo seu sensualismo de exaltado a sua prosa é voluptuosa e gososamente requintada. A sua prosa chega onde elle quer, e eis o difficil. Não é um vulgar maçador que a proposito de suas viagens nos faça, baforando vaidade, dissertações historicas roubadas ao *Badeker*, ou buscadas em bibliotecas pesadas que com elle não viajam. Nada d'isso. Teixeira Gomes sente-se agil e despreocupado em caminho, sobraçando o seu estojo de viajante e dizendo nos como vê, mais do que o que vê, e comtudo parece-nos um apurado critico d'arte. Não tem tambem esse ar falso de quem viaja para o contar em livros e que não mexe um pé sem estar pensando na phrase que traduzirá o acto.

No nosso meio tão burgueses e tão acanhado como vulgarmente se diz, é agradável vêr que a nossa raça subtilizada e cultivada, sabe dar-nos tambem modelos d'essa prosa nova, intima, facil ao ouvido mas difficilissima á penna, que lá fóra é mais achavel.

Emfim é um bello livrinho este, amavel no contexto e no commado formado *bolso*, que se lê depressa e por isso mesmo se repete. E ao seu auctor cabe destacar o nas nossas letras, ao lado, talvez, de Wenceslau de Moraes o supremo artista do *Dai-Nippon*, onde os acompanha, de longe, com esse seu ar essencialmente português Alfredo Mesquita em alguns livros escriptos fóra do paiz: *Terras de Hespanha*, *Cartas da Hollanda* etc.

E nós alegramo nos por termos mais um auctor para estimar.

M. N. P.

Em Ventosa do Bairro, concelho da Mealhada, consorciou-se na última terça feira o sr. Anshor Napoleão Correia, 1.^o aspirante dos correios e telegraphos, com a sr.^a D. Laura Navega, irmã do nosso presado correligionário e distincto alumno do 5.^o anno médico sr. Luis da Cruz Navega.

Um futuro de perenne ventura,

Continúa-se a comédia

Este conflicto entre as Academias do Porto e de Coimbra, que uma comesinha Tuna provocou e amoldou ao seu sabor, dir-se-ha terminado; e terminado desairosamente para os estudantes de Coimbra, os quaes, por culpa de se haverem intrometido onde nem os chamavam os seus brios, nem a historia das suas enfraquecidas relações com a tuna, já receberam do Porto uma energica e delicada lição no manifesto, repassado de fria dignidade, que a Escola Médica d'ali publicou ao pais.

E' todavia necessario que algumas palavras se escrevam ainda sobre a questão, antes de inteiramente desvanecida a impressão que ella veio despertar na vida sorna da juventude desta época: em primeiro lugar, para que o successo não seja remetido á tradição, conforme periga, apenas com o rotulo d'uma ligeira dissidência entre rapazes desoccupados, ácerca da utilidade ou da inutilidade das tunas academicas; a demais, para que a origem e o desenrolar deste acontecimento não sejam julgados erradamente, e a falsissima versão inventada e propalada pelos exploradores d'uma popularidade facil não corra mundo e adquira fóros de verdade provada e incontestavel.

Sob qualquer d'estes pontos de vista, é preciso que se diga toda a verdade e que se marque todo o alcance da questão: é preciso accentuar que, se o conflicto aberto foi inevitavelmente e capciosamente generalizado á Academia de Coimbra, de nenhum modo aggravada, por intrusões que assim viram meio azado de satisfazer caprichos e responder a bofetadas que só para elles vinham, esse conflicto trouxe tambem proprio ensino de se patentear toda a assustadora depressão mental que mais e mais vae affectando a já bem combalida e dessorada sociedade portuguesa.

Porque, positivamente, meus senhores: para que o sr. José Eugenio Ferreira, por maior que seja a sua não discutida intelligencia, haja conseguido embulhar a Academia de Coimbra, n'um caso que se apresentava tão claro e comprehensivel, é bem preciso que a mocidade que a compõe, representando o escol de toda a esperança d'um pais, tenha perdido por completo este dom do raciocinio com o qual, segundo se diz, ao Arbitrio do Universo aprouve distinguir os homens dos demais seres da criação! Para que alguém tenha podido levar esta Academia a resolver que pretenderam offender a n'um documento em que altamente a lisonjeiam, é necessario que os últimos lampejos do bom-senso estejam apagados, no cerebro de mais de mil individuos que atamancam ahí, entre romances de Campos Junior e borgas na T' Joaquina, a sua imprestavel existencia.

Isto vem principalmente a proposito d'um artigo inserido ha dias no jornal *Justiça*, d'esta cidade. O que particularmente convem analisar em tal escripto, não é tanto o relato do conflicto, feito no molde da inábil balela que logo sobre elle se teceu, a qual só poderia vingar num meio onde o discernimento falha, e para cuja formação não concorreram pouco alguns dos redactores d'aquelle periodico, como uma picaresca e inopinada historia dos últimos annos da Tuna, tendendo a arvorar em martyr da Liberdade esse gremio d'amadores de musica, suppostamente perseguido, de ha tempos a esta parte, por conspiratas atrocidades da gente... de D. Miguel!

Eu deliberadamente me abstenho de extrahir da affirmacão todo o inaudito ridiculo que ella comporta, com o sr. conde da Redinha a receber da Austria telegrammas em cifra que lhe mandam aniquillar a Tuna, e com a Tuna a implantar na cidade universitaria, entre gaitadas á Carta, o estandarte da revolta; não quero inquirir dos estatutos d'aquella associação, das actas das suas sessões, da historia dos seus feitos, ou da concisão dos seus avisos, convidando a ensaio de rebecas, o que possa haver ali d'apavorante, no que toca ao progresso, em terras portuguezas, do espirito revolucionario immanente: busco tam sómente a tarefa leve de espanejar com a recordação de alguns factos de ha pouco, as teias de aranha que o artigo citado tenta arteiramente urdir na cabeça descuidada dalguns pobres académicos de boa-fé.

Vamos vêr, assim, quaes sejam esses taes elementos reaccionários que, no dizer da *Justiça*, vinham desde longe atacando a Tuna com uma fereza digna de estrondosa punição. Foi ha dois

annos que os estudantes da universidade de Compostella officiaram á Tuna Académica de Coimbra, notificando lhe uma sua próxima visita a esta cidade, em paga da incursão que, pouco antes, essa sociedade musical perpetrara em territorio hespanhol. Estão lembrados de como a Tuna, a qual tinha, para a época, brodio combinado não sei onde, pretendeu, sonogando officios — feia persistência num vicio! — inventando mentrolas, confundindo-se, atrapalhando-se, mettendo os pés pelas mãos, esquivar-se á recepção dos seus collégas e impingir nos só a nós, que não coméramos nem bebéramos em Castellá, á estopada de lhes ouvirmos os discursos. Para isso é que não esteve a Academia; e em assembleias ruidosas impôs á Tuna que ficasse, no meio da mais formal exauctoracão a que em minha vida eu tenho podido assistir. Ficou a Tuna, mas ficou despeitada; embulhou se tudo isto com questões da Associação Académica; cortaram se relações entre as duas collectividades, e entre as duas se declarou a guerra. Foi desta fórma que principiou a tal campanha contra a Tuna; e guiava o ataque, com todos os seus seguidores, porque dirigia a Associação Académica — o sr. Santos Monteiro!

Não se pôde bem dizer que o sr. Santos Monteiro, hoje tam estrenuo defensor da Tuna e ontem ainda seu ferocissimo inimigo, seja precisamente um elemento reaccionario — elle, que tanta vês tem affirmado e affirmá o seu inabalavel credo republicano...

Mas se seguimos os successos e vamos vêr quem são agora os continuadores da campanha, *encapotadamente reaccionaria*, que o sr. Santos Monteiro e os seus amigos iniciaram, entám maior surpresa se nos prepara: porque deparámos com os nomes de Arthur Leitão, Carlos Amaro, Pereira Junior, Celestino David, Alberto Costa, Carlos Mendonça, António Pires, Alvaro Soares, José Montez, com o do humilde escrevinhador que traça estas apressadas linhas, e com os de tantos outros que, em matéria de clericalismo, não accusam sequer no seu passado a missa de todos os domingos; sem contar a revoluçõesinha republicana mais as querellas por delictos d'imprensa que o primeiro traz na bagagem, com os vinte e tantos dias que o segundo desfiou no Limoeiro — por anarchista, meus senhores!

Todas estas coisas fariam tir muito a gente, se não denunciassem a lamentavel escuridão intellectual de quem poude ser embaído num momento, com tam ingénuas patranhas.

Começa agora a reflectir se mais serenamente, e vae tombando por terra todo o fragil edificio de tranquiherias que os despeitados e os necessitados de popularidade manhosamente ergueram. Dirão que se reconsidera tarde. Não é assim. O manifesto do Porto termina por uma tocante declaracão e por um appello honesto á alma da Academia de Coimbra, a quem uma historia cheia de brilho impõe responsabilidades e graves deveres a cumprir na pelea pelas nobres aspirações da Humanidade.

E' sempre tempo de a Academia comprehender que defender ideias, e não defender musicas, é a sua legitima missão.

E quando assim for, aquellas a quem agora ella chama os seus inimigos de dentro, sentirão pela primeira vês palpitar-lhes sob a capa um coração orgulhoso — e marcharão com ella, contentes e felizes, cheios da inexprimivel satisfacão de espirito que resulta de mil consciências batalhando pelo mesmo impulso, na conquista d'uma causa santa e justa.

Annibal d'Andrade.

Meningite cerebro-spinal

No hospital de S. José falleceu, victimado pela meningite cerebro-spinal, o soldado de infantaria 23 José Jacob, de Sernache.

Foi adjudicada ao empreiteiro sr. António Secco, do Almeque, pela quantia de 1:750:000 réis, mais uma parcella do aterramento do Rocio de Santa Clara.

Denuncia o *Comimbicense* que por parte de certos *gros bonnets* da regeneração indigena lhe está sendo movida uma perseguição mesquinha, que se resume afinal em procurar cercar-

lhe as assignaturas por todos os meios e processos.

A *Folha de Coimbra* confirma e commenta o successo vergonhoso.

O inclito D. Pepe de Miranda, no tavel criminalista indeto, vinga assim as referencias pouco amáveis que á sua pessoa e á sua deploravel politica o *Comimbicense* tenha feito, no seu plenissimo direito de critica, e desforça nobremente as suas prosápias illustres, melindradas pela insólita irreverencia.

Mas, D. Pepe amigo, o recurso é lastimavel: é uma vingancasinha com toda a velhacaria e todo o ridiculo dum mercieiro enraivecido.

Não extranhámos o que está succedendo ao *Comimbicense*, que ha muito o *terrivel* nos jurou tambem guerra de exterminio.

Afinal temos medrado, e é o que hade succeder a todos a quem D. Pepe lançar a sua excommunhão maior. Surriada, D. Pepe!

Os alumnos do Lyceu, Joaquim das Neves e Silva, Alvaro de Freitas Corte Real e Luiz Nunes Borges de Madureira foram, respectivamente, transferidos da 3.^a, 4.^a e 6.^a classe para o considerado Collegio Mondego, desta cidade, pela Direcção Geral de instrucção publica.

Para o mesmo Collegio foram concedidas as Portarias seguintes: concedida a dispensa de idade para a frequencia da 1.^a classe da Nova Reforma ao alumno do mesmo Collegio, Joaquim Gualberto da Cunha e Mello, e para fazer exame fóra da epocha legal ao alumno do dito Collegio, Antonio José Vieira.

Recceios justos

Ultimamente do poder judicial tem dimanado decisões que affirmam um alto entendimento da missão austera da justiça.

Um juiz declarou insubsistente a apprehensão d'um jornal e a Relação confirmou o seu despacho: um agente do ministerio publico declarou improcedente a accusação feita pela policia a um outro; e ha pouco dias, um tribunal superior confirmou uma sentença, castigando um agente da auctoridade que abusivamente tinha prendido um eleitor.

Nobres exemplos, tanto mais para registrar quanto é certo que elles vão rareando na propria institucão que se julgara innacessivel á corrupção dominante. Elles justificam os recceios justos dos governos em remetterem ao conhecimento do corpo judicial factos que as conveniencias da sua feroz politica ha classificam de delictuosos, e que estão completamente defendidos pelos preceitos terminantes das leis.

As apprehensões dos jornaes rarissimas vezes são comunicadas para juizo, porque rarissimas vezes ellas seriam declaradas procedentes.

Os governos temem a sua exauctoracão. Apesar de tudo, dos golpes fundos soffridos de ha tempos pela independencia do poder judicial, os senhores do Terreiro do Paço não se atrevem, como observa *O Liberal*, a estabelecer a lei da responsabilidade ministerial.

Que pôde haver juizes desalmados que se atrevam a fazer recta justiça...

Partiu para Lisboa o sr. dr. Carlos Lebre, que ultimamente foi nomeado medico naval.

O Centro instructivo dos *Caixeiros de Coimbra* enviou á *Associação Commercial de Coimbra* um officio pedindo a sua opinião sobre o encerramento das lojas para descanso necessario dos empregados de commercio.

E' um facto ligado á pretensão que os caixeiros do Porto tem perante o sr. conselheiro Campos Henriques de tornar obrigatório por lei especial o encerramento das lojas, que por ora está apenas dependente da boa vontade dos patrões.

O sr. Campos Henriques pediu, como base de uma futura lei, a resposta official de patrões e caixeiros sobre a necessidade do encerramento hebdomadario, o dia que deve marcar-se para o descanso dos caixeiros, e se no districto ou concelho se realiza alguma feira ou mercado ao domingo.

Foram esses quesitos os agora apresentados á *Associação Commercial*, que é de esperar dê um informe favoravel á justa petição dos caixeiros.

Vimos n'esta cidade o sr. dr. Pedro Barboza Sotto-Maior (Azevedo). Os nossos cumprimentos.

QUESTÕES ACADEMICAS

Dos srs. Santos Silva e Julio Abeillard Teixeira, estudantes da Escola Médica Cirurgica do Porto, recebemos a seguinte carta, que gostosamente publicamos:

Sr. redactor do jornal a *Resistencia*. — Pedimos a v. a fineza de publicar no seu jornal a carta que nesta occasião dirigimos á redacção da *Justiça*.

Agradecendo desde já tam grande obsequio, assignamo nos

De v. etc.,

Santos Silva

J. Abeillard Teixeira.

Segue a carta:

Ex.^{mo} sr. redactor da *Justiça*. — No jornal que v. ex.^a dirige appareceu no artigo *Relatando* uma ligeira insinuação á nossa lealdade de proceder, insinuação que não podemos deixar passar sem o nosso protesto. Diz se nesse artigo que os dois delegados srs. Santos Monteiro e Bernardo Polónio que vieram ao Porto preparar a visita da Tuna, fallaram nesta cidade com os signatários desta carta e com outros seus collégas; frizando-se o facto do acolhimento amavel que lhe fizemos, para d'ahi concluir a nossa deslealdade quando, na reunião da Escola Médica, sinceramente confessámos que o papel da Tuna não nos era simpático.

Ora a verdade é que na ligeira paléstra que casualmente tivemos com s. ex.^{ta} não conheciamos sequer o officio que participava a vinda da Tuna e nos limitámos a dizer a esses cavalheiros que naturalmente a Academia devia reunir para resolver esse assumpto; informámo-l os tambem, entám, da hora mais conveniente para se dirigirem á Escola Médica e Academia, no dia seguinte. A conversa derivou depois para coisas varias. De resto, só ficámos sabendo que a Tuna, segundo informações do sr. Monteiro, era composta de bons elementos e que devia apresentar-se brilhantemente no sarau.

Eis aqui, singelamente dito, o que se passou nessa paléstra.

Affirma tambem esse artigo que os dois delegados tinham vindo ao Porto combinar com os elementos liberaes o exito da visita. E' provavel que assim seja: as maçoiquissimas combinações costumam a ser feitas em segredo. Elementos liberaes com que os delegados fallassem, que nos conste, só se fossem os emprezarios theatraes.

Pedindo lhe, sr. redactor, o obsequio da inserção destas linhas, indispensaveis para se constituir a verdade e a justiça, que o jornal que v. ex.^a dirige se propõe defender, assignamos, com toda a consideracão

De v. ex.^a,

mu.^o, att.^o, venerador,

Eduardo Ferreira dos Santos Silva

Julio Abeillard Teixeira.

Porto, 29 de Janeiro, 903.

Foi profusamente espalhado n'esta cidade o manifesto que os estudantes da Escola Médica do Porto publicaram, e pertinente ao ultimo conflicto academico.

E' um documento revelador d'uma alta e vigorosa cultura intellectual, e que fica bem ao lado dos manifestos publicados pela Academia do Porto, em 98, sobre o ensino religioso.

Affirmação desassombrosa de principios, critica serena de acontecimentos, o manifesto dos estudantes da Escola do Porto destaca brilhantemente da vulgaridade charra em que costumam moldar-se os documentos d'esta ordem, de ordinario muito enfiados de phrases sonoras mas totalmente desprovidos de toda a consciante doutrinação.

Em todos os espiritos elle deixou, aqui em Coimbra, uma bella impressão, e só podem affirmar-se descontentes os que esperavam que do Porto caíssem sobre os rapazes de Coimbra arguições violentas, num tom aspero de escandalo...

Desenlace tragico...

Com muito siso escrevia o sollicito correspondente do *Primeiro de Janeiro*, quando, noticiando a publicação da carta do nosso colléga, sr. Arthur Leitão, affirmava

não ser de esperar uma *solução serena ao conflicto academico*, o que era para lamentar.

Pois o sr. Santos Monteiro desfechou com esta honesta declaracão:

«Serenamente duas palavras apenas em resposta ao artigo publicado na *Resistencia* de quinta feira, 29.

O nome que firma o insultuoso artigo dispensa-me de réplica minuciosa.

A outrem que não fosse o signatário dessas injurias, enviaria dous amigos; a elle não. Não se podem terçar armas nem na imprensa, nem noutro campo, com individuos a quem a opinião publica classificou convenientemente.

O auctor do artigo, assignando-o, defendeu-me e justificou-se: eis tudo. E basta.

Coimbra, 29-1-903.

Santos Monteiro.»

Mau, como todos os dramas do *festejado auctor do filho da Prostituta!*

Principiam no dia 16 os exames do segundo semestre na Escola Nacional de Agricultura.

Administracão estrangeira

Varios jornaes se tem referido a facto da reforma do sr. Augusto Fuschini, engenheiro da Companhia Real, facto em que interveio o ministro da França no nosso paiz, contestando com legitimo pezar e procedente indignação, que o governo portuguez tolera e acata em assumptos de administracão interna a ingerencia de delegados dos governos estrangeiros.

O Ministro da Fazenda, apoiado por gregos e troyanos, declarou inconveniente discutir o assumpto no parlamento, inutilizando assim o aviso previo do sr. Fuschini.

Taes successos não vincam no nosso espirito a menor impressão de extraneza. São consequencias previstas, inclutaveis, do regimen de protectorado degradante a que nos submetteram governos de immundos traidores.

Havemos de presenciar mais e melhor.

E só então se comprehenderá a profunda verdade, o nobre desinteresse, a sincerissima indignação com que, em varios momentos criticos, accusaram a malta do Terreiro do Paço aquellos sobre quem se lançavam, de par com infames perseguições, desdens offensivos e torpissimas calumnias.

Será, talvez, tarde para uma obra de salvacão e de justiça...

Foi nomeado para o lugar de amanuense da administracão deste concelho, que já interinamente exercia, o sr. Francisco Rodrigues Nunes.

Mortuária

Falleceu o alumno do 1.^o anno do lyceu d'esta cidade, sr. Carlos Augusto Fernandes.

Tambem ha dias se finou o sr. Manuel Simões Branco, cunhado do industrial desta cidade sr. João António da Cunha.

Realizou-se ante-ontem o funeral do rev.^o Pedro Coutinho d'Albuquerque, professor do collegio de S. Pedro. Foi muito concorrido.

Foram passados no governo civil deste districto, no mês findo, 150 passaportes, sendo 10 para a Africa e 140 para o Brazil.

ANNUNCIOS

SALÃO DA MODA

90 — Rua Ferreira Borges — 94

Artigos de muita novidade por preços sem eguaes.

Diferença 10, 20 e 30 por cento mais barato.

Atelier de vestidos e chapéos.

Na rua da Sophia n.^o 167, ha para vender dois bilhares, um de pau preto, novo, outro de mogno, usado. Ha tambem algumas oleografias.

Consultorio dentario

COIMBRA

Rua Ferreira Borges

Herculano Carvalho

Medico pela Universidade de Coimbra

Automoveis

em segunda mão

(Em perfeito estado de conservação)

Um "Benz", de 7 lugares.

Uma "Vitoirete Richard", 3 ou 4 lugares.

Empreza Automobilista

Portuguesa

COIMBRA

PASTELARIA E CONFEITARIA TELLES

150 — Rua Ferreira Borges — 156

N'esta casa, regularmente montada no género das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos d'esta naturêza.

Doces de ovos dos mais finos paladares e delicados gostos, denominados *dozes sortidos*, para chá e *soirées*, em grande e bonita variedade que difficil se torna enumerar-la.

Doces de fructa de todas as qualidades, de que é costume fabricar-se, tanto em secco, como crystalizados, rivalisar com os extranjeiros.

Pastelaria em todos os generos e qualidades, o que ha de mais fino e saboroso, especializando os de folhado.

Fabricam-se com finos recheios e ovos em fio, peças grandes de primorosa phantasia, denominadas *Centrosde mesa, Castellos, Jarrões, Lyras, Floreiras, Lampreias*, etc., etc., próprias para banquetes.

Pudings Gelados, de leite, deliciosos, laranja, chá café e de fructas diversas, vistosamente enfeitados.

Pão de ló pelo systema de Margaride, já bem conhecido nesta cidade, cuja superioridade é confirmada pelo largo consumo que tem.

Especialidade em vinhos generosos do Porto e Madeira, Moscatel, Collares, Champagne, Cognacs Licores finos, etc. das melhores marcas nacionaes e extranjeiras.

Vinhos da Companhia Vinicola do Norte de Portugal.

Amendoas e confeitos de todas as qualidades, garantindo se pureza dos assucares com que sam fabricadas.

Conservas nacionaes e extranjeiras, chás verdes e pretos, passas, bombons de chocolate, Drops, queijo Flamengo, Gruyère, Prato, Roquefort e outros. Geleia de mão de vacca.

Deposito dos productos da sua fabrica de bolachas e biscoitos na Couraça de Lisboa, 32.

José Marques Ladeira & Filho

Empreiteiros das Companhias de Illuminação a Gaz e Aguas

4 — Praça S de Maio — 4

COIMBRA

Canalisações para agua e gaz

Lustres, lyras, lanternas e candieiros para gaz, machinas de aquecer agua a gaz para banhos, tubos de lona, borracha, latão e chumbo, lavatorios, urinoes retretes e bidets, torneiras de metal de todas as qualidades, cartão e corda de amianto, e borracha em folha.

PREÇOS ESPECIAES EM TUBOS DE FERRO

Fazem-se trabalhos fóra da cidade

AGUA DA CURIA (Mogofores — Anadia)

Sulfatada - Calcica

A unica analysada no paiz, similhante á afamada agua de CONTREXÉVILLE, nos Vosges (França)

INDICAÇÕES

Para uso interno: — *Arthritismo, Gotta, Lithiase urica, Lithiase biliar, Engorgitamentos hepaticos, Catarrhos vesicacs, Catarrho uterino.*

Para uso externo: — *Em diferentes especies de dermatoses.*

As analyses chimica e microbiologica foram feitas pelo professor da Escola Brotero, o ex.^{mo} sr. Charles Lepierre.

A' venda em garrafas de litro — Preço 200 réis

Deposito em Coimbra — PHARMACIA DONATO

4, Rua Ferreira Borges, 6

COLLEGIO
LYCEU FIGUEIRENSE

Instituto particular de educação e ensino

Director, o professor da Universidade

José Luiz Mendes Pinheiro

Rua da Fonte, 58

Os estudos deste collegio comprehendem:

A instrução primaria, habilitando para o exame de admissão aos lyceus.

A instrução secundaria, segundo o plano actualmente em vigor nos lyceus officiaes.

Aulas de gymnastica, musica e pintura.

Admitte alumnos internos, semi-internos e externos.

A matricula continua aberta na secretaria do collegio todos os dias uteis.

O regulamento, ou quaesquer esclarecimentos, podem ser pedidas ao director, na sede do collegio, ou na

Quinta do Paúl, á Praia da Fonte.

REMEDIOS DE AYER



Peitoral de Cereja de Ayer — O remedio mais seguro que há para a cura da tosse, bronchite, asthma e tuberculose pulmonar, frasco, 100 réis; meio frasco, 600 réis.

Vigor do Cabello de Ayer — Impede que o cabelo se torne branco e restaura ao cabelo grisalho a sua vitalidade e formosura.

Extracto composto de Salsaparrilha de Ayer — Para purificar o sangue, limpar o corpo e cura radical das escrófulas. — Frasco 100 réis.

O remedio de Ayer contra sezões. — *Febres intermitentes e biliosas.*

Todos os remedios que ficam indicados sam altamente concentrados de maneira que saem baratos porque um vidro dura muito tempo.

Pilulas cartharticas de Ayer. — O melhor purgativo suave inteiramente vegetal.

TÓNICO ORIENTAL — MARCA «CASSELL»

Exquesita preparação para aformosear o cabelo

Estirpa todas as afecções do craneo, limpa e perfuma a cabeça

AGUA FLOBIDA — MARCA «CASSELL»

Perfume delicioso para o lenço, toucador e banho

SABONETE DE GLYCERINA — MARCA «CASSELL»

Muito grandes — Qualidade superior

A' venda em todas as drogarias e lojas de perfumarias

L. M. LILLY, Engenheiro

Machinas agricolas de toda a qualidade.

Machinas para fiação e tecelagem para todos os tecidos.

Machinas para fazer soda-water, gazosas, gelo, etc.

Machinas para fazer papel continuo, cartão, etc.

Machinas para lavar, engommar e desinfectar roupa.

Machinas de vapor e de gaz, caldeiras e bombas.

Machinas de escrever, de systema YOST.

Correias de pêllo, de couro, de borracha, empanques, etc.

Materias primas de todas as qualidades.

Installações, desenhos, montagens.

Facilitam-se pagamentos.

REPRESENTANTE

JOÃO GOMES MOREIRA
COIMBRA

INCANDESCENCIA



Mangas transportaveis PRIMAS, duzia 1\$000 réis

Bico systema AUER e intensivos, cada de 300 a 400 "

Chaminés de Gena lisas e furadas " " 140 a 200 "

Apparelhos, candieiros e mangas para gazolina, acetylene

e alcool.

Caboreto de calcio, gazolina, benzina e veloxina.

Enviem-se catalogos com os preços sobre pedidos

A. RIVIÈRE

RUA DE S. PAULO — 9, 1.º

LISBOA

FABRICA DE TELHÕES E MANILHAS

Premiada na Exposição de Ceramica Portuguesa, no Porto, em 1882, com diploma de merito; e medalha de cobre na Exposição Districtal de Coimbra, de 1884

Esta fabrica a mais acreditada em Coimbra, em construcção e solidez de telhões, manilhas para encanar agua, siphões para retretes, vasos para jardins e platibandas, balaustres, tijolo para ladrilhos de fornos, tijolos grossos para construcções e para chaminés, tachos para cosinha á imitação dos de Lisboa, etc. — Todos estes artigos são de boa construcção e por

PREÇOS ECONOMICOS

✦ ✦ ✦ Pedro da Silva Pinho Coimbra ✦ ✦ ✦
29, Rua de João Cabreira, 31 — COIMBRA

SILVA & FILHO

FÁBRICA

Fábrica manual de calçado e tamancos e depósito de alpargatas

EXPORTAÇÃO

LUCA

Delicioso licor extra-fino

VINHOS

DA

Associação Vinicola da Bairrada

Grandes descontos aos revendedores

Unico deposito em Coimbra

CONFEITARIA TELLES

150, R. Ferreira Borges, 156

Alfaiataria Academica

AFFONSO DE BARROS

Acaba de chegar a esta casa o eximio tailleur Saturnino F. Grant, ex-gente da Alfaiataria Amieiro, de Lisboa.

Rua Ferreira Borges

COIMBRA

CASA

Aluga-se o 1.º andar da casa n.º 80 na rua da Moêda; tem commodos para uma familia regular, canalização para agua e todos os despejos.

Para tratar com sua dona, rua Sá da Bandeira, 55.

COSINHA POPULAR

Rua da Concordia, n.º 27, 29 e 31

Figueira da Foz

Esta antiga e acreditada casa situa-da num dos melhores locais da Figueira, Junto dos Casinos e a dois passos da praia de banhos, continúa recebendo hóspedes permanentes, por preços commodos.

Fornece almoços e jantares para fóra desde 300 réis.

O Proprietário,

José Maria Junior.

Nova Havaneza

Rua de Ferreira Borges n.º 176

Papelaria, Tabacaria, Perfumaria. Carteiros, malas, caixas de charão, e todos os objectos de escriptorio.

"RESISTENCIA,"

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha, no reino:

Anno 2\$700

Semestre 1\$350

Trimestre 680

Sem estampilha:

Anno 2\$400

Semestre 1\$200

Trimestre 600

Brazil e Africa, anno 3\$600 réis
Ilhas adjacentes, " 3\$000 "

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis; para os senhores assignantes, desconto de 50 %.

Communicados, 40 réis a linha.

Réclames, 60 " "

Annunciam-se gratuitamente todas as publicações com cuja remessa este jornal fór honrado.

Avulso 40 réis